Completa.

g-434

R. 11. 453

Castello Branco 1820

MANEJO REAL, ESCOLA MODERNA

DA CAVALLARIA DA BRIDA,

Em que ſe propoem os documentos mais ſolidos, para os Cavalleiros conſeguirem eſta ſcientifica faculdade:

NOVO METHODO

PARA DESEMBARAC, AR OS POTROS,
unir os Cavallos, vencer os reſabiados, e reduzillos
a huma total obediencia:

EXTRAHIDO, E RECOPILADO DOS MAIS ſelectos Authores Eſtrangeiros, que tem eſcrito na Europa ſobre a eſtimavel Arte da Cavallaria:

OFFERECIDO

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor

HENRIQUE JOSEPH DE CARVALHO E MELLO.

Por seu Author

JOSEPH DE BARROS PAIVA E MORAES PONA,

Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, e Monteiro mór da Comarca de Villa Real, natural da Cidade de Bragança.

LISBOA,
Na Officina Patriarcal de Franciſco Luiz Ameno.

M. DCC. LXII.
Com as licenças neceſſarias.

BIBLIOTECA PROVINCIAL UNIVERSITARIA COIMBRA

JOSEPH DE BYBLOS

LE LIVRE

DE

JOSEPH

LE JUSTE

OU

LE LIVRE

DES

RECORDATIONS

DE

JOSEPH BEN JACOB

DE CYBALTYLEM

TRADUIT

POUR LA PREMIÈRE FOIS

DE L'ARAMÉEN

ET ANNOTÉ

PAR

ERNEST RENAN

ILL.^MO E EX.^MO SENHOR.

QUEM teve o ſubido penſamento de offerecer a V. Excellencia eſta limitada Obra, deſculpado fica, ainda

que

que a Obra naõ ſeja igual ao penſamento; e muito mais quando eu buſco o ſagrado reſpeito de V. Excellencia, para que queira dignarſe de aceitar debaixo da ſua decoroſa protecçaõ eſta nova Arte da Cavallaria, que por ſer a mais propria da Regia Nobreza [como em varios lugares affirma a ſagrada Eſcritura] he muito eſtimada de todos os Monarcas da Europa, aonde foy ſempre coſtume antigo dos Authores dedicarem as ſuas Obras, e partos do entendimento aos mayores Principes, para que as defendeſſem, e amparaſſem das criticas dos Zoilos, e das cenſuras dos Ariſtarcos: e aſſim he bem certo naõ podia eu achar outro Mecenas, que com igual reſpeito protegeſſe eſte novo Methodo; pois ainda que pela ſua pompoſa materia ſe intitula Manejo Real da Cavallaria, com tudo pela infima

fór-

fórma com que nelle entro, o conſide-
ro pouco avultado para delle fazer
oblaçaõ a hum Mecenas taõ egregio,
que juſtamente goza os louvaveis pre-
dicados dos Principes: e bem aſſim eu
por eſta incentiva razaõ imploro aquel-
la innata generoſa urbanidade, que to-
dos reconhecemos em V. Excellencia,
herdada dos mais eſclarecidos Proge-
nitores, e inſtruida das mais heroicas
virtudes, que todos os Monarcas da
Europa eſtaõ vendo, e admirando com
univerſal applauſo na muito veneravel
Peſſoa do Illuſtriſſimo, e Excellentiſ-
ſimo Senhor Conde de Oeiras Pay de
V. Excellencia, a cujo prudente, in-
flexivel, e rectiſſimo governo deve-
mos todos os bem affortunados Luſi-
tanos a mayor felicidade do noſſo bem
logrado ſocegõ, e augmento inveja-
do de todos aquelles que tanto bem
naõ desfrutaõ.

Neſ-

Neſtes veridicos encomios bem podia eu deixar correr goſtoſo a penna; mas ocioſo parece dizer o que ſabe, e publica com jubilos alegres toda a Naçaõ Portugueza, e o que louvaõ, e applaudem com emulaçaõ juſta todas as mais Nações que profeſſaõ a Religiaõ Catholica.

Eſendo, como he, V. Excellencia Ramo preclariſſimo da Arvore mais fecunda em todas as ſciencias, que bem reconhece o mundo; eſtou certo que protegida, e amparada eſta Arte da ſua prodigioſa ſombra, naõ ſó colherá o eſperado fruto de florecer para o bem commum na aceitaçaõ dos mais peritos Cavalleiros; mas tambem, ainda que toſca em periodos incultos, póde dizer com deſvanecimento: Sub umbra illius, quem deſideraveram, ſedi.

A eſtimavel vida de V. Excel-

len-

lencia dilate **D***eos por muitos annos, para que os ſeus criados tenhaõ amparo, a* **C***orte fidalguia, os doutos exemplo, a benignidade exercicio, o mundo fortuna, e todo eſte* **R***eino immortal gloria.*

Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor.

Beja as mãos de V. Excellencia

Seu mais reverente criado

Joſeph de Barros Paiva e Moraes Pona.

PRO-

FINIS

PROLOGO.

LEITOR, quem quer que ſejas, eſtes ſaõ huns apontamentos, que fiz para os gaſtos da caſa, e tambem para o publico: o que nelles digo, he apoyado pelos mayores homens de Cavallo, que tem eſcrito na Europa ſobre a eſtimavel Arte da Cavallaria: a ordem, e eſtylo com que o digo, he meu: ſe naõ he eſte o modo com que ſe compoem ſemelhantes livros, eu naõ ſey outro. Se me naõ engana o amor proprio, me parece que quem tiver eſte livro, e praticar as doutrinas que nelle proponho, ſe fará univerſal neſta ſcientifica faculdade. Se fores entendido, entendo que

me has de louvar; ſe fores ignorante, pouco importa que me vituperes. *De minimis non curat Prætor.*

Vale.

DE

DE PEDRO FERREIRA
DE SA' SARMENTO,

Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, Moço Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Capitaõ de Dragões na Praça de Chaves, Amigo, e Patricio do Author.

ROMANCE HEROICO.

SUbî, ſabio Eſcritor, ao celſo Solio
Dos Aſtros mais luzidos, e facundos,
Se à arte de equitar dais tanto augmento,
Como para louvarvos grande aſſumpto.
Sem ſombra de cenſuras exaltai-vos,
Que ao voſſo nome he breve theatro o mundo,
Se vos influe favor, luz ao dictamen
Hum Principe Real, Benigno, e Juſto;
Taõ Regio, taõ Solar, e taõ Amavel,
Como Aſtro de Auſtria, e Sol do Imperio Luſo,
Que fazendo feliz a voſſa eſtrella,
Fará, que ſe vos preſtem altos cultos.
De Aſſuero nos refere a ſacra Hiſtoria,
Que para a Mardocheo dar mayor luſtro
Nas honras, com que amante o decorava,
O fez montar ſeu eſpumante bruto:
E o meſmo, ou mais dirá a chara Lyſia
Do noſſo pio Rey, Heróe auguſto,
Se em tudo tanto excede a Aſſuero,
Como a Mardocheo vós tambem em tudo.
Na Real preſença pois da voſſa arte
As normas reduziſtes taõ aſtuto
A' pratica, que a todos admiraſtes
Na douta execuçaõ com goſto ſummo.

Se os barbaros de Irta à falſa Hypona
Renderaõ culto, bem que falſo, e injuſto,
Por Deoſa tutelar do exercicio
De equitar taõ nobre, grato, e pulchro;
A hum Pona, como naõ os Portuguezes
Daraõ adorações, obſequios puros,
Seu Numen reſpeitando na ſciencia,
E ao Regio eſplendor, que lhe dá luſtro?
Confeſſo merecerdes tudo iſto,
Se nas lições do voſſo inſtituto
Fazeis, que o eſtudo ſeja agradavel,
Sendo aliàs odioſo todo o eſtudo.
De Orpheo a lyra já naõ attrahe montes,
Pois vós de Traz dos Montes parto ſummo
A tudo encantais com voſſa penna,
E com a diſcriçaõ atrahis tudo.
Tambem de Phaetonte o precipicio
Undoſo, que ſentio no patrio curro,
No noſſo Hemiſferio hoje ceſſara,
Por voſſa maõ de redea certa em tudo.
Aquelle Cavalleiro por incauto
De Phebo aos Cavallos deu ſepulchro;
Mas vós aos do Rey noſſo a vida déſtes,
Quando lhe influiſtes voſſos eſtatutos.
Que muito pois, que aſſim em os volumes
Diſcreto a todos utilizeis muito,
Se até aquelles brutos delles ficaõ
Mais ſabios, mais viſtoſos, mais agudos?
Que muito que a perder de viſta fique
O Cavallo Arion do Deos Neptuno,
Se de vós a doutrina he verdadeira,
E de Arion o enſino incerto ao mundo?
Eſconda Aquilles ſeu Caſtor, e Xanto,
E de Cylaro o nome fique occulto,
Plutaõ, Nerencio, Admeto a fama ponhaõ
Do Dicto Rebo, e Tride em o obſcuro.
Pois quem, como eu, tem viſto os Cavallos,
Que nas voſſas lições tem feito eſtudo,
Naõ tem outros que ver, e ſó lhe reſta
Tomar os voſſos literaes influxos.

A eſta gloria porém, que aqui pondero,
E dos voſſos dictames certo fruto,
Melhor verá quem vir em eſte livro
A voſſa grata norma, enſino agudo.
Se dos fallazes Deoſes foy Pandora
Prodigio ſingular, aſſombro inſtructo
De taes perfeiçõ̃es, como obra de taes Deoſes,
Em que ſe empenhou o ſeu concurſo;
Que direy deſte livro, illuſtre Pona,
Em que parece houve o alto influxo
Do verdadeiro Apollo das ſciencias,
Com que ſerá primeiro ſem ſegundo?
Do Duque Neucaſtel tive as liçõ̃es,
Em que preceitos vi muito ſeguros,
Do famoſo Jordaõ ſegui a Eſcolá,
De Pluvinel tirey conceitos muitos:
Tambem de Guernier as inſtruçõ̃es
Objecto foraõ ſempre ao meu eſtudo,
E do Sonier inſigne os documentos
Reconheci por doutos, e inconcuſſos.
Deſtes ſabios Varõ̃es, heroes preclaros,
Que a fama fez eternos neſte mundo,
Monarcas, e outros Grandes aprenderaõ̃,
Porém ficaraõ̃ ignorando muito.
Mas hoje Portugal em eſta Arte,
Que novamente dais para os Alumnos,
Lucrando ficará até aquillo,
Que àquelles Heroes grandes foy occulto.
Aſſim com alta dita ſe deſprezem
Já de Pomóna os factos mais fecundos,
Pois de vós, Pona, a penna nos eſcreve
Neſta arvore folial melhores frutos.
E aſſim conhece minha experiencia
No exercicio deſta Arte, em que me occupo,
E a fallar a verdade reconheço,
Que a tudo ſatisfez voſſo diſcurſo.
Entenda pois aſſim o Reino todo,
E ſaiba o Cavalleiro mais robuſto,
Que ſe entrar, e ſahir quizer airoſo,
Neſta Arte a porta he franca, e certo o luſtro.

Se

Se houve hum Dom Fernando Rey de Napoles,
Que ao ſeu Cavallo deu nobre ſepulchro:
Que excellencias dará ao ſeu Cavalleiro
Taõ Pio Rey, Monarca taõ Auguſto?
Bem que naõ podeis ter mayores ditas,
E melhor eminencia neſte mundo,
Que o ſerdes taõ bem viſto, e attendido
De hum Principe taõ Regio, Charo, e Juſto.
Porque o meſmo he moſtrarvos graça,
Que do ſeu Real peito obterdes tudo,
Se excede a Alexandre nos favores,
E ao Imperador Tito no jucundo.
Tudo iſto mereceis tambem por filho
Do douto Paiva e Pona taõ aſtuto,
Que além de amparar orfãos com ſeus livros,
Moſtrou ſer o melhor Juriſconſulto:
A quem os Tribunaes rendem obſequios,
E Themis conſagrou devidos cultos,
Que a vós quaſi igualmente ſaõ devidos
Por traduzirdes ſeus legaes diſcurſos:
No que moſtraſtes ſer ſeu ſimilhante,
Como de boa arvore bom fruto;
Mas vós mais mereceis para a paz dando
Normas, e para a guerra inventos ſummos:
Pois taõ ſeguros ſaõ voſſos dictames,
Como eſte Manejo he, para os triunfos;
Que por iſto ſerá do Orbe aſſombro
Em os preſentes tempos, e futuros.

IN LAUDEM AUCTORIS
de Arte Equeſtri.

EPIGRAMMA.

DIcere ſi laudes cogor, laudare ſupremas
Lingua nequit, tenui carmen ab ore fugit:
Altius evehitur, quam poſſit lingua referre,
Menſura tanti nominis æquat opus.
Ipſe tu proprias includis nomine laudes;
Si tua te laudant, plus tibi laudis erit.

Fecit Doct. Emmanuel Pires Velaſq.

DISSERTATIO INAUGURALIS

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Joſeph de Santa Roſa Teixeira, Religioſo da Terceira Ordem da Penitencia, e Qualificador do Santo Officio, &c.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

POR ordem de Voſſas Illuſtriſſimas vi o livro intitulado *Manejo Real ſobre a Arte da Cavallaria*, compoſto por Joſeph de Barros Paiva e Moraes Pona, Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, e Monteiro mór da Comarca de Villa Real, e nella naõ achei couſa alguma contra os dogmas da noſſa ſanta Fé, e os bons coſtumes; mas ſim que admirar a reſpeito da erudiçaõ, e vaſta noticia, naõ ſó eſpeculativa, mas tambem practica, e experimental de ſeu Author na materia de que trata, muito util ſem duvida a todos, os que quizerem occuparſe no exercicio de taõ nobre Arte: motivo, porque julgo ao Author digno de ſe lhe permittir a licença que pertende. Eſte o meu parecer em tudo ſubordinado ao de Voſſas Illuſtriſſimas. Convento de Noſſa Senhora de Jeſus de Lisboa, 29 de Janeiro de 1761.

Fr. Joſeph de Santa Roſa Teixeira.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir o livro, de que ſe trata, e depois voltará conferido para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa, 30 de Janeiro de 1761.

Trigoſo. Silveiro Lobo.

*** DO

DO ORDINARIO.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Bento Cardoſo Caſtellobranco, da ſagrada Ordem dos Prégadores, &c.

EXCELLENT. E REVER. SENHOR.

O Nobre aſſumpto do *Manejo Real*, *e Eſcola moderna da Cavallaria da Brida*, que diſcorre Joſeph de Barros Paiva e Moraes Pona, que V. Excellencia me manda examinar, he hum argumento digno de todos os Principes, e de todos os Cavalleiros. Eſta arte, da qual naſa grada Eſcrirura ſe faz em muitos lugares menҫaõ, foy inventada na opiniaõ de huns por Bellerofonte; outros querem que Hyponio filho de Glauco Rey de Epyro foſſe o ſeu primeiro Author, e outros com mais fundamento a querem attribuir aos famoſos habitadores de Nephele: ſeja o que for, o certo he que naõ ſaõ preciſas ſemelhantes tradiçõeſ para credito da ſua veneranda antiguidade, quando authenticamente nos conſta que ella ſe praticava já no tempo de Moyſés, aonde vimos o formidavel Exercito de Faraó, e o reſpeitavel Corpo dos Iſraelitas, entre os quaes os ſeus reſpectivos Capitães governavaõ a Cavallaria pelos preceitos deſta arte. Eu naõ quero entrar aqui na impertinente queſtaõ, que entre os eruditos he problematica, de terem, ou naõ terem as artes nos ſeus principios toda a ſua perfeiçaõ, todo o primor, e toda a delicadeza de que ſe acha hoje reveſtida pelos ſeus profeſſores modernos; mas a razaõ perſuade com toda a força, que os Cavallos Egypcios, ou já para ſoffrer ao homem, ou para ſeguir aos Iſraelitas, e finalmente para evitar os eſtragos dos inimigos, e para o manejo que praticaraõ, lhes era precizo que primeiro foſſem domeſticados, para ſoffrerem o incommodo dos homens ſobre ſi; e que igualmente tiveſſem ſido deſembaraçados, e promptos, ou já para partir, ou já para parar, por-

porque ſem eſtas lições da Cavallaria, e outras mais que o Author deſta Arte, extrahidas dos melhores Authores della, deſcreve neſte ſeu livro, naõ podiaõ aquelles Brutos eſtarem habeis para os movimentos de huma taõ dilatada campanha, ſendo taõ diverſas as marchas, e os terrenos, quantas foraõ as mansões, ou acampamentos que tiveraõ os dous Exercitos, deſde a Corte de Faraó até o mar Vermelho. Por eſta razaõ devem ſer eſtimados, e dignos do agradecimento da Patria, e dos Principes, todos aquelles Authores, que ou traduzem, ou illuſtraõ à força do trabalho da ſua eſpeculaçaõ, e das ſuas experiencias huma arte taõ importante para a defeza dos Eſtados. O diſtincto merecimento de Cebar Picador, e Meſtre de Dario, e do famoſo Abſirte foy coroado, hum com a immortal memoria da ſua deſtreza, naõ ceſſando a fama em o applaudir, e outro com as muitas honras de Conſtantino, nunca ſatisfeito em o premiar. De Xenofonte, que entre os Filoſofos foy o primeiro que eſcreveo hiſtoria, ſe lê no ſeu terceiro livro, que elle conſeguira a amiſade de Cyro o Menor por intervençaõ de ſeu amigo Proxeno, conſeguindo igual privança com aquelle Principe, naõ ſó porque como diſcipulo de Socrates foy hum Varaõ ornado de muita ſciencia, mas o mais experimentado na arte da Cavallaria, e diſciplina militar da guerra, e da caça. Deſde eſte tempo acho os primeiros eſcritos da arte da Cavallaria, ſendo Xenofonte entre os Perſas o que primeiro eſcreveo, e Simaõ entre os Gregos; Athenas querendo moſtrarſe agradecida a eſte grande Meſtre, que pelas lições da ſua arte os fez taõ reſpeitados na guerra, lhe mandou levantar huma eſtatua de bronze a cavallo, eſculpindo na ſua baze todas as ſuas obras. Sendo pois eſta arte taõ digna, os ſeus Diſcipulos taõ nobres, e os ſeus Meſtres taõ memoraveis, e taõ reſpeitados, que poſſo eu dizer, ſenaõ trocar a cenſura em louvor, e agradecimento de Joſeph de Barros Paiva e Moraes Pona, primeiro Eſcritor entre os Portuguezes, que com mais polidez, e mais trabalho, com eſtylo mais claro, e mais concludente ſoube ordenar, e diſpor os preceitos de huma arte no ſeu exercicio taõ preciſa para ſe

conſervar, e augmentar a robuſtez dos homens para a guerra, e diſciplinar os Cavallos, de que ella preciſa? Sou de parecer que a Patria lhe levante huma eſtatua, como fez Athenas ao ſeu Simaõ. Voſſa Excellencia mandará o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa, 18 de Fevereiro de 1761.

Fr. Bento Cardoſo de Caſtellobranco.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir o livro de que ſe trata, e depois de impreſſo, e conferido torne. Lisboa 18 de Fevereiro de 1761.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PAÇO.

Approvaçaõ de Henrique Garcez Palha de Almeida, Coronel do Regimento de Dragões de Aveiro, &c.

SENHOR.

VI por ordem de V. Mageſtade o livro intitulado *Manejo Real*, *Eſcola moderna da Cavallaria da Brida*, que compoz Joſeph de Barros Paiva e Moraes Pona: e com razaõ lhe dá o ſeu Author eſſe titulo, por ſer eſta Arte da Cavallaria a mais propria para ſe exercitarem os Principes, e à ſua imitaçaõ todos aquelles que aſpirarem a ſer illuſtres na defeza da Patria. Sem ella ſe naõ conſidera nobreza na Republica, ſe bem entendermos a mente da noſſa ley do Reino na Ordenaçaõ l. 4. tit. 92. §. 1. por modo tal, que aſſentou Baldo interpretando o Juriſconſulto Cayo na ley 8. *ff. ad legem Aquiliam*, que naõ deve montar a cavallo quem

quem neſta Arte naõ for perîto; e por eſta razaõ negaraõ as leys Civîs eſte exercicio Equeſtre aos ruſticos, como lemos na Gloſa da ley *Idem quoque ff. mandati*, permittindo-o ſó aos nobres; motivo porque àquelles a quem concediaõ os anneis de ouro, os conſtituiaõ logo Cavalleiros, como trazem os DD. que interpretaõ a Ulpiano na ley penultima *ff. de jure annullorum aureorum.*

Certamente li, e admirey eſte livro com igual attenção ao goſto que tive de vello; porque indagando-lhe a expoſiçaõ da materia, que ſe faz muito mais perceptivel pela clareza, e engenho, com que o ſeu Author nella diſcorre, lhe deſcubro muitas couſas novas, ſingulares, e exquiſitas, que o fazem digno de toda a eſtimaçaõ, e applauſo; como na realidade o ſaõ aquellas bem delineadas figuras igualmente uteis, e neceſſarias, já para melhor intelligencia de ſuas expoſtas doutrinas, já para a mais perfeita execuçaõ dos manejos reſpectivos, que devem enſinarſe aos Cavallos até os pôr magiſtralmente em curvetas, e capriollas; ſendo do meſmo modo utiliſſima, e neceſſaria eſta liçaõ para exercicio do valor daquelles, que intrepidamente devem entrar, e ſahir na juſta medida das linhas, de que ſe compoem o circulo, o quadro, a meya volta, e a pirueta; pois he a boa intelligencia deſtas partidas, indiſpenſavelmente preciſa, para que os valeroſos Cavalleiros militares poſſaõ com igual ligeireza, acerto, e prudencia conſeguir as deſejadas vitorias em as debatidas emprezas da guerra, como bem ponderou D. Joaõ Vannicelli na ſua *Arte de Cavallaria illuſtrada*, que compoz ſendo Comiſſario geral della na Provincia de Alentejo; e nos deixou quando pelo Pontifice Alexandre VII. foy chamado para General das ſuas Armas, a tempo que o era do Algarve.

Porém o Author deſte livro de tal modo unio o util da materia com o doce da fraze, e claro eſtylo com que no la propoem, que engenhoſamente faz com que ainda os preceitos mais reconditos deſta altiſſima Arte ſejaõ facilmente perceptiveis até aos homens de mais curto engenho; e naõ obſtante haver extrahido as regras, que nos offerece de Pierre de la Nouve, e de Pluvinel,

nel, a quem cita, e ſegue Neucaſtel, que indubitavelmente foraõ os Authores, que melhor eſcreveraõ as liçõeſ mais acommodadas para adiantar os Potros, e unir os Cavallos; com tudo o Author as explica com tal clareza, as modera, e addiciona com taõ facil percepçaõ no noſſo idioma, que com razaõ lhe ficamos devendo muito mais a elle pela fórma, do que a eſſes Authores, ainda que mais antigos, pela materia; podendo dizer com Valerio Maximo: *Multa egerunt, & ſenſerunt qui ante nos fuerunt, ſed non peregerunt.*

Saõ eſtes animaes creados, como todos, para o ſerviço dos homens, como conſta do Capitulo primeiro do Geneſis, dotados em cada huma eſpecie dos meyos conducentes para o fim para que foraõ creados; porém porque a eſtes o Author da Natureza os creou principalmente para nelles ſe conſeguirem as vitorias na defeza das Coroas, e reſtauraçaõ das Monarquias, os dotou eſpecialmente de huma capacidade tal para o enſino em ordem à generoſidade, e ligeireza, que naõ duvidou Antonio de Souſa de Macedo na ſua *Luſitania liberata*, ſeguindo a Plinio, aſſentar, que os Cavallos naſcidos em Troya eraõ filhos dos ventos; e nas ſagradas letras os contempla com azas S. Joaõ no ſeu Apocalypſe; propondo-ſe aos olhos do mundo eſte animal por ſymbolo da generoſidade na carroça de Ezequiel.

Eſte enſino pois de hum animal creado por Deos para aquelle utiliſſimo fim, naõ menos de que para ſegurarem, e eſtabelecerem os Imperios do mundo, de tal ſorte o facilita o Author deſta Obra, que todos os profeſſores deſta nobiliſſima Arte lhe devem de juſtiça tributar obſequios, ſendo pequenos todos os elogios em final da devida gratidaõ a taõ eruditos documentos; pois com elles, facilitando-ſe a todos a arte da Cavallaria, poderaõ todos conſeguir a eſpecialiſſima honra de Cavalleiros Militares, que ſem eſta douta Arte lhe ſeria mais difficultoſa; cuja dignidade, a baixo da Regia, he a mayor que o mundo reconhece em todas as idades.

Em todo o mundo, e em todo o tempo foy a Milicia Equeſtre a que por força deſta Arte conquiſtou os Imperios, eſtabeleceo, e defendeo as Monarquias: ſempre

pre os Cavalleiros Militares foraõ os que aos Principes Soberanos lhe conſervaraõ a Coroa, e fizeraõ formidavel o Cetro; e por iſſo em todo o tempo, e em todo o mundo foraõ os Cavalleiros nos Imperios naõ ſó por primeira columna de ſua eſtabilidade os mais uteis, e reſpeitados Soldados, mas por força da meſma Arte, como baze eſtavel das Monarquias declarados, e reconhecidos na primeira Nobreza; ſendo os meſmos Principes os primeiros, e principaes profeſſores deſta Arte em tudo preclariſſima.

Os Romanos tinhaõ por taõ elevada a dignidade da Cavallaria militar, que ella era immediata depois da Regia dignidade Senatoria, aſſentando Alciato liv. 3. cap. 4. column. 3. ſerem tres os gráos unicamente do povo Romano, a ſaber: Senadores, Cavalleiros, e Povo, de que Juſtiniano fez hum unico titulo, e huma unica ley no ſeu Codigo tit. 32. de *Equeſtri dignitate*, em que declara aos Cavalleiros em ſegundo gráo de Nobreza, abaixo do Conſulado.

Igualmente ſe diſcorre dos Cavalleiros generoſos, e preclariſſimos das Heſpanhas de Alcantara, e Calatrava, de que trata Polid. Virg. liv. 7. cap. 5. *de inventoribus rerum*, Mariz *de varia Hiſtoria* Dialogo 2. cap. 8. os invictos Cavalleiros de Santiago de la Eſpada de que trata Fort. Garcia *in Concilio pro militibus Divi Jacobi*, os quaes floreceraõ deſde o tempo de Ramiro Rey de Heſpanha, governando a Igreja Alexandre III. no anno de 1180, como nota Genebrardo na ſua Chronologia. Aquelles grandes Cavalleiros de Aviz de que trata Fr. Manoel Rodrigues na queſtaõ 5. art. 6. tom. 1. *Quæſtionum regularium*.

Pedro Calefat de *Equeſtri dignitate* n. 27. diz: Os Cavalleiros invictos da Ordem de Chriſto preclariſſimos neſte Reino inſtituidos por ElRey D. Diniz, cujo aſſento he o Convento de Thomar; ſendo o noſſo Invictiſſimo Rey o ſeu primeiro Cavalleiro, e Graõ Meſtre; Mariz dialogo 3. cap. 1. Duare Nunes de Leaõ na Chronica do dito Rey D. Diniz.

Os Cavalleiros Militares de Inglaterra chamados Teutonicos, de que trata Tornielo nos ſeus *Annaes Ecclé-*

cleſiaſticos anno de 119 : as portentoſas Cavallarias do Reino de Aragaõ chamadas de la Monteſa, de que trata Miranda no Art. ult.

Eſtes pois digo, em quem ſe naõ póde deſcobrir pelas hiſtorias dos tempos ſe ſaõ mais os privilegiados, que as façanhas; eſtes Cavalleiros Soldados, em que he igual a heroicidade das obras com o ſupremo gráo da dignidade, e reſpeito a que ſubiraõ, tudo adquiriraõ, tudo alcançaraõ, e tudo mereceraõ pelos bem executados preceitos deſta Arte, que póde com os ſeus dictames fazer proporcionar as acções, que obraraõ com valor de cada hum delles.

Que catalogo naõ poderiamos fazer dos Cavalleiros de França, a quem chamavaõ os Soldados dourados, como tambem aos Cavalleiros a que chamavaõ Pios, por ſerem criados pelo Pontifice Pio IV. aquelles Soldados de S. Pedro, e S. Paulo de Roma, como tambem os de S. Lazaro, os de S. Gregorio, do Loreto enriquecidos de tantos privilegios, quantas eraõ as gratificações, de que os conſideraraõ dignos os Pontifices Romanos, como continùa o meſmo Calefat no n. 35.

Naõ devo eſquecerme daquelles eximios Cavalleiros Florentinos chamados de Santo Eſtevaõ, cuja milicia foy inſtituida por Pio IV. ha duzentos annos no de 1561 para o fim da converſaõ da Fé catholica, ſendo ſeu Graõ Meſtre o Duque de Florença.

Que diremos das Cavallarias Hoſpitalarias, que tiveraõ feliciſſima origem debaixo de Gelaſio II., e reinando Balduino III. no anno da creaçaõ do mundo 5206, e da vinda do noſſo Redemptor 1118, os quaes depois da deſtruiçaõ dos Cavalleiros Templarios debaixo de Clemente V. ſe paſſaraõ para a Ilha de Rhodes, que tinhaõ tomado aos Turcos, onde por duzentos e quatorze annos executaraõ façanhas taõ dignas de peitos taõ valeroſos, que foraõ reſpeitados por todo o mundo, como nota o Cardeal Baronio, Gordono, Gualterio, e Genebrardo na ſua Chronologia liv. 4. anno 1309; de cuja Ilha expulſados por Solimaõ II. Rey dos Turcos em dia de Natal do anno de 1522, ſe recolheraõ para a Ilha de Malta aonde hoje ſe conſervaõ?

Eſſa

Eſſa illuſtriſſimā milicia dos Cavalleiros do Tuzaõ de ouro, que foy inſtituida por Filippe Conde de Borgonha em deſempenho da publica alegria do feliz matrimonio, que contrahio com a Sereniſſima Infanta D. Iſabel, neta do feliciſſimo Rey de Portugal D. Joaõ o I. cujo numero de Cavalleiros, ſendo na ſua creaçaõ ſómente cincoenta, depois o Imperador Carlos V. lhe augmentou o numero, e pela ſua ſucceſſaõ para os Reys de Heſpanha na ſua primeira inſtituiçaõ no anno de 1546, aonde muitos Principes Heſpanhoes, e Eſtrangeiros ſe aliſtaraõ.

A propoſito nos devem lembrar os Cavalleiros Francezes da Milicia de S. Miguel inſtituida por Luiz II. Rey de França, em que ſó ſe coſtuma aliſtar os Magnates daquelle Reino, como tambem os Cavalleiros da Eſtrella do meſmo Reino, chamados deſte nome, por trazerem huma Eſtrella bordada por diviſa no veſtido, de cuja milicia foy Protector o Cavalleiro Joaõ Rey da meſma França no anno de 1330; em cuja Milicia ſó ſe admittiaõ os Principes, e Illuſtres, como trata Genebrardo, e Borgon. nas ſuas Chronologias ſobre o dito anno.

Naõ ſaõ para eſquecer aquelles Cavalleiros de Inglaterra, cuja Cavallaria foy inſtituida por Eduardo III. Rey daquelle Reino, dedicada a S. Gregorio no anno de 1348, que conſtava de vinte e ſeis Cavalleiros, dos quaes o meſmo Principe era Capitaõ, e Meſtre, uſando de manto azul com huma Cruz bordada de ouro, e pedras precioſas, com humas letras circulares em lingua Franceza, que diziaõ no noſſo idioma: *Deve-ſe vituperar aquelle mal imaginar*, como nota Genebrardo na Chronologia do dito anno de 1348. Polidoro liv. 19. da Hiſtoria de Inglaterra.

Em fim ſeria hum proceſſo infinito trazer à memoria as honras, que a Arte da Cavallaria tem adquirido aos homens, ſendo os Principes os primeiros Profeſſores, e Meſtres della: eſtá cheyo o Direito dos ſeus louvores, como fallando dos Cavalleiros Rodoenſes o lemos em o Direito Canonico *in cap. cum deplantare in principio & in §. penult. in cap. porro 7. & in cap. patentibus* 10.

****

de

de privilegiis, e naõ menos na noſſa Ordenaçaõ liv. 5. tit. 120. confundindo-ſe entre os Eſcritores as dignidades com as proezas. Em fim he huma Arte, que convidando pelo ſeu elevado objecto da defeza do Reino, e da Igreja aos que ſaõ Principes para que a executem, chega a fazer Principes aos que o naõ ſaõ.

Por eſta razaõ me parece, como acima digo, ſer propriiſſimo o titulo deſte livro, o qual por naõ conter couſa alguma, que ſe opponha ao bom regimen da Republica Politica, e Militar, antes por ſer Obra muito util ao bem commum, me parece digna da Real attençaõ de V. Mageſtade, e por conſequencia o ſeu Author, para ſe lhe facultar a licença que pede. Sobre tudo porém V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Quartel de Belem, 3 de Abril de 1761.

Henrique Garcez Palha de Almeida.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará à Meſa conferido para ſe taxar, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa, 10 de Abril de 1761.

D. Velho. Caſtello. Siqueira.

Póde correr, viſto eſtar conforme com o original. Lisboa, 11 de Fevereiro de 1763.

Trigoſo. Lima.

Póde correr. Lisboa, 16 de Fevereiro de 1763.

D. J. A. de Lacedemonia.

Que poſſa correr, e taxaõ em oitocentos reis. Lisboa, 17 de Fevereiro de 1763.

Com ſeis Rubricas.

Car-

Carta do Biſpo de Pernambuco eſcrita ao Author.

A Eſtimaçaõ que fiz ſempre do Senhor ſeu Pay, e Irmaõ, e a boa amiſade, que tive com o Senhor Joſeph Teixeira Prior de S. Pedro em Monforte, e as honras, que de V. m. recebi em Bragança: ſaõ motivos muito fortes, para eſtimar muito eſta lembrança, que V. m. teve de mim, neſta ſua de 5 de Novembro de 1761.

E me alegro muito, que V. m. tanto ſe aproveitaſſe na nobre arte de Cavallaria, que chegaſſe a ver approvadas por Sua Mageſtade as producçõeſ de ſeus eſtudos, no livro, que ſe imprime. Bem me lembro eu, de ouvir lá por Miranda, e Bragança, que ſendo V. m. naquelle tempo, como era, de corpo delicado, que ninguem domava hum Cavallo, e o reduzia aos preceitos da arte, como V. m.: e via que V. m. era tido, e havido pelo melhor Cavalleiro da Provincia.

Porém agora vejo, no que V. m. me diz, que do melhor Cavalleiro paſſa a Meſtre de arte taõ nobre, compondo Arte propria para os Cavalleiros tomarem as ſuas liçõeſ; naõ ſó fóra, mas no Real Collegio das Artes. Tenho hum grande prazer de que o ſeu nome, e magiſterio, ſe faça taõ venerado em toda a parte; pois ſemelhantes livros ſaõ logo procurados por toda a Nobreza, que profeſſa Cavallaria.

Já o illuſtre appellido de *Pona* andava impreſſo, e muito eſtimado nos doutos eſcritos, que ainda em vida compoz, e divulgou o Senhor Deſembargador ſeu Pay: e agora ſe augmenta eſſa gloria na ſua poſteridade, vendo-ſe como hereditaria de pay a filho, a boa applicaçaõ às letras, e aos livros, com ſe ver reproduzido o meſmo Pona pay, nas produçõeſ do Pona filho.

Hey de eſtimar muito, que Sua Mageſtade ſe agrade do livro, e que o faça praticar no novo Collegio das Artes; para que nenhum Eſtrangeiro nos venha roubar eſſa gloria: e nós a tenhamos, vendo eſtimados os en-

genhos da noſſa terra. Ainda que o noſſo Sá de Miranda me parece dizer, naõ ſey aonde, mas a eſte reſpeito, como achaque da noſſa Naçaõ:

Se algum eſtranho à terra vem,
Dizeis todos em geral:
Aqui naõ chegou ninguem,
Mas do noſſo natural
Nada vos parece bem.

Por iſſo, ſe Sua Mageſtade approva o livro, ſó elle poderá ſublimar ao ſeu Author, com hum bom deſpacho: a que já abrio caminho à eſperança nas duas mercês de officio, e beneficio.

Hey de eſtimar todas as ſuas felicidades com o logro de huma perfeita ſaude em largos annos, para os empregar, como emprega, nas ſuas compoſições, em beneficio do Publico.

Eu, pela bondade de Deos Noſſo Senhor tenho paſſado neſte Pernambuco com boa ſaude: he o clima mais benigno para os velhos, do que ſaõ as nevoas, e calmas de Mirandella; e toda a mais Provincia Tranſmontana: pois aqui falta o frio, geadas, e neves, com que lá ſaõ os velhos perſeguidos, e os calores, com que ao longe ſe faz horrivel a Zona torrida, ſaõ aqui modificados com as continuas viraçõeſ do mar. Mas todavia, me naõ eſquecem eſſes deſabridos frios, e calores do Biſpado de Miranda, e Bragança, donde parti, e vivo muito ſaudoſo.

Sempre fico muito prompto para ſervir a V. m. a quem Deos guarde muitos annos. Olinda, 12 de Agoſto de 1762.

Senhor Joſeph de Barros Paiva Moraes e Pona.

De V. m.

Servo muito muito antigo, e muito affectuoſo

F. Biſpo de Pernambuco.

Noticia de D. Antonio Pluvinel, Meſtre del-Rey Luiz XIII.

DOm Antonio Pluvinel Gentil-homem do Delfinado, foy o primeiro que abrio para a Nobreza de França aquellas Eſcolas de deſtreza, e cortezia, que chamaõ Academias, que antes hiaõ buſcar à Italia para ſua inſtrucçaõ. Adquirio o ſobredito em o Reino de Napoles na Academia de Joaõ Bautiſta Pinhatel tanta eſtimaçaõ, que foy tido deſde eſſe tempo pelo melhor Cavalleiro que houve em Italia, tendo ſómente dezaſete annos de idade. Henrique de França Duque de Anjú o fez ſeu Eſtribeiro mór. Pluvinel ſeguio a eſte Principe à Polonia, e foy hum dos quatro que o acompanharaõ, quando voltou depois da morte de Carlos IX. ſeu irmaõ: Henrique III. lhe fez grandes mercês, e no ſeu Reinado formou Pluvinel na Academia que naõ pode executar até o Reinado de Henrique o *Grande*, que o protegeo, e lhe cometteo a direcçaõ da ſua principal Cavalharice. Eſte Principe o ſez tambem ſeu Camariſta, e Governador do Delfim, e o mandou por Embaixador a Hollanda. Quando voltou foy Governador de Cezar Duque de Vandoma, e conſeguio o governo da grande Torre de Bruges. Por morte de Henrique IV. enſinou a montar a cavallo a ElRey Luiz XIII. Morreo em Pariz em 24 de Agoſto de 1620. Compoz hum livro (1) excellente das liçõeſ que deu ao meſmo *Rey*, o qual ſe póde chamar verdadeira Arte da Picaria; do qual tirou parte das ſuas doutrinas o Author deſte livro, além de outras muitas que aprendeo nas Academias de Sua Mageſtade Fideliſſima, que foy ſervido fazerlhe a eſtimavel honra de mandallo ſubir nos ſeus Cavallos, os mais bem inſtruidos em todos os manejos que póde haver; por ſerem enſinados pelo inſigne Bartholomeu de Aranda, Meſtre das Picarias de ElRey Fideliſſimo noſſo Senhor, que lhe tem feito as bem

(1) Morer, no Diccionario.

bem diſtinctas mercês do habito de Chriſto, e a patente de Tenente Coronel da Cavallaria dos ſeus Exercitos com o exercicio de Ajudante das ordens do General, que tudo, e mais merece pela ſua muita erudiçaõ, e grande capacidade &c.

ERRATAS.

Pag. 16 Academicas, *lea-ſe* Academias.
Pag. 69 eſtado de lingua, *lea-ſe* eſtalo de lingua.
Pag. 72 até os filhaes, *lea-ſe* até os ilhaes.
Pag. 35 galopear, *lea-ſe* galopar.
Pag. 167 miſtria, *lea-ſe* méſtrîa.
Pag. 171 e o que fleumatico, *lea-ſe* e o fleumatico.
Pag. 172 o devem ter, *lea ſe* o devem deter.
Pag. 175 que ſe naõ derrubar, *lea-ſe* que ſe naõ ha de derrubar.
Pag. 183 ſe deixem levar, *lea-ſe* naõ ſe deixem levar.
Pag. 200 de ſoltarlhe, *lea-ſe* de ſoltarlha.
Pag. 210 chama-ſe, *lea-ſe* chame-ſe.
Pag. 219 e fazendo o ſua, *lea-ſe* e fazendo a ſua.
Pag. 245 o naõ devem eſtranharſe, *lea-ſe* e naõ devem eſtranhar.
Pag. 248 acobardamente, *lea-ſe* acobarda muito.
Pag. 271 a fol. 1. *lea-ſe* figura 1. n. 1.

IN-

INDICE
DO QUE CONTE'M ESTE LIVRO.

PARTE I.

Qualidades, que deve ter o Cavallo da guerra, pag. 10.
Methodo, que ſe deve obſervar nas Caudellarias, 12.
Medida regular do Cavalleiro, 16.
Como o Cavalleiro deve montar a cavallo, 20.
Advertencias ao Cavalleiro, 23.
Liçaõ I. ao Cavalleiro, 28.
Liçaõ II. 30.
Liçaõ III. 31.
Liçaõ IV. 32.
Liçaõ V. 33.
Liçaõ VI. 35.
Liçaõ VII. 37.
Liçaõ VIII. 38.
Liçaõ IX. 38.
Liçaõ X. 39.
Dos Manejos, 41.
Da volta em redondo, 41.
Qualidades que deve ter hum Picador, 42.
Aonde o Cavallo deve levar a cabeça, 46.
Modo de mandar os Cavallos, 50.
Uſo dos cabeções, 51.
Do freyo, 55.
Do temperamento da maõ da redea, 64.
Para ajudar ao Cavallo, 67.
Uſo das eſpóras, 71.
Da vara, 77.
Para trazer o Cavallo à perna, 78.
Para ajudar ao Cavallo no ar das Curvetas, 80.
Balotada, 82.
Ajudas para os ares altos, e Capriolas, 82.
Como ſe poderá conhecer pelos movimentos do Cavallo o manejo a que ſe deve applicar, 85.
Do modo como ſe podem ſentir os movimentos do Cavallo, 86.
Para prevenir a intençaõ do Cavallo, 89.
Deſembaraçar o Potro, 93.
Dos Cavallos rebelões que repugnaõ, 94.
Tres cauſas porque os Cavallos naõ obedecem, 97.
Dos Cavallos que ſe empinaõ, 99.
Dos Cavallos que tiraõ couces, 101.
Manejo das cabeças, 102.
Manejo da Cruz, 104.
Como ſe deve fazer a eſcaramuça de dous fios, 106.

Co-

Como ſe haõ de correr as lanças da brida à ſortilha, 110.
Como ſe deve tourear à Brida, 118.

PARTE II.

QUaes ſejaõ as feições, que fazem o Cavallo formoſo, 131.
Das cores, e ſinaes dos Cavallos, 136.
Dos ſinaes brancos dos Cavallos, 140.
Dos rodopios bons, e máos, 144.
Como ſe ha de fazer a eſcolha dos Potros, 146.
De que idade ſe devem recolher os Potros, 151.
Como ſe haõ de conhecer as idades dos Cavallos, 152.
Como ſe devem enſinar os Potros antes de ſerem montados, 157.
Para recolher o Potro à eſtribaria, 159.
Para lhe pôr a ſella, 160.
Do trote ſolto, 164.
Trote reſoluto, 165.
Montar o Potro, 166.
Primeira liçaõ ao Potro, 170.
Uniaõ do Cavallo, 179.
Dar paſſos atrás o Cavallo, 180.
Segunda liçaõ para mandar o Potro, 181.
Parada do Cavallo, 184.
Trote unido, 186.
Trote igual, 187.
Avançada, 188.
Como ſe ha de enſinar a fazer os lados ao Potro, ou trazello à perna, 189.
Quarta liçaõ como deve partir a volta, 195.
Quinta liçaõ do quadrado, 200.
Sexta liçaõ da volta inteira, 209.
Setima liçaõ da meya volta, 215.
Pirueta, 220.
Figura em que deve paſſear o Cavallo depois de perfeito, 225.
Oitava liçaõ para galopar o Cavallo, 226.
Nona liçaõ ſobre o ar das Curvetas, 236.
Decima liçaõ para o ſalto, paſſo, e capriola, 241.
Supplemento, 246.
Dos cabeções, 248.
Uſo do freyo, 251.
Novas inſtrucções ſobre o Regimento das Caudelarias, 279.
Advertencias para os Superintendentes, 284.
Advertencias para os Cavalleiros, 293.

MA-

MANEJO REAL,
ESCOLA MODERNA
da Cavallaria da Brida.

PARTE I.

PROEMIO.

PAra haver de recopilar, e reduzir ao noſſo vulgar idioma o Manejo Real, com que foy inſtruido ElRey Luiz XIII. de França por D. Antonio Pluvinel ſeu Eſtribeiro mór, e do ſeu Conſelho; fermeha preciſo relatar as palavras, com que Sua Mageſtade Chriſtianiſſima deu principio áquella obra, que traduzidas ſaõ eſtas: (1) *Eu naõ me contento de ſaber como Rey o uſo, e ſciencia da Arte de andar a caval-lo, quero aprendello tanto quanto ſeja neceſſario para ſer excellente nelle, e poder julgar de todos os que o exercitarem no meu Reino; e*

(1) Pluvin. *Manejo Real.*

aſſim, Senhor Pluvinel, dizeime, como principiais a formar o voſſo diſcipulo.

Para credito deſta Eſcola lhe baſtava a authoridade de o ſer de hum tal Soberano; e para eſtimulo a todo o Cavalleiro, a conſequencia das ſuas palavras, que manifeſtaõ o efficaz empenho, com que tomou Sua Mageſtade o nobre exercicio da Cavallaria.

A doutrina ſerá a meſma, e mais ampliada com a de outros Authores, que depois eſcreveraõ em varios idiomas, e neſte Epitome (ainda que muito reſumida) mais ajuſtada à docilidade dos noſſos Cavallos, e dos Andaluzes, de que actualmente nos ſervimos; cujos motivos me perſuadiraõ a fazer publico eſte limitado Opuſculo; pois ainda que pela parte com que entro nelle, o conſidere deſprezivel, attendendo a outras circunſtancias ſe fará apreciavel.

Diſto alguma deſconfiança tenho, porque na profiſſaõ da Arte da Cavallaria a goſtoſa pratica he o eſſencial inſtituto; com diſtincçaõ de outras, que theoricamente começaõ. Para eſta temos encontrado (bem para noſſa deſgraça) em todo eſte Reino omiſ-

ſaõ

ſaõ culpavel; porém como já hoje a vemos reprehendida, e incitada pelo ſoberano Exemplar do noſſo Auguſto, e incomparavel Monarca, cuja erudiçaõ (por ſingular) naõ ſó na Arte do hippodromo, mas em todas as mais ſcientificas póde dar liçõeſ, e documentos a todos os Alexandres, e Ceſares do mundo; aonde ſe deve obſervar como ley inviolavel o texto:

Componitur orbis Regis ad exemplum. (1)

Qualis Rector eſt civitatis, tales & habitantes in ea. (2)

Eſte pois taõ ſuperior, e mageſtoſo incentivo aſſás he razaõ urgentiſſima para nos deſpertar da ſomnolencia, com que até agora ſe via ennevoada a eſtimavel Arte de enſinar, e mandar os Cavallos no exercicio do manejo em Circulo, em Quadrado, do Salto e paſſo, Meya volta, da Piruéta, Ballotadas, Curvetas, e Capriólas; em cuja materia naõ conſta, que eſcreveſſe Cavalleiro algum no idioma Portuguez: e vendo eſta taõ grande falta, que prejudicava a todos os curioſos, e affeiçoa-

(1) Claudian. 4. hon. Conſulatu. (2) Eccleſ. 10. 2. Prov. 29. 12.

dos de taõ relevante emprego; me incliney, e appliquey com mayor exacçaõ a ver os Authores Eſtrangeiros, que trataõ deſta faculdade ex profeſſo; e enſinaõ com diſtinçaõ o que deve ſaber o Cavalleiro (como tal,) e o que póde ſaber, ſe pretende ſer homem de cavallo; porque a meſma differença ha entre ſello, ou parecello; que entre bello, ou bom homem de cavallo.

Com juſtiça ſe dirá he bello homem de cavallo aquelle, que cahindo bem na ſella, ajudado do ſeu bom ar, pareça bem. (1)

Bom homem de cavallo naõ póde dizerſe ſenaõ daquelle, que ao menos ſaiba mandar os Cavallos com a gala, e perfeiçaõ, que manda a Arte.

A falta deſtes he para mim de huma ſumma deſconfiança; porque como ſe poderá enſinar hum Cavalleiro, nem fazerſe hum homem de cavallo, ſem ter cavallos feitos, e ajuſtados em todos os manejos?

A ElRey Chriſtianiſſimo tambem ſe lhe offereceo a meſma difficuldade, e a propoz ao grande Pluvinel; o qual lha confirmou, dizendo-lhe tinha feito algum; pois confeſſan-

(4) Pluvin. fol. 4.

ſando-lhe o particular, lhe exclue preciſamente o commum.

Nos picadeiros deſte Reino ſe poem hum menino em hum potro mais menino, do que elle; iſto impoſſibillita a verdadeira liçaõ, e ſem grande intimativa ſe deixa bem perceber, conhecendo quam difficultoſo he coadunar dous extremos taõ remotos, como hum menino, e hum potro: o que ſe faz muito culpavel nos Picadores, e para *mim* naſce de o naõ entender melhor, ou de fazer pouco caſo da ſua obrigaçaõ; pois que apreço poderá fazer hum Cavalleiro de executar *huma doutrina*, em que vè lhe naõ *correſponde* o fruto, que eſpera? Manda-lhe o Meſtre, que execute iſto, ou aquillo, que dê eſta, ou a outra ajuda ao Cavallo: eſte naõ ſabe, nem a entende, e aſſim naõ obedece, nem o Cavalleiro comprehende taes ajudas, nem tal modo de mandar; porque naõ vê as conſequencias, que deviaõ ſeguralo: ſendo eſta a principal cauſa, que eterniza os Cavalleiros na Picaria com o infeliz ſucceſſo de ficarem taõ ignorantes, como principiaraõ; porque a gala, e ajuſte, que o Cavalleiro deve conſervar em todos os ma-

manejos naõ póde adquirirſe, ſenaõ tomando lições em Cavallos ajuſtados, que lhe correſpondaõ igualmente.

Eſte he o meu conceito, por ſer o em que conſidero a mayor falta; e aſſim fallarey com mais individuaçaõ ſobre o manejo, e o que pertencer à ſua doutrina, em eſta nova Eſcola da Brida.

He bem verdade, e ſem queſtaõ de duvida, que a Arte da Cavallaria he recreaçaõ entre todas a mais Regia, como affirma a Eſcritura ſagrada; (1) e por iſſo foy ſempre eſtimada, e ſeguida de todos os Principes da Europa.

Em certa occaſiaõ pediraõ a ElRey Gello, que dançaſſe, e elle montando a cavallo deſtramente reſpondeo, que eſte, e naõ aquelle era para os Monarcas o mais digno emprego.

Se ElRey Noſſo Senhor (*por* alegrar o Povo) quizer fazer publicos os ſeus divertimentos, em nenhum outro ſe moſtrará mais decente, que domando brutos, com força, e arte: eſperar hum Touro, e mandar hum Caval-

(1) Eſth. cap. 6. v. 11. 15. 16. Job. cap. 39. 3. Reg. cap. 10. lit. G.

Cavallo, motiva admirações, confirma reſpeitos, porque inferem os Vaſſallos, que bem reſiſtirá aos inimigos aſſiſtido de exercitos valor, que por ſi ſó ſe oppoem à ferocidade de hum bruto, e que melhor regerá ſubditos obedientes Arte, que enfreya potros indomaveis.

Da valentia delRey D. Joaõ II. foy indicio certo eſperar intrepido em Alcochete a furia de hum Touro; da prudencia delRey D. Duarte teſtemunho evidente correr em hum Cavallo ſem os preciſos arreyos; e o Senhor Rey D. Pedro II. neſtas provas excedeo a ambos, qualificando-ſe ſuperior nas forças, e no admiravel engenho; em que deixou digniſſimo exemplo ao noſſo Invicto, Auguſto, e Fideliſſimo Monarca o Senhor D. Joſeph I., unico ſem ſegundo, e ſuperlativo a todos, tanto na eſpeculaçaõ theorica, como na execuçaõ practica, em que como illuſtre Aguia tem eſgotado todas as luzes da ſcientifica Arte da Cavallaria com abatida inveja de todos os Monarcas do mundo, e immortal gloria dos ſeus fieis Vaſſallos, que lhe devemos repetir com plauſiveis jubilos o Epinicio:

Ter-

Terga premebat equi ſpumantia que ora regebat,
Admiſſo doctus ſubdere calcar equo:

Devem porém os Principes exercitarſe com cautela, por naõ arriſcar a vida, de que dependem tantas.

Baſta oſtentar a fortaleza, e a galhardia; baſta manifeſtar a Arte, e o engenho, ſem que a evidencia do perigo faça temoroſo o feſtivo eſpectaculo, receando os circunſtantes igual infortunio, ao que na mortal queda do Principe D. Affonſo chorou Portugal com irremediaveis lamentos; como Troya na delRey Agenor; e na delRey Fulcon ſentio Jeruſalem; na delRey Seleuco Syria; na delRey Bella Ungria; na delRey Henrique, e na do Principe D. Filippe França; e na delRey D. Joaõ I. Caſtella.

Louvores com que a Eſcritura ſagrada engrandece o Cavallo.

NUnquid præbebis equo fortitudinem, aut circumdabis collo ejus hinnitum? Nunquid ſuſcitabis eum quaſi locuſtas? gloria narium ejus terror. Terram ungulæ fodit, exultat

tat audacter: in occurſum pergit armatis. Contemnit pavorem, nec cedit gladio: ſuper ipſum ſonabit pharetra, vibrabit haſta, & clypeus. Fervens, & fremens ſorbet terram, nec reputat tubæ ſonare clangorem. Ubi audierit buccinam, dicit: Vahi, procul odoratur bellum, exhortationem ducum, & ululatum exercitus.

Eſtas as palavras do Texto ſagrado, que o Doutor Lyra gloſou, dizendo as maravilhas, que o Author da natureza obrou no Cavallo: que he admiravel na fortaleza, levando ſobre ſi hum homem armado: he admiravel no coito, porque com as crinas ſe excita a elle, e cortadas ſe lhe diminue a potencia: he admiravel na ligeireza, porque voa por ſalto como o gafanhoto: he admiravel na ouſadia, porque ſe glorîa com os terrores da guerra, eſcava a terra deſejando a peleja, e vay contra os homens armados animoſamente: ſoaõ ſobre elle as aljavas, lanças, adargas, e havendo-ſe de deſanimar, ſe embravece fervendo em colera, e rugindo como leaõ ſobre a terra, e a deſfaz na carreira: a trombeta o esforça, que atemoriſa aos outros brutos: ouvindo inſtrumentos de guerra, dá ſinaes de alegria pe-

la preparaçaõ, e vozes dos inimigos, e as exhortações dos Capitães.

Qualidades, que deve ter o Cavallo, que houver de ſervir na guerra.

PAra que o Cavallo nas funções da guerra ſeja o inſtrumento da vida, e liberdade de ſeu ſenhor, e naõ da ſua morte, ou da ſua prizaõ; ſerá neceſſario inſtruillo nos manejos, que lhe ſaõ mais proveitoſos, e naõ em aquelles, que lhe prejudicar; e aſſim farey aqui huma breve relaçaõ da ſua melhor eſtatura, e das mais circunſtancias.

Primeiramente deve o Cavallo para a guerra ter ſeis quartas e meya, que aſſim ſerá mais facil de montar, e deſmontar em caſo neceſſario; e regularmente vemos ſerem eſtes mais ligeiros, do que os Cavallos grandes, que ſaõ dotados de menos eſpiritos.

Deve ter o pello murzello, ou caſtanho eſcuro, e naõ branco, ruço, ou lazaõ claro; pois eſtes ſe diviſaõ de longe, e eſtaõ mais expoſtos ao perigo das balas.

Deve ſer deſcarnado das canas das mãos, e pés, que aſſim ſerá mais ligeiro para acometter, e retirar em caſo neceſſario.

De-

Deve ter as queixadas naõ muito groſſas, e carnudas, para que naõ faça grande pezo na maõ; e que eſteja bem enfreado, e goſtoſo do freyo; e eſte que tenha as cambas curtas, para que poſſa beber com mais facilidade em pouca agua.

Deve ter boas pernas, e bons caſcos, de boa qualidade, para que poſſa aturar desferrando-ſe no combate.

Que avance prompto, que páre obediente, e corra ligeiro, para acometter, ou retirar, quando o caſo aſſim o pedir.

Que ſeja reſoluto, e prompto a voltar ſobre ambas as mãos, de paſſo, trote, e galope.

Que naõ ſeja coſtumado a fazer curvetas, nem outros manejos detidos, que faõ damnoſos para a guerra.

Deve entender bem a perna, e com obediencia a ella.

Deve ſoffrer as eſpóras, e entendellas, para ſahir a diante.

Deve-ſe coſtumar ao fogo das piſtollas, para que eſteja ſocegado ao diſparar dos tiros.

Deveſe-lhe fazer, que naõ tome medo

a paſſar por huma fogueira, e que ſalte hum valado, ou regato pequeno, aonde ſe coſtuma enſinar.

Deve entrar na agua, e paſſar qualquer rio ſem receyo.

Que naõ ſe aſſombre, ainda que lhe dem alguma pancada no focinho.

E que tenha paixaõ moderada, com boa fortaleza, animo, agilidade, e ligeireza.

Methodo que ſe deve obſervar nas Caudelarias, e lançamento das Egoas, para a boa criaçaõ dos Potros.

HE bem certo, e ſabido, como affirmaõ os Fyſicos, e a experiencia nos eſtá moſtrando, que para a boa procreaçaõ de todo o animal conduz muito a boa compleiçaõ, e natureza dos pays: e bem aſſim ſerá muito eſſencial, e do noſſo caſo, que ſe eſcolhaõ para ſervir na cuberta das Egoas do lançamento os Cavallos de melhor condiçaõ, e mais excellente figura, bem viſtos, e examinados individualmente por todas as partes do corpo, que vem a ſer, cabeça pequena, com a boca, e ventas bem raſgadas, e córadas por dentro; os orgãos dos alen-

tos

tos bem abertos; orelhas, e olhos grandes, eſtes claros, e ſahidos para fóra ſem covas por cima; com boa volta, e naſcimento de peſcoço, e eſte comprido o neceſſario para o bom enfreamento; os peitos largos, e bem ſahidos para diante; a ſernelha, lombos, verilhas, e quartos largos; o ſabugo da cauda bem recolhido no naſcimento, curto, e bem provido de muitas ſedas finas; que ſeja direito, e bem aberto de pés, e mãos, com bons nós enxutos de óvas, lupas, alifafes, eſparavões, e outros mais humores, que coſtumaõ pararlhe nas juntas, com boa qualidade, e quantidade de caſcos; de côr caſtanho, ou murzélo com os ſinaes brancos, que naõ ſeja zaino, nem argel.

Para adornar todas eſtas partes he neceſſario, que o Cavallo tenha baſtante ligeireza, com ardencia, e paixaõ moderada, e muita docilidade, e obediencia para tudo quanto ſe lhe poſſa mandar, e elle ſouber.

Devem os Cavallos, que ſe eſcolherem para pays, ſer das melhores, e mais finas raças; e haõ de começar a cobrir as Egoas no mez de Março, para que naſçaõ os Potros

tros no principio do veraõ, em que have rá mais hervas para ſe criarem melhor, do que aquelles, que naſcem no mez de Agoſto.

Nos tres mezes, em que cobrirem os Cavallos as Egoas, naõ ſe lhe ha de dar verde, mas ſim duas quartas de centeyo bem limpo das pedras, e ſacudido do pó, e mais tres vezes no dia ſopas de paõ duro, com vinho generoſo; e ſe naõ eſtiverem coſtumados a comellas, ſe lhe deitaraõ por cima humas colheres de mel, que com iſto ſe coſtumaõ logo; e a agua, que ſe lhe der a beber, ſeja tépida, com meyo quarto de farinha de trigo.

A cada hum dos Cavallos pays ſe lhe naõ deve dar mais do que trinta Egoas para a coberta; porque ſó ha de tomar huma cada dia, que deſta fórma pegaõ melhor; nem a Egoa deve tornar ao Cavallo até os nove dias, ou dezaſete depois; porque ſaõ os termos eſtes (ſegundo os melhores criaadores) em que o ha de conſentir, naõ eſtando prenhe; que ſe o eſtiver, naõ o conſentirá de nenhum modo.

No anno em que a Egoa parir Potro, naõ deve lançarſe ao Cavallo, para que o poſſa

poſſa criar bem , nem ſe deve recolher do campo andando prenhe , ſalvo em tempo de grandes frios , e quando muito de noite ; porque na liberdade ſe fortificaõ melhor os membros da criança: além de que muitas vezes baſtaõ ſó as ſaudades , e deſejos do paſto , e da liberdade para abortarem: e depois de parir naõ deve ſer aſſim, ſe acaſo for na força do inverno ; porque a tenra idade do Potro , e a tenuidade dos membros , em quanto he pequenino , naõ póde reſiſtir tanto às grandes neves , e frios.

E como fica dito , devem os Cavallos , que ſe eſcolherem para pays , ſer enxutos , e izentos de achaques , e manqueiras , que ſaõ hereditarias , de que (ſegundo Galeno) ſe communicaõ de pays aos filhos por vicio da natureza.

Tambem naõ deve ſer velho o Cavallo pay ; porque a fraqueza da potencia expulſiva , e vaſos eſpermaticos fazem que os Potros ſayaõ imperfeitos ; e logo eſtes o moſtraõ ſendo froxos , e deſairoſos , com grandes covas ſobre os olhos , e outros deſares , como bem advertio aquelle douto Eſcritor Lourenço Rucio no ſeu livro de *Alveitaria* cap. 8.

cap. 8. ibi: *Quia pater robuſtus, & fortis membris, & robuſtibus, robuſtiores generat natos: ideo ea ætate debet equus eligi ad generandum, quando membra completa, & virtutes in eo reperiuntur. Nam fætus ex juvenculo equo natus, quia nec membra bene ſolidata, nec virtutes perfectæ ſunt in ipſo, erit naturaliter debilis; & ſi ante admittitur quàm ſit naturaliter perfectus ad generandum, filius imperfectus, & debilior ex eo naſcetur; quia ex minus perfectum procedit, & ex magis perfecto, magis perfectum.*

Pela qual razaõ o Cavallo, que ſe eſcolher para pay, deve ter de cinco até doze annos, tendo ſido bem penſado, e naõ moſtrando ter debilidade nas forças, e alentos, &c.; e naõ ſe lhe haõ de cortar as crinas, porque ſe lhe diminue a potencia generativa.

Medida regular como o Cavalleiro deve andar a cavallo.

HE regra geral ſem opiniaõ controverſa entre todos os Authores claſſicos, obſervada em todos os Picadeiros, e Academi-

n. 1.

Piaffer

Talis erat vultu Insignis domator equorum
Regibus acceptus qui Pona doctus erat:
Ipse sibi sortem fecit virtute benignam,
Et meruit Patriæ Nobilitatis honor.

Hylario Joze de Payua F.

demicas da noſſa Europa, como enſinaõ os Authores abaixo citados; (1) que a cavallo ſe ha de firmar o Cavalleiro naturalmente ſem violencia, nem affectaçaõ alguma.

Entre o Cavalleiro, e o Cavallo haõ de formar hum quadro perfeito, que ſe ha de medir deſta forma: (*Eſtampa* 1.) deitando huma linha do meyo da teſta do Cavalleiro ao meyo entre as orelhas do Cavallo; daqui outra à ponta do pé direito do Cavalleiro; outra ao meyo das cadeiras do Cavallo; outra ao pé eſquerdo, que vá fechar aonde ſe juntou a primeira: e bem aſſim faz hum quadro, e poſtura perfeita; porque obriga a que as pernas cayaõ direitas, e perpendiculares com o corpo, jogando com todo elle, preciſa a que os pés fiquem direitos como devem, nem virados para fóra, nem para dentro; e levantar a ponta delles, quanto he neceſſario, para a juſta medida dos eſtribos: eſtes tambem a devem ter fixa, e preciſa, de tal fórma, que poſ-

C to

(1) D. Antonio Pluvin. *Manejo Real*, Francez. Pierre de la Nove, *Cavallaria Franceza*, Italiano. D. Pedro Antonio de Ferrara, Napolitano. Miſſer Colla Pagam. Federico Grizaõ, Italiano. Gregor. Zunig. Salvador Jord. Siciliano. Gueriniere, Francez.

to o Cavalleiro a cavallo (como fica dito) e tocando a verga do fundo do eſtribo no peito delles, aonde aperta a fivella, tem cada hum a juſta medida, que neceſſita; além de ſer eſta regra abſoluta, he tambem preciſa, como poderá ver pela experiencia quem quizer.

Ponha-ſe o Cavalleiro a cavallo debaixo deſtas regras, e ſe achará taõ ſenhor dos eſtribos, e tanto ſem neceſſitar delles, que os poderá ſoltar, ſem que lhe façaõ falta, e tornar a colhellos ſem cuidado, e ſem ſe deſcompor, nem ſe lhe perceber de fóra, o que naõ poderia conſeguir em outra alguma medida de montar.

Iſto ſó para quem fizer aprehenſaõ deſtas circunſtancias verá, que faz ley.

As mais das deſgraças, que ſuccedem nas funçõeſ publicas, e fóra dellas, naſcem ordinariamente de perder os eſtribos, porque em andando mais curtos naõ ſe póde perder hum, ſem que ſe deſcomponha o corpo, nem os dous, ſem ſe expor a hum trabalho, ou ao menos ſerlhe preciſo parar na ſua obra, para poder quebrallos. Faz, como diſſe, ley a tal medida, para a neceſſaria, e de-

e devida proporçaõ, com que o Cavalleiro deve ficar na ſella, para ſe naõ aſſentar nella; pois aſſentando-ſe, em qualquer manejo o deſcompora o Cavallo, e nos manejos altos, o arrojará de ſi; como tambem porque em outra poſtura naõ eſtá habil para poder ſentir o Cavallo, nem de podello ajudar, com a pontualidade neceſſaria; conſervando ao meſmo tempo a juſta, e devida poſtura; naõ lhe ſendo já mais permittido ao Cavalleiro, nem para mandar, e ajudar o Cavallo, nem por nenhum outro motivo deſcomporſe levemente: couſa que tanto recommendaõ os Meſtres deſta profiſſaõ, que obrigou a D. Antonio Pluvinel (1) dizer a ElRey Chriſtianiſſimo: *Senhor, o Cavallo ſe ha de mandar com tal ajuſte, e igualdade, que perſuada a quantos o virem, o faz taõ voluntariamente, que naõ tem o Cavalleiro neceſſidade de ajudallo.*

Iſto he taõ neceſſario, e taõ bem parecido, como ſe deixa conhecer; mas naõ ſe poderá conſeguir em nenhuma outra fórma de montar, por ſer a prova mathematica. Ponha-ſe quem o quizer ver, a mandar

(1) Pluvin. fol. 1.

hum Cavallo, que ſaiba o manejo, e verá como em naõ guardando eſtas medidas, e regra, nem o manda pontualmente, nem conſerva o ajuſte, e compoſtura, que deve; porque todas eſtas regras ſaõ huma muſica, que em faltando hum ponto, he infallivel a diſſonancia.

Como o Cavalleiro deve montar a cavallo.

SUppoſtas as advertencias antecedentes, temos ao novo Cavalleiro em aptidaõ para que o Meſtre o mande pôr a cavallo, que o lacayo lhe trará com os ſeus antolhos, e a guia, e eſtribos na outra maõ. Chegando o Diſcipulo, e o Meſtre, eſte lhe mandará examinar todo o arreyo, para ſaber ſe o rabicho eſtá mais, ou menos juſto do que deve, e as ſilhas ſe eſtaõ largas, ou apertadas mais do neceſſario, e ſe o peitoral eſtá à proporçaõ, de fórma que o fique a ſella; e lhe dirá o que correſponde a cada huma deſtas couſas, ponderandolhe as razões, que ha para ſer aſſim, e os inconvenientes que reſultaõ de ſe fazer o con-

contrario diſto; e para mayor obſervancia fará eſtudo de que lhe tragaõ o Cavallo indevidamente preparado; e o meſmo fará com o freyo, vendo ſe a embocadura eſtá baixa, ou alta, porque naõ lhe tome os cantos da boca, nem lhe caya ſobre os dentes; pois ha de ficar ſobre os aſſentos, para que bem a mova, e melhor goſte della; e tambem que a barbella fique no ſeu lugar em proporçaõ devida.

Tudo iſto com pontualidade, e preciſaõ; porque logo deſte principio deve obſervar o novo Cavalleiro todas eſtas (ao parecer) miudezas, mas na realidade ſubſtanciaes circunſtancias, para conſtituir hum Cavalleiro formal, e advertido, como deve ſer, precavendo todas as contingencias, que occaſionaõ taes deſcuidos, taõ culpaveis nos Meſtres, como nos Diſcipulos,

Concluidas todas eſtas previas diligencias, o Cavalleiro deſamarrará o eſtribo, e chegando o ſeu hombro eſquerdo à meſma maõ do Cavallo; pegará nas redéas juntas com o dedo polegar, e os dous ſeguintes, e no meyo dellas meterá o dedo annular, e o pequeno da maõ eſquerda, aonde agora terá

a va-

a vara com a ponta para baixo ; e com a meſma maõ pegará na crina , e com a direita meterá o pé no eſtribo , e lançando a meſma maõ ao arçaõ de traz , dará hum brinco com a perna direita , e ſem tocar nas cadeiras do Cavallo ſe meterá na ſella , em que logo ha de procurar caya airoſo , juſto , e igual ; em tal fórma , que naõ tenha neceſſidade de andar balanceando para tomar o aſſento devido. Feito iſto , ſoltando a crina , pegará na vara com a maõ direita por cima da eſquerda , e mandará ao lacayo , que lhe amarre os eſtribos , porque ha de trabalhar ſem elles , em quanto o Meſtre quizer , e lhe parecer darlhos.

Porſe-ha direito olhando entre as duas orelhas do Cavallo , as mãos iguaes , huma em frente da outra ; a vara levantada , com alguma inclinaçaõ para a orelha eſquerda do Cavallo ; os cotovellos iguaes , hum pouco abertos ; eſtendidas as coxas das pernas ; eſtas cahidas naturalmente ſem nenhuma violencia ; os joelhos fechados , as pontas dos pés algum tanto levantadas à proporçaõ , que fica dito nos eſtribos ; porque eſta he huma regra natural , em que o coſtume faz

outra

f. 22. n.2

Passo Natural do Cav°.

outra natureza ; e habituados aſſim os Cavalleiros, nem eſtranhaõ depois os eſtribos, nem achaõ menos a falta delles.

Formará o quadro perfeito com eſtas regras ; e faltando a ellas , naõ ſerá facil. Advertiraõ outros tres preceitos na peſſoa do Cavalleiro : da cintura para cima , que vá airoſo , natural, e deſembaraçado ; dahi até os joelhos firme, fechado, e inteiro ; dos joelhos para baixo, prompto, docil, e activo.

Temos ao novo Cavalleiro a cavallo: em quanto toma aſſento , e o Meſtre deſenreda a guia, diremos algumas

Advertencias ao novo Cavalleiro.

ESTas ſaõ as regras, com que o grande Luiz XIII. ſe poz a cavallo, como ſe póde ver no Author allegado (1) Manejo Real na figura 3. em cuja Eſtampa eſtá figurado o Cavalleiro com todas eſtas medidas ; e nos Authores , que além deſtes cito, ſe achará a meſma regra.

Pretendo moſtrar naõ leva eſte Tratado nada,

(1) Pluvinel, fol. 3. Pierre de la Nove, fol. 33.

nada, que naõ ſeja authorizado com os primeiros Profeſſores deſta Arte ; e aſſim em quantos cito, ſobre ſelectos, ſe acharáõ outros de igual authoridade.

Tambem de tudo o que me for poſſivel darey a razaõ ; para que aquelles, que lerem, pezem com a ſua, a que tem eſtas regras, e ſolidas doutrinas.

Começando pela vara, que tem mais altos fins, o primeiro he, que occupada a maõ direita com ella, guardando proporçaõ com a eſquerda, faz que os hombros, e cotovellos fiquem iguaes, ſem o que naõ ſeria taõ facil de conſeguir.

Serve tambem para fazer, que os Cavallos entendaõ à vontade do Cavalleiro as de mais ajudas, por ſer eſta a mais natural, como a experiencia moſtra a todos ; pois qualquer Potro, que hum Paizano monte no campo, ſem mais freyo, nem cabeçaõ, que huma leve vergonta, o governa a hum, e outro lado com facilidade ; o que naõ faria com cabeções, e freyo em muito tempo.

Iſto moſtra, que he muito conveniente, e neceſſario para o manejo, o que pudera

com

comprovar com varios exemplos ; mas repetirey hum , que ſuppoſto ſeja barbaro, faz força.

Bem ſe ſabe , que ainda ſe pratica a lança entre alguns Barbaros; e eſtes ſe ſervem de Cavallos medianamente obedientes , que ſó mandados com lança , e corpo (pois nem freyo trazem) ſe trocaõ , e revolvem para toda a parte ; ſendo a lança o principal mobil da ſua obediencia , e eſta pela repreſentaçaõ da vara ; cuja utilidade ſe faz provavel , naõ ſó pelas ſobreditas razões , mas ainda por mais ſubido fim.

Eſtando pois a maõ direita deſtinada para o uſo da eſpada , ſe procura deſde logo hilla habituando para que acompanhe a maõ eſquerda , e a guarde de todas as contingencias; ſendo a de lhe cortarem as redeas a mayor deſgraça , em que ſe aventura vida , e honra.

Iſto he para que ſe entenda a grande reflexaõ , com que ſe obra neſta Eſcola , e o muito que convem inſtruir os Cavalleiros em todas eſtas couſas , para que as ſaibaõ eſtimar , e naõ as concebaõ como

ſuperfluas, ou ao menos de pouca entidade.

Todo o manejo da vara he huma continua agilidade para o da eſpada, deſmunhecando dentro, e fóra; que ſaõ os meſmos movimentos de cobrirſe, ferir, e cortar com ella.

Dá grande liberdade ao corpo, coſtumando-o a naõ perder a boa graça, e poſtura delle, e fazer com ella todas as acçõeſ, que pede aſſim o uſo da vara, como o da eſpada, e das mais armas, que correſpondem à maõ direita.

Os antolhos ſobre ſerem uteis, ſaõ muito neceſſarios; porque ſeguraõ os Cavallos com que ſe evitem muitas contingencias aos Cavalleiros; e muito mais nos principios, que coſtumaõ tomar a ſella com difficuldade, ou pela ſua pouca força, ou pela ſua pouca manha, e eſtando o Cavallo com elles naõ faria, ſenaõ foſſe tal, ou qual bem condicionado.

Tambem he neceſſario, que cada Cavalleiro leve ſua guia; pois naõ haõ de eſtar eſperando huns pelos outros, ſe póde darſe liçaõ a tres, ou ou quatro; e todos devem ſa-

ſaber , que a guia ſe inventou para enſinar os Potros , emendando-os, advertindo-os, e caſtigando-os.

Temos dado noticia da guia , antolhos, vara , e eſtribos ; e para quando chegar o caſo de que o Cavalleiro poſſa uſallos, accreſcentaremos a preciſaõ da ſua medida. As palavras de Pluvinel ditas a eſte aſſumpto a ElRey Chriſtianiſſimo , ſaõ eſtas: *Sobre tudo , Senhor , o Cavalleiro deve trazer os ſeus eſtribos em tal proporçaõ , que ſó toque o meyo da ſella , para que o Cavallo o naõ poſſa incommodar , manejando , nem fazerlhe perder a ſua boa poſtura.* (1) E em outra parte accreſcenta: *Eſta medida ſe deve obſervar de modo , que o Cavalleiro ſe naõ aſſente na ſella ; porque aſſentando-ſe , naõ ſentirá o Cavallo* ; id eſt , *naõ conhecerá ſe o Cavallo vay , ou naõ certo , juſto , e unido em todo o terreno , e em todo o manejo como deve , &c.* (2)

---

(1) Pluvin. fol. 15. (2) Pierre da la Nove , fol. 33.

LIÇAÕ I.

Ao Cavalleiro.

ESTando o Cavalleiro a cavallo, ſuppoſto que o Meſtre deve ter todo o cuidado da ſua boa poſtura, e aſſeyo, deſde os pés até a cabeça, he tempo de fazello mover; porque ſeria em mim groſſaria notavel, tello eſperando mais tempo do que o preciſo para que tomaſſe aſſento.

Porá o Meſtre a guia ao Cavallo, e o hirá tirando a paſſo direito, cuidando muito de que o Cavalleiro ſe naõ deſcomponha, e que leve a viſta a diante livre, e ſem preciſaõ; o ſemblante natural, e ſereno ſem puerilidade; o chapeo bem firme, e ſeguro, informando-o de que he deſar o cahirlhe, como qualquer outra das ſuas prendas; pois no Picadeiro eſtas couſas naõ tem mais inconveniente, do que cahindo-lhe o chapeo, o pagallo ao moço, que lho levanta; e ſe monta ſem luvas, tem lugar os lacayos dos Cavallos de offerecerlhe as ſuas, que ſaõ as naturaes, preciſando-o a que lhe

correſponda com alguma generoſa galanta-
ria ; e o meſmo obſervará , cahindo-lhe a
vara , ou outra qualquer couſa : tudo iſto ſer-
ve para que entenda o cuidado , que nas ac-
çõ̃es publicas deve ter de ſegurar todo o
ſeu adorno , por naõ̃ ſe expor a taes deſares.

Eſte he o modo de fazer entrar em
apreço das ſuas couſas aos Cavalleiros, e
de que façaõ̃ conceito da ſua reputaçaõ̃ ,
e fazer eſtimavel o ſeu pundonor.

Tendo o *Meſtre* feito paſſear ao Diſci-
pulo , o que prudentemente lhe parecer ,
mandará ao lacayo , que lhe deſamarre os
eſtribos , para que ſe apee ; a que deve
aſſiſtir o *Meſtre* , até que o faça com boa
ordem ; e o Diſcipulo deve obſervar , ſem-
pre que deſcer do Cavallo , ir fazer reve-
rencia ao *Meſtre* ; porque além de ſer de-
vida ao caracter , ſerve para que elle veja ,
que tem acabado naquelle Cavallo ; e lhe
manda dar outro , ou o manda hir , tendo
concluido as ſuas liçõ̃es.

Nem neſta , nem nas mais , que ſe ſe-
guem , poſſo detreminar tempo ; ſó devo
dizer , e advertirlhe , que ſe quer adiantar
ao Diſcipulo , naõ̃ o paſſe de huma liçaõ̃

para

para outra, ſem que eſteja bem ſeguro na precedente.

LIÇAÕ II.

ASſim que o novo Cavalleiro for tomando alguma ſegurança na ſella, e que moſtre tem perdido aquelle primeiro receyo; poderá o Meſtre ſoltarlhe a guia, metendo-o em circulo, para que andando em volta ſe coſtume a naõ deixar ir o corpo com ella, fazendo ſe conſerve igual, e recto; pois eſte cuidado he preciſo para remediar o vicio de ſe deixar cahir, huns para dentro, outros para fóra, inclinando-ſe ao officio de Sota-Cocheiro.

Parece-me que tenho dito, que tres ſaõ as liçõeſ, que ſe daõ ao Diſcipulo em cada Cavallo: primeira, e terceira à direita, e ſegunda a eſquerda.

A prudencia do Meſtre fará com que o Cavalleiro vá tomando noticia das ajudas; mandando-lhe pôr a vara à parte de fóra; já à eſpadoa, já ao ventre, já à garupa; e o meſmo com a perna tanto à parte de dentro, como à de fóra; para que inſenſivel-

velmente ſe vá fazendo capaz, e tomando habito para acudir com ajudas neceſſarias, entendellas, e ſaber uſallas a tempo opportuno; e o meſmo deve obſervar com a maõ eſquerda, fazendo-lhe comprehender os quatro movimentos do freyo: o primeiro de unhas abaixo, para dar liberdade ao Cavallo; o ſegundo de unhas acima para o ſuſpender, e parar; o terceiro à eſquerda para o levar à meſma parte; e o quarto à direita para ir ſobre eſta maõ.

Quatro movimentos da redéa.

LIÇAÕ III.

ESTando *já* o novo Cavalleiro bem inſtruido nas precedentes liçõeſ; e vendo que ſe conſerva direito, deſembaraçado, e com alguma reſoluçaõ, o Meſtre o mandará pôr em frente da parede, e nella lhe fará levar o Cavallo à perna; e neſta liçaõ acabará de entender o manejo do freyo, com os movimentos da maõ, e da vara, pernas, e corpo, pois os neceſſita já todos.

Deve-ſe cuidar muito neſta liçaõ de naõ permittir ao Cavalleiro, que perca hum ponto da ſua boa poſtura; porque parecerá ridi-

ridiculo vello mandar o Cavallo, torcendo o corpo ao meter da perna, encolhella, fazendo outras figuras improprias, e indignas.

Leaõ o Manejo Real, (1) e veráõ o que ſe diz a ElRey Chriſtianiſſimo, naõ ſer deſculpavel já mais a nenhum Cavalleiro perder o bom ar da ſua boa poſtura por nenhum acontecimento; e neſte meſmo Tratado veráõ em alguns exercicios, que eſte cuidado de naõ perder o ſeu ajuſte he ley; e com propriedade, pois em taes peſſoas deve ſello o ar, e gravidade em todas as ſuas acçõeſ, &c.

LIÇAÕ IV.

SUppoſto que com as liçõeſ antecedentes ſe vay deſembaraçando, e proporcionando o noſſo Cavalleiro, para o haver de paſſar de liçaõ em liçaõ, neſta o poraõ em quadrado, por ſer figura, que já pede mais conhecimento, e ſoltura, ſendo neceſſario ajudar a tempos o Cavallo, ſabendo diſtinguir as ajudas, que lhe correſpondem,

(1) *Manejo Real, Liçõeſ Reaes.*

dem, e darlhas com intelligencia; e porque deſejo toda a clareza, trataremos dellas em outra parte com mais exacta individuaçaõ, para que melhor ſe percebaõ, &c.

LIÇAÕ V.

HE ſem duvida, que iſto ſe diz mais facilmente, do que ſe executa; pois em cinco liçõeſ eſtamos no fim do que hum Cavallo póde fazer a paſſo, e o que hum Cavalleiro tem que lhe mandar; para o que o exercitaráõ ſobre as meyas voltas, que com o titulo de paſſagens acharáõ authoriſadas nos Authores: porém eu eſcuſo tratar daquella, para haver de fallar deſtas, que ſaõ preciſas, e eſſenciaes, e tem que ſaber, incluindo em ſi a paſſagem, com que fica a ſeu arbitrio o fazellas quando quizerem.

Na meya volta já neceſſita o Cavalleiro de ter tomado algum ar ao movimento do Cavallo, porque ſempre que os movimentos ſaõ diſtinctos, e promptos, he neceſſario, que o corpo eſteja ſolto, e facil, para recebellos ſem novidade, nem deſcompoſiçaõ.

E Fei-

Feita a meya volta, a volta inteira ſobre a perna, com a garupa dentro, ou fóra, varîa pouco para o Cavalleiro, e aſſim naõ he razaõ ſeparalla aqui, como couſa diſtincta.

Será poſſivel, que ao ler eſtas liçõeſ pareça frivolo o ſeu ſucceſſivo trato: rogolhe que ſuſpendaõ o juizo, porque eſpero que haõ de fazer vaõ taõ methodicas, que de nenhum outro modo ſe poderáõ adiantar mais, nem Cavallos, nem Cavalleiros.

Feito iſto, ſe porá o Cavalleiro nos trotes, e conforme ſe for firmando, ſe hirá paſſando de liçaõ em liçaõ, até praticar em os trotes o que fez no paſſo, obſervando o trazello nas voltas ſobre a direita, e parallo: depois continuar aſſim à eſquerda; porque naõ convem, que ſe lhe faça partir a volta, até que naõ eſteja com alguma firmeza, e tenha tomado o ar, ao movimento do Cavallo.

Em fazendo iſto ſem deſordem, ſe porá no quadrado; depois nas meyas voltas, e volta inteira; porque eſtes manejos feitos de paſſo, e trote, ſaõ o fundamento, que contém todo o enſino.

Eu

Eu reſpondo, aſſim pelo Cavalleiro, como pelo Cavallo, que ſe iſto fizerem bem, faraõ tudo o mais.

Paſſemos aos galopes, que ſaõ mais accomodados, e aſſim neſte tempo ſeraõ mais bem recebidos; com que ſe fará menos ſenſivel a continua pratica deſtas liçõeſ.

LIÇAÕ VI.

Sobre os galopes.

BEm praticadas as precedentes liçõeſ, para eſta ſe porá em os galopes ſobre torno, por ſer o mais facil, como mais natural nos Cavallos; pois no campo quando ſe poem a brincar os poldros, os veraõ andar em redondo: pelo que he taõ deſprezivel eſte coſtume (ainda que antiquado) porque depois que o grande Joaõ Bautiſta Pinhatel inventou a proveitoſa utilidade de trabalhar os Cavallos em quadrado, ſó nos principios ſe uſa em circulo; por ſer regra geral em todas as materias começar ſempre pelo mais facil: e aſſim ſe fará galopear ſobre a direita, e parallo, e o meſmo ſobre a eſquerda; advertindo-lhe an-

tes de começar, como ha de prevenir o Cavallo para levantallo a galope, e como ſe ha de conſervar nelle. Já tenho dito deſde o paſſo, e trote, que ſe naõ deve partir a volta, em quanto o Cavalleiro naõ houver tomado algum ar ao exercicio, em que trabalha.

Tambem devo acautelar, que partir a volta, ou mudar de maõ, ſe entende cortando o circulo de meyo a meyo; iſto he, da parte que intenta partillo ao poſto, que lhe fica em frente; de tal ſórte, que tendo-o partido ſobre as duas mãos, fórma a trilha do ſeu Cavallo huma cruz perfeita, deixando dividido o circulo em quatro partes iguaes; obſervando, quando o partem, que o ſeu Cavallo vá direito, ſem ſe trocer, nem deſtrocar, até que com os braços pize a trilha da volta, ou quadrado, que levaõ, para continuar ſobre a outra maõ; e naõ ſe fazendo aſſim, naõ ſe diga partir a volta, ſenaõ furtarem-ſe os Cavallos, e agaçaparem-ſe; movimentos indignos, e ſem regra, alheyos de toda a Eſcola, improprios, nem ainda para viſtos de Cavalleiros, que devem ſer enſinados como taes.

LI-

LIÇAÕ VII.

COm a antecedente liçaõ teraõ gaſto o tempo que pareça conveniente, para que o Cavalleiro, inteirado della, a execute com mayor ſatisfaçaõ; e aſſim poderá entrar neſta com alguma prova de menos embaraço.

Porſe-ha à parede, para que ajudandoſe della, poſſa levar o ſeu Cavallo com mais facilidade, e de lado; pondo-lhe por ora a parede diante, terá menos em que cuidar, e o poderá fazer em conſervar a ſua boa poſtura, governallo, e guiallo com a maõ da redea, ajudando-o com a boca, e corpo, com a vara, e pernas, pois ainda que ſuppoſto ſeja o Cavallo meſtre, e ſaiba fazer tudo iſto; pela meſma razaõ recommendamos ao Cavalleiro tome bem no ſentido a obediencia, com que o Cavallo lhe correſponde, para que com mayor ſegurança em mandallo conceba melhor ſatisfaçaõ na certeza deſta Eſcola, logrando goſto na execuçaõ della; ſendo o que devemos deſejar, para que aſſim conſiga o ſeu adiantamento.

LI-

LIÇAÕ VIII.

ESTando já habil o Cavalleiro para paſſar à ſeguinte liçaõ, ſe porá na volta inteira com a garupa para dentro, e a cabeça para fóra; pois nos galopes, e curvetas, he mais facil na volta inteira, do que na meya volta; porque neſta tem outros tempos, mais embaraçados (como ſe dirá) e aſſim o Cavalleiro neceſſita entrar neſta liçaõ com mais intelligencia.

LIÇAÕ IX.

TEmos chegado muito depreſſa à meya volta, e naõ he muito, vindo a galope, por ſer paſſo largo. Eſta he a liçaõ, que pede eſpecial cuidado, porque ſendo das ultimas, tem primores de ſegunda maõ, eſméros do Artifice, retoques do pincel mais delicado, e aſſim executa a liçaõ do Meſtre, e a applicaçaõ do Diſcipulo, a quem podemos ſegurar, que fazendo bem eſta obra, juſta, cabal, e regular, naõ terá difficuldade em nenhum manejo, pois ſó

com ſaber a ſua figura os executará todos com facilidade; como lhe ſuccederá em outra eſpecie de meya volta, que coſtuma andar junta com as que acabamos de dizer, a que os Francezes chamaõ Pirueta, e nós chamamos rapida, ou furtada, de que falaremos em ſeu lugar, &c.

LIÇAÕS X.

NAõ temos poſto o Cavalleiro nos manejos altos, ainda que o uſo delles já correſponde à ſua firmeza, e a que o ſeu corpo tenha tomado o ar aos movimentos do Cavallo, para que aſſim eſtejaõ firmes com liberdade, e livres com firmeza; mas praticando o exercicio deſtes manejos nos Cavallos, que os tem ordinariamente ao parar, o Meſtre terá uſado, e uſará deſta violencia prudentemente ao parar nos trotes, e galopes, como lhe parecer oppor-
tuno.

Neſte manejo ſe faz tambem qualquer das figuras ſobreditas, e outras mais que omito, porque naõ contendo ſciencia particular para o Cavallo, e Cavalleiro, naõ

lhe

lhe acho congruencia : pois tudo iſto he voluntario, e naõ accreſcenta mais que o vulto ; e aqui vamos fugindo de todo o eſpanto, reduzindo eſta obra (ainda que com o ruidoſo titulo de Manejo Real) a tal brevidade, que eſtou já eſperando hum reparo, que ſe offerecerá a qualquer Cavalleiro.

Poderáõ dizer com razaõ : para duas voltas, e huma meya, e andar de lado, tanto apparato? Com outra expectaçaõ nos tinha o aſſumpto.

Naõ eſtranho a duvida, nem he nova; pois a meſma ſe offereceo a ElRey Chriſtianiſſimo, e a propoz nos meſmos termos a D. Antonio Pluvinel, que lhe reſpondeo: *Sire, he aſſim ; porém o Cavalleiro, e o Cavallo, que fizerem bem huma volta, e huma meya volta, entendendo bem a perna, faraõ quanto ſe lhe poſſa mandar ; como o que a naõ entender, naõ he capaz de fazer nada bem, ſe naõ a fizer por caſualidade.*

Creyo ter ſatisfeito à duvida, e para o diante o farey à curioſidade, &c.

Dos

Dos manejos.

NAs liçõẽs antecedentes fallámos da volta em redondo, de andar à perna, do quadrado, das meyas voltas, da Pirueta, e da cruz; ſerá razaõ, que ſabendo os Cavalleiros os nomes deſtas partidas, que compoem todos os mais manejos, lhe demos razaõ delles, como temos promettido.

Da volta em redondo.

EM qualquer Arte, ou profiſſaõ, que ſe haja de aprender, he regra geral começar pelo mais facil. Ao principio Potros, e Cavalleiros, ſe mandaõ de huma maneira: aſſim como ao Potro naõ ſe lhe ha de mandar nada, e o que vay em cima ha de ſer como huma eſtatua, em quanto naõ tem algum arrimo; aſſim tambem ao Cavalleiro, nos principios, naõ ſe lhe deve pedir outra couſa mais do que tome bom ar na ſella; para o que he modo mais facil trazello em redondo, porque fica debaixo da maõ do Meſtre, e aſſim lhe póde melhor dizer o que lhe convem.

Naõ tem outra utilidade eſta volta, e ſó para iſto ſe pratica, e o menos que ſe póde, porque naõ ſe cançará tanto de andar atrás de cada Cavalleiro por direito.

Qualidades que deve ter hum Picador.

HE queſtaõ diſputavel entre os Fyſicos, ſe o homem começa a ter vida pela cabeça, ou pelo coraçaõ; e no meu aſſumpto havemos de conformallas, chamando-as duas couſas uniformemente; pois o coraçaõ deſte negocio eſtá na boa cabeça do Picador; e aſſim com a vida da doutrina lha daremos ao meſmo tempo.

Naõ ha Arte nem profiſſaõ, que naõ dependa de juizo; porém eſta da Cavallaria o requer mayor; e iſto he taõ preciſo, como naturalmente ſe experimenta em todas as materias. Para dar hum grande ſalto, ſe toma bem de trás huma larga carreira; e aſſim meſmo em todas as mais couſas.

Eſta Arte da Cavallaria entra ameaçando com o adagio Heſpanhol: *No ay hombre cuerdo a cavallo*; com que aſſim principia exe-

executando por todas quantas prevenções saõ possiveis ao mayor socego, e à mayor prudencia; circunstancias de que eu necessito muito para o fim que pretendo; porque o primeiro fundamento, em que se ha de estribar todo o que houver de ser Picador, he que este seja discursivo, socegado, prudente, e alguma vez resoluto; mas este ultimo deve ser em tal fórma, que o Cavallo o conheça, sem que já mais o experimente. Naõ sou de opiniaõ de que o rigor seja capaz de produzir nunca bons effeitos, como a experiencia me tem mostrado; e além disso vella confirmada de muitos, e graves *Authores*; porque eu tenho hum genio diverso de todos os mais homens, e he naõ me contentar nada, que pareça ser pensamento meu, em o naõ achando apoyado de juizo, que possa darlhe authoridade; porque naõ basta que as cousas, que se dizem, sejaõ grandes, se quem as diz he pequeno. (1)

Assim nesta certeza, e na de naõ conter este Tratado materia, que naõ seja authorisada com os mais classicos *Authores*, posso

 asse-

(1) *Vieira abreviado* 1. p. fol. 108.

aſſeverar, que me cuſtaria pouco trabalho avultarem mais as citas do que elle proprio.

Neſte meſmo aſſumpto deixo citado a Pluvinel, que por conſelho dá a ElRey Chriſtianiſſimo eſta meſma doutrina com as meſmas palavras que eu expreſſo; pois he hum Author com tanta experiencia em Cavallos taõ rudes, como ſaõ os Francezes, que naõ tem comparaçaõ com os noſſos, e com os Andaluzes, cuja docilidade a todos excede. (1)

Em todos os Cavallos ſe ha de ter eſta por regra geral: que o prevenirlhe a intençaõ he mais ſeguro, do que o vencerlha depois de expreſſada. Eſte conhecimento ſe deverá ao bom juizo dos Cavalleiros, e por iſſo quero que o tenhaõ; e à ſua prudencia recommendo, que ſeja de modo, que o vençaõ depois de intentado, naõ lhe ſendo poſſivel o prevenillo; e ao ſeu ſocego, que ſeja em fórma, que naõ cheguem a empenharſe, de poder a poder, porque em tal caſo (que nunca os quizera ver nelle por ne-

(1) *Melios eſt ante tempus occurrere, quam poſt vulnus illatum remedium quærere.*

nenhum acontecimento) quero a ſua reſoluçaõ ; pois ſe a ſua deſgraça os pozer neſta contingencia , a todo o tranſe haõ de fazer com que obedeça , e darlhe a conhecer , que à ſua vontade naõ ha reſiſtencia. E ainda que em mim a vem taõ grande para eſte conſelho , naõ entendaõ cuido , que eſte obrigar a todo o tranſe o Cavallo he permittirlhe que o canſem , ou fatiguem ; porque eſtou taõ longe deſte dictame , que o tenho por barbaro , e entendo que naõ fica vencido o Cavallo , que cede por rendido , e fatigado.

Se for de nobre coraçaõ , naõ o fará ainda que o matem ; e ſe for lerdo , e traidor , o conſeguiráõ , mas com a infelicidade de que na primeira occaſiaõ , em que ſe ache com poder , lhe fará experimentar , bem contra ſeu goſto a cauſa porque em outro tempo ſe moſtrou rendido.

Bem poderáõ ter alcançado a que tenho para deſejallos com a melhor cabeça ; e tendo-a em o Cavalleiro pela parte mais principal , bem ſerá ſigamos o meſmo methodo em o Cavallo , começando a tratar primeiramente pela ſituaçaõ em que deve levalla.

Aon-

Aonde, e como o Cavallo deve levar a cabeça.

ENtre os homens de cavallo he a mayor diſputa ſobre o lugar, em que o Cavallo deve levar a cabeça; ſe eſtrelleiro, ſe encapotado: huma, e outra tem por ſi graves, e razões fundamentaes: naõ ſaõ voluntarias, pois a iſto lhe naõ daria o titulo de opiniaõ, naõ o merecendo; ſaõ de grandes homens de cavallo, que dignamente merecem eſte nome.

Entre todos os profeſſores da Cavallaria ſe acha eſtabelecido, e aſſentado, que o Cavallo naſceo para o exercicio da guerra; e aſſim todo o eſtudo, e applicaçaõ ſe dirige a eſte fim, habilitando-o para o mayor ſerviço, e ſegurança do homem.

Huns querem, que o Cavallo vá muito deſpapado, ou eſtrelleiro, que dizemos levantado de peſcoço, em tal fórma, que leve o Cavalleiro taõ cuberto, que nem o chapeo poſſa deſcubrirſe-lhe. O fim deſtes, e as ſuas razões ſe deixaõ facilmente conhecer; e he moſtrar, que ſeras, e ballas

las dem no Cavallo, e naõ no Cavalleiro; o que de frente a frente ſem duvida conſeguiráõ; e que o peſcoço eſtendido facilite a reſpiraçaõ ao Cavallo, e lhe conſerve o alento, além de ficar neſta poſtura mais airoſo.

Eſtes ſobrepujaõ a todas as razões dos outros com eſtas ſó: Os que querem o Cavallo encapotado, naõ lhes parece equivalente razaõ, a de livrar de hum riſco, que expoem a tantos; pois o Cavallo, que naõ vê aonde aſſenta os braços, os porá mal, e poderá tropeçar, e cahir; e levando diante o focinho, por naõ dar com elle em terra, ſe precipitará, e tambem ao Cavalleiro: Que o Cavallo eſtrelleiro colha mais alento, e tome mais reſpiraçaõ, he inattendivel; por ſer certo, que ſe gaſta mais hindo o peſcoço eſtendido, trabalhando muito o lombo; e aſſim o enfraquece mais gaſtando-lhe a força: Que nos encontros naõ traz poder, nem ſerá facil fazello vir a elles; porque trazendo diante a ſua mayor fraqueza, que he o focinho, dando-lhe nelle, faráõ que fuja, e eſcarmentará de fórma, que naõ torne; iſto he aſſim, pois ho-

je

je que com taõ larga experiencia eſtaõ as couſas mais claras, e reduzidas à razaõ; duas ſe recommendaõ com eſpecial cuidado ao Cavalleiro, no combate de homem, a homem: a primeira guardarſe de que lhe cortem as redéas; e a ſegunda que naõ lhe dem no focinho do Cavallo, por ſerem os dous pontos mais importantes da ſua defenſa. Se goſtarem de ver a ſua importancia, poderáõ ler o Author abaixo citado. (1)

Que o Cavallo encapotado vay mais ſeguro, que ainda que tropece mil vezes naõ cahirá, pois leva o lombo, e a força mais conſervada, naõ admitte diſputa; e aſſim he opiniaõ mais recebida, e praticada entre as Armas; ainda que a outra tem mais quem a ſiga, pois a obſervaõ todos os Barbaros; e ainda entre as Tropas regulares a conſervaõ Hungaros, Polácos, Uſares, e outros taes. Eu naõ approvo huma, nem outra; ainda que ſe querem o Cavallo ſó para o trabalho do campo, e caça (contra a minha opiniaõ) aconſelho a do encapotado; porque eſte com ametade de braços menos, do que o outro, trará ao Cavalleiro

(1) Pierre de la Nove, trat. 3. tit. 16.

valleiro mais ſeguro, pois ainda que tropece mil vezes, e dê com a cabeça em terra, ſe levantará.

Entre eſtas duas razões darey huma, que de ambas tome o mais favoravel. (1) Sendo o meyo o centro das virtudes, naõ me faz diſſonancia evitar os extremos; naõ fujaõ delle pelo titulo, logrando aſſim a ſua utilidade, e conveniencia. Plantarſe-ha a cabeça do Cavallo arqueando-lhe o peſcoço tanto, quanto a ſua formatura der de ſi, e logo fazendo, que deſde a teſta até o meyo das ventas fique a prumo; bem aſſim lograráõ o fim de huma, e outra Eſcola, com tanto que o Cavallo fique vendo Ceo, e terra; e deſta fórma hirá cuberto, o Cavallo unido, conſervado, e guardado o focinho, verá aonde piſa, e naõ terá motivo para recear o encontro.

Eſta poſitura he a mais airoſa, e a mais fórte, indiſputavelmente, e mais ſeguro he a baſtante para conſervarſe o Cavallo, naõ querendo abſolutamente deſtruillo.

Tendo dito aonde o Cavallo deve levar a cabeça, correſpondia dizer immediata-

(1) *In dubiis ſi datur medium, medium eſt eligendum.*

mente, como ſe deve fazer ; porém iſſo he impoſſivel, ſem que tomem o trabalho de ler o que ſe diſſer daqui por diante, porque todos ſaõ meyos para lograr eſte fim, como hum dos mais principaes na profiſſaõ da Cavallaria: bem pódem emprendello com ſatisfaçaõ ; porque a Eſcola eſtá bem provada.

Modo de mandar os Cavallos.

COnſta de tres partes o governo do Cavallo: a primeira he a cabeça, a ſegunda a eſpadoa, e a terceira a garupa; bem aſſim os cabeções governaõ a cabeça, tirando-lhe o Cavalleiro pelo cabo, daquella parte para onde quer que a volte ; e obrigaõ tambem a que a levante, baralhandolhe os cabeções com o movimento de ambas as mãos debaixo para cima.

As redéas do freyo governaõ, e mandaõ a eſpadoa do Cavallo para voltar ſobre a maõ daquella parte para onde o Cavalleiro lhas move, e encaminha.

A perna do Cavalleiro tambem manda, e governa a garupa do Cavallo, deſvian-

viando-a eſte para a parte contraria donde o Cavalleiro lha arrima : v. g. chegando-lhe a perna eſquerda, foge o Cavallo com a garupa para a parte direita; e pelo contrario, chegando-lhe a direita, deſvia a garupa para a eſquerda.

Tem tres lugares o Cavallo, a que juſtamente competem as ajudas da perna: hum he adiante das cilhas; outro quaſi a trás dellas; e o terceiro bem a trás da verilha junto à anca: porém a intelligencia do pratico Cavalleiro ſaberá diſtinguir o lugar competente, e o modo de applicarlhas com mais, ou menos actividade, conforme o deſeito do Cavallo neceſſita.

Uſo dos cabeções.

DEpois que o uſo dos cabeções ſe adiantou tanto, como hoje ſe acha, ſe deſterrou inteiramente o dos pilares, e com elles outras invenções de que ſe coſtuma ajudar a pratica dos antigos: hoje naõ ha quem naõ tenha diſplicencia de ſe valer de outro meyo, mais que o das ſuas mãos, e das ſuas pernas para reduzir todo o Potro de qualquer condiçaõ que ſeja.

Devem os cabeçõ̃es ſer de tres peças, a do meyo para mandar, com meya cana, e ferrilha; as dos lados, chatas, lizas, e planchadas, para que naõ̃ offendaõ̃ o Cavallo aonde naõ̃ ſerve; aquella ha de ter tres argolas com ſuas varilhas de dous dedos de altura, a do meyo para a guia, e as dos lados para as rédeas; eſtas haõ̃ de ter o comprimento de ſete, ou oito palmos, e devem andar ambas na maõ̃ eſquerda; tendo primeiro tomado nella as do freyo como ſe coſtuma, e depois em toda a maõ̃ as dos cabeçõ̃es, deixando livre a maõ̃ direita para acudir a todos as ſuas operações; pois ainda que eſta mande a ſua redéa, ha de ſer como auxiliar, e naõ̃ ligada como a eſquerda, e por iſſo eſta as deve levar ſempre em proporçaõ̃ de poderſe ſervir dellas per ſi ſó.

Forrar, ou naõ̃ os cabeçõ̃es, fica ao diſcurſo do Cavalleiro; porque a hum Potro lhe conviráõ̃ aſſim, e a outro naõ̃.

As redéas para os Potros devem ſer de correa, e do comprimento de oito palmos, para melhor ſervir a todos os modos, que ſe coſtuma uſar dellas. Tres ſaõ̃

os

os modos mais communs, em que ſe póde ſervir dos cabeçõ̃es: hum o regular que he poſtas as redéas nas argolas dos cabeçõ̃es: outro pondo-as nas cilhas, paſſandó-as depois pelas argolas dos cabeçõ̃es; e ſerve eſte modo trazendo-as à maõ̃, para recolher a cabeça aos Cavallos, que levantaõ̃ muito o focinho, a que chamaõ̃ eſtrelleiros, e para os que ſe coſtumaõ̃ empinar: o terceiro pondo as redéas nas argolas em que coſtumaõ̃ trazerſe os coldres, e dahi paſſallas as argolas dos cabeçõ̃es; e deſta fórma ſervem para os Cavallos encapotados, e para os que daõ̃ cabeçadas para baixo.

Por ſer muito util eſte modo de ſervir das redeas em muitos Potros, lhe ſinalamos a dita proporçaõ̃, que a todos chegue; pois para eſtes dous modos ultimos ſaõ̃ aſſim neceſſarias, e para o ordinario naõ̃ prejudica o ſeu comprimento; porque aquella parte, que ſobeja, vay tocando nos braços, e joelhos do Cavallo, ſervindo-lhe de ajuda para obrigallos a puxar mais por elles.

Temos dito que a bella poſtura do Cavalleiro ſe naõ̃ ha de perder, nem deſcompôr;

pôr: naõ o fará taõ facilmente o que mandar com os cabeçõ̃es ſem varilhas; porque eſtas ſem tirar as mãos do ſeu juſto lugar, e ſem mais movimento do que aquelle, que permittem os cabeçõ̃es no modo de ſerrilhar ſem ſe deſcompôr, poderá fazer aſſentar, e recolher a qualquer Cavallo: e ſuppoſto me poſſaõ dizer, que iſto he muito aſpero, eſtando na maõ de quem manda, he virtude, e naõ vicio; pois eſte o ſeria, quando elle por ſi ſó o obraſſe, e naõ pela minha vontade; porém ſendo eu arbitro de que caſtigue, ou naõ, taõ eſtimavel he, que obedeça em hum, como em outro.

A regra geral he, que os cabeçõ̃es ſe haõ de pôr juſtos no focinho do Potro quatro dedos acima das ventas, que poſſaõ jogar abaixo, e acima, em tal fórma, que naõ lhe cayaõ ſobre ellas, nem lhe ſubaõ tanto a cima, que inutilizem o uſo, deixando de ſerrilhar com igualdade nos dous movimentos que tem; hum de unhas abaixo para deter, e fazer andar atrás o Cavallo; outro tendo o Cavalleiro as mãos na poſtura ordinaria, ſerrilhando debaixo para cima, em ordem a que o Cavallo levante a ca-

cabeça, e para o deſpertar quando affroxa.

Trabalhando os Potros debaixo da guia produzem os cabeções quatro effeitos muito uteis, e proveitoſos, porque os mandaõ, advertem, emendaõ, e caſtigaõ; mandaõ, moſtrando-lhe o terreno ſobre que haõ de trabalhar, ou em circulo, ou em quadrado largo, ou curto; advertem, quando o Potro andando nos trotes antecipadamente ſe quer levantar a galope, ſerrilhando-lhos o Meſtre com a actividade competente; emendaõ, puxando-lhe a redéa da maõ de fóra, ou a guia para a meſma parte, quando o Potro erra, adiantando a maõ, ou pé da parte de fóra; caſtigaõ, batendo-lhe a guia, e o Cavalleiro as redéas, quando o Potro dá alguns ſaltos de contratempo deſordenadamente para ſe defender do trabalho, vendo-ſe ſujeito.

Do freyo.

CHegando a tratar deſte ponto, bem neceſſito vâlerme de toda a Eſcola, e nella de todos os meyos para deter, e ſegurar hum Cavallo ſobre as pernas, em ordem a livrarme de todo o precipicio, e

deſ-

deſpenho ; porque naõ poſſo ſoffrer o vergonhoſo erro de ver reduzida huma Naçaõ taõ eſperta em todo a ſonolencia ao indigno conceito de que o enfrear o Cavallo eſtá na formalidade do bocado , e que nelle conſiſte o trazerem em ſeu devido lugar a cabeça. Huma das principaes circunſtancias do Cavalleiro he ſaber pôr , e ſegurar a cabeça do Cavallo em o ſeu lugar devido ; tanto aſſim que a mais da liçaõ he para eſte effeito ; e he principio taõ aſſentado , que huma de duas, ou confeſſallo , ou confeſſarſe ignorante.

E agora pergunto eu : ſe iſto aſſim he, porque ha quem gaſte o ſeu calor natural em fazer , e mudar freyos aos Cavallos ? e ſe o freyo póde conſtituir hum Cavallo bem regulado , para que he cançarſe em buſcar picarias , e Picadores , era melhor ter hum armazem de freyos , e com iſſo eſcuſar tanto trabalho ? He muito natural , que queiraõ replicarme com iſto meſmo ; porque confeſſando eu , que ha mùitos , que ſe apuraraõ em eſtampar tanto genero de freyos , pudera iſto pôr em algum conceito a eſtimaçaõ delles. Se o permittira a minha pou-

ca

ca vaidade, podia dizer, que era eſſa opiniaõ ſua, e eſta minha; e que me achava em eſtado de moſtrar por experiencia, que aſſim era; porém ſou humilde, quero reſponder com a ſua meſma opiniaõ. Leyaõ a D. Pedro Antonio de Ferrára, Frederico Grizaõ, e a D. Antonio Pluvinel, que ſaõ dos que mais eſtamparaõ, e veráõ reſpondido ao ſeu argumento. Pluvinel (1) fallando ſobre iſto com ElRey Chriſtianiſſimo, diz aſſim: *Eu, Senhor, ſó me ſirvo de hum canhaõ, ou de huma eſcarcha pinhatel; porque naõ he poſſivel, nem ſe deve fazer qualquer Cavallo com outro genero de embocadura.* Niſto meſmo ſegue a Ferrára. Frederico, depois de tratar muito de freyos, e embocaduras, remata dizendo: *Deixemos iſto aos ignorantes; pois para nós outros com a boa doutrina, e com a boa maõ, nos ſobeja hum ſimples canhaõ.* Deſte naõ lhe ponho a cita, porque ſobre naõ ter indice, capitulos, nem parrafos, naõ póde ſer ſegura; porém a ſua curioſidade o achará, ſe goſtarem de vello. Eſtou certo de que fica reſpondido, convencido naõ ſey; mas em

(65) Pluvin. fol. 65.

abono da opiniaõ deſtes Authores, que já naõ pódem reſponder por ſi, digo eu, que pela mercê de Deos eſtou vivo, ſe tem algum Cavallo taõ deſeſperado de boca, que lhe pareça poderem fazer prova deſta minha opiniaõ, mo remetaõ, que dentro em ſeis mezes eu lho trabalharey com hum freyo ordinario, e tambem ſem elle, ſe mo merecer o ſeu rendido dictame. Além de naõ ſer iſto diſputavel, quanto mais culpaveis ſeremos nós, para quem conhecer a facilidade, que niſto tem os noſſos Cavallos, e os Andaluzes de que nos ſervimos? Como ſe lhe trate a boca devidamente com ametade de Eſcola, que ſe dá a outros, eſtaõ enfreados com qualquer canhaõ, ou eſcarcha.

Para eſte effeito conduz muito coſtumar os Potros, logo que ſe recolhem das manadas para a cavalharice, meterlhe hum deſbabador, ou maſtigadouro, todos os dias pela manhã por eſpaço de huma hora; e eſte ſeja em quanto ſe limpaõ com a almofaça, porque aſſim ſe coſtumaõ a jogar bem o freyo, e vaõ fazendo melhor os aſſentos.

Eſtas

Eſtas, e outras que parecem impertinencias, deve uſar todo o Cavalleiro curioſo para ganhar, e conſervar a boca dos ſeus Cavallos, dando-lhe depois diſto tanta doutrina, que ſe diga com verdade, que ſó de adorno lhe ſerve o freyo.

Eu o que poſſo dizer he, que em os noſſos Cavallos, e nos Andaluzes apenas tenho achado, que fazer em pouco tempo de eſcola, mais do que obrigallos a levantar, ou *recolher* a cabeça; cujas difficuldades no modo das cambas eſtaõ corrigidas, querendo forrar hum pouco de tempo; e aſſim ſe o Cavallo andar deſpapado, e eſtrelleiro, devem as cambas ſer mais compridas, e com mayor volta para dentro, e o olho do freyo, que tenha ſó dous dedos de alto da embocadura para cima; a barbela em ponto largo, e a maõ baixa; e ſe for duro de boca, e do peſcoço, ſe lhe porá huma verga de ferro inteiriça de huma a outra camba no lugar da cadenilha inferior. (1)

Se armar a cabeça baixo, e encapotado, ſeráõ as cambas curtas direitas, e ſem vol-

(1) Gregor. Zuniga, fol. 178.

volta; e o olho do freyo, que tenha quatro dedos de alto, e a embocadura de melhões com montada mais alta; a barbella de élos torcidos, e mais apertada; a maõ adiante alta, e branda. (1)

Alguns Potros no principio, quando ſe lhe mete o freyo, coſtumaõ buſcar a camba com o beiço, e daqui ſe vem a coſtumar a pegarem nella com os dentes: a eſtes devem tambem mandarlhe deitar a verga de ferro de huma a outra camba, como já diſſe; porque com iſto ſó vem a perder logo eſſa aprehenſaõ; o que eu já experimentey em muitos Cavallos.

Cavallo ſem eſcola, nem doutrina, poderaõ pela ſua bondade trazello medianamente ſobre o freyo, poderá correr, e parar; porém darlhe o devido apoyo de fórma, que com ſatisfaçaõ ſe poſſa mandar, e elle obedecer ajuſtado, iſto naõ póde ſer ſem eſcola; porque nenhum póde fazer o que naõ ſabe; ſe o ſoubeſſe a teria: com que aſſim he infallivel eſta proporçaõ: niſto tambem ha differença ſendo regular, em que hum ſaiba mais, e outro menos.

O de-

(1) Gregor. Zuniga, fol. 115.

O deſejo, que tenho de agradar aos curioſos, me obriga a deſcubrir o ſegredo de hum freyo univerſal, com que faço certo naõ haverá Cavallo, que ſe naõ ajuſte na ultima perfeiçaõ.

Juſtaráõ o Cavallo em andar bem a paſſo, fazendo-lhe entender bem as ajudas do corpo, pernas, e maõ, de fórma que ande muito unido por direito, que entenda bem a parada, que faça bem as voltas, e melhor os quadros, que cavalgue, e redondeye bem nos angulos, que ande melhor à perna; e depois o meteraõ nos trotes até que com igual perfeiçaõ o faça. Em conſeguindo iſto, o levantaraõ aos galopes, e às curvetas, e achando-o em tudo cabal, e ajuſtado com o peſcoço bem firme, e a cabeça bem plantada, eſtá ſeguramente enfreado, com o meſmo freyo com que o tem enſinado, e feito: eſtimem-me o ſegredo, porque he taõ certo, como haver dia, e noite.

Naõ negarey, que a eſte, ou áquelle Cavallo, lhe diga melhor hum freyo, do que outro; mas tambem ſeguro, que iſto naſce de querer geralmente os Picadores poupar hum pouco de tempo, e trabalho; por-

porque a enfrearſe qualquer Cavallo com hum ſimples canhaõ he abſoluto : ſeja o Cavallo da qualidade que for , tenha eſta , ou a outra contextura de peſcoço , e a ſua boca ſeja da conſtituiçaõ , que quizerem darlhe: e a razaõ he , porque Deos noſſo Senhor creou eſte animal para ſervir o homem , e aſſim naõ póde faltar à eſſencial circunſtancia ; mas para eſte effeito ſe requer Picador que o ſeja , e naõ lho chamem por máo nome. E para o que conduz a eſte fim , proſigo o aſſumpto , dizendo , que póde o Cavallo eſtar enfreado com o freyo competente , e trazer a cabeça em ſeu devido lugar ; mas naõ obſtante iſſo , movella com deſordem quando trabalha. Iſto regularmente procede de tres cauſas , huma por eſtar o Cavallo ferido da boca , outra por ter o Cavalleiro a maõ aſpera , e deſabrida , ou tambem por ſer o Cavallo fraco de lombos ; e ſendo por eſta cauſa , ſe conhecerá , quando trabalha , que bate a cabeça com exceſſo , e muito mais eſtando fatigado ; e aſſim para eſte , o remedio ſerá darlhe menos trabalho ; porque aonde ha falta de força , naõ tem a arte poder para ſupprilla ;

ainda

ainda que o pratico Cavalleiro com boa induſtria poderá disfarçalla.

Se a cauſa for por ter o Cavalleiro muita aſpereza na maõ da redea, e pouca firmeza no corpo, porá em ſi o remedio, firmando eſte, e ſuavizando aquella, ſem ſe afferrar às redeas, em que deve pôr todo o cuidado, movendo-as brandamente, e fazendo as paradas com o mayor tento, e melhor advertencia.

Se tiver a boca ferida, naõ deve trabalhar o Cavallo, em quanto lhe durar a moleſtia.

Tambem ſe ha de advertir, que o freyo ſó deve caſtigar nos aſſentos, ou gengivas da boca; e no lugar aonde aſſenta a barbella, e na lingua de nenhuma fórma; pois a eſta ſe lhe deve dar toda a liberdade, para que o Cavallo movendo-a mais facilmente faça eſpûma, e melhor goſte do freyo; e aſſim para os Cavallos, que tiverem a lingua groſſa, ſe lhe porá a embocadura com montada mais alta, e larga, a que chamaõ peſcoço de ganſo; e ſe a tiver delgada, ſe lhe porá a embocadura pinhatel.

Do

Do temperamento da maõ da redea.

ACha-ſe eſtabelecido por commum conceito, que o temperamento da maõ da redea he graça da natureza, e naõ prenda adquirida. Naõ me opponho a tantos votos, por naõ impugnar huma quaſi geral opiniaõ; mas o que poſſo dizer he, que o bom cuidado, e applicaçaõ das regras da Arte, a fará ſuave áquelle que tiver a maõ aſpera, e a poderá adquirir com o exercicio dos ſeus preceitos; e ſó eſta mais, ou menos graça, ſe dará entre dous homens ſem Eſcola; e naõ em aquelle, que conhecer as regras, e effeitos que reſultaõ da má, ou boa maõ. A iſto me replicará algum, dizendo, que tambem ſuccede entre dous Cavalleiros intelligentes ter hum aſpera, e outro ſuave maõ de redea; a que reſpondo, que ſerá por menos applicaçaõ, e cuidado, pois no que póde haver differença, por dote natural, he na mais, ou menos força, cuja circunſtancia naõ conduz para o tal effeito.

A primeira circunſtancia, que ſe requer per-

preciſamente para a ſuavidade da maõ, he a firmeza do corpo; pois naõ podendo o braço ſepararſe delle, participará a maõ de todos os ſeus movimentos; com que ſendo certo, que ſe póde adquirir firmeza com a boa applicaçaõ, e exercicio de tempo, por conſequencia ſerá eſta huma parte da boa maõ conſeguida, e naõ dote da natureza.

Se naõ eſtiver firme o corpo, e os joelhos fórtes, a qualquer movimento do Cavallo ſerá obrigado o Cavalleiro a aferrarſe aos cabeções, e às redeas, com que dando topes repetidos ao Cavallo, eſte offendido fará deſmanchos com a cabeça, pela pouca firmeza do Cavalleiro.

Tambem ſe póde dar aſpereza de maõ no Cavalleiro, que move as redeas com demaſiado movimento; mas he tambem certo, que pondo niſſo eſtudo, e cuidado, ſegundo os movimentos do Cavallo as virá afirmar, e ſe naõ deve attribuir à natureza o que he vicio do Cavalleiro.

Vencidos os defeitos de mover as redeas por vicio, ou pouca firmeza, com o exercicio entrará outra pratica de conſervar as redeas na proporçaõ, em que de-

vem ir ſem moleſtar a boca do Cavallo, nem taõ pouco dando-lhe demaſiada liberdade; que neſte caſo as paradas ſeráõ mais aſperas, e naõ chegaráõ a tempo opportuno.

Para eſte temperamento da maõ ſe devem ajuſtar as redeas de fórma, que nem o Cavallo, nem o Cavalleiro as ſinta; o que eſte conhecerá logo que o Cavallo fizer pezo na redea, movendo a cabeça; e neſte caſo ſe lhe teráõ firmes detendo, e afroxando com ſuavidade, ſem lhe dar topes aſperos; e tanto que obedecer, darlhe liberdade, ou recolhellos, ſegundo a intelligencia do Cavalleiro diſtinguir que he neceſſario; e eſte deter, ou afroxar a redea ao Cavallo, ſe executará ſem tirar a maõ do ſeu juſto lugar, virando-a de unhas abaixo, ou de unhas acima, pois ſó com iſto ſe ganhaõ quatro dedos de diſtancia; o que he baſtante para hum Cavallo já obediente.

Além de que todos os Cavallos trabalhaõ com mais voluntaria obediencia ſendo montados pelos Cavalleiros, que os enſinaraõ, por eſtarem já coſtumados aos ſeus movimentos, e terem delles mayor conhecimento,

cimento, pois eſte ſe acha nos Cavallos com mais inſtincto, do que em outro algum irracional.

Para ajudar ao Cavallo.

DE cinco modos ſe ajudaõ os Cavallos: com o corpo, com a boca, com as pernas, com a vara, e com as eſporas. Cada huma deſtas ajudas ſe ſubdivide em cinco partes; humas ſaõ unidas, e outras ſaõ ligadas; v. g., o corpo leva o Cavallo adiante, e torna-o atrás, ſuſpende-o, leva-o a maõ direita, e leva-o à maõ eſquerda. Eſtas operações (por connexaõ) as faz a maõ eſquerda com o freyo: iſto no principio ſe entende mais difficilmente, porque as do corpo, como menos perceptiveis, naõ ſe comprehendem tanto, até que a meſma pratica as faz conhecer; e aſſim em quanto eſta as naõ enſinar, ſó as apontaremos, até que com a luz ſe vejaõ mais claras.

Ajudaõ o corpo, e maõ para lançar o Cavallo adiante; a maõ virando-a de unhas abaixo, e baixando-a hum pouco, a que alarga ſufficiente o freyo, para dar liberda-

de ao Cavallo. Eſte leve movimento traz o corpo adiante, e ainda que pouco perceptivel à viſta, o he bem intelligivel ao Cavallo, e o ſerá a ſeu tempo aos Cavalleiros.

Para tornallo atrás, he o contrario diſto; pois o corpo o leva, e a maõ o traz, de fórma, que movendo o corpo hum pouco atrás, e virando a maõ unhas acima; eſte leve movimento do corpo chama atrás de ſi a maõ; o que baſta para obrigar o Cavallo a que vá atrás.

Para a direita, virando a maõ unhas acima com hum leve movimento della para a meſma parte, ſe leva o Cavallo, e o corpo. Ao voltar ſobre a eſquerda o corpo prepara a maõ, que virando-a unhas abaixo, e deixando-ſe levar daquelle leve movimento do corpo, obriga o Cavallo a irſe com o corpo, e com a maõ.

Para o ſuſpender, ſuſpenderſe-ha o corpo, firmando-ſe mais ſobre os eſtribos, e ſobre os joelhos, deitando o eſtomago hum pouco fóra, o que obrigará a carregar ſobre os genitaes. Eſte curto movimento, que ſe faz de retirar o corpo, tambem chama

a maõ

a mão de fórma, que com ſó a virar unhas acima ſuſpende o Cavallo.

Eſta noticia creyo baſta, para que ſe deixe entender na pratica; ſem que cuſte muito trabalho a quem a enſinar.

A boca tambem tem outros cinco modos; para mover o Cavallo com o primeiro eſtado de lingua; nos galopes com elle ſucceſſivo acompanhando-lhe o movimento; nas curvetas com elle continuando; e nos manejos altos com a voz, que eſtiver eſtabelecida; e ao parar, com a detreminad: *Olá baſta, &c.*

As pernas tem os ſeus cinco movimentos; *juntando as* pantorrilhas às ſilhas ſuſpendem para todo o ar; abrindo-as fazem baixar o Cavallo; firmando-ſe ſobre a eſquerda, leva o Cavallo à direita; e carregando ſobre a direita, obriga a que vá para a eſquerda; arrimando-lhas das ſilhas para trás, mandaõ a garupa; pois eſta naõ tem outro freyo, que a obrigue, mais do que as pernas.

A vara tambem tem outros cinco modos: com o ſonido move, alenta, aligeira, e ſuſpende o Cavallo; poſta ſobre o lado

do

do eſquerdo, o leva para a direita; poſta no lado direito, o leva para a eſquerda; chegando a aos braços do Cavallo, ajuda para as curvetas; e poſta ſobre a garupa, ajuda os Cavallos para o ſalto, e paſſo, e capriolla.

As eſporas tem os meſmos cinco modos: deitaõ o Cavallo adiante, raſgando atrás, ou, como vulgarmente ſe diz, batendo-as; fazendo-lhe ſentir a eſquerda, leva o Cavallo ſobre a direita, e pelo contrario, chegando-lhe a direita, o leva para a eſquerda; a de fóra, obriga a garupa, para que a naõ deixe, e a de dentro a detem para que ſe naõ precipite.

Advertem, e detem o Cavallo rodando-lhe com ellas no ventre, já com huma, e logo com outra, fazendo, que correſpondaõ os toques a compaſſo; porque eſta he huma muſica, que bem temperada faz boa armonîa, e de mayor utilidade em todos os ſeus caſos; ferindo detreminaõ, e obrigaõ o Cavallo, quando he neceſſario: ha outra ajuda da ponta do pé, que muitos Authores naõ deſprezaõ, por ſer facil, e pouco perceptivel, mas muito util para o ar das cur-

curvetas, e para avivar os Cavallos, que faõ pezados.

Na boa uniaõ, e diſtribuiçaõ deſtas ajudas ſe funda o ſaber mandar o Cavallo com promptidaõ; com regra, com ar, e com ſegurança; com promptidaõ, acodindo velozmente com as neceſſarias; com regra, diſtribuindo-as com boa ordem, naõ excedendo, nem faltando; com ar, executando-as com elle deſembaraçado, e livre, ſem pejo nem melindre; com ſegurança, eſtando com o cuidado, e advertencia devida, para as naõ trocar, nem confundir, conformando-as como deve ſer.

Uſo das eſporas.

GEralmente acho eſtabelecida por commua opiniaõ, que as eſporas ſe fizeraõ para ferir os Cavallos; e ſendo eſta intelligencia bem vulgar, rariſſimas vezes ſe devem uſar para tal effeito; além de que como ſó nellas fica por ultimo vinculada a obediencia do Cavallo, naõ ſe deve fazer taõ commum o ſeu uſo; porque o repetido habito lhe tirará o effeito. Todas aquel-

las

las couſas , que deſtinamos para as occaſiõ̃es , as uſamos pouco , reſervando-as ſó para ellas.

O Cavallo ha de ſaber ſoffrer as eſporas, e ha de entendellas, diſtinguindo quando o advertem, quando o aviſaõ̃ , quando o corrigem , e quando o mandaõ̃ ; e convém muito ao Cavalleiro ſaber iſto meſmo, porque de ignorallo, Cavallo, e Cavalleiro andaráõ̃ ſempre confuſos , ſem ſaber hum o que manda , nem o outro o que querem que faça.

Digo que ao uſo das eſporas ſe reduz a obediencia do Cavallo , porque a vara , nervo , e chambriera ficaõ̃ no Picadeiro ; e naõ̃ ſe pódem levar nem para os feſtejos , nem para a guerra ; que ſaõ̃ as vozes com que ſe explicaõ̃ todas as funçõ̃es publicas. Uſaõ̃-ſe as eſporas em diſtinctos modos , e em diſtinctos lugares , deſde as ſilhas até os ſilhaes: os modos ſaõ̃ raſgando , batendo , e rodando , cada huma de perſi ſó , ou correſpondendo huma à outra , ſegundo o pede o caſo ; e ambas tambem pelo meſmo modo.

Alguma vez coſtumaõ̃ ſer neceſſarias de-

debaixo, ou detrás dos braços do Cavallo; porém eſte modo de uſallas compete mais aos Picadores: nellas conſiſte o enſino, e a advertencia; pois eſta ſe faz, ainda muitas vezes no meſmo que ſe ſabe, e o enſino he propriamente daquillo que ſe ignora.

Digo mais, que as eſporas mandaõ, corrigem, aviſaõ, advertem, detem, e precipitaõ o Cavallo: precipitaõ, quando deſordenadamente ſe batem a algum Cavallo, ou antes de ſaber ſupportallas, ou depois que entende o obedecellas; porque o ignorallas, e entendellas produzem o meſmo effeito; incitando tanto a ſemrazaõ ao Cavallo, que já as entende; como a novidade, e ignorancia ao que ainda as naõ conhece.

Detem aos Cavallos, que ou pela má doutrina, ou pela pouca intelligencia de quem os tem montado, eſtaõ coſtumados a tirar pelo freyo, bebendo-o para cima, apoyarſe com demaſia, fazer tiſoura, e colher a camba: a todos eſtes, que comettem tal erro, devem logo acodir com o remedio das eſporas, chamando-os a parar, e rodarlhe já com huma, e já com outra, começando

pelo lado, em que moſtrar mais dureza, e acabando no meſmo.

A palavra rodar vale tanto, como dizer que façaõ huma volta com a perna, e com a rozeta da eſpora junto à ſilha, primeiro huma, e depois a outra, fazendo huma pouca intermiſſaõ, como ſe foſſem pontos de ſolfa a compaſſo, o que ſe póde repetir com tres, ou quatro golpes; e ao Cavallo parado divertillo ao meſmo tempo, correndo lhe a maõ pelo peſcoço.

Agora hey de moſtrar quam certa, e racionavel he eſta regra. Todo o Cavallo, que comette eſte erro, he, para ſahirſe adiante: tu o chamas a parar, e rodas-lhe eſte golpe na paragem, que te advirto; com o que obrigas a dobrarſe para o lado aonde lhe tocas, e ainda a voltar a cabeça para ver aonde o offendes: rodas-lhe a outro lado, que o obrigas a fazer o meſmo: vês aqui como eſte effeito he contrario ao que o Cavallo intentava, e o meſmo produz nas mais deſordens, que temos referido; e por conſequencia o de deterſe o Cavallo, porque o poem em reſpeito ao freyo, naõ ſe atrevendo a tirar por elle, nem a cometter

ter os demais vicios , vendo-ſe preciſado a recolher as pernas , achando mais facilidade em conterſe, do que em ſahirſe.

Advertem , em todos os deſcuidos de garupa , ou já nos galopes , quando ſe deſune , ou quando ſem tempo intenta trocarſe ; porque em tal caſo naõ ſe póde dar ao ſeu uſo mais nome , que o de advertencia.

Aviſaõ , quando o Cavallo coſtuma deterſe , ou por ſe ir prevenindo , ou por ir eſperando , ſem ſe deliberar ao que lhe mandaõ ; e naõ ſendo outra a cauſa , naõ ſe lhe póde dar outro nome ao officio , que tem aqui as eſporas.

Corrigem , quando emendaõ o Cavallo no meſmo que já ſabe , e por alguma cauſa das prevenidas faz mais do que era neceſſario , e do que ſe lhe pede.

Mandaõ , pois em faltando a vara , nervo , e a chambriera , naõ fica outro recurſo.

Naõ poſſo deixar de dizer quanto me deſgoſta , vendo uſar das eſporas taõ imprudentemente , quando hum Cavallo ſe eſpanta , pois naõ ha occaſiaõ de mayor deſconcerto : o eſpanto provêm regularmente

de duas cauſas, ou de aſſombro, ou de falta de viſta; em huma, e outra, ſó he remedio ſegurar o Cavallo, firmarlhe com igualdade ambas as pernas, para que ſe naõ volte para os lados, conſervando-o firme, e alentando-o com a voz a que ganhe terra para o objecto, até que ſe deſengane, que aſſim o conſeguiráõ; porque ſe he aſſombro, o irá perdendo, chegando-ſe a elle a viſta; e ſe he falta della, reconhecendo-o ſe deſenganará.

Tambem he cauſa de riſo, que haja quem ſe capacite a crer, que hum Cavallo correrá mais caſtigando-o na carreira: a eſtes naõ lhes quero dar mais regra, do que o ſeu deſengano, aconſelhando-lhe tomem dous Cavallos, que corraõ igualmente, e hum chegue ao ſeu Cavallo as eſporas tres, ou quatro vezes, e outro nenhuma; e achará, que eſte lhe leva tantos corpos de vantajem, quantas vezes lhe tiver chegado as eſporas ao outro.

Da vara.

PArece-me, que ainda que falley da utilidade da vara, naõ tenho dito o ſeu manejo. O lugar da vara já fica dito, que he o da maõ direita, e que eſta deve ir em proporçaõ, e igualdade com a eſquerda: ha de ſer a vara de cinco, até ſeis palmos, para alcançar a todo o corpo do Cavallo, *deſde o lugar*, que occupa: naõ ha de ſer muito delgada, porque aſſim tem o meſmo inconveniente, que tem o latego, fazendo mover a cauda aos Cavallos, deſar ſobre toda a ponderaçaõ.

Uſa-ſe della ſobre as eſpadoas dos Cavallos deſmunhecando dentro, e fóra, como ſe faz o movimento de fazella ſoar, com a differença de que eſte requer mais força: tambem ſe uſa tocando o ventre do Cavallo de trás das botas, e nas cadeiras do Cavallo pela parte de fóra, e pela de dentro, deſmunhecando com o meſmo ar, e por cima do hombro ſobre a garupa; e para as curvetas nos braços, virando-a para baixo como fica dito, e tambem por baixo do

braço

braço direito lhe manda, e ſerve para obrigallos a recolher a cauda, tocando-lhe de quando em quando no naſcimento della.

Todos eſtes manejos da vara convém muito enſinallos aos Cavalleiros, porque ſendo bem feitos, ſaõ airoſos, e facilitaõ para que logrem o deſembaraço, e liberdade do corpo, que deſejamos, e para que tomem o ar, e movimento ao dos Cavallos: ao tempo de ajudar, ou trocar o Cavallo, o meſmo movimento de pôrlhe a vara, ou trocarlha, diſpoem o corpo apraſivelmente para receber o movimento contrario, que leva o Cavallo; e aſſim produzindo taõ vantajoſos effeitos, naõ he para deſprezar eſte cuidado.

Para trazer hum Cavallo à perna, ou fazello ladear.

SE queres que o Cavallo faça bem os lados, aonde, e quando quizerem, e naõ como outros, que ſó pondo-lhe a parede diante obedecem, ha-ſe de obſervar eſtas regras: Supponho que vaõ ſobre a maõ direita, ſe haõ de firmar mais ſobre os eſtribos,

bos, e mais ſobre o eſquerdo, pondo o corpo hum pouco atrás, como fica dito de tirar o eſtomago hum pouco fóra, fazendo alguma força ſobre os genitaes; e já ſe entende, que por nenhum modo haõ de perder a galla, e perfil da boa poſtura do corpo; porque todos os ſeus movimentos haõ de ſer de Cavalleiro; e aſſim ſuſpendendo à correſpondencia a maõ da redea, virando-a unhas acima, e fazendo com ella hum leve movimento para onde querem levar o Cavallo, o poem em termos de ir. Naõ vay com iſto? Vès aqui como te diz, que neceſſita de mais ajuda; dalha promptamente de boca. Naõ baſta? Poem-lhe a vara no lado eſquerdo por cima da maõ da redea; e ſe naõ for baſtante, tocarlhe com ella nos peitos, que devem ir diante da garupa; e ſe deixar eſta, tocarlhehaõ por cima da perna no ventre; e ſe tudo iſto naõ baſtar, arrimar-lhe a eſpora, que he o ultimo recurſo para o Cavallo mais pezado, e ſofrido, ſuppoſto que ſeja o Cavallo feito; porque aqui enſinamos a mandar, e naõ a fazer: eſtando ſempre na devida, e prevenida poſtura, para que ſe o Cavallo ganhaſſe

terra

terra atrás (que he vicio intoleravel, ainda que regular) arrimando-lhe as pantorrilhas promptamente , e dando-lhe liberdade com a maõ, deitallo adiante, ajudando-o com a boca, e ſoando-lhe a vara ; e ſe for preciſo, tocarlhe com a eſpora. Eſtas ajudas devem ſer ſempre as meſmas, em todo o terreno , e em todo o ar , ſó com a differença de regular a cada huma com a devida proporçaõ , e a cada Cavallo , ſegundo o ſeu ſoffrimento ; pois hum neceſſitará de que todos os cinco modos concorraõ ; e outro ſó com apontarlhe hum baſtará.

Para ajudar o Cavallo no ar das curvetas.

NEſtas devem fazer as previas ajudas ; que já diſſe, e para mais clareza torno a repetillas: ſuſpender o corpo , levantar a maõ , firmarſe ſobre os eſtribos , arrimarlhe as pantorrilhas , e a eſpecial neſte manejo he que as pernas haõ de acompanhar todo o movimento do Cavallo ; para que ſe levante lhas haõ de fechar , e abrirlhas para que ſe baixe ; tornarlhas a fechar , para que torne a levantarſe , e corpo , e maõ ,

haõ

haõ de acompanhar, ſuſpendendo hum, e outro quando as ajuntaõ, e baixando quando as abrem. Suſpender o corpo, chamo eu áquelle movimento, que já diſſe, de tirar o eſtomago fóra, e baixallo ficando natural. Eſtes movimentos os tomaráõ facilmente, conſervando-ſe na ſoltura, e docilidade do corpo, que tenho dito, naõ ſe aſſentando na ſella. Eſtas ajudas ſaõ para o Cavallo bem enſinado, e feito, e a de boca; pois ſe ha de medir o eſtalido com o ar do Cavallo, porque ha de ir a compaſſo com as pernas, maõ, e corpo; o que as fizer fervidas, pede as ajudas mais promptas, e as ſuſpende menos; pois dá mais tempo, e todas devem ſer, quando ſe ha de levantar. Outros Cavallos neceſſitaõ de que ſe lhe accreſcente a eſtas ajudas a da vara, virando-a com a ponta para baixo, para lhe ir tocando com ella nos braços ao meſmo compaſſo; e para outros ſe mete a vara por baixo do braço direito, e ſe lhe vay tocando ſobre a garupa, guardando o meſmo ar do Cavallo; porém menos vivo, como já diſſe.

Tudo iſto ſerá facil de entender, co-

como vaõ tomando conhecimento do que fazem, e obſervando o methodo, como o virem executar ao Meſtre, e como ſe vê na Eſtampa n. 2.

Balotada.

NA Balotada ſe dá a diſtinçaõ da curveta, ainda que ſejaõ ambas da meſma altura; porque ao cahir em terra, baixa o Cavallo com mãos, e pés juntos, dobrando-os, e unindo-os mais.

He manejo pouco uſado nas noſſas Academias; e aſſim ſó o aponto por noticia.

As ajudas ſeráõ chegarlhe as pernas junto às ſilhas, e a vara à garupa, quando o Cavallo vay a cahir em terra, para que o rebata, e avive, procurando naõ o apurar muito, porque lhe he cuſtoſa nos principios.

Ajudas para os ares altos de ſalto, e paſſo, couces, ou capriolla.

AO Cavallo de ſalto, e paſſo, ſe manda como ao de curvetas; porque o paſſo vem a ſer huma curveta para diante, que

f 82

Curveta.

Curveta.

que lhe ſerve de prevenirſe para o ſalto: ſó differe em que tendo feito eſta preparaçaõ, ao repetir a ſegunda, em lugar de abrirlhe a maõ, e pernas, para que baixe, manterlhe eſtas ajudas, accreſcentando a de boca, que he a regular, Ah, ah; e a da vara nos peitos, ou ſobre a garupa: em cahindo ſe torna a prevenir da meſma fórma, e o meſmo em todas as mais, que houver de fazer.

As capriollas fará com as meſmas ajudas, ſem a prevençaõ do paſſo; porque ſe ha de advertir, que eſtes ares altos naõ ſe pódem impôr, nem enſinar a nenhum Cavallo, ajuſtarlhos ſim. Se o Cavallo naõ tiver eſta natural inclinaçaõ para iſſo, nada ſerá capaz de imporlha; ſó para regularlha, e que a faça a tempo, e com obediencia ha juriſdiçaõ; e aſſim ainda que ſeja o Cavallo de mayor, e de mais vigor, naõ lhe impede o fazer os de mais manejos de terra a terra, como outro qualquer, que naõ tem eſta poſſibilidade.

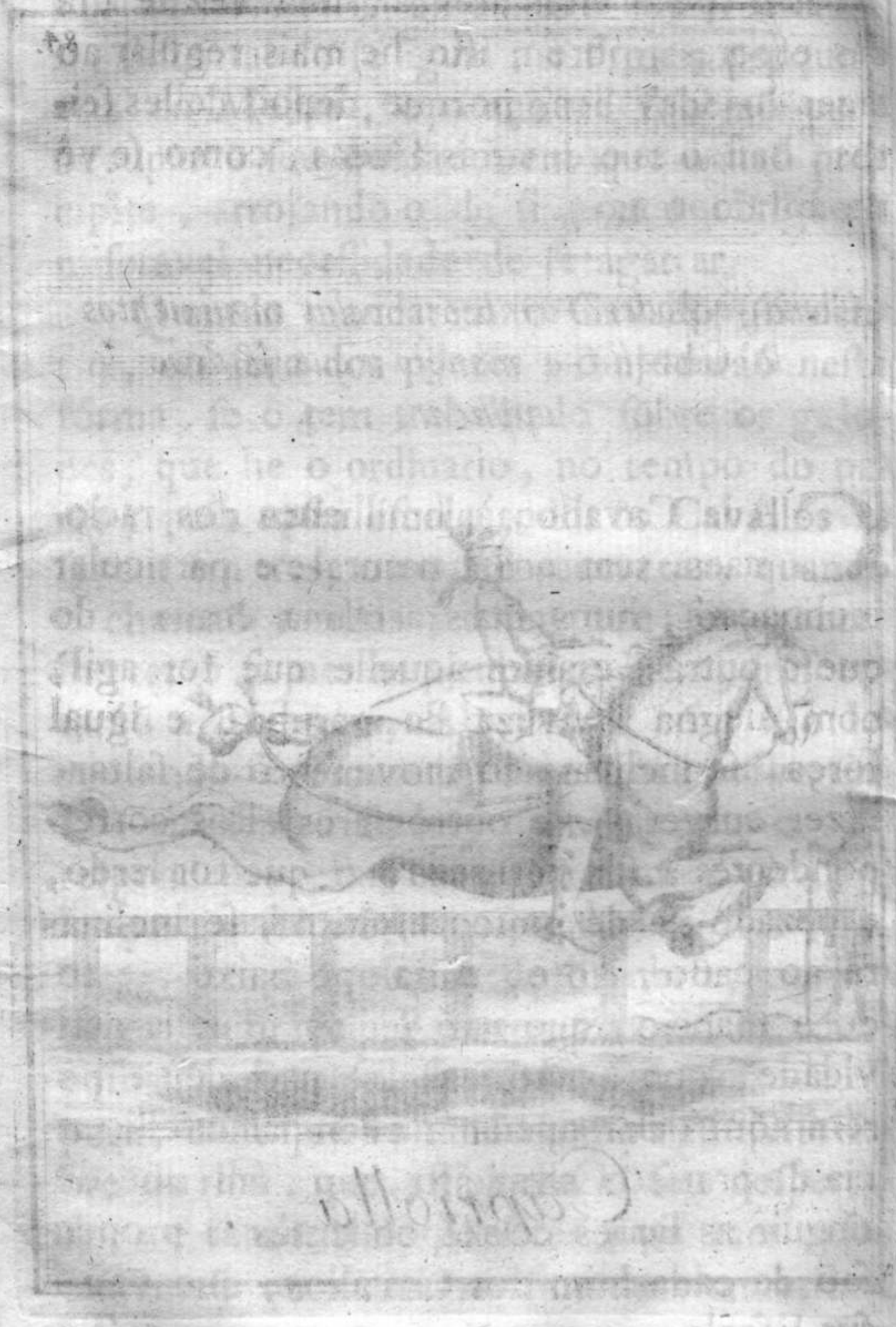
No Cavallo de ſalto, e couces, havemos de fazer diſtinçaõ, ſe eſtá fóra dos pilares, ou dentro delles; quando eſtá aſſim,

naõ he neceſſario ajudallo a elle , ſenaõ a ſi , ſuſtentando-ſe igual , e firme ; porque a voz do Meſtre , e o açoute ſobejaõ para occupar o ſeu cuidado em que o naõ precipite , arrojando-o de ſi , ou o obrigue à miſeravel neceſſidade de ſe agarrar.

Quando mandarem o Cavallo ſó dentro , ou fóra dos pilares , o ajudaráõ neſta fórma , ſe o tem trabalhado ſobre os galopes , que he o ordinario , no tempo do parar ; pois neſta eſcola todos os Cavallos as fazem em tres , ou quatro curvetas , quando o chamaõ a ellas ; aſſim que ſe levantar lhe teraõ firmes as ajudas , e lhe accreſcentaráõ a da boca , Ah ah , e com iſſo levantando-ſe diſpararáõ os couces ; advertindo , que ſe naõ ſe levantar de diante o correſpondente , lhe chegaráõ com a vara aos braços ; e ſe naõ correſponder de trás , ſobre a garupa por cima do hombro , ou por baixo do braço. Para os Cavallos perguiçoſos tambem ſe uſa de huma roſeta de eſpora , com que voltando a maõ ſe aviſa ſobre os rins , que eſtá nella o ſeu deſpertador ; e tambem os Meſtres para taes caſos coſtumaõ ter outra no fim da chambriera.

84.

Capriolla



Em todos eſtes ares alguma vez ſe uſa das eſporas ; porém iſto he mais regular ao fazer dos Cavallos, porque depois delles feitos, baſtaõ as ordinarias ajudas, como ſe vê na Eſtampa n. 3.

Como ſe poderá conhecer pelos movimentos do Cavallo o manejo a que ſe deve applicar.

CAda Cavallo, à ſimilhança dos racionaes, tem a ſua natural, e particular inclinaçaõ ; huns mais a huma couſa, do que a outra : e aſſim aquelle que for agil, com alegria, viveza de garupa, e igual força, ſe inclinará ao movimento de ſaltar, fazer curvetas, e outros ares altos correſpondentes à ſua natureza : o que for lerdo, e pezado, e de pouco eſpirito, ſe inclinará ao paſſo, trote, e galope baixo, e todo o manejo, que naõ requer aquella actividade, que a natureza lhe naõ deu : porém aqui deve operar a eſſencial intelligencia do pratico Cavalleiro, para ſaberlhe diſtinguir as liçõeſ correſpondentes à propenſaõ de cada hum dos Cavallos, que vaõ à ſua Eſcola.

To-

Todo o Cavallo, que fazendo curvetas com alegria natural, moſtrar, que tem viveza de garupa com força, ſendo bem dobrado de membros, e quando galopar tomar alguns ſaltos motivados da ſua natural inclinaçaõ, eſte ſe applicará aos ares altos.

Do modo como ſe pódem ſentir os movimentos do Cavallo.

TEndo fallado dos modos de ajudar os Cavallos, e em que tempos ſe lhe deve acudir com eſtas, ou outras ajudas, reſta agora, que ponhamos o Cavalleiro em aptidaõ de ſaber diſtinguir os tempos, a que ſe chama com propriedade ſentir o Cavallo. Iſto naõ he mais do que conhecer o Cavalleiro individualmente os movimentos do ſeu Cavallo, aſſim no paſſo, como em todo o manejo: quando vay paſſeando, deve ſaber ſe o faz com igualdade, ſe deixa, ou adianta o pé, ou maõ, mais ou menos do que deve; ſe vay direito em huma linha recta, ou arqueado, virando-ſe para os lados; iſto em todo o terreno.

Agora entra aqui a preciſaõ dada na me-

medida dos eſtribos, e as regras dadas de como o corpo deve ir; pois obſervadas, naõ chegará o caſo de que ſe aſſente, nem ſe aplaine na ſella; e bem aſſim terá o tacto mais facil, e advertido; e a docilidade do corpo conhecerá o movimento, que faz o Cavallo (por ligeiro que ſeja) pois correſponderá immediatamente aos genitaes, para lhe acudir com o remedio.

Parece-me, que iſto ſe deixa bem entender; pois quando a hum lhe tocaõ levemente, o ſente logo; mas ſe lhe comprimem o toque, lhe paſſa a ſenſibilidade; e iſto meſmo he o que ſuccede ao que ſe aſſenta *na ſella*: o que vay debaixo das medidas regulares, ſó toca os lados da ſella, e aſſim vay o tacto facil, e advertido; e o que ſe aſſenta apertando-ſe, o vem a perder.

Neſte ſentir, ou naõ ſentir o Cavallo, eſtá o preciſo deſengano do Cavalleiro, que he, ou naõ capaz de podello mandar; e neſta Eſcola aquelle que aos oito, ou dez mezes de exercicio, feito como fica dito, naõ o conſeguir, crea-me, e tome outro officio, porque naõ he para eſte.

De-

Deve contentarſe com que ſe naõ he muy rude, e muy ſurdo dentro da ſella, o logrará; e mais ſe os ſeus Meſtres tiverem taõ boa condiçaõ, como eu, que tenho hum deſpertador na chambriera milagroſo, que faz ouvir os ſurdos; o deſpertador vay em Francez, porque o naõ entenda o dormido. Todo o eſperto conhecerá a differença deſta Eſcola a outras, em que depois de muitos annos de exercicio, ſe o Meſtre lhe naõ adverte, que o Cavallo vay trocado, ou deſunido, naõ o conhece.

Ultimamente naõ ſendo poſſivel mandar os Cavallos ſem a preciſa circunſtancia de os ſaber ſentir, de novo recommendo a liberdade do corpo natural ſem affectaçaõ, ſolto, e facil; pois aſſim veraõ como em deitando o Cavallo pé, e braço direitos a diante, ſentiráõ perfilado o corpo, adiantandoſe-lhe tambem o lado direito, e ſe acharáõ taõ unidos com o Cavallo, que lhe ſerá goſtoſo, e apraſivel o movimento; e o meſmo lhe ſuccederá, quando façaõ outro tanto ſobre a eſquerda; e deſunindo-ſe, logo ſentiráõ diſplicencia no movimento. Iſto obriga a applicarem-ſe com mais cuidado,

dado, e entaõ com a experiencia entrará no conhecimento ſe naſce do pé, ou da maõ a cauſa do ſeu deſagrado; porque ſendo deſta, correſponderá a diante, e ſendo do pé, atrás.

Por eſcrito naõ me poſſo explicar mais: e nem tanto ſe achará em outro algum Author; porque o conhecimento da ſua importancia, e o deſejo, que tenho de que ſe a proveitem os meus nacionaes, me obrigaraõ a apurar a explicaçaõ até onde me foy poſſivel, ſegundo a minha pouca intelligencia, para a mais clara expreſſaõ.

Para prevenir a intençaõ do Cavallo, e deſvanecerlha, antes que entre a executalla.

CHama-ſe prevenir, áquella intelligencia taõ util, como neceſſaria, que deve ter todo o Cavalleiro dos movimentos, tempos, e contratempos do Cavallo, já ſejaõ feitos com malicia, ou ſem ella.

Iſto ſe conſegue primeiramente com o conhecimento da inclinaçaõ, diſpoſiçaõ, e poder do Cavallo; e logo pelos movimentos, que ſe obſervar nelle, ſe lhe deve acu-

dir com prompto remedio, de tal fórma, que naõ chegue a executar a ſua idéa; pois do contrario, deixando-o ficar incorregido, ſe confirmará no vicio, e a prevençaõ lhe ſervirá de pouco.

Demos por caſo, que o Cavallo ſahe a paſſo quieto, e intenta pegar no trote; o que ſe conhecerá em que moſtra inquietaçaõ de ir ſujeito, e aſſim dá hum paſſo mais apreſſado do que outro; e tambem carrega na maõ da redea: devem promptamente ſerrilharlhe os cabeções, e ſocegallo com brandura, ou da fórma, que lhe convenha à ſua natureza; e deſta ſórte lhe romperáõ a ſua intençaõ, e naõ paſſará a trotar.

Hindo trotando, ſe pretender levantarſe a galope, o conheceráõ tambem em que para tomar mais preſſa, carrega na redea, ou dá algumas cabeçadas acima para fugir a ſujeiçaõ; ou talvez detendo-ſe ſe levanta ſobre as pernas para galopar; e aſſim por iſto lhe romperáõ o tempo, dando-lhe alguma liberdade na redea, para que ſaya a diante, e o deteráõ immediatamente; e ſe tomar muita preſſa, lhe ſerrilharáõ os cabeções com aquella actividade, que lhe ſeja com-

competente, até que venha a cahir no trote natural, ſocegando-o com a voz; e ſe a tudo iſto naõ obedece, ſerá muito proveitoſo parallo, e deitando-o atrás, tornallo a diante, que aſſim ſe aquietará, e lhe romperáõ o tempo, antes que execute a ſua intençaõ.

Póde tambem, andando no galope, querer paſſar a huma carreira; o que ſe conhece logo porque ſahe da profiſſaõ, que leva, carregando mais forte na maõ da redea, dando alguns ſaltos muito avançados, ou deſviando-ſe para huma, ou outra parte, batendo a cabeça ao ſentir a ſujeiçaõ, e finalmente inclinando-ſe a fugir: lhe romperáõ o tempo, chamando-lhe a cabeça a hum lado com a redea de dentro do circulo, ſe trabalha em torno, e ſe naõ, metello nelle, dando-lhe os toques de cabeçaõ ſuaves; que ſendo rijos poderá dezeſperarſe o Cavallo, e intentar fugir mais; o que naõ fará, emendado, como digo, vendo-ſe com a cabeça ganhada a huma parte, em que conhece naõ póde eſcapar pela poſitura do ſeu corpo lho naõ permittir; e aſſim ſerá obrigado com a boa ajuda da redea tornar a co-

lher fleuma, e ſeguir o ſeu galope com a devida igualdade.

Póde, hindo na carreira, pegar no freyo com os dentes, e ganhandó a maõ a cima desbocarſe: a eſte perveniráõ, dando-lhe toda a liberdade das redeas, para que deſaferre os dentes do freyo; e deſaferrando, logo de repente o chamaráõ com ambas, ou com huma redea, ſobre a maõ direita.

Tambem póde querer ganhar a maõ abaixo metendo a cabeça entre as mãos, e levantar a garupa para tirar couces; indoſe anteparando com demaſiado apoyo no freyo: a eſte ſe lhe romperá a intençaõ, ferrilhando-lhe os cabeções rijamente para ganharlhe a cabeça acima; e no meſmo tempo lhe meteráõ as eſporas adiante das ſilhas, intimidando-o com a voz; e ſe com iſto naõ obedecer, lhe daráõ com hum páo entre as orelhas, que iſto o aturde muito, fazendolhe levantar a cabeça.

Se intentar empinarſe, o que ſe conhecerá logo, porque ſe vay detendo, e começa a ſuſpenderſe ſobre as pernas: a eſtes lhe romperáõ o tempo, deitando o corpo adiante, e caſtigando-o com as eſporas, e vara, bem

atrás

atrás das filhas, o faráõ fahir com hum repelaõ de trinta, ou quarenta paſſos; e parando, ſuavemente o affagaráõ, que aſſim ſe emendará; pois como fica dito, ao Cavallo, que erra por diante, empinando-ſe, lhe compete o caſtigo atrás das ſilhas; e ao que tira couces em ſua defenſa, ſe caſtiga nas eſpadoas com as eſporas; e no peſcoço, e cabeça com a vara, tudo ao meſmo tempo; porque *ao Cavallo ardente, Cavalleiro prudente, e ao Cavallo ſoffrido Cavalleiro activo.*

Deſembaraçar hum Potro, he huma das grandes difficuldades, que ſe acha no exercicio da *Picaria*; e vem a ſer fazerlhe, que tenha livres os movimentos, que tinha prezos naturalmente; o que ſe conſegue com os bons, e repetidos trotes, primeiro em terreno direito, e depois em circulo largo.

Dos

Dos Cavallos rebelões, que ſe anteparaõ, e repugnaõ, ſem querer ſahir para diante.

HA muitos Cavallos, que ſe defendem, e naõ querem ſahir para diante; e ſaõ tres as cauſas porque coſtumaõ cometter eſte vicio: huns o fazem, por ſer muito fogoſos, e ardentes, outros por froxos, lerdos, e pezados; e além deſtes ha outros, que o fazem ſómente por amor, e inclinaçaõ, que tem à eſtrebaria aonde comem.

Aſſim ſe deve obſervar a cauſa donde provêm qualquer dos reſabios ſobreditos; porque ſe naſce de ardencia, e ſoberba do Cavallo, pede hum modo de emenda; outro o que ſe origina de froxidaõ, e fraqueza; como tambem o pede diverſo aquelle, que naõ quer ſahir a diante, por ter amor a Cavalharice aonde coſtuma comer: eſtes ſe conhecem logo, porque naõ querem paſſar a diante, quando os tiraõ fóra da eſtrebaria; e aſſim naõ ſendo outra a cauſa, os devem levar com muito ſocego, e pru-

den-

dencia, procurando com muita brandura fazello paſſar a diante, ſendo potro novo, e ſendo Cavallo já feito, com a vara, pernas, e eſporas; e logo que obedeça, dando alguns paſſos a diante, darlhehaõ huma folha de couve, e mandallo recolher.

Se o Cavallo fogoſo, e ardente cometter eſte feyo vicio, quando o intentaõ trabalhar, em manejo violento, defendendo-ſe com ſaltos fortes, e deſcompoſtos; ſerá neceſſario uſar com elle todo o rigor, e aſpereza, no meſmo tempo, que cometter a rebeldia, caſtigando-o de vozes, e vara por todo o corpo, e cabeça, guardandolhe os olhos; e tanto que obedecer, ſe apearáõ, e com todo o affago darlhe humas ervas, e tornando a ſubir nelle, trazello a paſſo ſómente pelo meſmo ſitio naquelle dia; e para o outro tornallo-haõ a galopar ahi meſmo; e ſe intentar defenderſe, caſtigallo da fórma ſobredita, até que obedeça, e entaõ tornallo-haõ a regalar com ervas, ou equivalente, e apeando-ſe, o affagaráõ, coçando-lhe a crina, e cara; e logo tornando a ſubir nelle, trazello ſómente a paſſo, e trote, naquelle dia, e para o outro

tro o levaráõ ao meſmo ſitio, e galoparáõ; porque no violento he em que coſtumaõ moſtrar a ſua defenſa, e tanto que a intentar, caſtigallo como fica dito com a voz, vara, e pernas; e como obedeça, apearſe, e fazerlhe os meſmos affagos, pois deſta fórma o hiráõ vencendo pouco a pouco.

Se o Cavallo for já feito, que eſteja confirmado no dito vicio de ſe reter, e parar, ſem querer ſahir para diante, naõ devem porfiar com elle, obrigando-o de fórma, que ſe empine, porque ha muito perigo neſte deſmancho; e para evitallo, devem logo que elle parar, voltallo ſobre huma maõ, e darlhe huma volta ſobre o meſmo terreno, que elle ſahirá logo, dando-lhe liberdade na redea, para que ſaya com hum repelaõ de quarenta paſſos, ſem o parar de repente, mas que caya em trote, e como ſahir, tornallo-haõ a affagar; porém ſe ao depois pelo tempo a diante naõ quizer ſahir ſem dar a ſobredita volta, lhe daráõ tantas, até que elle naõ goſte, pois aſſim viráõ por tempo a perder eſſe máo coſtume; procurando ſempre o meyo mais brando, e ſuave primeiro de tudo.

Se

Se o Cavallo, ſendo ainda novo, intentar o meſmo vicio ao ſahir da eſtrebaria, moſtrando que o faz por lhe ter querença, e repugnar o ſahir para fóra, ſe mandará ir diante outro Cavallo, que tenha eſtado, ou coſtume eſtar com o Potro na meſma Cavalharice; e ſe com iſto naõ obedecer, ſe lhe porá a guia, e pegando nella o lacayo, que elle melhor conhecer, ſe mandará a outro detrás com o açoite o obrigue, até que ſaya; e ſahindo, ſe affagará, dando-lhe huma folha de couve, e ſe mandará a beber fóra todos os dias, ſem lhe dar outro exercicio, que aſſim perderá eſſe máo coſtume.

Das tres cauſas, porque os Cavallos naõ obedecem ao que ſe lhes manda.

TAmbem ſe deve entender, que pór tres cauſas naõ obedecem os Potros ao que ſe lhes manda: por naõ ſaber, por naõ poder, e por naõ querer; e aſſim he preciſo reconhecer a origem da ſua repugnancia; porque ſe elle ſe poem em defenſa por naõ ſaber, naõ ſe obrigará com ri-

gor, antes bem com todo o ſocego ſe lhe hirá moſtrando o que querem, que faça; e ſe elle moſtrar deſobediencia por falta de força, ou por naõ ter idade competente, ſegundo a ſua diſpoſiçaõ, ſe hirá com brandura facilitando, e ſobrepondo, dando-lhe tempo opportuno.

E ſe repugnar a defenderſe por naõ querer, ſe obrigará com caſtigo mais, ou menos, ſegundo a natureza do Cavallo, e o caſo o pedir; advertindo, que ſe ha de começar pelo menos, para haver de conſeguir o mais, levando ſempre a cautella da idade, e força do Cavallo, para naõ errar.

Ha tambem outros Cavallos com o reſabio de naõ querer ſahir para diante, quando ſe encontraõ com outras beſtas, por ter cio originado de ter picado alguma Egoa, ou Mulla: para eſtes naõ ha outro remedio, mais do que capallos; porque ſem ſe tirar a cauſa principal, naõ ceſſaráõ os effeitos, que reſultaõ de taõ depravado principio.

Dos Cavallos, que ſe empinaõ, e levantaõ ſobre os pés, e dos remedios, que ſe lhe haõ de applicar.

HE a empinada nos Cavallos o peyor vicio, que pódem cometter, pelo grande perigo, que póde ter o Cavalleiro de ficar debaixo, ſe naõ for muito deſtro: e pois que ſaõ diverſas as cauſas porque os Cavallos ſe levantaõ, ſerá preciſo expreſſalla individualmente, para ſe lhe applicarem os remedios competentes.

A primeira cauſa porque os Cavallos ſe empinaõ he, por ſerem reſabiados, e rebelões, querendo com malicia defenderſe de paſſar à carreira, ou de fazer outras cavallarias mais violentas do que he o paſſo, e trote natural. Eſtes ſe querem bem caſtigados, e vencidos, para que ſe venhaõ a deſenganar de que lhe naõ vale o ſeu intento: e para iſto ſe fazer com mais ſegurança, ſe lhe poráõ huns cabeções de bons dentes em ponto baixo, e tanto que o Cavallo ſe anteparar para levantarſe, lhe bateráõ os cabeções com a maõ direita, do-

brando-lhe a cabeça ao joelho da meſma parte, e depois darlhe liberdade na redea, para que ſaya a diante com hum repelaõ de trinta paſſos; mas naõ convem parallo de repente, antesſim ſuavemente, para que caya em trote, e nelle faça a parada.

Tambem ſe levantaõ alguns Cavallos, por ſerem brandos de boca, e temeroſos do freyo; e tanto que ſe lhe afferraõ as redeas, ſe poem direitos em termos de cahir, para trás: a eſtes o que ſe lhes deve fazer he, no meſmo tempo em que ſe empinaõ, darlhes liberdade na redea, pegando o Cavalleiro com a maõ eſquerda na crina, e inclinando o corpo para diante, ſem attender neſte caſo à boa figura; pois ſerá melhor por hum breve intervallo perder eſta, do que a vida.

Além deſtes ha outros Cavallos, que ſe empinaõ, por terem cio, quando ſe encontraõ com outras beſtas: para eſtes o remedio he capallos.

Dos Cavallos, que baixaõ a cabeça, e tiraõ couces.

FAzem eſta defenſa commummente os Cavallos pezados, remiſſos, e velhacos, que ſentem muito o trabalho, e para o recuſar pretendem deſpedir de ſi ao Cavalleiro.

Emendaõ-ſe logo que fazem pezo na maõ; e ſe detem baixando-lhes a cabeça, tocando-lhes os cabeções para cima com actividade, com as mãos a diante, a fim de ganharlhes a cabeça para impedillos a que ſe armem; pois com a cabeça alta, naõ pódem atirar mais couces, e immediatamente que o Cavalleiro lhe levantar a cabeça, o fará ſahir a diante com hum repelaõ de trinta paſſos, parando-o firme, e de repente.

Se iſto naõ for baſtante, e tornar o Cavallo a prepararſe para levantar a garupa, e baixar a cabeça, ſe lhe romperá o tempo, dando-lhe com hum páo entre as orelhas, tocando-lhe para cima os cabeções, intimidando-o com a voz; e ſe continuar, ſe-

rá

rá preciſo uſar de todo o rigor, accreſcendo a eſtes caſtigos tambem o das eſporas a diante das filhas; e tanto que levantar a cabeça, fazello ſahir a diante, como fica dito; pois ſaõ as avançadas muito uteis para meter eſpirito aos Cavallos fleumaticos, e pezados.

Manejo das cabeças.

ESte manejo acho eſtampado em os livros de Gaſpar Sonier, e Guernieri, e o vi tambem executar ao Coronel Franciſco Luiz Pequeno Chaves nas feſtas, que ſe fizeraõ ao Conde de Alvor, ſendo Meſtre de Campo General de Traz dos Montes, em o anno de 1725; e certamente que o dito Cavalleiro levou as attenções aos que de muitas Provincias deſte Reino, e tambem do de Heſpanha, ſe acharaõ preſentes naquellas grandes feſtas, pelo excellente primor, e bizarria, com que executou todas as acções, aſſim da lança, e dardo, como das piſtolas, e eſpada, com que ſoube acertar todas as cabeças, ſem que faltaſſe a hum

ſó

ſó ponto pertencente a taõ difficil manejo, no qual tambem ſaõ muito praticos os dous Capitães de Cavallos Franciſco Joſeph Ferreira de Sá, e Pedro Ferreira de Sá Sarmento, filhos do Marechal General Franciſco Joſeph Sarmento, Governador das Armas da Provincia de Traz dos Montes.

A fórma de praticar eſte manejo he a ſeguinte: Porſe-haõ tres cabeças de papelaõ nos tres angulos do terreiro em quarenta paſſos de diſtancia humas das outras (de tal fórma, que façaõ a figura de hum quadrado) ſuſpenſas em huns candieiros, como os que coſtumaõ ſervir para a ſortilha; e a quarta cabeça ſe porá em hum pilar de tres palmos de alto no meyo do terreiro.

Diſpoſto iſto aſſim, partirá o Cavalleiro deſde o primeiro angulo ſobre a maõ direita em galope atropellado, e curto, para que lhe dê tempo a trabalhar a lança, da meſma fórma que ſe obra para a ſortilha; e fazendo o tiro na primeira cabeça, largará a lança a hum homem, que ahi eſteja prevenido.

Depois diſto continuando no meſmo galope, voltando a maõ direita às coſtas, tirará o dardo, que levará debaixo da perna eſquerda

da com a ponta ſobre o arçaõ de trás por entre a abertura da caſaca, e dahi o levará ao hombro direito para o trabalhar, do meſmo modo que ſe pratica para correr os pombos com o eſpontaõ: feito o tiro na ſegunda cabeça, largará o dardo, e pegará na piſtola, e com a maõ de unhas abaixo a puxará ſobre o lado direito, para dahi a levar ao braço eſquerdo, aonde lhe levantará o perro, e depois a ha de encarar à terceira cabeça, para atirarlhe na diſtancia de ſeis paſſos. E ſahindo a diante lançará maõ à eſpada por cima da maõ da redea, e partindo à carreira aberta à quarta cabeça do pilar no meyo do terreiro, baixando o corpo perpendicularmente ſobre o lado direito para a levar na ponta da eſpada, ſe endireitará na ſella, antes de parar o Cavallo em tres ou quatro curvetas; e lançando a cabeça para diante, arremeçará o Cavallo direito a ella, para a cortar de hum revés, que he o fim mais airoſo, que ſe póde executar em todo eſte acto.

Manejo da Cruz.

CHama-ſe aſſim, porque a ſua figura he eſſa, e o modo de fazella eſte.

Poſto o Cavalleiro em terreno direito;

fará tres, ou quatro curvetas, e huma de firme; fará mais tres ſobre a maõ direita, para formar eſte braço, e fazendo outro firme, tornará a desfazellas até o meyo; e continuando dahi com outras tres para fazer o braço eſquerdo, fará outro firme, e desfazendo-as, tornará a ganhar o centro; daqui com outro firme proſeguirá com outras tres direito a diante, que he a cabeça da cruz; e aſſim fica formada com a facilidade, que ſe vê; porém falta-lhe o principal, e he, que o Cavallo ha de fazer ſete, ou oito curvetas retrogradas, ou para trás, para vir occupar o primeiro lugar donde ſahio.

Eſte manejo he o da mayor difficuldade; porque ſaõ muito poucos os Cavallos, que o pódem fazer, e bem ſingulares os Cavalleiros, que lho ſabem mandar, por ſer eſta a ultima prova do mayor ajuſte, e melhor ſentido na maõ da redea. O Cavallo neceſſita eſtar muito feito, e bem entendido nas ajudas mais delicadas, e neceſſita ter muitos lombos, grande docilidade, e mayor firmeza no tento da meſma redea. E ſuppoſto eu o naõ achey eſtampado em

Author algum Eſtrangeiro ; com tudo o vi executar ao General de Batalha Franciſco Joſeph Sarmento, da Cidade de Bragança, em hum Cavallo , que elle meſmo enſinou na ultima perfeiçaõ , por ſer o mais excellente homem de Cavallo dos que tem havido na Provincia de Tras dos Montes, aſſim como he o mais perito na Arte Militar , ſobre que compoz hum livro muito util para o exercicio dos Soldados Dragões, e Cavallaria ligeira.

Como ſe deve fazer a eſcaramuça de dous fios conforme a regra militar.

SEndo a eſcaramuça de dous fios a que mais ſe pratíca, por ſer a mais ajuſtada com a verdadeira ley da Cavallaria , e da guerra, ſe deve fazer neſta fórma.

Ajuſtarſehaõ em numero igual tantos Cavalleiros para hum fio, como para outro; e logo emparelharáõ os dous, que ſervirem de guias, e da meſma ſórte os mais , que ſe forem ſeguindo atrás, deixando tanto eſpaço de vaſio entre huma, e outra parelha, quanto caiba o comprimento de hum Cavallo:

vallo: neſta fórma ſahiráõ levantando os Cavallos em galope pauzado, ſem muita furia, e levando a eſpada na maõ, como ſe coſtuma, atraveſſada ſobre o peſcoço do Cavallo; e ſahindo com a lança a levaráõ em a poſtura da cinta com o ferro para diante inclinado à orelha eſquerda do Cavallo; e neſta fórma hiráõ dando huma volta larga a toda a praça ſobre a maõ direita; e acabada ella, hiráõ cortando a meſma praça, e chegando ao meyo ſe dividiráõ aſſim; o que vay pela parte eſquerda hirá, ſahindo a diante, carregando ſobre a ſua maõ eſquerda, naõ para fazer volta ſobre ella, mas para ganhar mais terreno, em ordem a voltar melhor ſobre a maõ direita; e neſte meſmo tempo irá o outro guia fazendo outra volta ſobre a ſua maõ direita, com tal medida, e eſpaço, que acabada ella, hum, e outro guia ſe fiquem arroſtando frente a frente, cada qual no ſeu deſtrito dividido, a que vulgarmente ſe diz (pela ſemelhança da guerra) cada qual a ſeu Caſtello: logo ſe acometteráõ paſſando huns por outros pelos ſeus lados eſquerdos, arrojando neſtas paſſagens os Cavallos com mais furia. E tan-

to que o guia paſſar pelo ultimo Cavalleiro do outro fio, quebrará o Cavallo ſobre a maõ eſquerda, para ir tomando a volta larga ſobre a direita; que dada ella, aſſim de huma, como da outra parte, ſe tornaráõ a arroſtar, e fazer ſegunda paſſagem, huns pelos outros, e no fim della ſe formará a meſma volta (como já diſſe) quebrando o guia o ſeu Cavallo para a maõ eſquerda, para ir tomando a volta larga ſobre a direita; e tornando-ſe a arroſtar, ſe viráõ acomettendo, como fizeraõ na primeira paſſagem; e chegando os guias ao ultimo Cavalleiro do fio contrario, tomará hum a volta ſobre a maõ eſquerda, e o outro ſobre a maõ direita, ficando por dentro do outro; e fazendo eſtas voltas largas para ſe naõ embaraçarem, continuando-as até que ſe hajaõ encontrado os guias tres vezes, e no ultimo encontro ſe ſahirá cada qual com o ſeu fio para o poſto, ou Caſtello contrario, fazendo nelle volta ſobre a maõ direita, aſſim hum como o outro; e no fim della arroſtando-ſe, ſe tornaráõ a acometter, e fazer paſſagem huns pelos outros, no fim da qual voltará hum fio ſobre o outro na meſma

ma fórma que fica dito com as meſmas voltas, e tres encontros ; advertindo , que o fio, que ficou por dentro, e deu as voltas ſobre a maõ direita, as ha de dar neſta ſegunda ſobre a eſquerda , ficando por fóra; e o outro fio por dentro , dando as agora ſobre a direita ; recolhendo-ſe no fim dos tres encontros cada qual a ſeu Caſtello, dando ſua volta nelle ſobre a maõ direita; e arroſtando-ſe outra vez no fim della , ſe acometteráõ huns aos outros (como fica dito) para as paſſagens. Porém tanto que hum guia com o ſeu fio chegar ao outro , ſe tornará a revolver ſobre a maõ direita ao ſeu Caſtello, na fórma de quem joga canas ; e tornando a arroſtarſe com ſegunda volta ſobre a meſma maõ direita , ſahirá hum dos guias a tomar ao outro o lado eſquerdo ao meyo do terreiro , emparelhando-ſe com elle ; e o meſmo fará cada qual com ſeu companheiro ; e neſta fórma dando volta a toda a praça, paſſaráõ ſuas carreiras emparelhados , naõ partindo huns até que os outros naõ ſayaõ donde pararaõ.

Como

Como ſe haõ de correr as lanças de Brida à ſortilha, e as regras que ſe devem guardar.

DE nenhuma ſórte aconſelharey a Cavalleiro algum, que ſe exponha a correr a ſortilha com lança de Brida, ſem que primeiro ande muy ſeguro, e ajuſtado na ſella, e veja que paſſa as carreirras com toda a firmeza, e deſenvoltura; porque para ſe tirarem as lanças com as leys, e galhardias neceſſarias, haõ de hir o corpo, e pernas taõ firmes, e ajuſtadas aos movimentos do Cavallo, que pareça tudo huma meſma couſa unida, Cavalleiro, e Cavallo; porque ſe naõ houver eſta grande firmeza, e ajuſtamento, e o Cavalleiro for balanceando na ſella, ſerá couſa impoſſivel naõ ſó tirar bem as lanças, mas nem ainda fazer acçaõ boa a Cavallo; ou ſe os eſtribos por falta de firmeza lhe forem bailando nos pés pela carreira; ou ſe por mal ſeguros os joelhos, forem abrindo, e cerrando; ou ſe o corpo mal ſeguro for fazendo balanços, e compaſſos; ou ſe por acudir ao reparo de qual-

qualquer deſtes defeitos, ſe afferrou com força à redea, por ſer hum arrimo que acha na maõ a que ſe pegue; ou ſe com elle fez ir anteparando o Cavallo, ou a trancos deſcompoſtos. Pelo que ſem preceder primeiro eſta firmeza, e ſegurança, ſe naõ deve expor o Cavalleiro a correr com lança, ao menos em publico; porém achando-ſe já ſufficiente, o fará na fórma ſeguinte.

Para que o Cavalleiro aprenda, e exercite a obra das lanças, e ſortilha com todo o fundamento, he neceſſario que ſaiba, e haja entendido primeiro, que aquella carreira he repartida em tres terços, nos quaes ſe comprehendem, e eſtaõ ſignificadas em ſumma todas as principaes operaçõeſ da guerra viva, ſignificando o primeiro terço preparar, fortificar, e armar; o ſegundo arrojar, inveſtir, e pelejar; e o terceiro retirar, reparar, e refazer; e que conforme ao que obrar em cada hum deſtes termos, haõ de ſer julgadas pelos Juizes as boas acçõeſ, ou os defeitos que fizerem.

A primeira couſa ſerá buſcar Cavalleiro experto, naõ ſó na pratica, mas tambem na eſpeculativa, para que o apadrinhe, e poſſa

poſſa induſtriar, e advertir em todas as acções neceſſarias, mayormente quando chegar às occaſiões publicas. Porém agora para mayor clareza do noſſo intento havemos de ſuppor, que aſſim o Padrinho como o Cavalleiro ignoraõ totalmente o eſtylo todo, porque aſſim o hirey relatando muito por miudo, para que a todos os mais novatos ſeja intelligivel.

Eſtando no principio do ultimo terço da carreira poſtos os candieiros, nelles a corda com o fiel, e ſortilha, hirá o Padrinho com a lança na maõ, poſto o conto, e pé della ſobre a polpa da perna, na fórma em que logo diremos a ha de levar o Cavalleiro, e pondo-ſe diante do Afilhado, hiráõ paſſeando a carreira, começando o paſſeyo do lugar aonde ha de vir a parar, e hiráõ com galhardia, roſtos alegres, e cortezia a todos, fazendo-as o Afilhado com o chapeo, e o Padrinho beijando a lança; e ſómente às peſſoas Reaes tirará tambem o chapéo, paſſando primeiro a lança à maõ da redea, puxando o Cavallo atrás tres vezes, como he coſtume; e logo chegando por baixo da ſortilha, a concertará, pondo-a de tal ſórte,

que

que fique dous dedos acima do chapeo do Afilhado ; para o que o mandará chegar debaixo della , e correrá o fiel quatro dedos, deſviado do fio da carreira, que vindo correndo o Cavalleiro, lhe fique a ſortilha pelo olivel da orelha eſquerda : advertindo mais , que a corda eſteja bem teza ; porque eſtando froxa , naõ varie os movimentos com qualquer vento ; e que junto aos candieiros naõ eſteja peſſoa alguma , porque eſtando rapazes inquietos , ou algumas peſſoas mal intencionadas , naõ ſó ſe arriſcará a perder as lanças ; mas a verſe com a corda na garganta. Advertindo-ſe iſto , ſe hiráõ continuando o paſſeyo; e tanto que o Padrinho achar , que o Afilhado tem chegado ao poſto , e lugar donde ſe ha de correr , mandará parar o Afilhado , e elle dando mais dous paſſos a diante , inclinando o Cavallo à parte direita algum tanto , voltará logo ſobre a eſquerda , e chegando pela direita do Afilhado , beijando a lança , lha dará inclinada com a ponta diante delle , paſſando logo por detrás da anca do ſeu Cavallo , para voltar ſobre a maõ direita , ficando com o roſto para a eſquer-

da do Afilhado : o qual recebendo a lança com a meſma acçaõ de cortezia , a porá com o conto ſobre a coxa junto à borrena de diante , acima do joelho hum palmo , pouco mais , ou menos , a ponta inclinada para diante , que fique pelo direito da orelha eſquerda do Cavallo ; porém levantada em tal medida , que ſe da ponta della cahir hum prumo , fique dando na dita orelha do Cavallo ; e abrangerá a lança com todos os dedos da maõ , ſem eſtender o index por entre as roſcas acima (como alguns erradamente o fazem) e com o braço algum tanto arcado , levantado o cotovelo , e naõ encolhido , as pernas , e corpo taõ direito , e ajuſtado , como já diſſemos , e armado neſta fórma : advertindo que em toda a carreira naõ ha de tomar reſpiraçaõ , porque ſe o fizer , diminuirá muito o alento , e firmeza da lança.

Hirá virando o Cavallo, livrando-lhe o corpo algum tanto para a parte direita , para que volte melhor ſobre o fio da carreira , e voltando ſobre a eſquerda , partirá logo em arroſtando a carreira ; porque neſta Cavallaria , he froxo , e ſe naõ permitte ter primeiro

meiro parado o Cavallo algum tempo, como na Gineta. Logo no primeiro tranco levantará a lança dous dedos, ſem advertir da meſma poſtura em que a leva, mais que deſpegalla da coxa; e ao ſegundo tranco a hirá começando a deſcer, levando o lugar da maõ pelo olivel do corpo abaixo, affaſtando delle a lança, eſpaço de dous dedos, até de todo ficar o braço eſtendido, e o conto da lança cahirá ao olivel do canto da aba da ſella de trás, e a ponta aſſim neſta, como em todas as de mais poſturas, e movimentos, hirá ſempre inclinada para a parte eſquerda, de tal modo, que fique cobrindo o corpo do Cavalleiro; de fórte, que quem eſtiver no lugar donde o Cavalleiro partio a carreira, veja ſempre o ultimo da ponta da lança pela orelha, e lado eſquerdo do Cavalleiro, e no meſmo ponto em que chegar com a lança a eſta poſtura, a hirá logo levantando pelo meſmo olivel do corpo; e aſſim que a for levantando, hirá arcando o braço, porque lhe dê mais ar, e galhardia, até que o cotovelo fique no direito do ouvido, unindo, e firmando o pé da lança junto ao ſangradouro do braço.

Até eſta poſtura, que he a mais galharda de toda a carreira, gaſtará taõ ſómente hum terço della, e daqui começará a ir baixando muito ſerenamente a lança, e braço, ſem delle deſpegar o pé, até cahir com a ponta na ſortilha, hindo-a recolhendo com o meſmo braço no enriſte (ſem a pegar no corpo) com hum principio de volta, com que fiquem as unhas para o peito, e naõ para o ſovaco. E até eſta poſtura, que he no lugar da ſortilha, gaſtará o ſegundo terço; e paſſando a ſortilha, que he o principio do terceiro, começará a deſandar aquella meya volta da maõ, que deu ultima, tirando juntamente do enriſte a lança, e braço a diante, couſa de quatro dedos. E *logo* a *hirá* deſcendo ao olivel do corpo na meſma fórma, que diſſemos nos ſegundos trancos da carreira, com que ao penultimo tranco a tenha de todo deſcida, e ao ultimo a torne a pôr na coxa: advertindo que em todo o curſo da carreira naõ ha de ter a lança, nem hum inſtante ocioſa. Logo que o Cavalleiro tiver parado, partirá o Padrinho correndo, trotando, ou paſſeando (ſe bem naõ deve ſer com muito vagar, pelo naõ fazer eſpe-

eſperar) e ſe vier correndo, parará o Cavallo atrás delle, e logo paſſando pela maõ eſquerda do Afilhado , voltará ſobre a direita, e lhe tomará a lança com a cortezia, que já diſſemos , ſahindo-ſe de volta por detrás da anca do Cavallo do Afilhado ; o qual voltando ſobre elle, o ſeguirá , para tornarem a ir buſcar outra carreira na meſma fórma , e aſſim meſmo em todas as mais, e na ultima acompanhará o Padrinho ao Afilhado até o tirar fóra do deſtricto da carreira. Tambem ſe corre à ſortilha tirando as lanças à ley d'armas , que he na fórma que deſcrevem outros ; porém ſaõ na ſortilha menos airoſas , e pouco uſadas.

He bom para tirar melhor as lanças , levar o eſtribo da parte direita mais curto huma polegada ; porque como o corpo pende para a parte da lança , ſe endireita melhor com eſta cautela , e leva mais fortaleza , e ſegurança ; porém iſto he ſegredo , e naõ regra.

Muitas vezes os Cavalleiros novos deſcuidados levaõ a boca aberta na carreira, que he grande fealdade , o que devem emendar com trazerem grande cuidado niſſo até perderem o defeito.

Co-

Como ſe deve tourear à Brida, e os eſtylos que ſe devem obſervar conforme a melhor opiniaõ.

A Arte, e deſtreza de tourear he hum dos mais excellentes exercicios, que ſe obraõ na Cavallaria, e por eſta razaõ a eſtimaõ, e prezaõ de a exercitar todas as peſſoas grandes, que a podem aprender, e ſe achaõ com natural inclinaçaõ. E como eſte acto he ordinariamente taõ publico, onde o Cavalleiro leva a julgar todas as ſuas acçõeſ a tantos, e taõ diverſos juizes, quantos ſaõ os que eſtaõ vendo, devem com razaõ fazer primeiro todos os enſayos, que lhe parecerem neceſſarios, para com toda a perfeiçaõ obrar depois, e ſem ir fiado nelles, e nas ſufficientes operaçõeſ de animo, naõ deve expor a ſua honra, que eſtá primeiro, e logo a ſua vida, a hum acto taõ notorio, fazendo-o ſómente, quando para todas as acçõeſ deſte exercicio ſe achar capacitado. Para o que farey algumas advertencias, ſem embargo das muitas, com que todos os Authores da Gineta ſe tem largamente dilatado.

He

He eſte exercicio de tourear mais frequentado à Gineta do que à Brida, ſem ſer por outra razaõ mais, que a de levar o Cavalleiro as pernas mais levantadas, e com menos riſco dos córnos do touro, que moſtraõ mais temor, porém naõ mais valor, nem bizarria. Com que outras mayores commodidades da Brida facilitaõ, e remedeaõ eſte inconveniente.

A primeira, e mais neceſſaria couſa para eſte acto, he o fazer eleiçaõ de bom Cavallo; que deve ſer alto, e naõ muy bojudo; muito vivo, e ligeiro, porém naõ ponedor, nem inclinado a fazer curvetas; muito ſujeito, e obediente ao minimo manejo da redea de maõ cheya, e naõ boquimolle; muy bem adeſtrado na intelligencia da perna, e fazer os redobres, quebrandoſe com preſteza a huma, e outra parte, e o devem ter na eſtrebaria entre duas vacas manſas, que comaõ com elle na manjadoura muitos dias; e ſobre tudo que ſeja Cavallo caſtiço, de boa condiçaõ, que para os publicos ſempre ſaõ mais ſeguros, e leaes.

Os garrochões devem ſer de ſete palmos, e ſó ſe permittem de oito para a poſ-

tura de anca revolta, de pinho ſeco, e com alguns furos, ſe forem muito fortes; os ferros compridos, bem tirados, e naõ muito largos, e ſem farpas, que poſſaõ pegar; as haſtes das garrochas ſe querem de mayor comprimento, e mais delgadas com muitos furos, cheyas de varias fitas; os ferros quanto mais pequenos, mais depreſſa entraõ a embeber as farpas.

Como devem ſer as entradas na praça todos o ſabem, fazendo-as cada qual com mais, ou menos lacayos, e oſtentaçaõ de galas, conforme ſeu goſto, e poſſibilidade. Huns fazem as entradas antes de ſahir o touro, fazendo as cortezias devidas conforme as peſſoas, que eſtiverem preſentes; e havendo peſſoas Reaes, ſe devem ir buſcar primeiro, puxando o Cavallo atrás tres vezes, como todos ſabem, ſem antes diſſo tirar o chapeo a peſſoa alguma, e logo depois a toda a praça em redondo, fazendo a volta ſobre a maõ direita. Outros fazem as entradas depois do touro andar fóra, que naõ tem eſta menos galantaria, entrando naquelle tempo, em que todos ſe affaſtaõ, e recolhem para os palanques, e lugares ſeguros.

De-

Deve entrar o Cavalleiro airoſo, alegre, e deſenvolto, como ſe alli naõ houvera touro, nem couſa de ſobreſalto, tratando com todo o ſocego de continuar as ſuas cortezias, fazendo-as com o chapeo abaixo até ſobre a coxa, com o vaõ da copa para fóra, que he mais raſgada, e airoſa a cortezia (ſuppoſto que ſe uſem na poſtura da gineta, pondo o chapeo no peito) e ſempre com todo o cuidado, ainda que o naõ manifeſte nos movimentos do touro, levando o lacayo do garrochaõ com elle ſempre prompto junto da anca do Cavallo, ao lado direito, para que ſe o touro o acometter, o ache apto para lhe fazer a fórte; e tambem ſerá obrigado a acodir a qualquer dos lacayos, ou peſſoa a que o touro tomar nos córnos, ainda que vá no acto das cortezias, e depois as tornará a continuar, hindo, logo que as acabar, a demandar o touro a onde eſtiver, tendo grande advertencia de o naõ cometter nunca por parte donde lhe fiquem paredes, ou palanques à maõ eſquerda do touro, nem por detrás, porque lhe impediráõ o poder ſahir do encontro.

Com huma de tres poſturas ſe coſtumaõ buſcar os touros com o garrochaõ. A primeira, e mais galharda he a de roſto a roſto; em todo o genero de acomettimentos, he ſempre a mais ſoberana, e limpa, levando o Cavallo de paſſo muy apercebido, a ponta do garrochaõ mais levantada, porque he melhor para ferir, e acertar o golpe, o deſcella alguma couſa, do que o levantalla; e aſſim como o touro vier inveſtindo, ladear o Cavallo alguma couſa à parte eſquerda, que para iſſo ſaõ melhores as ajudas das pernas livres, para ſahir melhor do encontro, e executar a ſórte, pondo-lhe ſempre a pontaria entre os cornos, porém mais para a parte direita delles, por ſe naõ arriſcar a paſſar o garrochaõ por cima em claro; e naõ ſe deve dar com elle chuçada, ſenaõ apontallo ſómente com firmeza do braço, que o touro ſe crava por ſi meſmo, carregando-o depois de elle ſe hir entrando. O ferro do garrochaõ ſe naõ deve pôr atraveſſado, ſenaõ de fio, que para eſta poſtura he mais ſeguro, porque ainda que ſe erre a nuca, ſempre a ferida ſe executa, porque naõ ſendo nella, ſempre he no peſcoço,

ço, ou na entrada das pás, por donde o garrochaõ ſe embebe grande parte, cahindo ordinariamente o touro morto. E logo que excute a ferida, arrimando a perna direita muito ao Cavallo, fará quebrar ſobre o touro, ſahindo logo adiante, e lançando para o ar a parte, que do garrochaõ lhe ficou, naõ o ſeguindo o touro; porque ſe o ſeguir, lhe irá dando com elle no focinho, até que deſembaraçando-ſe delle tome outro garrochaõ; e em caſo que naõ execute o golpe, ſempre ſahirá pela anca do touro ſobre a maõ direita; e havendo feito boa fórte, ou morto o touro, ſe naõ alvoroce com demonſtraçõeſ de vangloria, que he couſa aborrecida, mas ficando ſeguro, e ſenhor de ſi, como dantes; e terá advertido aos lacayos, que cahindo o touro, lhe cortem logo os jarretes, pelos inconvenientes, que de naõ o fazerem algumas vezes ſe ſeguem, tornando-ſe a levantar.

Neſta meſma poſtura, que diſſemos, ſe buſca tambem o touro, partindo a elle à meya redea, e ao meſmo tempo, em que elle parte, levando o Cavallo juſto, e muy bem acompanhado da perna direita, para o car-

o carregar à parte eſquerda, livrando-lhe o corpo do fio do encontro; e paſſado elle, quebrallo ſobre a maõ direita, ou execute, ou naõ a ferida; porque para o touro revolver ſobre o Cavalleiro, o faz menos naturalmente, e com mayor dilaçaõ ſobre a maõ direita, do que ſobre a eſquerda. E aſſim ſe tornará a preparar, e a prover do garrochaõ, como temos dito.

A ſegunda poſtura de buſcar o touro, e mais uſada, he ao eſtribo; para o que ſe deve ir buſcando a paſſo ordinario, porém ſempre o Cavallo apercebido. E tanto que o touro partir (que logo moſtra quando o quer fazer, com o bater as orelhas para diante, que he ſignal infallivel) ſe inclinará o Cavallo de fórte, que o touro o venha inveſtindo pelo direito do eſtribo, e chegando à medida do garrochaõ, ha de ſer o meſmo o porſe-lhe entre os córnos, e o arrimar à perna direita ao Cavallo atrás, fazendo-o deſviar a anca, e quebrar ſobre o touro, ſahindo ſobre a maõ direita, e ſeguindo em tudo o mais, que já temos dito.

Tambem ſe buſca o touro para eſta meſ-

meſma poſtura, voltando em galopes ao redor delle ſobre a maõ direita, apertando as voltas até elle arremeter, ou largar o poſto, hindo ſempre com o garrochaõ preparado; e tanto que o touro acomette, ſe lhe faz a fórte com muita ſegurança, porque hindo o Cavallo nos galopes, fica mais facil em livrar logo o corpo do encontro.

A terceira poſtura he, a que chamaõ de anca revolta: eſta he a mais ſegura, e menos uſada, e naõ taõ airoſa como as outras, e ſe executa com o garrochaõ mais comprido hum palmo que os outros, eſperando-ſe o touro com a anca para elle, e o Cavalleiro com o corpo voltado ſobre o lado direito, tendo o Cavallo muy apercebido, para que tanto que o touro chegue à medida, a ferida ſe execute, e incontinente ſe ſaya logo a diante, porque ao deſarmar o touro, o naõ apanhe. E aſſim eſta ſahida, como todas as mais, naõ deve o Cavalleiro fazer muy largas, por naõ parecer, que foge; mas ſómente o que baſte para livrar do encontro, revolvendo antes o Cavallo do que correndo, porque o ſegue menos na volta, que na carreira.

Tam-

Tambem ſe tourea, e fazem ſórtes muito engraçadas com a garrocha, levando varias fitas junto da farpa; e como eſtas ſaõ mais compridas, que os garrochões, e ſe pega nellas unhas acima, tem menos riſco as ſórtes, que com ellas ſe executaõ, e ſe pódem fazer em todas as tres poſturas, ſendo a principal a de roſto a roſto, e tambem a do eſtribo; que a da anca revolta, he menos propria neſta poſtura.

Com a garrocha ſe fazem as feridas nas meſmas partes, que com o garrochaõ, e tambem no focinho, onde pegaõ muito melhor, e nas orelhas, olhos, teſta, e tudo o que ha do peito para diante, onde parece muy bem depois da ſórte as haſtilhas pregadas, e as fitas tremolando.

E ſe advirta, que de qualquer maneira deſtas, que ſe façaõ as ſórtes, ſe haõ de executar ſempre, quando o touro cometter; porque hirlhe metter o garrochaõ, onde elle eſtiver acantonado, ou rendido, nem quando elle paſſa para outra parte, ou vay fugindo, naõ he couſa praticavel, nem tambem conveniente andar com muitos exceſſos, buſcando o touro, quando he pouco ani-

animoſo, e anda fugindo, ou buſcando as tranqueiras por onde ſaya : o mais que ſe póde fazer, quando elle anda pela praça, he hirlhe occupar o poſto onde mais coſtuma eſtar parado eſcavando, porque alli o virá melhor a acometter.

Em todas as ſortes andará o Cavalleiro ſempre muito deſafogado, e ſenhor de ſi, com grande cuidado na compoſtura do corpo, e pernas; mas naõ moſtrando ſer affectaçaõ na advertencia, ſenaõ como deſcuido natural, empunhando o garrochaõ com ar, e manejando a garrocha com galhardia.

As cauſas, que obrigaõ ao toureador a puxar pela eſpada (que deve ſer larga, e com bom fio) e avançar com ella ao touro, ſaõ todas aquellas, em que o touro o offender, deixando-o (como diſſemos) affrontado, como ſaõ: ferirlhe o Cavallo, fazerlhe perder o eſtribo com encontro, quebrarlhe o peitoral, ou huma das tres ſilhas (porque ſendo todas ſe ha de apear, e inveſtillo a pé) cahirlhe o chapeo, tomarlhe algum lacayo nos córnos, ou toureiro, que ande com elle acompanhando-o; porque ſendo outras diverſas peſſoas, ſó lhe acodirá com

com o garrochaõ, e aſſim algumas mais ſemelhantes, em que ſe veja recebe o Cavalleiro aggravo. E logo que tirar pela eſpada, que ſerá com toda a deſenvoltura, e por cima do braço da redea, inveſtirá ao touro por toda, e qualquer parte, que o colher mais depreſſa, dando-lhe cutiladas, e procurando ſempre, que eſtas ſejaõ antes do meyo do touro para diante, que para trás, e quanto mais ſe chegar, e arrimar a elle, ſaõ mais ſeguras, e melhores, chegando-ſe ſempre com o lado direito, e depois de haver dado algumas cutiladas boas, e que bem ſe manifeſtem, o deixe acabar de jarretar aos lacayos; porque andando o touro já rendido, naõ pareça em Mouro morto graõ lançada; e em todas as occaſiões, que puxar pela eſpada, ha de fazer que primeiro o touro morra, do que a embainhe.

Os caſos, que obrigaõ ao Cavalleiro a buſcar o touro a pé, e inveſtillo às cutiladas, ſaõ todos aquelles, que por qualquer modo lhe impediaõ o buſcallo de Cavallo, como ſaõ matarlhe o Cavallo, ou ferillo tanto, que o incapacite, ou fique com tanto

to medo, que totalmente fuja ao touro, o quebrarlhe as ſilhas todas, o cahirlhe o Cavallo, e quebrarlhe as redeas ambas, ou huma ſó, cahirlhe a eſpada, e aſſim tudo o mais em que o Cavalleiro fique deſarmado, e incapaz de poder inveſtir o touro de Cavallo, e outros caſos a eſtes ſemelhantes; que como ſaõ alguns contingentes, e ſe naõ pódem prevenir, ſe regularáõ pelos que temos relatado: e tambem ſerá obrigado a pôr logo os pés em terra, ſe vir que alguns amigos ſe anticipaõ a deſcer dos palanques a ſeu reſpeito, ainda que ſeja ſem haver occaſiaõ para iſſo.

Tanto que o Cavalleiro ſe pozer com os pés em terra, ſem embaraço, nem dilaçaõ alguma, hirá logo com a eſpada na maõ roſto a roſto direito ao touro; advertindo que em o touro o acomettendo, o eſpere, naõ de ilharga, mas com o peito a elle; na qual poſtura ha de eſtar até chegar muy perto, porque de ſe deſviarem alguns muy cedo, naſce o hirem os touros ſeguindo, e executando, com que ſó ao tempo do abaixar o touro a cabeça, e fazerſe para o levar, he que ha de deſviar entaõ o

pé direito com o corpo ſobre o eſquerdo, deixando cahir no meſmo movimento a eſpada ſobre o peſcoço do touro, ou tambem no focinho, ainda que o golpe do peſcoço he o melhor; com que fazendo-ſe com acordo, e ligeireza, hirá o touro deſarmando a diante, deixando-o livre: ſe logo tornar a fazerſe, eſperallo outra vez da meſma fórte, to las as mais, que forem neceſſarias. Eſte modo de deſviar para a parte direita do touro he muito melhor, que para a eſquerda; porque os touros ſempre abaixaõ, e arrimaõ o córno eſquerdo, e naõ o direito, como a larga experiencia tem moſtrado, e o golpe tambem he mais ſeguro, e melhor de talho, que de revés; com tudo pelas differenças de caſos, e ſucceſſos, que póde haver, bom he ſaber livrar o corpo com preſteza ſobre huma, e outra parte.

MANEJO REAL
DA
CAVALLARIA.

PARTE II.

Quaes ſejaõ as partes, e feições, que fazem o Cavallo formoſo.

HE neceſſario ſaber, que debaixo deſte nome Cavallo ſe comprehendem todos quelles, que variamente ſe nomeaõ; Cavallo de rua, faca rocim, quartáo, e outros. Porém o Cavallo de que em termos fallamos, he aquelle em que verdadeiramente concorrem todas as perfeições, que direy, ou ao menos a mayor parte dellas; porque raras vezes ſe poderáõ achar juntas em hum Cavallo; porém aquelle que deſtas, que aqui apontar, tiver mais, eſſe ſe entenderá, que tem mayores vantagens.

Primeiramente deve o Cavallo ſer bem proporcionado de membros, com igual correſpondencia de huns a outros.

Deve ter as orelhas juntas huma da outra, direitas para cima, e naõ derramadas para os lados; grandes, delgadas, com o pello curto, que moſtre as veyas.

O topete comprido, e ſedas finas; a teſta larga, e ſem covas fundas acima das ſobrancelhas: as queixadas eſtreitas, no que vay da teſta ao peſcoço; porém bem apartadas, e largas huma da outra por baixo, para que a garganta entre bem nellas, e lhe naõ impida o recolher da cabeça para o bom enfreamento.

Os olhos grandes, claros, alegres, e bem ſahidos para fóra, e a diſtancia que vay delles, até as ventas, muy eſcarnada, eſtreita, e com muy pouco pello.

As ventas largas, e córadas por dentro, e que tenhaõ os orgãos, a que chamaõ alentos, bem abertos; e aquelles que tiverem dous de cada parte, ſaõ os melhores.

O beiço de cima agudo, e mais comprido, que o debaixo: os dentes brancos iguaes

iguaes com os debaixo, e naõ belfos; os beiços aſſim de cima como debaixo delgados, e naõ carnudos.

A boca eſtreita nos aſſentos do freyo, porém raſgada para cima.

Os pádares acima dos dentes recolhidos: a barbada deſcarnada: o peſcoço eſtreito junto às queixadas, comprido, e que o ſeja mais deſde os peitos até as queixadas, e mais curto das orelhas para a cernelha.

As crinas compridas, finas, e naõ muy baſtas.

A taboa naõ redonda, mas larga, teza, e ſem gato.

A cruz, ou ſemelha, groſſa, e mais alta, que a anca.

As eſpaldas naõ muy carnudas.

Os peitos largos, ſahidos para diante, e naõ encovados.

As mãos groſſas, mas deſcarnadas: os joelhos planos.

O nervo, que vay detrás da canella, groſſo, e enxuto.

A junta debaixo enxuta, e ſem ſedas nos travadouros.

As quartellas curtas.

A coroa do caſco negra, e que naõ ſeja acima taõ larga, como abaixo.

Os candados largos, e altos.

A tapa do caſco negra, ou parda liza, igual, e ſem rugas; na forqueta do calcanhar larga, e apartada.

Todo o caſco redondo, e muito mais largo abaixo, do que em cima na coroa do caſco.

As ranilhas enxutas, e a palma recolhida, para que façaõ o caſco concavo, e vaſio por dentro, e que as mãos ſejaõ direitas, e naõ eſquerdas, e haja mais diſtancia de hum a outro terço, do que de hum a outro caſco.

Os lombos fortes, e naõ muito pandos para baixo.

As coſtellas, que naſçaõ largas em cima, e que naõ ſejaõ redondas, e apanhadas.

O bojo largo, mas naõ muy deſcido.

Os rins planos.

As ancas iguaes, e partidas com canal pelo meyo; o ſabugo do cabo curto, e groſſo, bem recolhido no naſcimento; e bem provido de ſedas finas, e luzidas.

Por

Por baixo do cabo, que naõ ſeja concavo, mas ſim ſahido.

Os teſticulos pequenos.

A verga curta, e com algum final branco: mas o embigo, que naõ ſeja branco.

As coxas largas, e groſſas por dentro, e por fóra.

As ſodras ſahidas, e avultadas.

As curvas enxutas.

Os nós das juntas deſcarnados.

As pernas, e mãos groſſas de oſſos; porém enxutas de carne.

As juntas debaixo, quartellas, e caſcos, como diſſemos das mãos.

Largo, e apartado de huma, e outra perna.

E ſobre tudo ſerá neceſſario para dar alma a eſtas perfeiçõeſ, que tenha ardencia, e alegria, com paixaõ moderada, para que lhe naõ falte a viveza, e alento neceſſario.

Das

Das cores, e ſinaes, que fazem mais galharda a gentileza do Cavallo, e do que indicaõ humas, e outras.

SObre as cores dos Cavallos tem feito varios diſcurſos os Eſcritores, inclinando-ſe huns mais a eſtas, e outros àquellas; porque aſſim como ſaõ differentes os goſtos, aſſim ſaõ diverſas as opiniões.

Com que ſerá neceſſario declarar por extenſo quantas ſejaõ as cores ſimplices, e meſcladas, dando methodicamente a razaõ, porque humas produzem melhores effeitos do que outras.

Todas as cores dos Cavallos ſe reduzem a quatro, ſemelhantes aos quatro humores, de que o animal he compoſto, que ſaõ, ſangue, colera, melancolia, e fleuma; ſendo o ſangue vermelho, a colera amarella, a melancolia negra, e a fleuma branca: ſeguindo os quatro elementos, que ſaõ ar, comparado ao ſangue, fogo à colera, agoa à fleuma, e terra à melancolia.

E daqui ſe ſegue, que da cor do Cavallo ſe infirirá qual deſtes humores domîna

mais

mais nelle; porque ſendo ſemelhante mais ao vermelho, diremos que o ſangue; ſe ao amarello, que a colera; ſe ao negro, que a melancolia; ſe ao branco, que a fleuma.

E naõ ſó nos Cavallos, mas nos meſmos racionaes vemos produzirem os humores os effeitos do ſeu temperamento. He o homem ſanguineo, roſado, leve, e alegre; e pelo contrario o melancolico, eſcuro, pezado, e triſte; e aſſim os mais: ſendo certo, que a natureza do temperamento move a inclinaçaõ, como bem diſſe Plataõ, e outros Filoſofos; e com mais efficacia no irracional, do que no homem, pois eſte com as operaçõeſ do diſcurſo, e da razaõ a tempera, e modifica.

E em conſequencia deſte principio, regra, e ſciencia certa, direy quantas ſejaõ as cores dos Cavallos, e as que denotaõ bom, ou maõ temperamento, conformandome tambem com a experiencia.

As cores, em que mais dominaõ dos humores o ſangue, e dos elementos o ar, ſaõ caſtanho claro, caſtanho maduro, caſtanho nebruno, caſtanho pecenho, caſtanho dourado, e caſtanho boyuno: e de todas eſtas

cores ſaõ bons os Cavallos, e de bom temperamento, tendo os extremos pretos, e ſendo ſobre ellas bem aſſinalados, como em outra parte diremos: exceptuando o caſtanho boyuno, que he huma côr deslavada como de boy; mayormente tendo os extremos da meſma côr; pois eſtes taes naõ ha peyores beſtas, como nos tem moſtrado a experiencia.

As cores, em que dominaõ mais dos humores a fleuma, e dos elementos a agua, he o branco, e a eſtes pertence oporcelana, o ruço argentado, ruço queimado, ruço rodado, ruço cardenho, ruço tordilho, ruço ſabino, ruço ruaõ, ruço melado, ruço pecenho, e ruço cabeça de mouro.

Os melhores Cavallos deſtas cores ſaõ aquelles, que ao pello branco miſturaõ os pellos, em que dominaõ mais a colera, e o ſangue, para que os anime; e he de bom temperamento o ruço ſabino, por ſer compoſto de tres cores, caſtanho, branco, e preto: eſtes coſtumaõ ſer fortes, manſos, e de bom medrilho. O ruço rodado, ruço eſcuro, tendo o pello luzido, e os extremos, ſaõ muito fogoſos, ardentes, fortes, e aturadores; porque domina nelles muita colera,

ra, e requeimando-ſe, ſe lhe converte na melancolia aduſta.

Os brancos ſaõ brandos, froxos, e de pouco alento; como tambem os ruços claros, e os porcelanas ordinariamente de máos caſcos.

As cores, em que mais dominaõ dos elementos o fogo, e dos humores a colera, ſaõ, alazaõ claro, alazaõ eſcuro, alazaõ toſtado, ruaõ eſcuro, melado eſcuro, e ruaõ picado, a que os Caſtelhanos chamaõ aſſucar canella. Deſtes os melhores ſaõ o lazaõ toſtado, lazaõ eſcuro, e o ruaõ eſcuro, ſendo aſſinalado com muitos brancos; porque com a fleuma temperaõ a colera: eſtes coſtumaõ ſer muito fogoſos, vivos, ligeiros, e eſquentados de boca. E todas as cores deſmayadas naõ provaõ bem, e regularmente ſaõ faltos de caſcos.

As cores, em que dominaõ dos humores a melancolia, e dos elementos a terra, ſaõ o murzello, o melroado, e andrino, o caſtanho eſcuro, o pardo, e o pelle de rato. Deſtas os melhores Cavallos ſaõ os caſtanhos eſcuros, os andrinos, e murzellos, ſendo o pello bem vivo, luzido, e o do

murzello bem azevichado ; porque denota requeimaçaõ de colera , convertida na melancoliâ aduſta ; de que ſe ſegue terem muita paixaõ ; e para temperar eſta he bom , que tenhaõ muitos ſinaes brancos.

As outras cores melroado , e pelle de rato , ſaõ as peyores ; e aſſim coſtumaõ os taes Cavallos ſerem de poucos eſpiritos , froxos , triſtes , e ſujeitos a varios achaques.

As outras cores de foveiro , e remendado ſe naõ póde dar razaõ ; porque de qualquer côr os póde haver miſturada ao branco : e aſſim ſe entenderá , conforme a ella , a que humor , e inclinaçaõ ſe ſujeita.

E ſobre tudo ſe póde ter por regra geral , que toda a côr bem viva , o pello fino , luſtroſo , e curto , que ſe vejaõ as veyas levantadas ſobre a pelle delgada , ſaõ ſinaes infalliveis de Cavallo fino.

Dos ſinaes brancos dos Cavallos , dos que denotaõ bem , ou mal.

MUitos tiveraõ para ſi , que os ſinaes brancos dos Cavallos eraõ mais neceſſarios nelles para a galhardia , e ornato , do

do que para os prognoſticos, e indicios da ſua boa, ou má inclinaçaõ; porque como eſtá dito, tudo o que elles tem de branco he fleumatico, e máo, e ſómente he neceſſario mais em algumas cores de fortes temperamentos para as contemperar.

E aſſim para a formoſura, e perfeiçaõ do Cavallo (como digo) ſaõ muito neceſſarios; e porque tambem he certo, como a experiencia moſtra, que os zainos por falta de ſinaes ſaõ ordinariamente de pouco valor, e eſtimaçaõ: pelo que começando deſde a cabeça até os pés, direy o conceito, que conforme os Authores, e experiencia de *huns*, e *outros*, ſe tem.

Primeiramente a eſtrella branca na teſta, a que os Francezes chamaõ pelota, eſtando bem alta, he bom ſinal: a ſilva branca, começando acima dos olhos, e acabando antes das ventas, he ſinal bom, e muito melhor ſendo direita: a frente aberta, que he huma ſylva larga, como naõ chegue das bandas aos olhos, nem lhe cubra os olhos, he bom ſinal: a verga com ſinal, ou malha branca, he bom ſinal: o pé eſquerdo he bom ſinal, e muito melhor os pés ambos; e ſendo

do os brancos de hum, e outro iguaes, muito melhor; e eſtes ſendo marchetados com arminhos pretos, ainda com mais vantagem: as ſedas brancas ſobre o naſcimento da cauda he bom ſinal: as moſcas brancas por todo o corpo do Cavallo, com tanto que naõ ſejaõ mais pequenas, que moſcas; porque taes coſtumaõ havellas os Potros, quando a pelle he branda, procedidas de picadas dellas, e he indicio certo de ſer a pelle molle; porém as que ſaõ naturaes, ſaõ boas. E eſtes até aqui ſaõ ſó verdadeiramente os bons ſinaes.

Os que ſe lhe oppoem, e ſaõ mal opinados, ſaõ a eſtrella abaixo dos olhos, ou a huma banda, he máo ſinal.

A ſylva, que principia dos olhos para baixo, he máo ſinal; e os Cavallos, que a tem aſſim, coſtumaõ ſer encapotados, raſteiros, e deſairoſos no obrar; e ſe eſta ſylva pára, e interpolla com a côr do Cavallo, e ao depois torna a continuar, he peyor (porque aos taes chamaõ ſobreſaltados) e ſe reputaõ por traidores, com que algumas peſſoas tem delles peyor conceito, do que dos argeis.

A

A ſylva, que naſcendo direita, for voltando a acabar ſobre alguma das queixadas, he máo ſinal ; e peyor ſendo ſobre a eſquerda.

O que chamaõ façalvo, ou touca branca, que cobre o branco a mayor parte do roſto, he máo ſinal ; e peyor, ſe continuando por cima das ventas, entrar na boca, a que chamaõ (beber em branco) e ainda ſerá muito peyor, ſe comprehendendo algum dos olhos, ou ambos, tomarem a côr do branco, ficando zarcos.

Qualquer outro ſinal nas queixadas he máo ſinal, ſendo malha branca.

O branco por baixo da barriga he máo ſinal ; e tambem os pellos brancos nas verilhas ſaõ máos.

Huma maõ branca he máo ſinal ; e peyor ſendo a eſquerda.

As mãos ambas brancas he máo ſinal ; e quanto mayor for o branco, peyor ; e muito mais naõ havendo branco nos pés.

O pé direito branco he reprovado, a que chamaõ argel.

O que tem o pé direito, e a maõ da meſma parte, chamaõ travado ; como tambem

bem o que tem a outra maõ, e pé da meſma parte.

O que tem o pé direito, e ambas as mãos, chamaõ argel tranſtravado.

Dos rodopios bons, e máos, e dos que chamaõ Gayas.

PElo que pertence aos rodopios, he neceſſario entenderſe, que huns ſaõ naturaes, e outros extraordinarios. Os naturaes he bom prognoſtico, que naõ falte algum no ſeu proprio lugar; e pelo contrario faltando com elle a natureza, he prognoſtico adverſo: ſaõ os naturaes, hum em meyo da teſta, outro na garganta, dous nos peitos, nas verilhas dous, e no embigo hum.

Dos extraordinarios querem os Francezes, que ſejaõ bons, e de condiçaõ ſoberana os Cavallos, que tem dous, ou tres na teſta.

Saõ muito excellentes os rodopios juntos às crinas na taboa, e quanto mais juntos à cabeça, melhor; e ſendo compridos (a que chamaõ eſpada Romana) ainda com mayor vantagem; e ſe da outra parte da taboa

boa houver outro ſemelhante no meſmo lugar, he ſobre todos melhor.

Todos os rodopios da eſpora para trás ſaõ bons; e muito melhores, ſe forem junto ao naſcimento da cauda de ambas as bandas; porque os Cavallos, que os tem, coſtumaõ ſer muy velozes, e corredores; e por iſſo chamaõ os Mouros aos taes rodopios figas para os que vem de trás.

Tambem os dous naturaes das verilhas he bom final, que ſubaõ bem altos junto aos rins.

O rodopios, que denotaõ má inclinaçaõ, ſaõ aquelles, que eſtaõ nas eſpaldas, ou junto *dellas*, e pelos peitos fóra dos naturaes; e todos os que eſtiverem viſinhos à regiaõ do coraçaõ; porque a eſtes chamaõ Gayas, que ſe achaõ muy ordinariamente nos Cavallos traidores, e de inclinaçaõ perverſa.

Como ſe ha de fazer a eſcolha dos Potros, que andaõ nas manadas ; e das cautelas com que ſe devem comprar os que eſtaõ já recolhidos, e penſados.

ASſim como ha alguns homens, que ſaõ inimigos de criar Potros , e que ſeguem aquelle proverbio , de que quem cria hum Potro, naõ cria outro ; aſſim tambem ha outros taõ inclinados a eſta criaçaõ, que apenas lançaõ de caſa huns já feitos, quando logo trazem outros: e para que haja muitos , e bons Cavallos, he de louvar a curioſidade deſta criaçaõ ; mayormente nas peſſoas, que vivem fóra no campo, e quintas largas, aonde lhes he mais facil, e conveniente, porque ſem trabalho os vaõ criande alli com ſuavidade no paſto ; naõ deixando por iſſo de ter os Cavallos, que coſtumaõ para ſeu ſerviço.

A primeira couſa , e a mais principal, que aconſelharey aos que quizerem fazer boa criaçaõ, he que mandem vir os Cavallos do Reino de Andaluzia , que pela experiencia, que temos, ſempre he mais ſegu-

ra

ra a criaçaõ, que nelles ſe faz; porque ainda aquelles, que naõ ſaõ finos, ſempre ſahem com boa figura, e com capacidade para ſervirem bem nas eſtradas, e na caça; e raras vezes ſe tem viſto, que ſayaõ froxos, e cioſos, ou moleiros, que ſaõ irremediaveis defeitos, de que ſe ſeguem outros peyores.

Porém quando naõ ſeja poſſivel, que venhaõ daquelle Reino, tambem coſtumaõ ſahir bons os do campo de Coimbra, e de terra de Miranda da Provincia de Tras dos Montes; donde temos viſto ſahir Cavallos de boa figura, e de boa condiçaõ; e para eſte fim ſerá neceſſario tirar informaçaõ, ſe ſaõ de boa raça os pays, e avós, e ſe do pay, e mãy tem ſahido outros bons Cavallos; e quando naõ poſſaõ preceder eſtas informações, e os forem eſcolher nas manadas, ſerá neceſſario, que tenhaõ obſervaçaõ deſtas ſeguintes advertencias.

Que entre toda a manada ſerá o melhor Potro aquelle, que levantar mais por cima dos outros a cabeça.

O que dando-lhe hum tiro, ou fazendo-lhe algum eſtrondo perto da manada, ſahir della mais furioſo, e ligeiro.

O que paſſando algum ribeiro, vallado, ou parede, ſe arrojar primeiro a paſſar diante.

O que tiver as orelhas mais juntas, grandes, direitas, e delgadas.

O que tiver os olhos mais vivos, grandes, e ſahidos para fóra.

A cabeça mais pequena, ſecca, e deſcarnada, a modo de carneiro.

O peſcoço comprido; porque entendem pouco aquelles, que os buſcaõ curtos, e groſſos.

As coſtellas largas, e bojudas.

Os oſſos dos quadris diſtantes hum do outro.

O ſabugo do cabo curto.

As coxas das pernas com algumas fodras ſahidas, que he ſinal infallivel de que venha a alargar muito.

As pernas bem apartadas huma da outra, como tambem as mãos, e que naõ ſejaõ eſquerdas.

Os caſcos redondos, negros, ou pardos.

E iſto baſta, que ſe acha em hum Potro bruto, ainda que pareça feyo; porque

tudo

tudo vem depois a compor com as carnes, ſendo bem penſado, e com luzimento do pello eſtando recolhido.

Naquelles, que eſtaõ já recolhidos nas eſtrebarias, e penſados, ſaõ mais enganoſas as compras, e eſcolhas, que nelles ſe fazem; porque eſtando já limpos, gordos, cubertos, e com o pello aſſentado, enganaõ ordinariamente à primeira viſta; de tal ſórte que os mais advertidos tem errado em ſemelhantes compras. Além de que alguns criadores os cebaõ, dando-lhe de comer mantimentos muy prejudiciaes à conſervaçaõ da ſaude, que ſuppoſto a tenhaõ de preſente, depois com qualquer trabalho lhe ſobrevem grandes achaques, daquelles mantimentos groſſos, e demaſiados, que o calor, por ſuperfluos, naõ póde vencer; e ficando ſem perfeito cozimento, ſe convertem em humores craſſos, e petuitoſos, de que ſe adquirem grandes enfermidades, e manqueiras, como ordinariamente vemos.

Coſtumaõ tambem eſtes taes criadores, para que os Potros pareçaõ bem aſſinalados, fazerlhe eſtrellas, e moſcas brancas pelo corpo; e para o tal effeito lançaõ hum lagarto

to vivo em agua ardente refinada, até que nella apodrece; e depois lhe poem emplaſtos repetidos por vinte e ſeis, ou vinte e ſete dias na parte, que tem rapado com huma pederneira fina até fazerlhe ſangue; e tambem para o meſmo fim uſaõ de huns pôs feitos de raiz de pepinos ſilveſtres (a que o vulgo chama de S. Gregorio) miſturados com doze eſcropulos de ſalitre, e mel, e tambem farinha de favas o que baſte para fazer unguento, que lhe poem repetidas vezes; e deſta ſórte com a induſtria da arte emendaõ os defeitos da natureza.

Tambem para encobrir os ſinaes mal poſtos dos Cavallos *argeis*, e dos ſobreſaltados coſtumaõ *tingirlhe os brancos*; para o que lhe poem unguento feito com ſete eſcropulos de caparroſa de vitriolo, e quatro eſcropulos de erva eſpirradeira, ou o ſeu ſucco, miſturado com ſebo de creſtaõ, e com elle lhe untaõ os pellos brancos para lhos fazerem pretos.

De

De que idade ſe devem recolher os Potros à eſtrebaria, e como ſe devem fazer trataveis, e ſujeitar às prizões.

TAnto que o Potro ſe apartar da manada, e conduzir do monte, ſe trará alguns dias nos campos, ou em tapadas com outras beſtas, até perder as ſaudades; e o naõ tiraráõ do paſto até a idade de dous annos, e ainda mais, havendo commodidade, aonde paſte ſeguro, e livre das Egoas, ſe a condiçaõ delle o permittir; que ſuppoſto o Capitaõ Pedro de Aguiar no ſeu livro da Alveitaria cap. 6. aconſelha, que de hum anno o *podem recolher* à eſtrebaria, e o coſtumem às prizões; tem moſtrado a experiencia, que andando livres no ſeu paſto natural, e deſcubertos ao tempo, ſe fornecem, e fortificaõ melhor nos membros, e creſcendo, alargando, e endurecendo, para que depois ſintaõ menos o rigor, e aturem melhor o trabalho.

Com que ſendo o Potro da idade, que diſſemos, ſe recolherá à eſtrebaria, e ſe terá alguns dias ſolto, e ſem prizaõ, aonde ſe lhe dará de comer muito a miudo, aſſiſtindo o mais

o mais do tempo gente com elle, até ſe ir domeſticando, de ſorte que ſuavemente o poſſaõ ſujeitar às prizões, ſem fazer grandes eſtrondos; porque de os quererem prender na força da braveza, tem ſuccedido muitas deſgraças, encabreſtando-ſe, quebrando mãos, e pés, e fazendo-ſe em pedaços: e ſerá muito conveniente, que eſtejaõ na meſma eſtrebaria com elle na manjadoura outros Cavallos manſos, com que ſe vá coſtumando, e ſe deve uſar de toda a brandura, dando-lhe de comer na maõ, e pondo-lha pelo lombo, e depois pouco a pouco pela cabeça, e orelhas; levantando-lhe as mãos, e pés, até que vá conſentindo tudo; e ſem o eſcandalizarem, ſe venha a conſeguir delle toda a manſidaõ neceſſaria:

Como ſe haõ de conhecer, e ſaber examinar as idades dos Cavallos.

PAra bem ſe examinarem os defeitos, e achaques de hum Cavallo, ſe deve fazer com toda a attençaõ; e muito mayor nos Cavallos de mais preço, advertindo tudo na fórma, que direy.

Primeiramente ſe ha de ver a idade para

ra

ra a qual ha muitas noticias; ſendo a prinpal os dentes, de que he neceſſario ter todo o conhecimento; e para o ter fundamental, he neceſſario ſaber, que o Cavallo tem vinte e quatro dentes queixaes, com que maſtiga; doze da parte alta, e doze da parte baixa; e tem mais quatro colmilhos, dous debaixo, e dous de cima; e logo doze dentes diante, que ſaõ aquelles, com que pega na palha, e cevada, e com que apanhaõ a erva, quando andaõ apaſtar: as Egoas naõ tem colmilhos, e ſe algumas os tiverem, ſeráõ excellentes.

Eſtes doze dentes de diante vem aos Potros aos tres mezes depois de naſcidos; e por iſſo lhe chamamos dentes de leite, que ſaõ os que melhor nos manifeſtaõ a idade do Cavallo, porque aos dous annos ſobre dous mezes mais, cahem quatro deſtes dentes, os que eſtaõ mais adiante no meyo dos outros, e vem em ſeu lugar outros mais fortes, que ſaõ aquelles que o Cavallo ha de ter para toda a vida: logo ſe differençaõ na brandura, e no feitio tanto dos outros, que naõ he neceſſario muita declaraçaõ para os ſaber eſtremar.

Aos tres annos, pouco mais, ou menos, cahem outros quatro ſeguintes junto aos novos, e vem outros novos em ſeu lugar.

Aos quatro annos cahem os ultimos, que ſaõ os que eſtaõ junto aonde aſſenta o freyo, e vem da meſma ſórte outros novos: com que aos cinco annos ſe manifeſta, que ainda naõ eſtaõ iguaes aos outros, e aos ſeis annos já igualaõ; porém tem huma cova aberta pela parte de dentro, que naõ acaba de cerrarſe, ſenaõ depois de ſete annos: donde vem o dizerem eſtar deſta idade cerrado.

Mas com tudo no meyo ainda ſe moſtra ordinariamente, alguma parte da cova, ou negridaõ a modo de fava ſeca, que até os oito annos manifeſta a idade com certeza: ſendo que ha Cavallos, que ſendo penſados em caſa de criadores, com potagens, graõ cozido, maſſas, e farellos, com que naõ gaſtaõ os dentes, parecendo de ſete annos muitas vezes, ſendo já de nove, com que as covas ſe vem a cerrar com o moer dos dentes, vindo creſcendo da raiz, e naõ que o oſſo ſe accreſcente naquella parte para fazer cerrar a cova; mas ſim porque ſe gaſtaõ as paredes dos lados.

Em

Em Alemanha alguns mercadores de Cavallos, que os vaõ comprar, e os criaõ para os vender, pelos naõ terem muito tempo em caſa, e gaſtarem com elles mais ſuſtento, lhe arrancaõ os dentes do leite todos, tanto que elles ſaõ de tres annos; e como a natureza ſente aquella falta, acode logo com outros: e aſſim os vendem para a guerra, dizendo que ſaõ de quatro, ou cinco annos; porque menos deſta idade ſe naõ ſervem delles nas campanhas. Os colmilhos começaõ a naſcer depois dos quatro para os cinco annos.

Tanto que os Cavallos naõ julgaõ já, e eſtaõ de todo cerrados, póde-ſe ver ſe os dentes ſaõ brancos, e as gengivas bem chegadas a elles; porque ſerá ſinal de naõ paſſar de dez annos: e pelo contrario, ſendo amarellos, e muito compridos, deſcarnados, e apartados das gengivas, he ſinal de velhice. Se o dente debaixo tiver moido muito no dente de cima, fazendo nelle encaixo; conhecido he, que o Cavallo paſſa de dez annos: quando os dentes de cima creſcem para diante a modo de colheres, e os debaixo fazem huma concavidade por

baixo da lingoa, he ſinal de grande velhice.

Quem he curioſo tambem pelo beiço debaixo conhece a idade, contando-lhe as rugas, que faz o beiço, que coſtumaõ moſtrar dos ſete annos por diante.

As mãos, pernas, e verilhas tambem moſtraõ logo ſe o Cavallo he novo, porque eſtaõ mais lizos, e freſcos: e em outras muitas acçõẽs moſtra o Cavallo naõ ſer muito velho; comendo bem, e outros mais indicios oppoſtos aos que direy; e vem a ſer as celhas arrugadas, e com pellos brancos, e tambem quando ſe pega no couro do Cavallo ſobre a queixada, ou ſobre as pás, e eſtá muito tempo ſem eſtenderſe, he ſinal de velhice, e mais ſe detiver he ſinal de mayor velhice do Cavallo.

Alguns contratadores vendem os Cavallos velhos por novos; e para eſſe effeito lhe limaõ os dentes, e lhos fazem curtos, e brancos, e lhe abrem com hum buril huma cavidade nos ultimos dentes debaixo; e lhe queimaõ com ferro hum graõ de centeyo, que lhe tinge a cova de preto.

Como ſe devem enſinar os Potros antes de ſerem montados a algumas cavallarias, que naõ dependem de pezo, ou trabalho; e como ſe lhe enſinaõ a fazer as cortezias, ponndo hum joelho, ou ambos em terra.

ANtes que os Potros cheguem à idade; e tempo de ſerem montados, ſe lhe pódem enſinar algumas cavallarias, que naõ ſendo violentas, que os maltratem, as concebaõ naquella idade tenra com ſuavidade, e apprehenſaõ; pois ſaõ como os cães de perdizes, e de coelhos, que em pequenos ſe enſinaõ a darem voltas, terem ſoffrimento, trazerem à maõ, com que depois vaõ para o monte meyos enſinados. Aſſim os Potros, em quanto novos, ſe pódem ir metendo neſtas cavallarias, que ſe ſeguem.

Porſelhe-haõ os cabeções, e com elles levarſe-ha o Potro aonde haja terreno brando de palha, ou areya no lugar do manejo; e ahi ſe prenderá entre dous pilões pelas duas argolas dos lados com cordas ſeguras, para que ſe deſengane, de que naõ póde ſoltarſe: e poſto aſſim, ſe lhe ataráõ

dous

dous cabos, ou cordas, nas quartellas, ou travadouros, e duas peſſoas dos lados pegaráõ nellas, tendo cada hum ſua vara de marmeleiro delgada na ponta, com a qual lhe daráõ hum na maõ direita até que a levante, e depois lhe dará o outro na maõ eſquerda na meſma fórma, baixando huma, e levantando outra; e neſte exercicio gaſtaráõ meya hora de manhã, e meya de tarde, por eſpaço de ſeis, ou ſete dias, até que com promptidaõ deſtroque baixando huma, e levantando outra; e tanto que o Potro fizer iſto bem, ſe lhe dará huma folha de couve, ou couſa de que mais goſtar, e fazendo-lhe affago: depois diſto, para que elle entenda, aquella peſſoa, que eſtiver da parte direita, com a corda atada na quartella, lhe dará com a vara ſuavemente na maõ, para que a levante, tendo-a aſſim firme levantada; e no meſmo tempo lhe dará o que eſtiver da parte eſquerda com a vara, até que dobre a meſma maõ, e ponha os joelhos em terra branda, ou em palha, aonde com todo o affago, e ſuavidade lhe daráõ folhas de couve, ou equivalente, de fórma, que coma com os joelhos no chaõ,

diver-

divertindo o no meſmo tempo com a voz, para que depois venha a entender, quando o mandarem ajoelhar ſem as cordas; o que fará no eſpaço de quinze dias, frequentando-lhe as liçõ̃es duas vezes cada vinte e quatro horas, como fica dito.

E quando quizerem, que ponha ſó hum joelho em terra, lhe dará o Cavalleiro, que eſtiver em cima, com a vara na mañ̃ direita, fallando-lhe com a voz coſtumada, dizendo: *Ajoelha a terra*; o que fará tambem, dando-lhe com a ponta do pé na junta da mañ̃ direita, eſtando o Cavalleiro em cima: e tambem o poderá chamar atrás huma, ou duas vezes antes de ajoelhar, para que faça as cortezias com boa ordem, medida, e concerto; como eu tenho enſinado a muitos Cavallos.

Para recolher o Potro à eſtrebaria.

ASſim que o Potro ſe recolher à eſtrebaria, deve o Cavalleiro tomar conta delle, naõ permittindo, que o eſcandalizem, e maltratem, nem façaõ tomar algum máo reſabio os meſmos lacayos, que o tem

o tem a ſeu cargo, recommendando-lhe muito todo o affago, e brandura, naõ conſentindo, que lhe dem mais levemente; porque deſtas deſordens ſe originaõ muitos reſabios, que ſe achaõ nos Potros, e em quanto naõ eſtiver lizo, e aprazivel, naõ ha que cuidar em outra couſa; ſendo a primeira a demandallo ferrar com muita manha, e cautella; e ſe naõ quizer eſtar quieto, o naõ devem obrigar com rigor; mas, como digo, com induſtria lhe mandaráõ dar bem pouco, ou nada de comer por eſpaço de vinte e quatro horas; e logo depois eſtando faminto, lhe mandaráõ dar hum penſo de cevada branca, ou do que elle mais goſtar; e em quanto eſtiver divertido a comer, ſe póde ir ferrando.

Para lhe pôr a ſella.

ESTando o Potro lizo, que naõ eſtranhe a gente, deixando-ſe affagar, limpar, e varrer a Cavalhariça, e ſeguro de que naõ eſtranha nada diſto, pódem começar a porlhe os cabeções, e fazello paſſear duas, ou tres vezes no dia, ainda que ſeja detrás de

outro,

outro, ſe naõ quizer ſahir ſó, ſegurando-o ſempre com a voz, affagando-o, e dando-lhe huma ervinha: para outro dia, que for andando com alguma liberdade, lhe poráõ a guia, dando-lhe duas voltaſinhas à direita, e parallo com o ſinal *Chi chó*, ou *Olá baſta*, &c. outras duas à eſquerda, fazendo o meſmo, tornallo à direita; pois deſde logo haõ de obſervar eſtes principios, aſſim o de trazellos duas vezes ſobre a direita, e huma ſobre a eſquerda; como o da voz, que póde ſervir de final, para quando eſtiver capaz de poderſe montar.

Feitas eſtas precauções, e parecendo, que correſponde bem a ellas, depois que tenha feito bem eſte trabalho; outro dia mandaráõ trazer a ſella, e na parte mais commoda o faráõ arrimar, pondo-lha com toda a cautella, de fórma que ſe naõ aſſuſte, nem fuja com o corpo. Para eſte caſo, e para tudo o mais, convem muito deſde logo coſtumallos aos antolhos, porque ſe os tiver poſtos, he mais ſeguro, que naõ fará nada: contentarſe-haõ, que a leve à cavallhariça, e a tenha hum par de horas, ſem pretender outra couſa.

Daqui por diante advirto, que aſſim ao Potro, como ao Cavallo, lhe mandem pouco, e a miudo, porque ſempre lhe ſahirá melhor; em caſo neceſſario, mandallo de manhã, e de tarde, do que alargarlhe duas voltas mais em cada liçaõ; continuando eſte trabalho, e parecendo-lhe, que já naõ eſtranha a ſella, lhe poráõ os eſtribos no principio curtos, quanto lhe toquem no ventre, e naõ vá expoſto a metter hum pé, querendo-os ſacudir, e lhos hiráõ alargando pouco, a pouco, até que os ſoffra; que iſto ſerve para dous fins: o primeiro, e muito do noſſo caſo he, que coſtumados a eſte bater dos eſtribos, perdem a apprehenſaõ das pernas, e ſe lhe evita o vicio de cabejar: (que he bem indigno, e feyo) o ſegundo para a boa regra; pois em os ſoffrendo, e entendendo bem a voz ao parar, pódem ſubir nelle ſem receyo, que tendo eſtas duas probabilidades, me perſuado, que naõ fará nada; porque ainda que intente fazer algum deſmancho, dandoſe-lhe o final, e voz de parar, ſe deterá; e como o vaõ ſegurando huma, e outra vez, conſeguiráõ deſvanecerlhe qualquer apprehenſaõ,

que

que poſſa occorrerlhe em ſua defenſa; porque aquelle que ſoffre os eſtribos, naõ póde ter motivo de eſtranhar as pernas, que vaõ iguaes, e firmes, ſem lhe fazer dano.

Naõ quizera, que iſto pareceſſe nimiedade, ou indigno da noſſa profiſſaõ; porque a voz de Domador, Desbravador, e de Ajudante, e alguns caſos, que tenho experimentado, me perſuadem, a que eſtes caſos naõ paſſaõ pela aſſiſtencia, e juizo de alguns Cavalleiros: e ſendo aſſim, merece eſte erro, que lhe tirem o nome; naõ havendo em toda eſta profiſſaõ couſa, que peça mais cuidado, do que eſtes principios, como manifeſta a experiencia; que no principio ſempre os remedios ſaõ mais faceis, e efficazes, como adagio de que ao enfornar ſe fazem os pães tortos.

Do trote.

HE o trote o movimento mais natural, que uſaõ regularmente os Potros no campo, quando ſaõ novos; e por iſſo deve ſer o manejo, em que ſe haõ de exercitar, e reduzir, até que venhaõ a ſer Meſtres; pois

com elle ſe reſolvem, aligeiraõ, ſe unem, ſoltaõ a eſpadoa, ſoffrem a ſujeiçaõ, firmaõ, e poem em ſeu devido lugar a cabeça, até que chegaõ à ultima perfeiçaõ de Cavallo.

Tem o trote quatro circunſtancias preciſas, para trotar em rigor, que ſaõ: reſoluto, ſolto, igual, e unido. Para todos eſtes modos de trote, devem as mãos, e corpo do Cavalleiro ajudar com firmeza, e ſuavidade, para evitar o inconveniente de que naõ tome demaſiado apoyo.

Trote ſolto.

ANtes de trotar o Potro montado, ſerá bom darlhe algumas voltas debaixo da guia, porque na pouca idade tendo muita ardencia, e vendo-ſe ſolto, poderá incommodar ao Cavalleiro; e tambem aſſim ſe ſoltará melhor, e começará de andar com mais ſegurança, e deſembaraço.

No principio andará ſem freyo, nem ſella, e ſómente com a guia, e cabeçõeſ amarrados a huma ſilha meſtra, e hum lacayo detrás para o avivar, em caſo neceſſa-

rio,

Como fe deve introduzir opotro a trotar para o desembaraçar, e refolver.

rio, e que naõ pare, ou volte para algum lado, como ſe moſtra na Eſtampa n. 4.

Trotando aſſim alguns dias, e vendo que anda com ſoltura, ſem fazer defenſa malicioſa, ſe lhe porá a ſella com os eſtribos ſoltos, como fica dito, e com as mais cautellas ponderadas.

Trote reſoluto.

ESte trote naõ he outra couſa mais do que o animo, com que o Potro ſe arroja para diante, ſem ſe deter, ficando em paſſo, ou parando, levantarſe ſobre as pernas, ou voltarſe para algum lado, e outros deſordenados movimentos, que por falta de reſoluçaõ executa.

Em qualquer deſtes caſos ſe deve uſar das regras, que já ficaõ advertidas; e ſendo neceſſario, ſe lhe daráõ algumas avançadas; mas naõ ſe ha de parar de repente, e ſó ſim que caya em galope, depois em trote, e ultimamente em paſſo; o que tudo ſe deve executar com ſuavidade; porque a parada nos Potros lhe he nociva, ſendo de jacto executada, que aſſim lhe impede a reſolu-

ſoluçaõ: a falta deſta ſe acha ordinariamente nos Potros fleumaticos, e de pouca força; e algumas vezes nos malicioſos, que ſaõ inimigos do trabalho.

Montar o Potro.

TEndo dito como ſe deve praparar o Potro antes de começallo a montar, ſem que fallaſſe no freyo, agora advirto, que lho metaõ, e com toda a cautella, e brandura, (1) ainda nas liçõeſ antecedentes; pois naõ me parece, que o Potro deve montarſe ſó com os cabeçõeſ, porque os noſſos Cavallos ſaõ muito faceis de peſcoço, o que poem indefenſo, aſſim ao que monta, como ao que manda com a guia; de fórma, que dando huma cabeçada, ou levantando a cabeça, nem a guia, nem as redeas tem o ſeu uſo; e poſto o freyo (ainda que por ora naõ ſirva de mandar o Potro) o contém, e impede a cabecear taõ livre, que ſe ponha em toda a liberdade.

Preparado aſſim o Potro com os ſeus anto-

(1) *Qui equos domant primum ſuaviſſimè tractant, ut aſſueſcant. fræno.* Plutarc. *in Moral.*

antolhos naquella parte, em que ſe houver de montar, lhe poráõ a guia; e fazendo chegar ao que ſe houver de pôr nelle, hum, e outro o ſeguraráõ, affagando-o, movendo a ſella, e advertindo-lhe, que em cahindo nella, ha de ficar immovel, ſem fazer mais miſtria, que a de fingirſe huma eſtatua.

Iſto he de ſumma importancia, e o mais que digo ſubſtancialmente; advertindo, que as redeas do freyo devem levallas em ponto largo, e as dos cabeções mais recolhidas; porque ſobre eſtas ha de carregar todo o pezo da cabeça, até que nellas faça algum apoyo, ſe a ſua boa condiçaõ lho permittir; e o que agora parece huma frioleira, he muito eſſencial, e nada mais para quem o entende; por naõ ter o Potro tempos mais expoſtos a formar alguma apprehenſaõ, do que os de ſentir o homem na ſella, e o de começar a moverſe com elle; e por iſſo naõ conſintaõ, que faça operaçaõ alguma o Cavalleiro, e o lacayo o obrigaráõ da meſma fórma, que fizeraõ antes de o montar; e tendo-o paſſeado hum pouco, parecendo-lhe, que vay aſſentando já,

ſem

ſem eſportuxar, lhe tiraráõ os antolhos, e continuaráõ affagando-o, e dando-lhe humas folhas de couve, ou o equivalente; e ſe naõ quizer comer, he ſinal de que eſtá deſconfiado, e com má intençaõ, e aſſim ſerá neceſſario deſcer delle, e tornallo a affagar.

Preveni, que tomaſſem as redeas dos cabeções na maõ eſquerda, porque ſuppoſto a direita haja de governar a ſua, em algumas occaſiões ha de ſer como auxiliar, e naõ ligada, como a eſquerda; pois eſta as deve levar ambas, para que a direita fique livre neſtes caſos, e poſſa valerſe della; aſſim para ſegurar o Potro, coçando-lhe o peſcoço, como tambem para ſe ajudar da meſma, em caſo urgente, e neceſſario; porque deve-ſe cuidar muito em que naõ arroje de ſi a quem for de cima: e neſtas liçõeſ haõ de continuar, e divertir o Potro, até lograr, que tome algum apoyo nos cabeções; para o que nem o Meſtre o ha de golpear com a guia, nem conſentir que o Cavalleiro de cima lhos mova; porque a primeirã couſa, que ſe ha de pretender he, que tome arrimo, e apoyo; e tomando-o, pódem começar a mandallo; mas ſem elle naõ: e aſſim

ſim que vá baixo , nem que vá alto , naõ lhe dê cuidado ; pois em conſeguindo , que tome apoyo , o mandaráõ , e reduziráõ ao juſto.

De naõ fazer iſto com eſta cautella , e com eſte cuidado, ſe ſeguem muitos máos effeitos; e de tocarlhe ante tempo os cabeçõeſ , o fazerem-ſe detidos , e irreſolutos; o que os atraza muito.

Direy a eſte aſſumpto hum proverbio Italiano , que diſſe hum Cavalleiro de Napoles: *La gatta per aver fretta , fece la prole cieca.* Quer dizer: As gatas por abreviarem os partos , parem os filhos cegos : *Toda a acelaraçaõ pare aborſos.* (1)

Em cujo ſuppoſto , pódem eſtar certos , que como pratiquem com exacçaõ eſtas circunſtancias , naõ perderáõ o tempo ; e porque ſe alentem a entrar com mais confiança , e mais apreço neſtas miudezas , lhe faço ſaber , que em ſua obſervancia , ſómente com trinta e tres liçõeſ ſe fez meſtre hum Cavallo inteiramente ignorante , ſem mais principio , que o deixarſe montar , e ter idade competente. E porque naõ entendaõ ,

(1) Imperad. Carl. V.

daõ, que he ficçaõ minha, naõ darey menor teſtemunha, que a delRey Luiz XIII. de França, como veráõ no Manejo Real citado. (1) O Cavallo era de Heſpanha, chamado o Bonito.

Neſtes termos creyo, que ſerá menos moleſta a minha prolixidade, aſſeverando, que ſe quizerem tirar algum proveito dos ſeus Potros, naõ conſintaõ, que Desbravador, nem Domador os monte ſem a ſua aſſiſtencia, nem que na eſtrebaria lhe ponhaõ ſella, e freyo, ſem que o vejaõ; ſalvo que tenhaõ huma ſobradiſſima ſatisfaçaõ do bom modo dos lacayos.

Primeira liçaõ para começar a fazer o Potro.

NA certeza de que o Potro conſente o Cavalleiro, conhecerá os cabeções, e naõ eſtranhará o freyo, he tempo de começar a mandallo; para o que ſe devem capacitar, primeiro de tudo, da natureza que moſtra; pois neſte principio ſe funda todo o acerto. Se o Cavallo he bem condicionado, e diſpoſto, requer hum modo de

(1) *Manejo Real*, fol. 26. Fig. 3.

de enſino; outro o que for impaciente, e fogoſo; e o que fleumatico, lerdo, e ſoffrido, o pede diverſo; pois a eſtes ſe devem mandar ſempre com animo, e reſoluçaõ, obrigando-os a que tudo façaõ com eſpirito; naõ lhe conſentindo nunca froxidaõ alguma; cuidando de os naõ apurar de mais, e trabalhando-os ſempre menos do que a outros; porque eſtes ſe devem obrigar, a que tudo façaõ com fogo, e colera, pondolhe aquella que lhe falta; para o que devem trabalhallos em trotes ſoltos, largos, e fervidos, e nos galopes vigoroſos; porque aſſim deſpertaráõ, e conſeguiráõ porlhe o ardimento, que naõ tem; pois o coſtume faz outra natureza, e hum contrario ſe cura com outro.

Se he fogoſo, e impaciente, devem trazello nos trotes detido, curto, e ſuſpendido, para quebrarlhe a impaciencia, e temperarlhe o fogo; e os galopes ſe lhe devem dar eſcutados, e vagaroſos, de maneira, que nelles vá, como quem eſpera, que o mandem, naõ lhe dando lugar a que ſe antecipe: e iſto ſe entende, que deve ſer feito com ſuavidade.

Se o Cavallo for bem diſpoſto, e bem condicionado, naõ ha que advertir; pois mandado regularmente, ſe convidará de melhor a melhor. Eſtas ſaõ as regras geraes, que naõ ſe oppoem à regra particular do movimento, e propenſaõ de cada Cavallo; pois ainda que digo que ao lerdo ſe ha de levar vigoroſo, e determinado; ſe o ſeu natural movimento he detido, e acaſo diſto meſmo naſce o ſoffrido, e vagaroſo, bem ſe conforma o que ainda que vá ſuſpendido, o obriguem ſempre a ir vigoroſo de mais em mais, para que ſe naõ eſqueça, e affroxe: o fogoſo, e impaciente póde ter o ſeu ar atropellado, e aſſim o devem ter, dando-lhe todo o ſocego, que permittir a ſua intrepidez, galopeando o poucas vezes, e trotando-o de ordinario. Poſſo ſegurar, que ſe póde fazer hum Cavallo na ultima perfeiçaõ, ſem o galopear.

Miſſer Colla Pagaõ, hum dos mayores homens de cavallo, que venerou a Eſcola Napolitana, naõ duvidou, que hum Cavalleiro de Napoles entraſſe em hum feſtejo publico em hum Cavallo, que elle eſtava enſinando, e naõ tinha chegado a pol-

lo

lo nos galopes , tendo-o ſómente juſto em paſſo , e trote ; e aſſim cumprio com admiraçaõ de todos os intelligentes , que o viraõ trabalhar.

Eſtando o Potro deſembaraçado , ſe acha em termos de o poderem mandar , e começar a recolhello ſobre o paſſo ; o que conſeguiráõ tendo os cabeções nas duas mãos iguaes , e em tal proporçaõ , que ſem movimento extraordinario , nem deſcompoſto , poſſaõ mandallo , ſe tiverem as duas redeas metidas em toda a maõ eſquerda , como fica dito , ajudando a direita a ſua redea , com o leve movimento de huma , e outra , ao modo de quem ſerra , correſpondendo , e ajudando ao meſmo tempo , o ſoarlhe a vara , apertarlhe os joelhos , chegarlhe as pernas , firmarſe ſobre os eſtribos , carregando o corpo hum pouco atrás , logo começará a unirſe , quebrarſe , e ſuſpenderſe ; pois todos eſtes effeitos acharáõ conformando ſó eſtas ajudas. Tendo-lhe aſſim dado hum paſſeyo , o chamaráõ a parar , avivando-o entaõ mais com o ſonido da vara , eſtallo de lingua , e as antecedentes ajudas de coxas , pernas , e corpo ; e precedendo iſto , lhe faráõ

ráõ o ſinal de *Olá baſta*, &c. E ſe naõ der algum ſinal de entender bem a parada, arrimando-lhe as pernas, e aligeirando-o dos braços, promptamente o lançaráõ adiante dous, ou tres paſſos, continuando-lhe as meſmas ajudas, chamando-o outra vez a parar, para que elle o vá entendendo; e ſe acaſo eſtás a pé, montando-o outro, poderáõ arrimarſe à parte eſquerda do Potro, para o ajudarem tambem com a vara, ou chambriera, e parando como deve, o affagaráõ, fazendo-lhe logo dar huns paſſos atrás deitando-o a diante, e tornando-o atrás outra vez: a iſto ſe ha de obrigar dando-lhe o Meſtre huns toqueſitos com a guia, moſtrando-lhe a vara, e quando for neceſſario tocarlhe com ella nas mãos correſpondendo, e ajudando o que eſtiver em cima com deitar o corpo atrás, ſerrilhando-lhe os cabeçõẽs, e naõ com toques aſperos; porque o levar atrás os Cavallos pede muita manha, e admitte muito pouca violencia; pois a mayor, que ſe póde praticar, he quando eſtá ſem Cavalleiro, darlhe toques com a guia, pondo-ſe diante, mandallo com reſoluçaõ, e com voz irada, dizendo-lhe

Atrás,

Atrás, *atrás*, e hindo para elle fallando-lhe com rigor a modo de que lhe querem dar, iſto he para o que ſe defende, que ſendo bem feito, o conſeguiráõ; pois eu o conſegui de todos ſem excepçaõ, tendo alguns de tanta defenſa, que chegaraõ a inveſtirme.

Devem entender, que eſta de andar atrás o Cavallo he liçaõ de ſumma importancia, ſabendo-ſe fazer; pois com ella lhe poráõ em ſeu devido lugar a cabeça, abrillohaõ, e poráõ ſobre as pernas, e o aligeiraráõ no freyo, e cabeçõeſ quanto quizerem, fazendo-lhe entender as ajudas do corpo, pernas, e maõ, e que comprehenda a differença, que ha entre ſuſpendello, ou levallo a diante; e ha caſo em que muitos Cavallos ſe embaraçaõ, quando os Cavalleiros os confundem, por naõ lhe fazerem entender bem eſta differença, que ſendo pouca, neceſſita de fazerlha mais intelligivel, para que ſaibaõ diſtinguilla. Se quizerem fazer as couſas com methodo, e proveito, haõ de chamar o Cavallo atrás, igual, ſocegado, e direito, de fórma que ſe naõ derrubar de diante, baixar a cabeça, nem trocer para os lados, antes

tes bem haõ de fazer , que a leve em ſeu lugar devido, e que naõ ſe precipite ; e todo o fundamento eſſencial deſta obra conſiſte no tempo, que o Cavallo ha de tornar a diante ; porque entaõ haõ de firmarſe ſobre os eſtribos , deitar o eſtomago fóra , carregar ſobre os genitacs , arrimarlhe as pantorrilhas, obrigando-o a que faça hum tempo ſobre as pernas vencendo o lombo, como quando ſe prepara para fazer huma curveta: iſto ha de preceder ao tornar a diante , pois neſte tempo conſiſte tudo; e ha de ſer taõ prompto , que o vir atrás , e tornar a diante ſe haõ de equivocar ; porque eſte contratempo he o que aligeira o Cavallo no freyo , lhe vence o lombo , enfinando-o a uſar das pernas , e lhe faz entender com pontualidade aquella imperceptivel differença de trazer o corpo atrás , a pollo natural , tornando ao ſeu lugar para que ſaya a diante.

Se iſto ſe houveſſe de fazer como os ſiganos , que ſe quebraõ ſobre a garupa do Cavallo , naõ ſeria difficultoſo de entender ; mas devendo-ſe fazer , ſem que ſe perca hum ponto da boa poſtura , he pouco viſivel , e por conſequencia menos advertido ; deſejo ,

ſejo, que o ſejaõ os Cavalleiros ſobre eſte ponto, que a experiencia lhe enſinará a ſua importancia.

Eſtamos em que paſſeavaõ o Potro, e que o paravaõ para o começar a unir, e que entendia bem a parada, o teráõ feito aſſim: e ſempre que trabalhar em qualquer Cavallo, ha de ſer primeiro ſobre a maõ direita, e logo ſobre a eſquerda, tornando a deixallo ſobre a direita; ſendo geral eſta regra, por ſer a maõ a que os Cavallos tem mais repugnancia; mas no caſo, que ſe offereça algum, que a tenha ſobre a eſquerda, lhe mandaráõ o contrario.

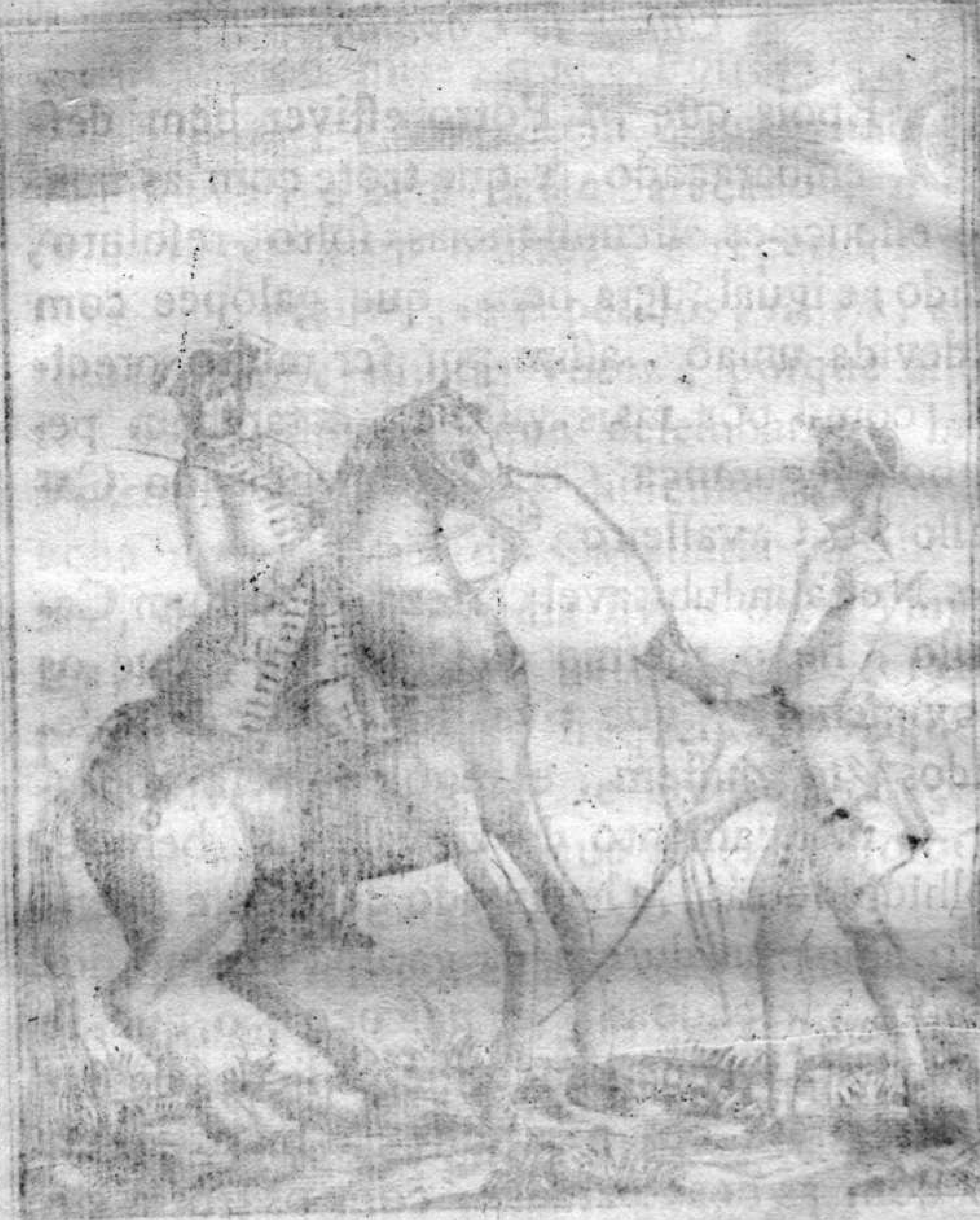
Advirtaõ tambem, que naõ digo, que troquem o Potro; porque iſto naõ ſe deve fazer, em quanto naõ tiver alguma uniaõ, e comece a trazer ſeguro peſcoço, e cabeça, tomando algum apoyo no freyo, de fórma, que poſſaõ mandallo; porque de ſe fazer o contrario ante tempo, coſtuma naſcer o vicio de ſe defenderem a eſta, ou àquella maõ; pois quebrandoſe-lhe o peſcoço antes de terem alguma uniaõ, a meſma deſmanha ſe lhe faz mais ſenſivel, e os poem na apprehenſaõ de que lhe naõ tem con-

veniencia ; e aſſim começaõ a difficultar.

Advirtaõ mais, que o Potro ſe naõ deve recolher, e unir, em quanto naõ eſtiver muito, e bem deſembaraçado, o que ſe conſegue com muitos, e repetidos trotes: digo muitos, e repetidos, *id eſt*, continuados por muitas vezes ; porque aſſentaõ os Authores, que deſembaraçar hum Potro he a couſa mais difficultoſa, que ſe acha no exercicio da Cavallaria ; e he fazer, que o Potro tenha livres os movimentos, que tinha prezos naturalmente ; razaõ porque ſe lhe haõ de frequentar as liçõeſ, que devem ſer breves, e com moderaçaõ, por ſer melhor, que fique antes deſejoſo de mais, do que enfaſtiado do muito.

Muito recommendo, que aſſim ao Potro, como ao Cavallo, ſe lhe repitaõ as liçõeſ de andar atrás, e tornar a diante; e ſeja com todas as circunſtancias já ponderadas, e da fórma, que ſe moſtra na Eſtampa n. 5.

Como se facilita o cavallo adar passos atràs



Como se ensina o cavallo a dar passos atras

Uniaõ do Cavallo.

DEpois que o Potro eſtiver bem deſembaraçado, e que trote com as quatro eſſenciaes circunſtancias: ſolto, reſoluto, unido, e igual; ſerá bem, que galopee com a devida uniaõ, aſſim por ſer muito preciſa, como por mais viſtoſa, e tambem pela boa ſegurança, e conveniencia do Cavallo, e Cavalleiro.

Neſta indubitavel certeza, unir hum Cavallo, he o meſmo que fazerlhe, que os movimentos, que tiver ſoltos, e deſordenados, ſe ajuſtem, e regulem pela vontade, e mandamento do Cavalleiro, bem recolhido detrás, e levantado de diante, vencido aſſim na dureza da garupa, como dos lombos, eſpadoas, e peſcoço; o que ſe conſeguirá frequentando-lhe as liçõeſ de dar paſſos atrás, como já diſſe; e mais que iſſto com as boas paradas, com os trotes em circulo curto, e com as avançadas; e ſendo eſtas quatro liçõeſ taõ preciſas para huma couſa taõ importante, como he a uniaõ dos Cavallos, ſerá bem explicar cada huma particularmente.

Dar paſſos atrás o Cavallo.

HE muito preciſo a todo o Cavallo, que houver de ſervir nos feſtejos publicos, na caça do monte, e nas occaſiões da guerra, que ſaiba andar atrás, como já fica dito, igual, ſocegado, e direito; e ſendo aſſim eſta liçaõ bem executada, he muito proveitoſa para a uniaõ dos Cavallos; porque fazendo-lhe levantar a cabeça, a poem, e firmaõ em ſeu devido lugar; e encolhendo os membros do corpo lhe faz recolher a garupa de fórma, que vem a ficar unidos, aligeirando-os nos movimentos da redea, e abrindo-os de pés, e mãos áquelles, que naturalmente ſaõ fechados.

O modo de os facilitar a que andem atrás, ſerá carregarlhe o Cavalleiro ſobre os rins, e ſerrilharlhe os cabeções com o movimento de ambas as mãos; e ſe tiver ſó o freyo, ſe lhe moveráõ as redeas ſuavemente com a maõ de unhas a cima; mas no principio ſerá neceſſario, que o Meſtre o ajude com a guia, e que com a vara lhe toque nos braços, como ſe moſtra na Eſtampa n. 6.

Se-

Segunda liçaõ para mandar o Potro.

SUppondo ao Potro já com algum apoyo para entrar a mandallo, lhe continuaráõ as lições ſobre os trotes, para que ſe vá deſembaraçando, e aligeirando cada vez mais: entende-ſe eſte exercicio com moderaçaõ, como já lhe diſſe, explicando-lhe o meu dictame, com o de outros Authores, que na profiſſaõ fazem ley.

Os Cavallos ſaõ animaes de pouca memoria, que até niſto andou a natureza liberal com elles; pois ſe a tiveraõ, ſe lembrariaõ mais facilmente dos ſeus trabalhos, e das ſuas ſemrazões, do que da boa doutrina, e concertada liçaõ; o que ſem duvida os obrigaria a porem-ſe em mayor defenſa. A próvida natureza ſuppre com a boa vontade, o que aos Cavallos lhe tira de memoria; por iſſo torno a recommendar, que as liçõeſ ſejaõ breves, e aſſim pódem ſer mais frequentes. Bem conheceráõ, que iſto he racionavel, porque fallando de dar liçaõ a hum Potro, devem juntar a doutrina, e criaçaõ, ſem que ſe opponhaõ; pois naõ haõ

de

de desfazer com o enſino o que intentaõ conſeguir com a educaçaõ delle; porque ſem eſte cuidado já mais chegaráõ ao fim pretendido.

Continuaráõ pois a trotar o Potro por direito, ſe o trazem ſolto; e ſe andar debaixo da guia, ſeja em torno, obſervando ſempre o manejo, que já diſſe de ferrilhar os cabeçõeſ; em tal fórma, que os movimentos das ſuas mãos ſe unaõ com os do Potro, o que lhe ſervirá para recolhello, e unillo; e tanto o uniráõ, quanto conformarem os movimentos das ſuas mãos, e cabeçõeſ com os do meſmo Potro. Eſtes movimentos os fazem as mãos, tendo as viradas unhas abaixo, ſó com movellas da parte de fóra para as meſmas munhecas; pois eſte baſtará para conſeguillo, ſe ſabem fazello; e ſe querem chamallo arriba para aligeirallo, tendo as mãos em frente huma da outra, faráõ o meſmo movimento de ferrilhar; com a differença, de que agora ha de ſer para cima, como quem eſfrega as unhas de huma maõ com as da outra; e a iſto conformaráõ as ajudas de pantorrilhas, ſonido de vara, e eſtallo de lingua, ſuſpendendo

Dous movimentos dos cabeçõeſ.

dendo o corpo; com o que obrigaráõ o Potro a levantarſe de diante, e a que vá pondo em ſeu lugar o peſcoço, e aligeirandoſe ſobre a maõ, entregará o lombo; que ſaõ os dous principios, em que devem pôr a intençaõ; pois conſeguidos, eſtamos bem; porque (fallando em proprio eſtylo de picaria) he ter reduzido o Cavallo.

Naõ poſſo, em quanto às liçõeſ, determinar o tempo, porque iſſo he privativo da prudencia do Cavalleiro; com tudo porém devo dizer, que naõ ſe atropelle com o goſtoſo deſejo de ver o fim ao ſeu intento; porque eſte o ſegura mais feliz, e ainda mais prompto, detendo-ſe o tempo conveniente: e bem aſſim ainda que o Potro ſe convide voluntariamente a mais do que lhe mandaõ, ſe deixem levar da ſua boa diſpoſiçaõ: a experiencia lhe moſtrará, que quando o Cavallo a paſſo fizer com perfeiçaõ huma couſa, lhe cuſtará muito pouco, que a faça a trote, e depois a galope. Trotando pois o Potro já por direito, já em torno a huma, e outra maõ, como fica dito no paſſo, continuaráõ dando-lhe ſuas paradas a tempo opportuno, procurando ſempre

pre fazello, quando vay bem; e parando melhor, affagallo muito; chamallo duas vezes atrás, e tornallo a diante; que ſempre he bom retocarlhe eſta liçaõ.

Tambem haõ de ſaber, que ſe o Potro ſe apoyar de maneira, que naõ baſtem os manejos dos cabeções, que ficaõ ditos atrás, para obrigallo, o chamaráõ a parar; porque com a boa parada, e com fazello ir atrás, e tornallo a diante, haõ de conſeguir o aligeirallo inteiramente, aſſim no apoyo dos cabeções, como no do freyo.

Iſto baſte por titulo de ſegunda liçaõ; ſendo preciſo dividillas, para que fiquem mais intelligiveis.

Parada do Cavallo.

HE a parada huma ſuſpenſaõ de toda a fuga, ou movimento; e aſſim deve todo o Cavallo ſaber parar (ſe he Cavallo meſtre) com as circunſtancias de obediente, prompto, com a cabeça alta, metendo bem a anca, e ficando firme ſobre a meſma trilha, em que ſe chama; porém no Potro (que he o de que ao preſente tratamos)

Como deve parar o Cavallo.

mos) ſe ha de obſervar a idade , diſpoſiçaõ, e força, com que ſe acha; pois, como já diſſe, lhe he muito prejudicial , ſe naõ tem os requiſitos neceſſarios.

Primeiramente ſerve para o ſuſpender daquella profiſſaõ, em que trabalha, e o faz obediente , e ſoffrido , e por ultimo chega a unillo; e a razaõ he, porque indo a avançar aquelle paſſo, ſentindo-ſe deter , levanta o peſcoço , recolhe o corpo , e mete a garupa , e com a repetiçaõ a quebra de fórma , que chega a unirſe.

Tanto que parar bem , andando a paſſo, ſe parará nos trotes , e depois nos galopes, e por ultimo nas eſcapadas , em que ſerá a parada mais violenta.

O modo de coſtumallo he deitando o Cavalleiro o corpo atrás, as pernas a diante , levantar as mãos para o peito , recolhendo-as , e coſtumallo à voz *Olá baſta*, para que vá entendendo-a , e ſe faça obediente ao preceito de ſeu amo : naõ querendo fazer tudo em hum dia, mas ſim pouco a pouco com muito ſocego ; pois como levo dito: *Ao Cavallo ardente , Cavalleiro prudente; e ao Cavallo ſoffrido , Cavalleiro activo.*

Trote unido.

REduzido já o Potro a trotar ſolto, e com reſoluçaõ, ſerá bem, que trote unido. Iſto ſe faz começando a trabalhar o Potro em terreno direito paulatinamente de dia em dia, recolhendo pouco a pouco, ferrilhando-lhe os cabeções, para que vá levantando a cabeça, e carregando-lhe o Cavalleiro o corpo atrás, para que melhor recolha a anca; pois com aquella reſoluçaõ, que até aqui tinha colhido de ir a diante, ſendo-ſe agora recolher, dobrará mais os braços, levantará o peſcoço, e meterá melhor a garupa, e ao meſmo tempo hirá tomando ſocego, e ſoffrimento: porém naõ ſe deve recolher muito nos primeiros dias; pois como os Potros ſentem tanto a uniaõ, ſe lhe fará mais penoſa, ſendo executada com demaſia; e poderá querer defenderſe com ſaltos, empinadas, e outras muitas defenſas, que buſcaõ para fugir à ſujeiçaõ; e neſte ſuppoſto ſe trabalhará ſuavemente, ſem o recolher mais do que aquillo, que puder tolerar a força, idade, e natural do Potro; por-

porque aſſentaõ todos os Authores, que a uniaõ nenhum Cavallo (por leal que ſeja) a ſoffrerá, ſe naõ for exercitada com ſuavidade por Cavalleiro prudente, e verſado neſta Arte.

Bem aſſim, quatro couſas ha muito importantes para a uniaõ dos Cavallos, e vem a ſer: os trotes em circulo curto, as boas paradas, e fazellos dar paſſos atrás, e a diante com as circunſtancias, que ficaõ já advertidas, e tambem as avançadas, como ſe dirá a diante com mais individuaçaõ.

Trote igual.

UNido já o Potro ſobre o trote, e que tenha colhido fleuma, e ſocego, ſerá bem que o iguale; ganhando pouco terreno, e avançando tanto com a maõ, como com o pé: iſto ſe conſeguirá com a boa ajuda do Cavalleiro, recolhendo, e affroxando mais, ou menos as redeas, quando for conveniente; pois ſe avança muito com a maõ, e deixa atrás o pé mais do neceſſario, ſerá preciſo ſuſpendello com a redea dos cabeções, quando vay a pouzar a maõ, e car-

regarlhe o corpo atrás, para que meta o pé, como ſe moſtra na Eſtampa n. 6.

Avançada.

AVançada do Cavallo he hum repelaõ violento, que ſe lhe faz dar, em que experimenta alguma leve ſujeiçaõ; pois ſe a naõ tiveſſe, paſſaria a ſer carreira; e ſe diſtingue della, por ſer mais curta, taõ ſómente de quarenta, até cincoenta paſſos geometricos, regulando-ſe mais, ou menos ao ſeu poder, e neceſſidade, que peça a occaſiaõ, ou motivo, porque ſe faz dar ao Cavallo.

Os effeitos, que produz, ſaõ deſembaraçar, unir, e meter eſpirito aos Cavallos fleumaticos, e pezados. Rompe o tempo às defenſas de detençaõ, e malicia; como ſaõ, empinarſe, recuar atrás, parar, deitarſe a terra, torcer a garupa a hum lado, baixar a cabeça, tirar couces, &c.

Conſta a avançada de dous movimentos muito uteis para a uniaõ, hum o de eſtender o corpo para ſe arrojar, e outro o de o recolher quando pára.

To-

f. 188

Avançar o Cavallo.

Todo o Cavallo, que houver de ſervir para a campanha, ou para a caça, deve ſaber avançar com muita promptidaõ, e obediencia; obſervando, que ſe naõ ha de parar de repente, mas ſim, que caya em galope, e detendo-o com ſuavidade pouco a pouco, que venha ficar em trote, com que levanta, e dobra mais os braços, por cauſa do brio, e ligeireza, que adquire na avançada.

As ajudas para ella haõ de ſer baixar a maõ para darlhe liberdade na redea, deitar as pernas a diante, e fallar-lhe com huma voz reſoluta, como *Via*; e ſe naõ baſtar iſto, ſe lhe chega a vara às verilhas com actividade, e por ultimo as eſporas, como ſe moſtra na Eſtampa n. 7.

Como ſe ha de enſinar a fazer os lados ao Potro, ou trazello à perna.

SUppoſto que o Potro eſtá já com algum apoyo, e ſe vay deſembaraçando nos trotes, he tempo de lhe fazer entender a perna; porque o Cavalleiro prudente nunca deve mandar ao Potro o que elle naõ pó-

pode, nem tem obrigaçaõ de entender; como ſe lhe mandarem partir a volta, ou o pozerem ſobre o quadrado, ſem que primeiro elle haja entendido o modo de ter ſujeita a garupa; como poderáõ queixarſe de que ſe deſviaſſe, nem como poderiaõ emendarlhe eſte defeito, naõ tendo obrigaçaõ de fazerlhe reconhecer, que o era?

Neſte ſuppoſto, por remate das liçõeſ antecedentes, que ſaõ as mais largas, e que mais devem continuar, poráõ o Potro defronte de huma parede em tres paſſos de diſtancia para o começar a trazer de coſtado, ou à perna, que he o meſmo; o que executaráõ deſta fórma: Porſe-ha o Meſtre à maõ eſquerda do Potro, prevenindo a quem eſtiver em cima delle, que lhe ponha a vara ao meſmo lado, e lhe arrime a perna eſquerda, deite o corpo hum pouco atrás, e chame a cabeça do Cavallo ſobre a direita, e com a redea dos cabeçõeſ da meſma maõ, de unhas abaixo, para melhor lhe levar a cabeça inclinada para eſta parte; pois a maõ eſquerda do Cavalleiro de unhas acima com a redea do freyo, deve levarlhe a eſpadoa, acompanhando-a tambem com a re-

redea dos cabeçõ̃es, que manda deter o Cavallo para que ſe naõ̃ poſſa voltar; e ficando o Meſtre ao lado eſquerdo com a guia na meſma maõ̃, e a vara na direita, faráõ̃ que parta direito, obrigando ao Cavallo a que cavalgue a maõ̃ eſquerda ſobre a direita, e que faça o meſmo com os pés, ajudando-o com a guia a que naõ̃ ſe volte, e com a vara a levarlhe a garupa. Em logrando que ladeye quatro ou ſeis paſſos, parallo, affagallo, e darlhe huma folha de couve; e logo fazendo-lhe dar quatro paſſos atrás, e tornar a diante da meſma fórma; porque eſtes quatro, ou cinco paſſos, que o Cavallo dá, para tornar a ganhar a parede, ſaõ̃ os mais opportunos para lograr o intento, fazendo-lhe reconhecer ao Cavallo o que lhe mandaõ̃, porque depois que chega a pôr a frente junto à parede, naõ̃ ſe capacita tanto, por ſe perſuadir a que o eſtorvo o obriga, e naõ̃ as ajudas: e aſſim ſegundo as for entendendo, o devem ir deſviando da parede, para que entenda que o corpo, e as mãos ſaõ̃ a parede, que o detem, e naõ̃ a que eſtá diante.

Mandando aſſim o Cavallo, veráõ̃ como

mo em todas as partes, que queiraõ trazello à perna, achará prompta huma parede meſtra, que lhe deſvaneça outro penſamento, que naõ ſeja obedecer; e porá em mais cuidado, que naõ ganhe terra atrás, do que a que cuide em ſahir a diante. Sempre que o Cavallo teime a naõ querer ladear, naõ porfiem com elle, mas fazerlhe dar paſſos atrás, e tornallo a diante, obrigando-o a que chegue à parede; pois, como já diſſe, he o meyo mais efficaz de o conſeguir.

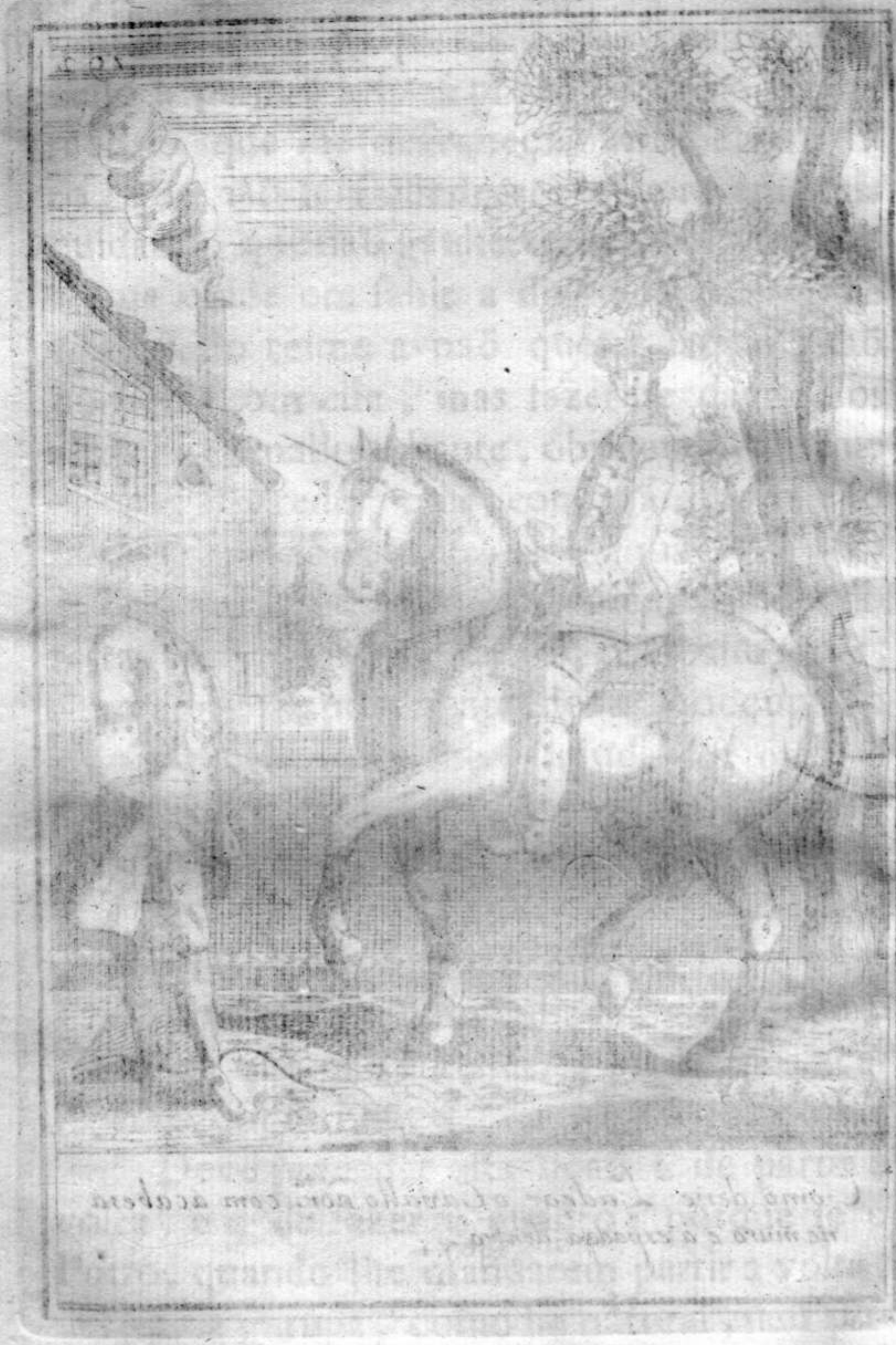
Tanto que aſſim o levarem ſobre a direita, dez, ou doze paſſos, chamallo atrás, e paſſando-ſe por diante delle a occupar o lado direito, trocarlhe as ajudas, e o mandaráõ ſobre a eſquerda, como fizeraõ ſobre a direita.

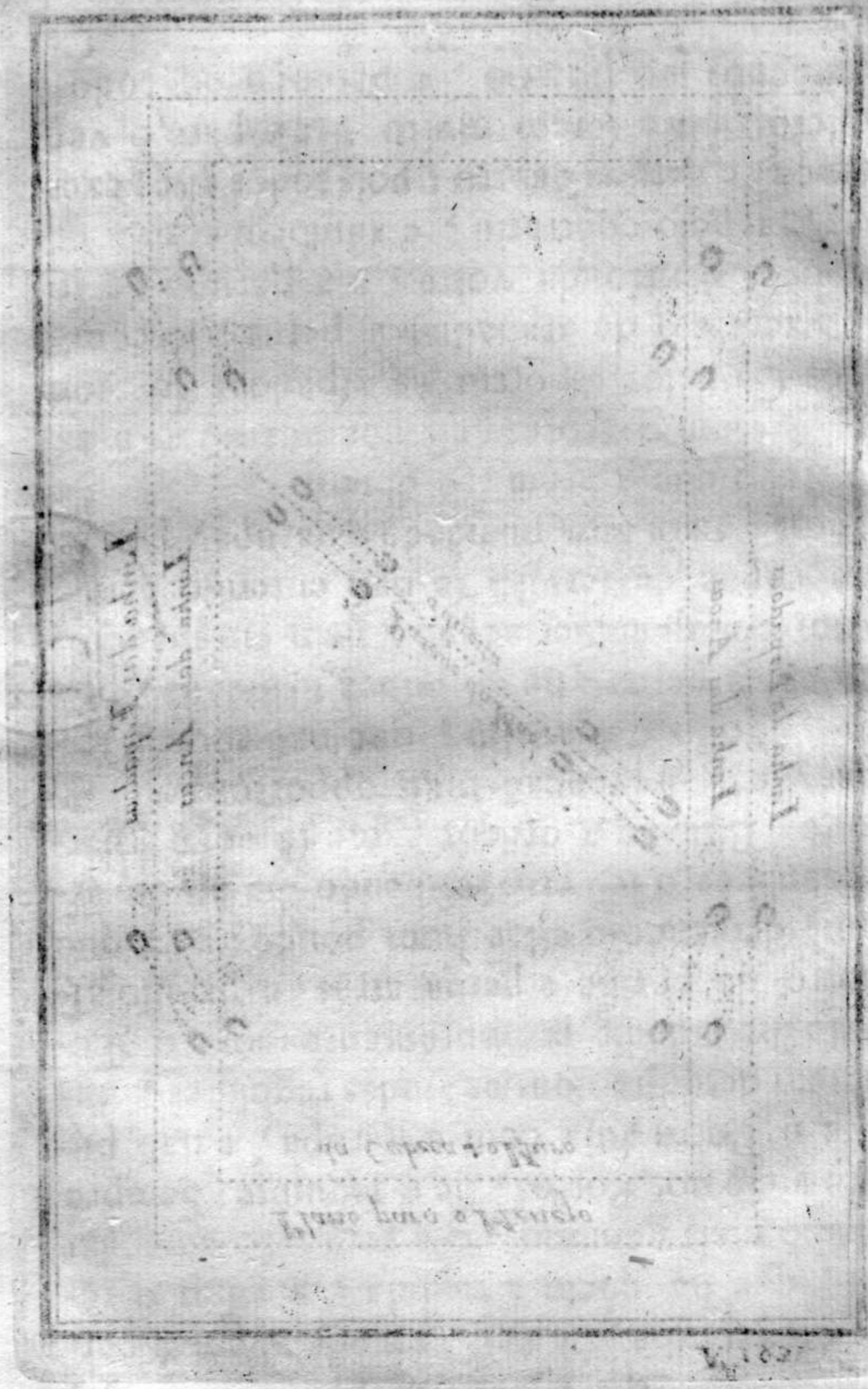
A importancia deſtas liçõ̃es he muito attendivel; pois aſſim o affirma Pluvinel a ElRey Chriſtianiſſimo, dizendo-lhe, que o Cavallo, que naõ entender a perna, por acaſo fará couſa boa.

Deve preceder eſta liçaõ̃ à de partir a volta, e a de fazer o quadro; porque ſe o Potro, quando lhe mandarem partir a volta, deſviar a garupa, como he natural, naõ po-

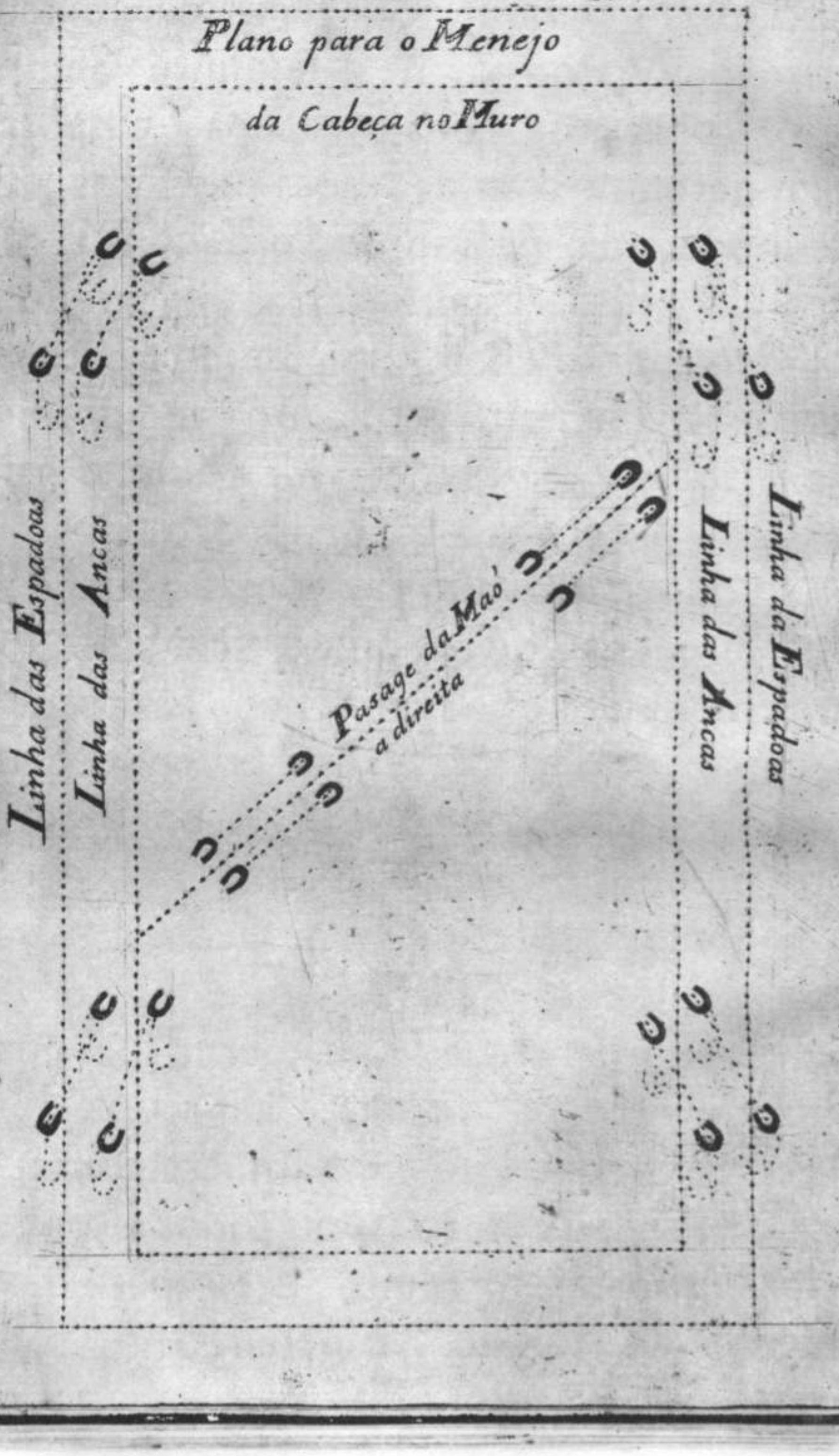
deráõ̃

Como deve Ladear o Cavallo adª: com a cabeça no muro e a espada dentro.





Plano para o Menejo da Cabeça no Muro



deráõ deterlha, ſe naõ entender bem a perna, que he quem a manda; e aſſim o remedio mais genuino, e a regra de emendar eſte vicio nos Potros, he a ſeguinte: Sempre que o Potro fuja com a garupa, e naõ puderem deterlha com as ajudas regulares, deveſe-lhe acudir promptamente com o ſoccorro de porlhe a perna atrás, e parallo aſſim, deixando-o eſtar hum pouco, para que reconheça o ſeu erro, fazendo-lhe algum affago. Eſta he a ordem, que ſe deve guardar, e a prevençaõ mais opportuna.

Todo o Cavallo, que naõ ſouber trabalhar à perna, he de pouca utilidade, pois nem em qualquer acçaõ, nem em manejo, he capaz de ſervir; ſe naõ entende bem a perna, naõ tem mandada a garupa, por ſer o freyo que a firma, e detem.

Com os trotes deſembaraçaráõ as mãos dos Cavallos, porém as eſpadoas ſó com o exercicio de trabalhar à perna, já com a cabeça dentro da volta, e a garupa de fóra, já pelo contrario, e tambem com a cabeça, e garupa dentro; pois todos eſtes exercicios ſobre ſerem muito uteis para o vencimento do lombo, e peſcoço de todo o

Cavallo, ſaõ os mais abſolutos para o deſembaraçar, e fazer habil, e ſeguro, e obrigallo a puxar mais os braços, tendo o cuidado de o ſuſpender: e tambem eſtas liçõeſ ſervem de abrir os braços aos Cavallos, que ſaõ fechados, e para os que tiraõ os braços por dentro, obrigando-os a que os puxem, e arregacem.

Eſtes, e outros remedios, que ha, deve ſaber, e uſar todo o Cavalleiro, pois aſſim lho explica a voz commua; e eſta de fazer hum Cavallo entre nós vale tanto, como ſe diſſeſſemos, porlhe o que lhe falta, e tirarlhe o que lhe ſobeja; pois ſe ſó ſe houveſſem de enſinar aquelles Cavallos, que pela ſua boa natureza naõ neceſſitaõ de mais, que moſtrarlhe as liçõeſ, pouco havia que eſtimar, e agradecer aos Cavalleiros: eſtes devem ſer como os Medicos, coadjutores da natureza, e emendadores della, para fazer novo coſtume ao Potro, e verificarſe aquelle proverbio: *Conſuetudo eſt altera natura.*

Niſto aſſentaõ todos os profeſſores deſta faculdade; e entre elles os mais claſſicos, D. Antonio Pluvinel, meſtre del Rey Chriſ-

Garupa no Muro

Debrie f.

F. 195.

Linha das Ancas

Garupa no Muro

Linha das Espadoas

Plano p.a o Manejo
da Garupa no Muro

Linha do meyo do Mancio

Linha das Espadoas

Garupa no Muro a direita

Linha das Ancas

12

Chriſtianiſſimo ; Pierre de la Nove Cavallaria Franceza, e Italiana ; D. Pedro Antonio de Ferrara ; Joaõ Bautiſta Pinhatel ; e por todos o grande Miſſer Colla Pagaõ de Napoles, e Salvador Jordaõ de Sicilia. Veja-ſe a Eſtampa n. 8.

Quarta liçaõ, como ſe deve partir a volta.

ESta diſtribuiçaõ das lições ſó attende a inſtruir os Cavalleiros no methodo, que devem obſervar ſobre o modo ſucceſſivo de uſallas, aſſim para adiantar o Potro, como para que com eſta ordem facilitem a ſua repugnancia, naõ lhe dando cauſa com o intempeſtivo da eſcola, a que buſquem meyos para a ſua defenſa ; pois já diſſe que o tempo, e a opportuna applicaçaõ dellas ha de governallo a ſua prudencia ; porque eu ſó poſſo adiantar a noticia, de que ſeguindo eſtas regras, acharáõ com a primeira liçaõ vencido o Potro para a ſeguinte, e aſſim para as de mais.

Ponho por exemplo : temos o Cavallo com apoyo baſtante em termos de deixarſe mandar, com a noticia de que a perna

manda a garupa, como o freyo, e cabeções, o meyo do corpo a diante; reſta agora porlhe as eſporas, para que comece a entendellas: e porque o temos até aqui mandado geralmente, agora entramos a mandallo por partes; e ſendo aſſim que o Cavallo do meyo corpo atrás naõ tem outro freyo, mais que a perna, e eſporas, devo pôrlhas, pois lhe peço o uſo dellas.

Contentarmehey neſta liçaõ, com que partaõ a volta methodicamente ſegundo as regras da boa eſcola, que nella ſe deve fazer pela ametade do circulo, e pela linha do diametro, que o divide, ſem que ſe trote, até que chegue a pizar com os braços a linha do circulo, ou quadro, em que trabalha, como veráõ na Eſtampa ſeguinte: para o que o Meſtre tendo a guia na maõ, ou eſtando ſem ella, deve deſamparar o centro, ſegundo a ſua intençaõ, ſe a parte com animo de mudar de maõ, paſſando-ſe ao lado em que ha de ficar; e ſe a parte com o intento de proſeguir ſobre a meſma maõ em que vem, ha de ficar daquelle meſmo lado; pois deſta fórma a guia naõ embaraça, e o Cavallo paſſa livremente; o que

naõ

naõ ſuccederá, nem póde ſucceder, ſe o Meſtre naõ tem eſta precauçaõ; e he cauſa de cometter dous erros muito grandes, e riſiveis: o primeiro he, que voltando o Cavallo a cara para partir a volta, e vendo o Meſtre defronte, immediatamente ſe furta, ou arrebata; ambos feyos, e intoleraveis: o outro, que devendo o Cavallo partir a volta firme, e direito, naõ o faz, pois ſe troca aſſim que vira a cara.

Eſte modo de partir a volta he principio para enſinar o Cavallo nos manejos de firme a firme: conſiderem agora, que proporçaõ terá enſinallo a deſviarſe para o fim de firmallo, e quadrallo.

Eſtamos em partir a volta, e ter poſto as eſporas, dizendo, que as haveriaõ miſter; e me preguntaráõ o para que? E como o interrogatorio he juſto, aſſim reſpondo: O Cavallo no circulo leva huma frente; para partillo chamaõ-no a outra, que faz hum quarto de converſaõ; neſte he natural, que o Cavallo, ao compaſſo que lhe chamaõ a cabeça, e quarto de diante, elle deſvie a garupa, ſe a perna, e a eſpora lha naõ detiver, obrigando-o aſſim, a que os bra-

braços cavalguem, e o corpo rode, ſujeitando-lhe a garupa, para que os pés ſó ſe movaõ o preciſo, a que o quarto de diante ganhe o terreno, que lhe correſponde. Entenderſe-ha melhor com eſte exemplo.

Huma fileira de ſeis Soldados, quando ſe lhe manda fazer hum quarto de converſaõ à direita, aquelle ſobre quem ſe faz o quarto, repararáõ que ſó ſe move; porém aquelle a quem toca a parte de fóra, tem mais que andar; e iſto he o que repreſenta o corpo do Cavallo com os pés ao que eſtá dentro, e com os braços ao que vay por fóra.

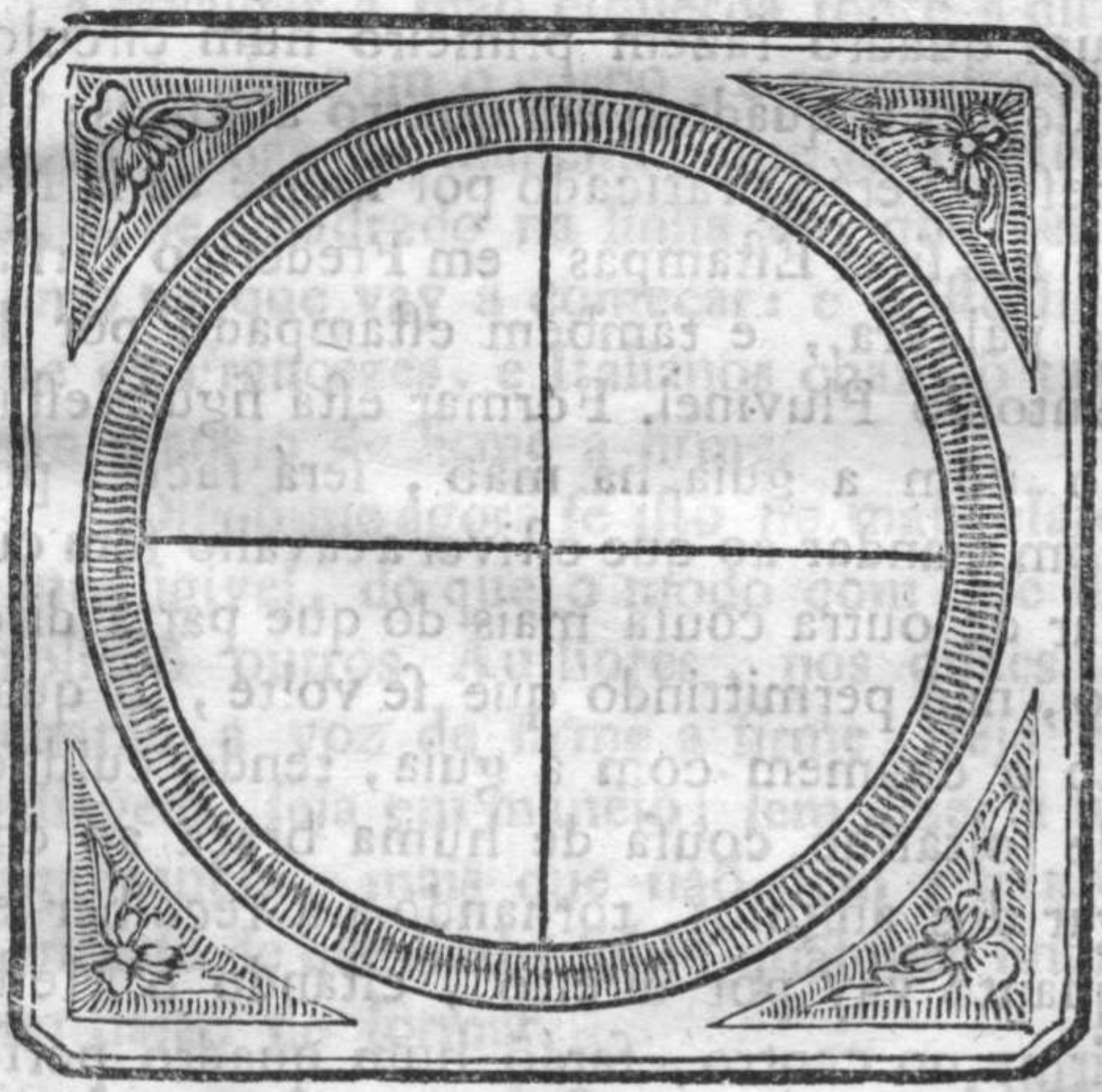
Creyo poderáõ entender aſſim iſto, como o que tenho advertido de ſer huma liçaõ diſpoſiçaõ para a outra, pois com eſta ſe achaõ no caſo uſando da perna, e eſpora, para que o Cavallo naõ fuja com a garupa, nem ao tempo de começar a partir a volta, nem ao de acaballa, para quando chegar à trilha do torno, trocando-lhe as ajudas, o façaõ mudar de maõ.

Naõ me parece dizer mais ſobre eſte aſſumpto, por naõ confundir, e naõ fallar contra o meſmo, que tenho propoſto de

naõ

naõ ſer poſſivel formar hum Picador, nem hum Cavalleiro por relaçaõ; porém ſe tem os principios correſpondentes, me perſuado, que com eſte modo de explicaçaõ baſtará para obrar methodicamente, e ao menos para que ſe naõ ria quem o entender, vendo o obrar, como quem pertende o acerto: e para melhor intelligencia, vejaõ a Eſtampa ſeguinte.

Como ſe deve partir o Circulo.



Quin-

Quinta liçaõ do quadrado.

CHegamos ſem deſgraça a tratar a liçaõ de proveito, pois até agora andamos dando voltas obrigados da neceſſidade de naõ eſtar o Potro em eſtado de fazer couſa de importancia. Naõ he de eſtranhar, que eu haja poſto o Cavalleiro em redondo, para depois o pôr em quadrado: todos os Mathematicos o fazem aſſim; para formar hum quadro fazem primeiro hum circulo, e depois o quadraõ em quatro angulos; iſto meſmo veráõ praticado por Pierre de la Nove nas ſuas Eſtampas, em Frederico Griſaõ de palavra, e tambem eſtampado por D. Antonio Pluvinel. Formar eſta figura eſtando com a guia na maõ, ſerá facil; pois com mandar ao que eſtiver a cavallo ſem cuidar de outra couſa mais do que parta direito, naõ permittindo que ſe volte, ſó quando o chamem com a guia, tendo cuidado de ſoltarlhe couſa de huma braça ao chegar dos angulos, tornando-a a recolher em quanto vay por direito, eſtando o Meſtre firme no centro, faráõ hum quadro perfeito,

to, pois o tiraõ a cordel. Para ſe fazer iſto bem, e com proveito do Cavallo, haõ de cuidar em que vá ſempre firme ſobre a guia, tocando, e apoyando nella como ſobre as redeas dos cabeçõeſ; advertindo iſto meſmo ao que eſtiver em cima, que fazendo-o aſſim, e obrigando-o a que vá direito, lograráõ, que ao chegar do angulo, como ſe lhe acaba a guia, ſe ache preciſado a accommodar o corpo de fórma, que faça o angulo vivo, e perfeito, vendo-ſe preciſado a cavalgar a maõ eſquerda ſobre a direita, rodando com o corpo, e accommodando as pernas de maneira, que ſe apreſente tanto de quadrado na linha em que vem, como na que vay a começar: e a iſto he a que os Francezes, e Italianos chamaõ tambem manejo de firme a firme.

Digaõ-me agora ſe iſto he mais claro, e intelligivel, do que o modo com que lho explicaõ outros Authores, nos quaes ſó acharáõ a voz de firme a firme, ſeja em paſſagem, ſeja em manejo; ſem dizer a ſua importancia, mais que naõ dem a frente, pondo-ſe de quadrado ſobre qualquer linha, que hajaõ de formar.

Olhando iſto direitamente ao fim, que poderáõ ter entendido na explicaçaõ das meyas voltas, e Pirueta; de que o Cavallo, em qualquer manejo que ſeja, e em qualquer movimento que faça, eſtando de quadrado, ſe ache prompto, e diſpoſto para o que quizerem contramandarlhe; pois o tem de firme, e cubertos os teus flancos, que vem a ſer os dous lados.

O modo que haõ de obſervar deſde que começarem a formar eſta figura ſobre paſſo, trote, ou galope, ha de ſer eſte: Antes de chegar ao angulo dous, ou tres paſſos, haõ de dizer ao que eſtiver a cavallo, que comece a recolhello, firmando-ſe mais ſobre os eſtribos, com as demais ajudas prevenidas para a ligeirar, e chamar o Cavallo acima com o freyo, corpo, e pernas, fazendo-lhe ſentir mais a da parte de fóra; pois aſſim lhe faráõ entender, que o vaõ a prevenir para o voltar; o que fará com facilidade, ſó com lhe voltarem a maõ da redea ſobre a outra linha, em que ha de proſeguir, tendo-lhe para iſſo firme a garupa com a perna de fóra; porque preparado aſſim o Cavallo, ſó ha que fazer levarlhe a eſpadoa;

doa, pois o de mais já eſtá prompto com o recolhido; e tanto, que devem cuidar muito naõ ganhe terra atrás, que he muito feyo, e eſtá expoſto a fazello, ſe as pernas naõ eſtiverem promptas; porque ſem eſta circunſtancia, nem calvagará, nem rodará.

Naõ deſprezem a menor advertencia de todas eſtas, porque nellas conſiſte todo o primor, e toda a eſſencia de manejar hum Cavallo ajuſtado, e com ordem: pódem eſtar certos, que em lhe fazendo bem o Cavallo, e o Cavalleiro eſta figura, teráõ pouco que vencer em outra qualquer; e que o fazer bem eſtes angulos he final de eſtar bem viſto em todas as ajudas, aſſim o Cavalleiro, como o Cavallo, e que eſte tem bem vencido o peſcoço, e cabeça, e bem mandada a garupa, que he o tudo. Tambem neceſſita eſtar bem ſolto, e deſembaraçado nos trotes; porque aſſim eſta, como outra qualquer figura, ſeja a paſſo, trote, ou galope, contém todo o primor na boa igualdade com que ſe deve executar; pois naquelle meſmo ar em que começarem a obra, neſſe a devem continuar, e acabal-

la, guardando ſempre o meſmo tom, e cadencia; e como pela experiencia conheceráõ, que ſe o Cavallo for trotando por direito, e começarem a chamallo, e prevenillo para a volta, eſte a deve fazer cavalgando, e rodando, cujos contratempos, naõ eſtando bem deſembaraçado, lhe deteráõ, e perturbaráõ o ar, e tom que leva.

Deve ſe trabalhar neſte manejo com cuidado, e ſatisfaçaõ; porque eu prometo, que tanto que tiverem o Cavallo prompto, reſoluto, e ſeguro nelle, o tem inteiramente feito para tudo; porque naõ achará difficuldade em outro, nem em porſe nos galopcs muito regulado; pois em qualquer dos angulos, que lho permittaõ, ſe levantará a galope devidamente bem unido, com pé, e maõ correſpondente, e ainda em ſeu ar natural; porque ſabendo já deterſe juſto, e regulado, naõ ha motivo, que o obrigue para naõ ſahir muito firme, ſocegado, e ſeguro.

Naõ poſſo deixar de dizer (ainda que naõ correſponda a eſta liçaõ) que de naõ terem os Cavallos eſte principio, naſcem as ſuas deſordens, e os erros dos ſeus enfreamentos,

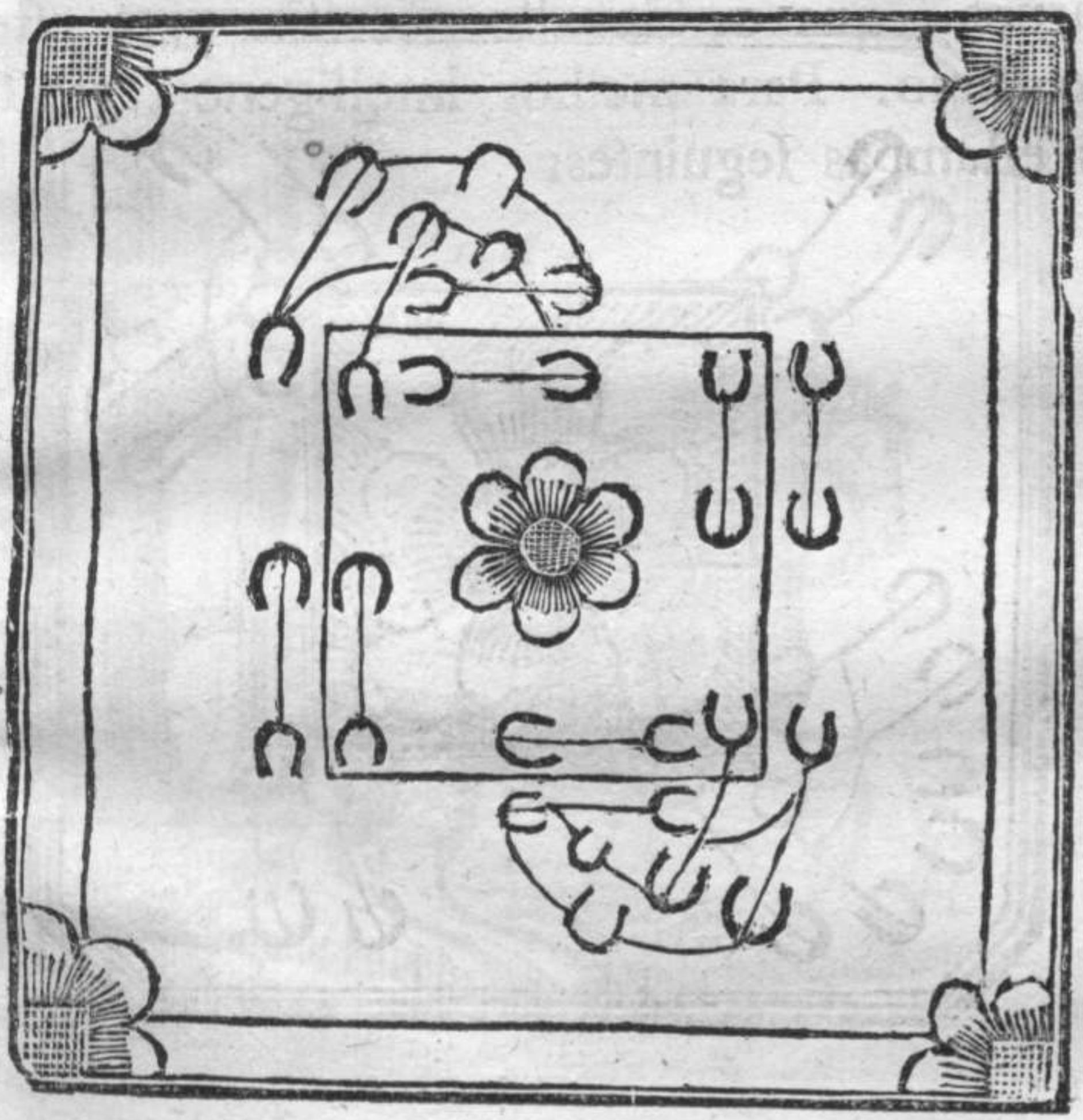
mentos, o que conheceráõ pela experiencia; pois tanto que o Cavallo ſouber deterſe, entendendo bem as ajudas, eſtará habil para accomodar os ſeus braços, e pernas, vencido o lombo, ſegundo a neceſſidade do que ſe lhe manda. Sabendo uſar de hum, e outro, o tem em eſtado de que naõ ſinta, nem ache difficuldade, que o mova a apoyarſe, abandonarſe, nem a tirar pelo freyo, que ſaõ os caſos, em que os Cavallos ſe poem em deſordem, que naõ acharáõ naquelles, que enſinarem ſegundo os preceitos ſobreditos.

Deſde que ſe começa a dar liçaõ por eſte methodo, acharáõ prevenido, e de novo recommendo, que aſſim que o Cavallo ſe apoyar com demaſia, e exceſſo, acudaõ logo a aligeirallo com as ajudas do corpo, pantorrilhas, ſonido de vara; ferrilhar de cabeções; e ſe porfiar, parallo fazendo-o ir atrás, e tornallo a diante; pois aſſim ſe reduzirá a tudo quanto quizerem.

Sobre eſte quadrado ſe fazem differentes figuras, e por differentes modos, e ſaõ tres os mais communs: hum levando o Cavallo direito; outro levando o Cavallo com a ga-

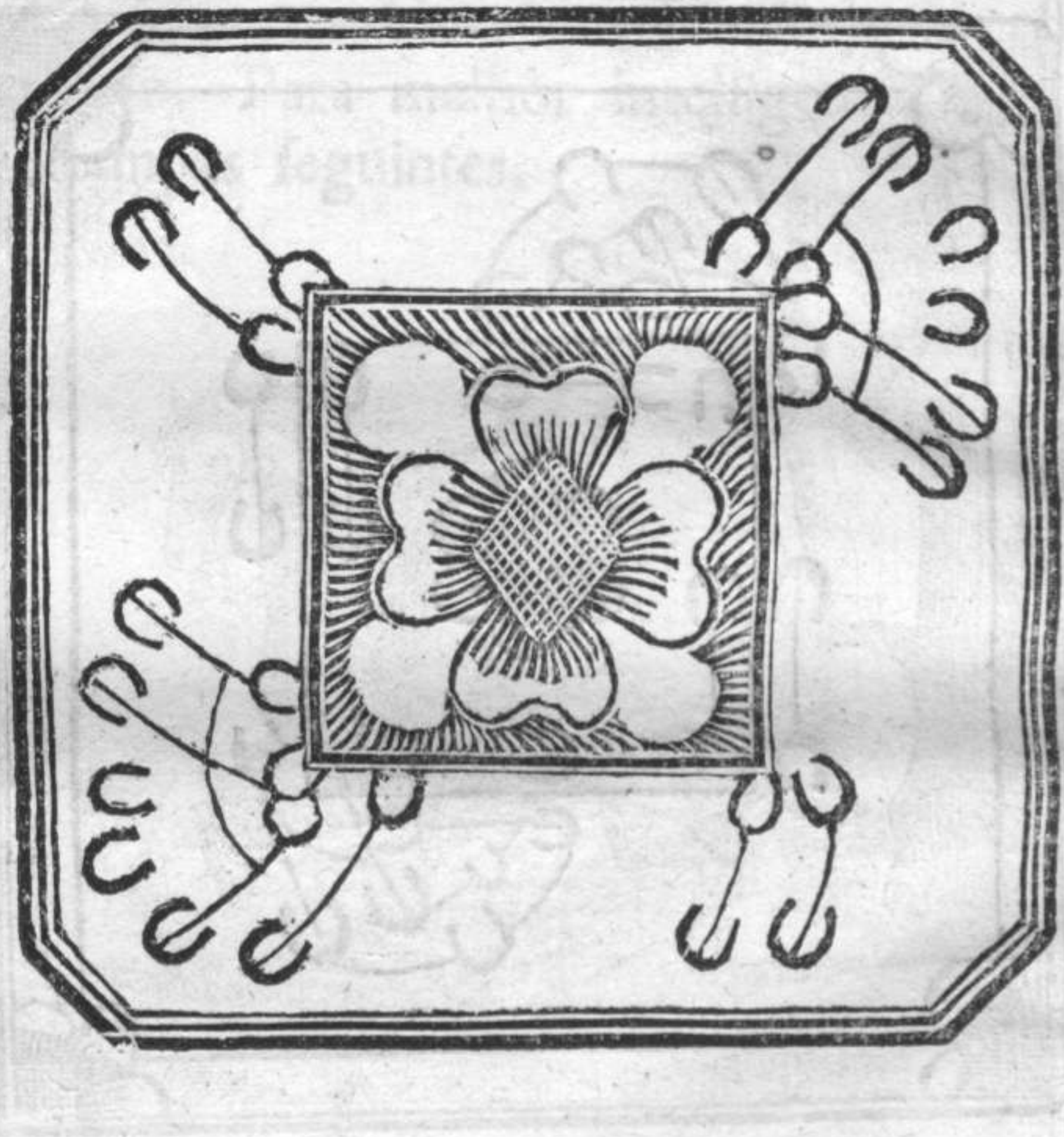
a garupa dentro, de maneira que faça com a trilha dous quadrados, hum com os braços, e outro com as pernas, e o terceiro com a garupa, e cabeça dentro da volta: eſtes dous ſó ſervem para moſtrar a habilidade, e primor do Cavalleiro, e de utilidade ſó tem o vencimento de peſcoço, e garupa, que o Cavallo neceſſita para eſte exercicio. Para melhor intelligencia vejaõ as eſtampas ſeguintes.

Como o Cavallo deve trabalhar por direito, fazendo só volta nos angulos do Quadrado.



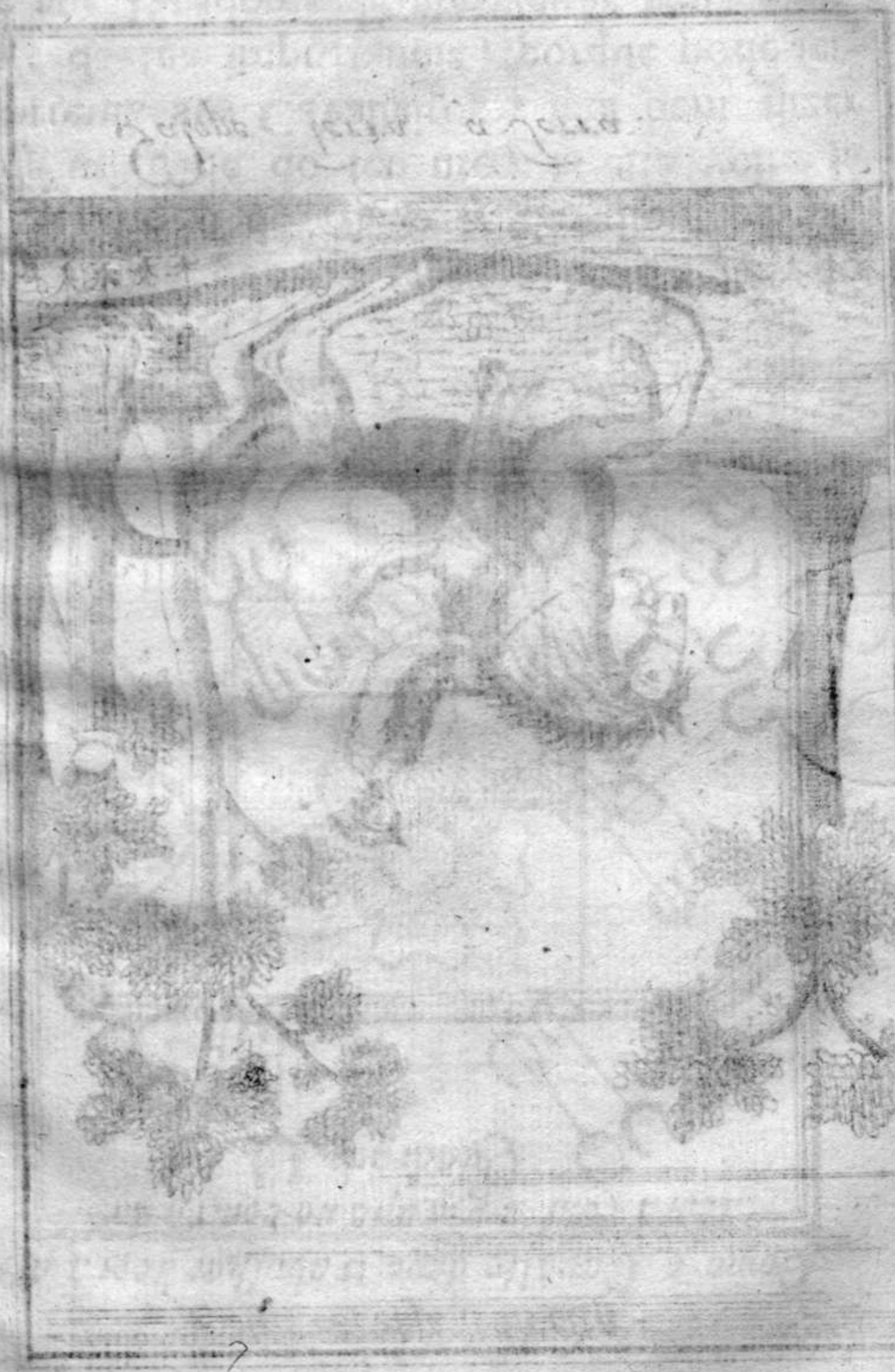
Co-

Como o Cavallo deve trabalhar terra a terra com a garupa no centro do Quadrado.

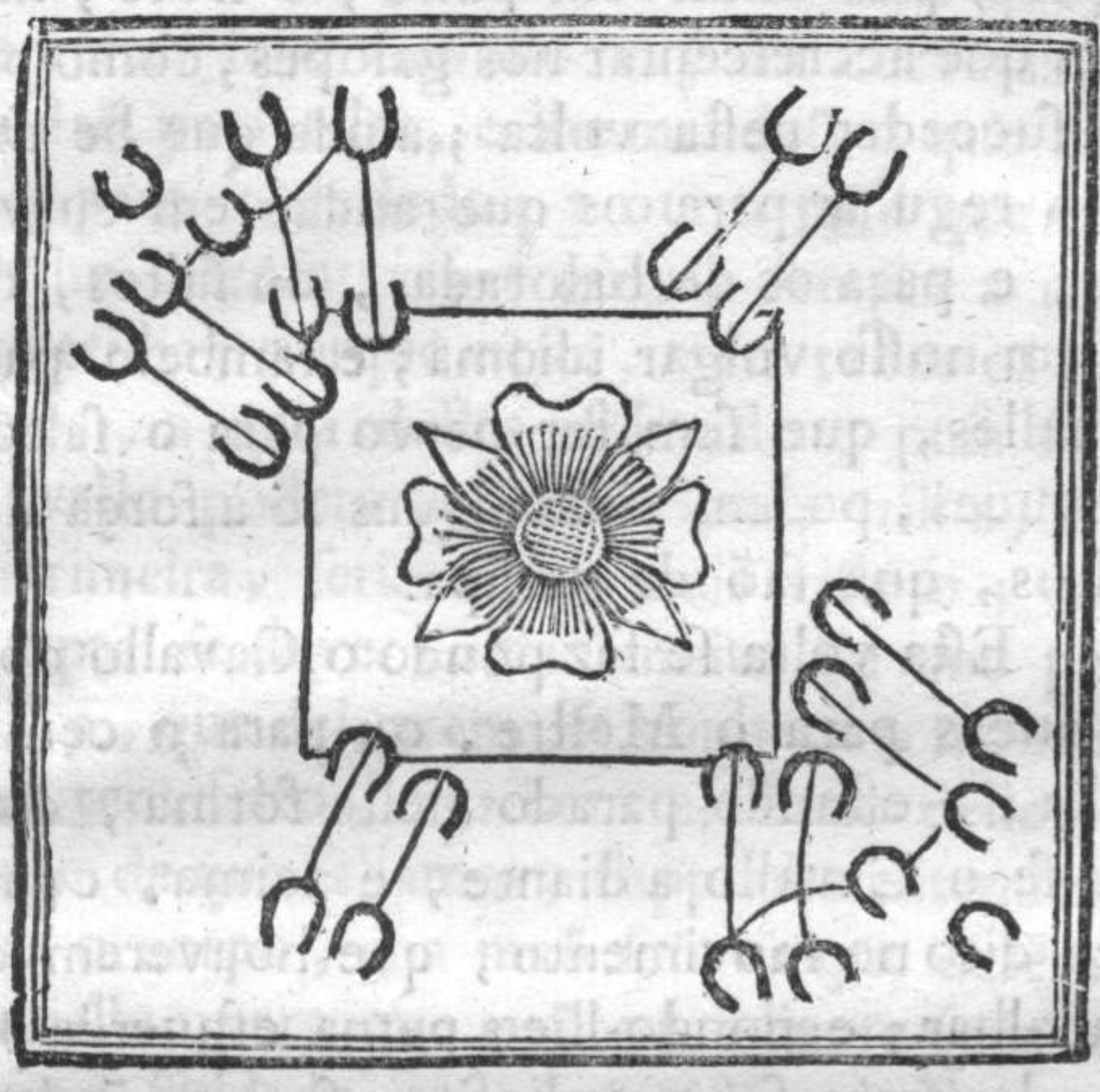


Museo Real
208
C1

Galope Terra a Terra.



Volta reverſé à direita



Sexta liçaõ. Da volta inteira.

AInda que na terceira liçaõ falley do modo de trazer o Cavallo à perna, e da utilidade do ſeu uſo, e eſta volta já a propuz aos Cavalleiros ; ſerá bem dizer mais da ſua importancia, porque póde ſervir aos Picadores de aproveitar mais algu-

ma couſa ; e tambem porque niſto de eſcola naõ trato particularmente liçaõ de galopes ; pois ditas em paſſo , e trote , naõ tem que accreſcentar nos galopes , como póde ſucceder neſta volta ; ainda que he manejo regular para os que andaõ em curvetas ; e para os de balotadas , ou ſaltos , dito em noſſo vulgar idioma ; e tambem para aquelles , que ſem ter nervo para o ſalto , e couces , podem tirar alguns ſó à força dos ſoltos , que ſaõ de garupa.

Eſta volta ſe faz pondo o Cavallo com as ancas para o Meſtre , ou para o centro della ; e eſtando parado neſta fórma , chama-ſe o Cavallo a diante , e acima , como fica dito no movimento , que houverem de trabalhar ; e pondo-lhe a perna eſquerda para o levarem ſobre a direita , formaràõ dous circulos , hum com as mãos , e outro com os pés , cuidando muito , que naõ ganhe terra atrás , porque he muito feyo , nem adiante , porque naõ he do caſo. Vejaõ aqui hum manejo , em que comprehenderáõ bem a preciſaõ , que fica dita na medida dos eſtribos , pela pontualidade com que as pernas ajudaõ aqui o Cavallo ; pois pantorrilhas , e eſ-

e eſpóras vaõ em hum continuado exercicio, já mandando, já ajudando, hum, e outro ſem intermiſſaõ, e tudo ſem que ſe perceba: ſe o Cavallo vay em curvetas, o ajudaõ para ellas, e lhe mandaõ o que baſte, para ir de lado; a outra para que naõ ganhe terra atrás, e guarde ſempre a meſma trilha; porque neſte, e em todos os manejos, a gala delles eſtá niſto; pois ſe o Cavallo podera naõ fazer mais trilha, que a primeira, ſeria tanto mais viſtoſo; mas ſempre ſe deve cuidar muito de que pela trilha, que deixarem, ſe conheça o manejo, que tem feito, e o bem ajuſtado delle, e neſte de que fallamos, ſupponho entendem, que o corpo, e a maõ ſaõ os que detem o Cavallo, para que naõ vá adiante (tenhaõ muito cuidado neſtas preciſões.) Em cada curveta, tres vezes póde o Cavallo ganhar atrás, ou adiante, ao levantarſe, ao firmarſe ſobre as pernas, e ao cahir da curveta, em todos eſtes tempos tem contingencia, ſe o Cavallo ſe naõ acha igualmente ajudado, e mandado: as pernas aqui ſaõ as que fazem mais obra; porque ſobre os ſeus officios de ajudar, e mandar, ſe lhes accreſ-

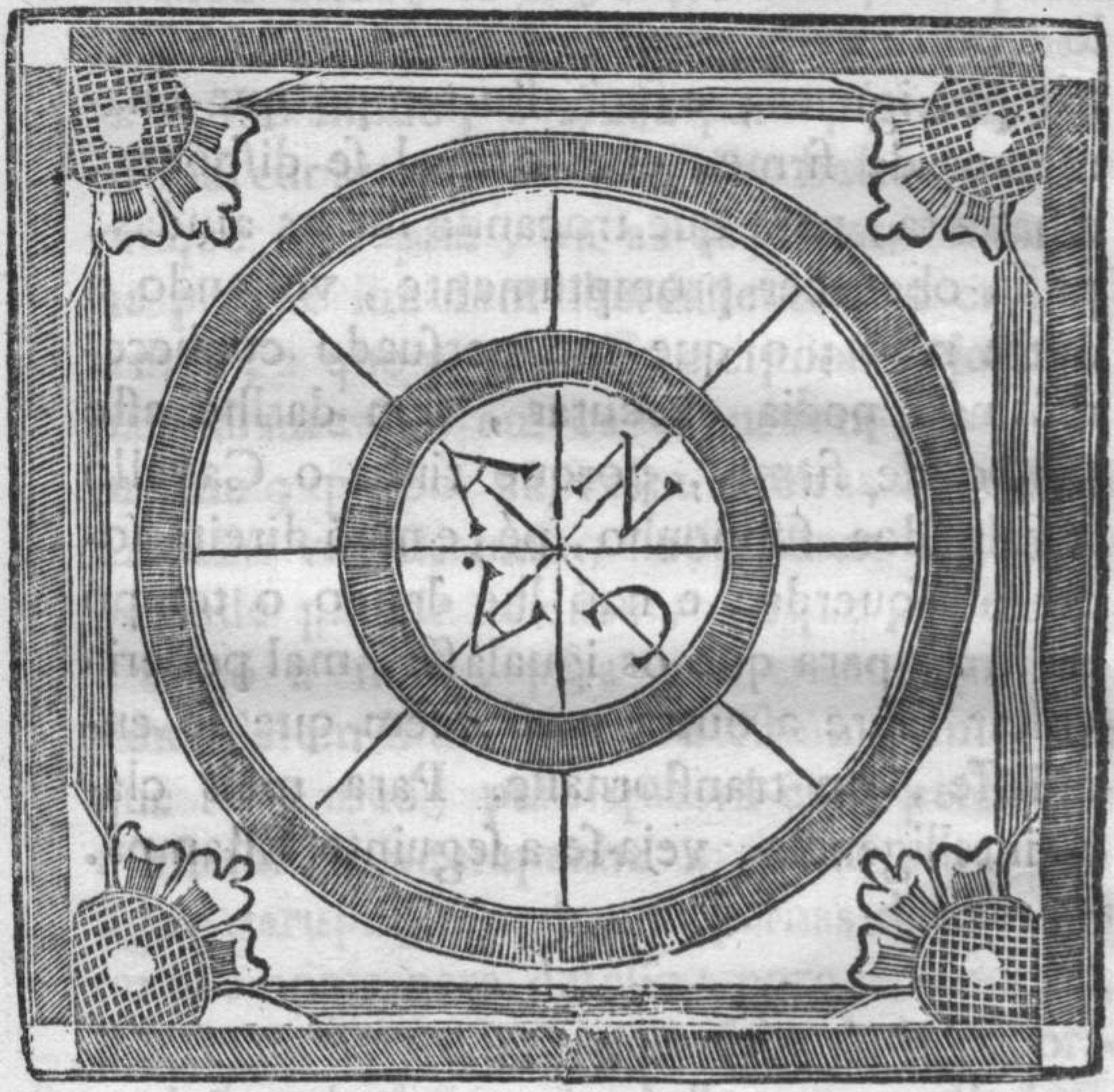
centa o cuidado de emendar qualquer leve deſcuido do tento da maõ, e corpo; porque indo eſte mandando, e ſuſtendo o Cavallo, qualquer couſa que o obrigue mais, he cauſa de o fazer perder o terreno, ganhando atrás, ſe as pantorrilhas, e eſporas naõ acodem a eſta emenda.

Do modo, e ajuda para pôr o Cavallo em curvetas, já tenho dito baſtante: para que as repita, ou as faça para diante, he preciſo lhe dem liberdade com o corpo, e maõ; e que as pernas, e eſporas o lancem para diante; e em cada curveta repetir o meſmo; porém na volta inteira, em que o Cavallo vay de lado, naõ pódem darlhe liberdade para ir adiante, porque o detem, e viraõ a maõ, para que entenda a ſua vontade em ir de lado; e a eſte movimento, que faz a maõ, para que vá com peſcoço, e eſpadoa, acompanha a perna para que ſiga a garupa, e ambas as pernas devem eſtar promptas para detello; porque o corpo, e a maõ com eſta falta de liberdade o obrigariaõ mais do que he juſto, e neceſſario.

Fazendo ſe eſta volta de paſſo, ou de trote, deve-ſe advertir, que antes de mudar

dar de maõ, ſe ha de mandar fazer ao Cavallo hum tempo de firme. Deſejo que entendaõ iſto ; e aſſim digo, que vindo o Cavallo ſobre a direita, lhe arrimaráõ eſta perna igualmente com a eſquerda, que o vinha mandando ; o que obrigará o Cavallo a porſe de quadrado, ficando com os quatro pés iguaes ; e fará eſte tempo que chamamos de firme, com o qual ſe diſpoem, e habilita, para que trocando lhe as ajudas, poſſa obedecer promptamente, voltando à outra maõ ; o que me perſuado conheceráõ naõ podia executar, ſem darlhe eſte tempo de firme, porque tinha o Cavallo cavalgados, ſupponho, pé, e maõ direita ſobre a eſquerda ; e naõ lhe dando o tempo de firme para que os igualaſſe, mal poderia voltar ſobre a outra maõ, ſem que ſe enredaſſe, ou tranſtornaſſe. Para mais clara intelligencia, veja-ſe a ſeguinte Eſtampa.

Galope ladeado em curvetas ſobre a direita.



Nas curvetas deve-ſe obſervar o meſmo, pois ainda que neſtas naõ ha de adiantar o Cavallo pé, e maõ, mas ſim levar os braços muito iguaes, dobrando-os muito bem, e as pernas com a meſma igualdade, e bem recolhidas; com tudo iſſo deve-ſe obrigallo ao tempo de firme, antes de o voltar ſobre a outra maõ; pois vindo-o trabalhando ſobre huma, e querendo-o voltar ſobre a outra, ſem o prevenir com o tempo de firme, lhe faráõ cometter hum contratempo deſordenado, naõ podendo o Cavallo conſervar a devida igualdade em huma ſopreza taõ impenſada; que ao menos tem o riſco de que o Cavallo na primeira acçaõ ſe troque adiantando pé, e maõ, que lhe correſponder, preciſando a terem a neceſſidade de tornarlhe a explicar a ſua vontade, fazendo-lhe entender ſegunda vez a das curvetas; o que ſobre ſer dezar, he impericia.

Setima liçaõ. Meya volta.

EM quanto a eſtas duas lições he queſtaõ de nome o pôr huma antes da outra, pois da meſma fórma fará meyas voltas

tas o Cavallo, e o Cavalleiro, que fizer a volta inteira. He a meya volta hum dos manejos mais uteis para toda a funçaõ da guerra; e para o combate do homem a homem preciſo, e indiſpenſavel: compoem-ſe de quatro tempos, que vem a ſer, Diſpoſiçaõ, Obſervaçaõ, Converſaõ, e Concluſaõ. Explico melhor: finjamos huma linha recta, e que ſobre ella ſe ha de fazer a meya volta de galope, ou em curvetas; ſe chamará o Cavallo acima em hum, ou outro ar, e fazendo tres, ou quatro curvetas por direito, eſtas ſervem de eleger terreno, em que ſe ha de começar, e fazer eſte manejo; e por iſſo ſe chamaõ Diſpoſiçaõ, ſervindo de pôr o Cavallo naquelle movimento, em que ha de trabalhar. Feito iſto, arrime-ſe a perna eſquerda ao Cavallo, para que metendo a garupa dentro, fique o Cavalleiro em diſpoſiçaõ de poder explorar com huma viſta a linha, que deixa atrás. Neſta diſpoſiçaõ ſe fazem tres, ou quatro curvetas, que ſervem de obſervaçaõ, e em outras tres, ou quatro forma-ſe a meya volta, que ſe chama de Concluſaõ; e o ſaõ na realidade, pois eſtá concluida: e ſe ha de proſeguir, pre-

prepare-ſe o Cavallo com outra curveta de firme, em que tenho fallado, e fallarey; pois eſta deve preceder, ſempre que o Cavallo venha trabalhando ſobre a perna, e queiraõ chamallo ſóbre a outra; porque naõ fazendo eſte tempo de firme para preparar, e diſpôr o Cavallo, naõ póde deixar de embaraçarſe, e aſſim ſe deve ter entendido para ſempre. Preparado aſſim o Cavallo, ſe faça outra curveta trocando, e fazendo a quarta: póde ſe começar a outra meya volta, guardando os meſmos tempos de obſervaçaõ, converſaõ, e concluſaõ; e neſta fórma proſeguiráõ, cuidando em ſuſpender todo eſte manejo, antes que fraqueie o Cavallo.

Quero advertir como em todo eſte manejo, o eſſencial ponto ha de ſer o levar o Cavallo de quadrado, e ſempre de firme em firme, por ſer o antidoto contra o inconveniente, de que ſe poſſa abrir o Cavallo, ou outros ſemelhantes, que pódem ſucceder.

Todo eſte manejo, que tenho referido para ſe exercitar no picadeiro, he muito eſſencial, e preciſo para a guerra; accreſ-

centando-lhe a Pirueta, a que os Francezes chamaõ *Coup de piſtolet*; que entre nós vale por Acçaõ de piſtola, e de eſpada; e ſe deve executar aſſim: Sahindo a contender com outro Cavalleiro, e pondo-ſe em diſtancia proporcionada, partirá hum, quando o outro, em que gaſtaráõ os tempos que chamamos de diſpoſiçaõ; e eſtes ſeráõ mais, ou menos ao ſeu arbitrio: advertindo que ambos devem partir ſobre a direita, e conſervarſe ſobre ella, em quanto durar o combate; pois niſto differe eſte manejo feito em guerra, ou em picadeiro; porque neſte ſe muda de maõ em cada meya volta por bizarria; e na guerra naõ, pela neceſſidade que ha de ſe buſcarem ſempre pelo lado da maõ da eſpada.

Aſſim que paſſar o contrario, logo ſe devem começar os tempos de obſervaçaõ, para explorallo, e fazer quando, ou primeiro que elle, a converſaõ (agora conheceráõ ſe com propriedade ſe daõ a eſtes tempos os nomes que lhe correſpondem) e fará o Cavalleiro, quando o ſeu contrario, a ſua converſaõ, e concluſaõ, para ganharlhe a frente occupando a linha em que começou,

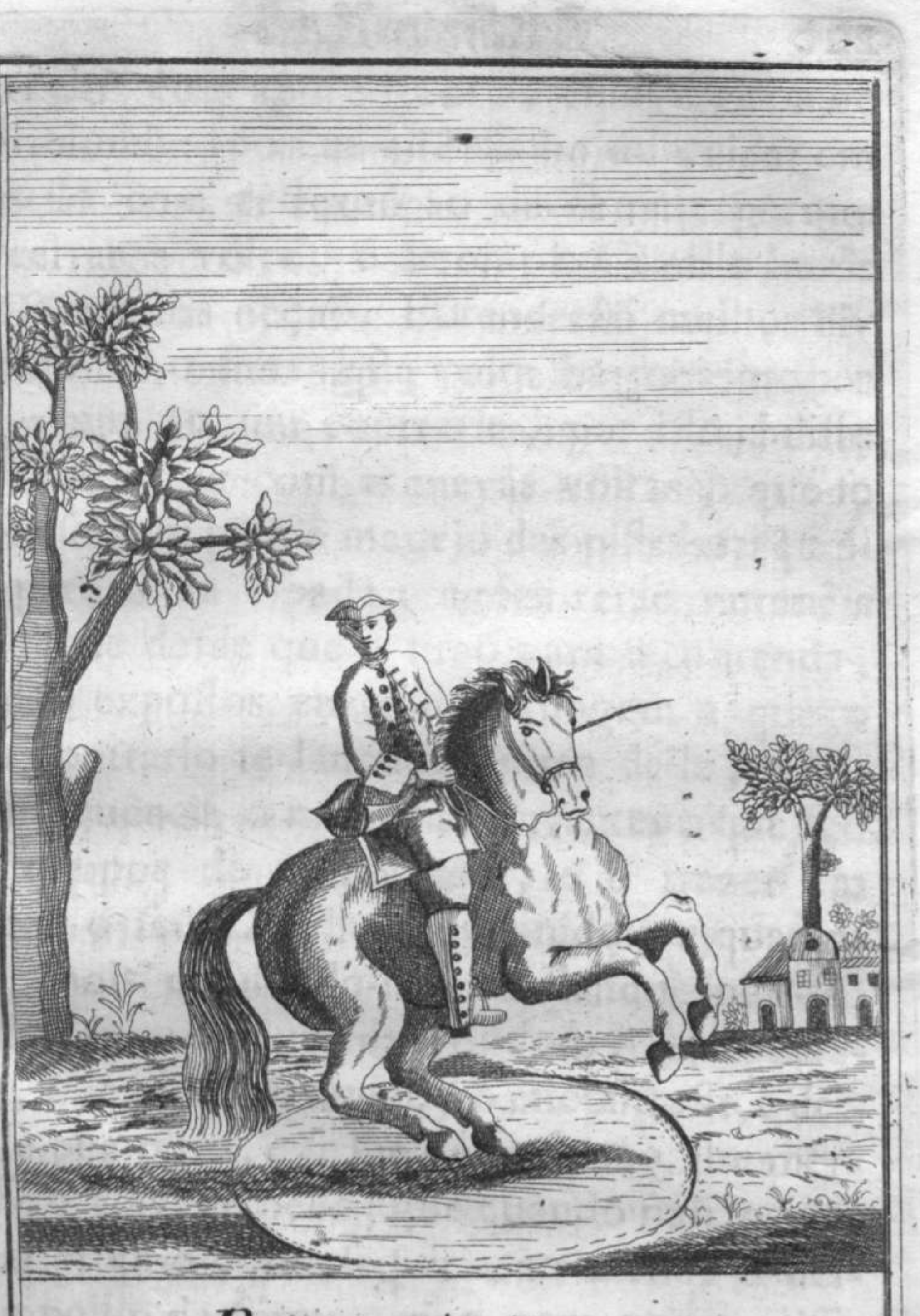
çou, ẽ naõ perdendo nem hum pé de terreno, pelo damno que ſe lhe póde ſeguir: tornando a paſſar, fará o meſmo, obſervando os tempos, e fazendo o ſua meya volta, aonde antes a tinha feito o ſeu contrario, pois aqui teráõ já trocado os lugares.

Neſtas paſſagens, tendo já diſparado as piſtolas, com que em tal caſo ſe achaõ em termos de lançar maõ à eſpada; fallando como Cavalleiro naõ poſſo deixar de advertir, que fazendo ſe eſte manejo em publico, ou à viſta do Exercito, (como em outro tempo ſe coſtumava) deve o Cavalleiro diſparar ao vento a piſtola, primeiro que o ſeu contrario, dizendo-lhe que he à ſua ſaude; pois em dar ao ſeu contrario a ventajem de deſcarregar a ſua piſtola, deixando-o a elle com a ſua carregada, faz huma bizarria; e o ſeu contendor, que ſerá, ou quererá parecer taõ guapo como elle, fará o meſmo; e ainda na ſeguinte paſſagem lhe previnirá com a outra, ſe ſe deſcuidar de fazello; porque eſte genero de duelos ſe remetem à eſpada; e eſta gloria de ſe fazerem priſioneiros naõ em os corpos, mas ſim em o pundonor; por ſerem eſtas as fe-

ridas mais ſenſiveis a quem as padece, como mais glorioſas a quem as conſegue; ſe logra ganhando-lhe a garupa deitarſe-lhe em cima, e deixando-o indefenſo, concederlhe a vida, que eſtá em ſeu arbitrio tirarlhe. Em o nome de paſſagens, que tenho dado a eſtas idas, e vindas, teráõ advertido, o porque ſe dá a eſte manejo o dito nome. Segueſe a Pirueta, por ella acabaráõ de reconhecer a importancia deſtas acçõeſ.

Pirueta.

A Pirueta, volta rapida, ou de eſpada, ſe faz aſſim: Vay o Cavallo galopando em curvetas ſobre huma linha direita: quer fazer a Pirueta, chame-ſe o Cavallo a hum tempo de firme, e mettendo-lhe a perna, e eſpora da parte eſquerda, o voltará ſobre a direita, obrigando-o a fazer em hum ſalto toda a converſaõ, e no ſeguinte toda a cluſaõ; que vem a ſer reduzir os quatro tempos da meya volta a tres; pois o primeiro que fez de firme ſuppre o de obſervaçaõ, que aqui naõ ſe dá, e o ſegundo he a converſaõ; e vejaõ que ſerve diſſo, e o ter-



Pirueta a direita.

Pinacia a diretta.

terceiro com que a fechaõ, equivale aos de concluſaõ: porém eſte ſe ha de cuidar em fazello com reflexaõ ao de firme; porque o cerrar a volta, e arrojar o Cavallo ha de ſer a meſma acçaõ. Entenderáõ melhor dizendo-lhe o fim: Eſta volta he para ganhar a garupa ao ſeu contrario, por iſſo já diſſe andava unida com as meyas voltas, que ſe eſtas ſervem para o manejo das piſtolas, aquella para o da eſpada; agora teráõ entendido, que deſde que a tiraõ para a contenda, andaõ expoſtos em cada paſſagem a que o ſeu contrario ſe lance em cima delle, e por conſequencia o muito importantes, que ſaõ os tempos de obſervaçaõ, e o trazer em todos o ſeu Cavallo muy unido, e quadrado; pois deſunindo-ſe, ou flanqueando-ſe, tem o riſco de que advertindo-o o ſeu contrario, que vinha deſunido, o encontraſſe, e deitaſſe por terra, e ſe lhe déſſe flanco, lhe metteſſe o Cavallo nelle; que quando naõ lograſſe o proprio, conſeguiria ao menos o deſcompollo de fórma, que com pouca difficuldade ficaſſe ſenhor da ſua garupa, e de lançarſe-lhe em cima, que em tal caſo he a ultima deſgraça; pois, como fica dito, ou

lhe

lhe tira, ou lhe perdoa a vida, que he o proprio, e como Cavalleiro fica incapaz de tornar a contender com elle; porque naõ póde haver acçaõ mais indigna, que uſar daquillo, que outro me dá em offenſa ſua: e aſſim neſte caſo, como o de cahirlhe a hum homem a eſpada, levantando-lha o ſeu contrario; ou parando na pendencia, dizendo-lhe que a tome; ou por acaſo cahindo, e o contrario (por mais bizarria) o mandaſſe levantar; em todos eſtes caſos a acçaõ mais heroica, que hum homem póde fazer, he confeſſarſe rendido; moſtrando neſte meſmo cumprimento da obrigaçaõ, que cede à fortuna, mas que eſtá taõ ſenhor de ſi, que o naõ faz ao valor: por todas eſtas circunſtancias, ainda que mal explicadas, a voſſa comprehenſaõ conhecerá bem, que eſta eſcola he grande, naõ ſó pela utilidade de ſaber, ſenaõ pela propriedade de enſinar; o que naõ deve omittir quem quizer deſempenhar a ſua obrigaçaõ.

Quero ſatisfazer de prevençaõ a huma duvida, que ſe póde offerecer, e ſerá eſta pergunta: Se o meu contrario tem taõ bom Cavallo, e o ſabe mandar taõ bem co-

como eu, quando chegará o caſo, que nós ganhemos a garupa? Reſpondo com o exemplo de dous, que jogaõ igualmente a eſpada, pois a razaõ he a meſma, que ſerá aquelle que eſtiver mais em ſi, ou tiver mais fortuna. Bem pudera accreſcentar algumas circunſtancias, que podiaõ ſegurar muito eſta ventajem, como ſaõ: o ſocego em mandar o ſeu Cavallo, o cuidado na ſua converſaõ; porque neſtes caſos, o mais inteiro eſtá mais ſuperior; podendo aproveitar ao Cavalleiro qualquer leve deſcuido, ou fraqueza em o ſeu contrario: mas ſe em tudo me derem igualdade, iſto naõ ſerá reſponder; e aſſim direy que lhe dou preceitos para naõ errar, ainda que naõ tenho juriſdicçaõ para ſegurarlhe a fortuna do acerto; e no caſo que hum combatente tenha melhor Cavallo do que o outro, o que deve fazer eſte, he moverſe ſobre o ſeu centro com a ponta da eſpada direita para o ſeu contrario, em ordem a que lhe naõ ganhe a garupa, nem os flancos.

Meya

Meya volta, à qual deve ſeguirſe à Pirueta.

Figura em que deve paſſear o Cavallo depois que eſtiver perfeito ; e o modo com que ſe ha de reduzir o que tiver diffi-culdade para iſſo.

SUpposto que até aqui naõ falley em huma couſa taõ importante , e neceſſaria , como he o paſſeyo do Cavallo ; foy por naõ eſtar ainda em aptidaõ com as circunſtancias , que ſe requerem para iſſo , por ſer a profiſſaõ de mais arte , e delicadeza em que deve ir ; e bem aſſim he preciſo , que eſteja já obediente , unido , ſocegado , firme da cabeça , e com hum grande deſembaraço de pés , e mãos.

Coſtumaõ alguns Cavallos naõ ſujeitarſe ao paſſeyo regulado pela Arte , por terem muita viveza de anca junta com muito eſpirito ; e aſſim marchaõ fogoſos a diante em huma eſpecie de movimento , que participa de paſſo , e trote , miſturando alguns ſaltos ſacudidos de lombos. A eſtes he neceſſario darlhe algumas avançadas , ou repelões de trinta paſſos , e parallos de repente , e fazellos dar paſſos atrás , e tornal-

los a diante , para que aſſim venhaõ a recolherſe de garupa : e naõ ſe emendando, ſerá neceſſario porlhe outro homem nas ancas , para que ſe recolha.

Sendo Cavallo muito ardente , ſerá neceſſario porlhe os antolhos , e tirallo a campo largo , aonde ſe lhe frequentaráõ as liçõeſ de paſſeyo ; e depois de oito dias de exercicio ſe lhe tiraráõ ; e ſe naõ ſe emendar , tornarlhos a pôr tantas vezes , até que o Cavallo entenda , que lhos poem para effeito de que paſſeye ajuſtado , firme , e unido , como ſe moſtra na Eſtampa n. 9.

Oitava liçaõ. Para galopar o Cavallo.

ANtes de tudo rogo aos Cavalleiros façaõ reflexaõ ſobre o methodico deſta eſcola.

Sendo , como he , bem ſabido , que entre todos os movimentos do Cavallo o trote he o ſeu mais natural , e aquelle em que ſente menos violencia ; e aſſim he taõ vulgar , quando ſe vê hum Cavallo trotaõ , o dizerſe que tem o paſſo da mãy ; como quem diſſera , que aquella graça naõ he adquirida

f. 226.

Como deve pasiar o Cavallo ~

D

quirida ſenaõ herdada ; he pois eſte movimento, por mais natural , como fica dito, o em que ſe enſina, e o em que ſe lhe vencem todas as difficuldades , que ſe podiaõ offerecer ao Cavallo em outros movimentos mais violentos. Com os trotes ſe tem aligeirado, com os meſmos ſe acha deſembaraçado: nos trotes lhe enſinaraõ todos os manejos, e lhe tem feito entender a perna, e conhecer as ajudas , e apoyado ſobre o freyo , e cabeções , com que lhe pozeraõ em ſeu lugar a cabeça, entende bem a parada ; e agora veráõ o pouco , que reſta para fazer. Suppoſtos todos eſtes principios antecedentes:

Quando pretendaõ levantar o Cavallo indo deſcuidado , ou froxo , ſe o querem com mais orgulho, levantarlhe-haõ hum pouco a maõ, virando-a de unhas acima (como tenho dito) firmando-ſe ſobre os eſtribos, fazendo-lhe ſentir mais os joelhos , juntando-lhe as pantorrilhas, e o movimento de lançar o eſtomago fora ; pois todas eſtas ajudas ſaõ as que chamaõ o Cavallo acima, preparando-o para o que houver de executar, e ſaõ previas para tudo , ſervindo para que

ſaia adiante, que em todas as acçõẽs he a primeira, e o diſpoem, prevenindo o para o que quizerem mandarlhe.

Sendo a galopar ſobre a direita, continuaráõ as ajudas, firmando-ſe mais ſobre o eſtribo eſquerdo, fazendo-lhe ſentir mais a meſma perna, eſtalo de lingua, ſoarlhe a vara, e ſe naõ correſponder, tocarlhe com ella no lado de fóra, ou nos braços, ou ventre, ſegundo a ſua difficuldade; o que tambem poderá obrigar a chegarlhe a eſpora do meſmo lado; e algum haverá que as neceſſite ambas: e niſto ſe ha de entender naõ eſtá a cauſa da parte do Cavallo, ſenaõ da parte do enſino; pois nos Cavallos, que ſe fazem para a guerra, para a caça, ou para outro trabalho ſemelhante, ſe lhe enſinaõ a ſoffrer mais as ajudas; porque aſſim ſaõ mais faceis de mandar, naõ eſtando taõ delicados: e deve ſer aſſim por boa regra, pois a todo o Cavallo ſe lhe deve proporcionar o enſino, attendendo ao fim para que ſe faz, aſſim como em algum de picaria he primor fazello taõ reſentido, e delicado, que prove bem o ajuſte, e habilidade de quem o mandar; em os que naõ ſaõ para iſto,

he

he juizo, e razaõ, que ſe façaõ com mais tolerancia para o ſerviço; porque eſtes taes Cavallos naõ ſaõ para tudo, nem para todos.

Neſtes, e em todos os mais modos de ajudar, e mandar o Cavallo, haõ de ter preſente, que ſe lhe dizem todos para que os ſaibaõ, mas haõ de uſallos ſegundo a neceſſidade o pedir; pois ſe ſahir com a primeira ajuda, eſcuſaõ a ſegunda, e as de mais; e ſe preciſa todas, todas lhas haõ de dar, e taõ promptas, que lhas haõ de unir, como ſe foſſe huma ſó; ſendo eſta uniaõ, e ſeparaçaõ de ajudas a prova do bom Cavalleiro, que ſabe mandar o Cavallo; e já ſe entende que eſta meſma regra ſe deve praticar ſobre a maõ eſquerda.

Reſta agora dizer o principal, e he, que ſahindo a galopar o Cavallo, he preciſo levantallo juſto, e bem unido, pois iſto ſe entende, ſahindo ſobre a direita, que ſeja levando diante o pé, e maõ direita, o que he unido, e juſto, levando o em ſeu ar regular, ſem mais, nem menos aceleraçaõ do que a que a eſte correſponde; e quando for ſobre a eſquerda, levará diante pé, e

maõ

maõ eſquerda. O conhecimento diſto tem ſua difficuldade, e ſe chama ſentir o Cavallo, que, fallando mais claro, he entender o Cavalleiro, percebendo do movimento do Cavallo que pé, ou maõ ſaõ os que move, qual deixa, ou qual adianta; porque ſahindo a galopar ſobre a direita, póde o Cavallo adiantar o pé, ou maõ eſquerda, o que ſe diz ir trocado, publicando, que o Cavalleiro naõ o entende; e ainda que ſaia bem, póde depois deſunirſe adiantando o pé, ou maõ da parte de fóra; o que tambem ſe diz ir falſo: e he grande deſar para o Cavallo, e Cavalleiro; pois a hum, e outro fazem igualmente notoria a ſua falta de habilidade, e intelligencia.

A eſtes caſos devem promptamentè acudir com o remedio, que ſaõ as ajudas: ſe vay deſunido de maõ, tornallo a chamar de novo, como ſe o prepararaõ para ſahir a galopar; e naõ ſe unindo, tocarlhe promptamente com a vara na eſpadoa de fóra, e tirarlhe pela redea do cabeçaõ da meſma parte: e ſe for deſunido de pé, o prepararáõ tambem, e lhe tocaráõ com a vara no ventre por cima da perna pela parte de fóra

ra ; e ſe naõ obedece, chegarlhe a eſpora do meſmo lado, e bem atrás, ſem deſcompoſiçaõ, que iſto o unirá: ſe continuar trocado, o baixaráõ ao trote, ſem que o deixem levantar aos galopes, até que ſaya unido como deve, fazendo-lhe para iſſo ſentir as mais fórtes ajudas, até que entenda com effeito, e obedeça à vontade do Cavalleiro ; e o meſmo faráõ em todas as mais deſordens.

Por regra geral tenho dito, que duas voltas ſobre a direita, e huma ſobre a eſquerda he que ſe devem dar ao Cavallo, naõ obrigando ao contrario razaõ particular: o que quero explicar he, que naõ façaõ deſtrocar o Cavallo, nem paſſallo de maõ, em quanto naõ eſtiver bem firme ; já ſeja galopando em torno, ou em quadrado ſobre a maõ direita, o devem parar primeiro, em quanto galopea, antes de o paſſar à maõ eſquerda ; e naõ faráõ o contrario, ſem que conheçaõ eſtar já bem firme, como advirto.

Devem tambem advertir com eſpecial cuidado o movimento, e ar de galope, a que o ſeu Cavallo ſe inclina ; porque aqui en-

entra a pedra filoſofal da intelligencia.

Entre os Medicos he aforiſmo o ſeguir por onde a natureza guia; e entre os Cavalleiros he ley. Naõ conſeguiráõ de nenhum Cavallo couſa louvavel fóra do ſeu ar natural; e a meſma razaõ dicta iſto meſmo, pois tudo o que he violento naõ deixa de ter diſſonancia, e no ponto que tratamos he taõ grande, que aquelle, que mais ſatisfeito ficar do ſeu trabalho, naõ tirará mais do que o tempo perdido.

Neſtas quatro palavras digo toda a eſſencia do Cavalleiro. Com a doutrina, que aqui enſino, bem obſervada reduziráõ, e concertaráõ todo o Potro, e todo o Cavallo, por reſabiado que eſteja: com eſſa meſma mal inſtruida reſabiaráõ qualquer Potro, por bom que lhe pareça, e acabaráõ de perder qualquer Cavallo, por melhor inclinaçaõ, e natural que tenha.

Ha couſa taõ facil, e taõ ſuave para pôr hum Cavallo ſobre as pernas, como he fazello dar paſſos atrás, e tornallo adiante? Pois affirmo que além de ſer taõ facil, nada he mais ſeguro; em lhe fazendo obſervar aquelle contratempo, que tenho dito,

(na

Galope â direita unido.

(na primeira liçaõ de fazer o Potro) e tornallo a diante, naõ ha pilar, nem couſa taõ deſcuberta que tanto o obrigue : e ſobre ſer iſto taõ certo, mais lhe ſeguro que neſta liçaõ ſe pódem reſabiar muitos Cavallos, huns porque ao começallos a trazer atrás, logo o Cavalleiro quer preciſallos a que o façaõ bem, e vaõ direitos ; e como para iſto he neceſſario quebrarlhe o peſcoço, e muitas vezes obrigallos a fazer força nos rins, que ainda naõ podem, nem ſabem ; eis-aqui dous motivos ſobejos, para duas aprehensões violentas no Cavallo, embeberſe, ou empinarſe. Devem-ſe contentar, quando pertendaõ no Cavallo couſa nova, ſó que a faça ; pois para o fazer bem, pede mais tempo, e outras circunſtancias.

O trote (como já diſſe) ſe eſcolheo para aligeirar, e deſembaraçar os Potros : em outro exercicio ſe fazem detidos, e irreſolutos muitos Cavallos, ſendo cauſa deſta deſordem, em vez de os raſgar, e romper com toda a liberdade, andallos recolhendo a cada quatro paſſos, querendo-os pôr ſobre as pernas ; o que lhe motiva os vicios ſobreditos, tirando-lhe a reſoluçaõ,

deixando-os ſó com o ſentido, e aprehenſaõ de ſe ir prevenindo a parar, e deterſe; ſendo eſte o vicio que ſe lhe pega com mais facilidade.

O partir a volta ſem a devida cautéla de os fazer deſtrocar, para que entrem certos, tem reſabiado a muitos Cavallos, ſendo eſte hum dos motivos porque ſe acha deſterrado o uſo dos pilares; porque como neſtes naõ havia o arbitrio de diſtinguirlhe ao Cavallo o modo de mandallo (por eſtar prezo) nem a facilidade de poderlhe acudir com algumas ajudas, que bem emendaſſem o ſentimento que hia tomando, ſe reſabiavaõ; e ſe achou que cuſtava mais o emmendallos quando ſahiaõ, do que lhe aproveitava o reduzillos.

Iſto meſmo ſuccede em qualquer liçaõ, ſe o juizo, e prudencia do Cavalleiro, naõ ſabe diſtinguilla com a proporçaõ neceſſaria.

Tornando aos galopes, digo, que nem todos os Cavallos ſe podem reduzir a hum meſmo tom de galope; porque huns pelo ſeu ar natural o teraõ curto, outros largo; aquelle fervido, eſte eſcutado; alguns galhar-

lhardo, poucos atropellado; e de nenhum deſtes acharáõ quem ſaiba diſtinguir qual he o melhor; pois em todos os Authores leráõ quanto airoſo he hum galope avançado, quaõ particular hum eſcutado, admiravel hum galhardo; mas naõ veraõ que nenhum decida, ſe eſtes lhe parecem melhor do que o galope atropellado, pois acharáõ, que os taes Cavallos recreyaõ a attençaõ de quem os vê, e o goſto de quem os manda, como aquelle que vay terra a terra, em hum galope curto taõ pauſado, e taõ bem medido, que a dedos vay prendendo a curioſidade, ſem ſoltalla, nem inda quando ſe troca, por ſaber unilla com a preciſaõ dos ſeus bem concertados movimentos.

Supponho eſtaraõ entendidos deſde a primeira liçaõ, que para chegarmos ao que agora tratamos, temos vindo ganhando, derrubando, e aligeirando o Cavallo, ganhando o com as apraziveis lições, que tenho poſto; derrubando o com as boas paradas, com deitallo atrás, e tornallo a diante; aligeirando-o com os trotes, manejo de cabeçõeſ, e os máis exercicios de perna, que ſoltaõ, habilitaõ, e enſinaõ a entender as

ajudas, acommodando-ſe para bem correſpondellas. Quizera lograr o fim de que me entendeſſem, e por iſſo naõ quero confundillos com mais individual explicaçaõ: e para a melhor intelligencia vejaõ a Eſtampa ſeguinte n. 12.

Nona liçaõ ſobre o ar das curvetas.

ENtre os Cavalleiros ſe regulaõ a quatro os manejos dos Cavallos, o que fica dito até galopar; eſte que agora vamos a dizer chamado curvetas, o de ſalto, e paſſo, que he o primeiro dos altos, e o de capriolla, que fazem os quatro; iſto he, fallando com alguma intelligencia, e fundamento.

Os modos de galopar acabamos de dizer, que ſaõ differentes; e aſſim de qualquer ſorte que o Cavallo o faça, nunca ſe lhe póde dar outro titulo, que o de galope, pois naõ he outro ar: as curvetas ſaõ todas humas, altas, baixas, ou como quer que ſejaõ; ſalto, e paſſo com couces, ou ſem elles, tambem naõ he outro ar, ainda que o modo ſeja diſtincto.

Na capriolla da meſma maneira ſe comprehende todo o genero de capriollas, ſeja cerrada, ſeja garupada, ou ſacudida; porque nada diſto muda de ar, poſto que mude de nome; pois ainda que ſe diga ſalto de carneiro, encabritarſe, jogar de lombo, nem outro titulo correſpondente, naõ trocaõ o movimento, ainda que as vozes o diſtingaõ.

Antigamente os Nauticos por quatro ventos ſe governavaõ, depois por dezaſeis, e hoje por trinta e dous; porque ſe quizerem, os atomos ſe faraõ diviſiveis: porém como naõ ſou Filoſofo, naõ quero meterme em taes queſtões, buſco o Cavalleiro pratico, e aſſim vamos ao noſſo intento.

Deſde a primeira parada, que já diſſe, começámos a diſpor o Potro para as curvetas, pois aquelle modo de parallo aligeirando-o ſobre a maõ, e o recommendar, que ſempre que fizeſſe pezo nella, ou ſe apoyaſſe com demazia, o chamaſſem a parar, fazendo-lhe dar paſſos atrás, e tornallo a diante, como fica prevenido, naõ era outra couſa mais do que habilitallo para que vieſſe a fazer curvetas; e aſſim eſtou certo

(ſup-

(ſuppoſto que até agora naõ falley nellas) que o Potro as fará já, como o tenhaõ mandado com a arte ſobredita, por ſer o modo mais efficaz, e ſeguro de aligeirar os Potros de diante, ſem o perigo de ſe reſabiarem, como tem ſuccedido a outros recebidos em boa eſcola: e aſſim naõ ſe deve uſar de outro meyo, pois com elle a todos tenho reduzido; ſómente a hum pezado, e perguiçoſo uſey de hum páo, naõ por eſtar deſtituido da eſperança de o conſeguir, mas por comprazer com huns Miröes pouco experimentados, a quem pareceo difficultoſo, que pudeſſe reduzir aquelle Potro a eſte ar; e por fazerlhe o goſto; lhe moſtrey que podia ſer: e logo dizendo o como, poderá ſervir, em caſo neceſſario, a qualquer Cavalleiro curioſo.

Mandey vir hum páo groſſo como hum temaõ de hum arado; eſte meti no buraco de huma parede tres palmos levantado da terra, e dando a outra ponta a hum moço, mandey ao que eſtava no Potro, que vieſſe trotando de longe aligeirando-o, e chamando-o acima, e que ao chegar perto do páo, o ajudaſſe à curveta: eu me puz ao lado

do

do páo para o preciſar, e com effeito o embaraço o obrigou a levantar os braços, e ſaltando, o fiz repaſſar quatro vezes com o meſmo cuidado, com o que ſe levantou depois, ſempre que ſe lhe pedio: iſto obrigará a qualquer Cavallo a romper; mas a que as faça bem, depende dos mais principios referidos; e aſſim deve-ſe cuidar, deſde que o Potro começa a entender, de ajudallo, levando-o no ſeu ar, e procurando em todos accommode bem as pernas, e dobre bem os braços, pois niſto eſtá o tudo, de que ſejaõ airoſas, eſtando a cavallo attento, para acudirlhe com a vara nos braços, ſe naõ os dobra; e na garupa ſe deixar as pernas, e naõ acompanhar, como he juſto. Já diſſe o como ſe deve ajudar; e como ſe póde reduzir he aſſim do modo que agora digo, e riaõ-ſe de qualquer outro; como dos pilares; porque entre os cabeções, e as pernas do Cavalleiro, he elle juiz de poder do ſeu Cavallo, e até onde póde uſar delle; e aſſim arbitro de chegar aqui, e naõ mais, ſe he conveniente; e eſte árbitrio naõ o tem nos pilares, aonde o Cavallo póde quebrarſe, ou irſe mais do

que

que convem; e offendendo-ſe nos rins reſabiarſe, empinando-ſe, ou defendendo-ſe como poder. Veja-ſe a Eſtampa ſeguinte n. 13.

Eu levo em força de pratica a opiniaõ de que nenhum Cavallo traz os reſabios do ventre de ſua mãy; o máo modo de mandallos, a menos cautéla, e a pouca experiencia lhos origina: má condiçaõ, defeitos de lombos, de pernas, braços, e de caſcos os herdaõ, e alguns deſtes os contrahem no campo em que paſtaõ; porém o defenderſe mais niſto, do que naquillo, iſſo naõ póde ſer.

A palavra reſabio explica iſto meſmo; pois aquelle *re* vale tanto, como ſe diſſeſſem *ſobre*; commummente dizemos *reſabiado* daquelle, que ſabe mais do que he juſto; e iſto naſce de enſinar os Potros indevidamente fóra de tempo, e ſem lhe conhecer o natural; pois ſem eſte conhecimento preciſo he errar muito; porque naõ o havendo para prevenir aos Cavallos, e para diſtinguir nelles o que lhe ſobeja, ou o que lhe falta de poder (o que fazem por ignorancia, ou por malicia) naõ póde haver acerto. Todos eſtes erros pedem diſtin-

ctas,

ctas, e muy differentes emendas, ſe lhe trocaõ eſtas, ſobejo motivo daõ ao Potro, para o fazer incorregivel, e difficultar o ſeu enſino.

Eu direy quanto me for poſſivel; porém a experiencia moſtrará quaõ difficultoſo he prevenir tudo o que ſe poſſa offerecer: do mais commum ſe paſſaráõ mil couſas; vejaõ que facil ſerá prevenir os caſos todos, mas por regra geral aſſento naõ haver defeito, que naõ eſteja ſubdito aos preceitos da Arte.

Decima liçaõ. Para o ſalto, paſſo, e capriolla.

SUppoſto que já diſſe, como para o exercicio da Cavallaria era neceſſario que o Cavalleiro conheceſſe (primeiro de tudo) o ar natural, ou inclinaçaõ dos Cavallos, para neſſe meſmo os exercitar, e inſtruir; fallando-lhe ſobre outros manejos, lhe naõ falley na capriolla, ſendo, como he, ar diſtincto, e dos mais ſingulares, e celebrados entre os homens de Cavallo, por exquiſito, e particular; pois ſaõ bem poucos

os Cavallos, que ſe encontraõ para eſtes manejos.

A todo o Cavallo, de qualquer manejo, ſe ha de enſinar na fórma que fica dito; porque as liçõeſ ſobre paſſo, trote, e perna ſaõ as da obediencia, e enſino; e nellas he que ſe ha de ajuſtar o Cavallo, pois naõ o eſtando no manejo baixo, a que chamamos terra a terra, naõ poderá vir juſto a outro nenhum.

Quando trotaõ o Cavallo, e o vaõ aligeirando nas paradas, he regularmente a occaſiaõ de moſtrar o ſeu ar, e natural vontade, já ſeja ao ſalto, ou à capriolla; e bem aſſim devem ſegurallo nos trótes, e galopes, até que o tenhaõ devidamente apoyado na redea: entaõ começaráõ a aligeirallo no ſeu ar deſta fórma: ſuppondo que o Cavallo eſtá bem entendido nas ajudas, e aligeirado de diante, e recolhido detrás, com as curvetas na fórma ſobredita, vamos agora a ajudallo ſobre o ſeu ar, que he a ſua vontade, e inclinaçaõ, a qual conduz muito para conſeguir eſte manejo.

Meteráõ o Cavallo a trote rijo, e direito em fórma que lhe fique alguma pare-

de

de a hum dos lados, e ſobre huma trilha conhecida, aos vinte, ou trinta paſſos, chamallo-haõ a parar em duas, ou tres curvetas, e na ultima ajudallo-haõ ao ſalto, ou capriolla, que naquillo que for do ſeu ar, correſponderá facilmente, e obedecendo, parallo-haõ: tendo-o alli hum pouco quieto, o affagaráõ, dando-lhe huma folha de couve, ou equivalente: tornem a metello a trote, e aos oito, ou dez paſſos faraõ o meſmo; e obedecendo como da primeira vez, apeem-ſe promptamente, e dando-lhe algum mimo, mandem-no para a eſtribaria, que no dia ſeguinte elle o fará com mais goſto; continuando-lhe as liçõeſ depois de conhecer o ſeu ar. Se o Cavallo for remiſſo em correſponder a elle, ſe porá o Meſtre naquella paragem aonde houver de fazer a capriolla, e com a voz coſtumada, vara, e chambriera ajudará ao que eſtiver em cima a requererlha por todos os modos, acodindo-lhe aonde for neceſſario; pois ſe o Cavalleiro o aligeira de diante, o Meſtre o fará detrás, ou pelo contrario, para que aſſim ſe reſolva; iſto he facil todas as vezes que o Cavallo tero eſta natural propen-

saõ; o que se entende pelo seu ar, sendo o mesmo que dizer, que o Cavallo se inclina a elle.

Já teraõ experimentado isto mesmo, pois desde que lhe ensinaraõ a parada nas curvetas aligeirando-o, teriaõ o trabalho de lhe vencer a sua vontade, quando o obrigassem a parar sobre as pernas aligeirando-o de diante, se quereria sahir o de salto em salto, e o de capriolla em capriolla; porque ao solto de garupa lhe repugna a sujeiçaõ de recolhella; e ao bem disposto a sahir, o ficarse sobre as pernas; e o outro a mesma força, e fortaleza, o ficarse com lombo baixo, e sujeito: trabalhando o Cavalleiro (naõ obstante estas inclinações sobreditas) em regular nos Cavallos as ajudas à sua mesma natureza com a uniaõ, que se lhe dá; pois quanto mais unido o tiverem, se achará mais habil para usar a liberdade da sua inclinaçaõ, quando lha permittaõ; porque o justo, e regulado o traz mais inteiro, como experimentaráõ facilmente; pois se hum Cavallo andasse tirando couces à sua eleiçaõ, e o outro capriollas à sua idéa, isto os enfraqueceria preci-

sa-

ſamente, ainda que (naõ obſtante a ſua liberdade) o ſoubeſſem fazer, naõ ſeria poſſivel correſpondeſſem com o devido alento, e menos com ſegura regra, coſtumados a fazello por antojo, o naõ devem eſtranhar que o Cavallo lhe naõ correſponda nas primeiras liçõeſ, antes ſerá iſto effeito da ſua obediencia, tendo-lhe o Cavalleiro mandado o contrario até agora: e ſe depois diſſo ſe achaſſe na ſua total liberdade, ſeria indicio certo de o ter pouco adiantado. Obſervem em tal caſo o naõ lhe mandar muito, tendo cuidado paulatinamente do ſeu poder, e vontade, para deixallo ſempre com huma, e outra couſa. Em todo o trabalho ſe deve obſervar eſta regra, a deixar o Cavallo com vontade he conſequencia de que vá a melhor; porém a de apurallo huma vez, traz comſigo tantas, e taõ más, que eu naõ quizera verme, nem ao Cavalleiro em tal Cavallo, que o tiveſſe ſido. Advirtaõ aquelle proverbio que diz: *Ao Amigo, e ao Cavallo naõ ha apurallo*: e mais digo, que nada he mais perigoſo do que a falta de poder em qualquer Cavallo; naquelles que tem demaſiado eſpirito, he o

Ca-

Cavalleiro juiz arbitro; porque o defafogallo he facil: porém nos froxos, e lerdos, nem arbitrio, nem jurifdiçaõ lhe fica.

SUPPLEMENTO

Das advertencias muito uteis, e neceſſarias para os Cavalleiros curioſos.

COmo nem todos os Cavallos, que coſtumaõ vir à eſcola, ſaõ taõ preciſamente Potros, que poſſaõ fazellos deſde a primeira ſella, pois huns a conſentiraõ já, outros viraõ montados, e apoyados, e tambem alguns desbaratados, e perdidos; em todos eſtes Cavallos a primeira applicaçaõ devem polla, antes de entrar a mandallos, em reconhecer bem por onde erraõ; porque aſſim vaõ mais ſeguros, e ganharáõ muito tempo, começando logo a doutrina ſobre a ſua difficuldade: e iſto ha de ſer em tal fórma, que o Cavallo naõ conheça que ſe lhe oppoem totalmente à ſua má inclinaçaõ. Vejaõ aqui hum exemplo, e deſte proporcionaráõ outros para os mais caſos: Trazem-lhe hum Cavallo com o peſ-

co-

coço vencido à direita, ou à eſquerda; eſte por força do coſtume ha de trazer a cabeça torcida; em tal caſo ſubiráõ nelle com a cautéla de que a ſua querença lhe fique ao lado contrario; e paſſeando-o por algu. mas vezes com eſta reflexaõ, achallo-haõ emmendado, ſem que elle o tenha conhecido, nem ao Cavalleiro cuſte algum trabalho. Explico-me melhor: tem torcida a cabeça ao lado eſquerdo, montaráõ nelle, deixando a cavalhariça ſobre a direita, e ſahindo a paſſeyo fóra do povoado, deixem-lho ſempre ſobre a direita, andando à roda delle, permittindo ao Cavallo que ſe incline para aquella parte; e pelas ruas paſſeallo-haõ com a meſma cautéla; e ainda que naõ logrem o effeito nas primeiras vezes, repetindo-as o conſeguiráõ ſuavemente, que ſuppoſto pareça iſto facil, entendaõ que naõ o póde haver mais efficaz, para vencer qualquer Cavallo reſabiado; aſſim niſto, como quando ſe defende a naõ voltar ſobre alguma das mãos; razaõ porque recommendo que eſtimem ſempre o mais facil, e o mais natural; porque he o mais ſeguro; o que naõ acharáõ já mais

nos

nos remedios fortes, e violentos; porque eſtes logo trazem comſigo mil contingencias, e para o futuro demaſiado riſco; pois o Cavallo que chegando a porfiar com elle, e lhe naõ vencem o ceſtro, entendo que fica confirmado nelle. E mais advirto, naõ he vencer hum Cavallo o moello até conſeguir o intento; porque o poderá fazer depois de fatigado, e iſto naõ he ficar vencido.

Cabeçõeſ.

NO uſo dos cabeçõeſ, já diſſe os treſ modos com que regularmente ſe coſtuma uſar delles; e agora advirto, que poſtas as redeas nas cilhas, como fica dito, ſervem para os Cavallos duros de peſcoço, e torcido mais a huma maõ, do que a outra; pois com eſte meyo, o obrigaráõ à vontade de quem o manda. Serve tambem para os Cavallos ſoltos de peſcoço, e que daõ cabeçadas para cima, e para os que levantaõ o focinho, a que chamaõ Eſtrelleiros, aos que ſe empinaõ acobardamento; e he meyo de tirarlhe o vicio; porém com eſtes

eſtes devem uſar de muita prudencia, mandando-os com muita moderaçaõ; attendendo a naõ os pôr em violencia, nem em difficuldade, em quanto naõ eſtejaõ ſeguros de que elles ſofrem, e temem a violenta ſujeiçaõ; porque aliàs aventuraõ, que receoſo o Cavallo della, ſe reſolve a empinarſe, e póde cahir ſobre o Cavalleiro. Para eſte vicio acharáõ nos Authores differentes remedios; porém ſeguro que naõ ſaõ efficazes, mas ſim contingentes. Eſte que digo, com prudencia obrado; naõ tem contingencia alguma, cujo effeito eſtá bem provado; e aſſim obſervem o que acautello: fujaõ à difficuldade: intenta empinarſe, chamem-lhe immediatamente a cabeça ao ſeu joelho, voltando-lha a huma, ou a outra maõ, que elle ſe hirá deſenganando, e reduzindo à obediencia; e huma vez que o eſteja, entaõ com ſegurança poderáõ (acordando-ſe do vicio) ſe o intentar, abrirlhe a maõ, e raſgallo fortemente com as eſpóras, e arremeçallo a diante com reſoluçaõ, fallandolhe com rigor, e com a vara, e melhor com hum açoute no ventre, e nas cadeiras; porque haõ de advertir, que ſe o Ca-

vallo erra de diante, o haõ de caſtigar do meyo do corpo para trás; e ſe tira couces, do meyo corpo a diante; pois ainda que tenhaõ ouvido dizer, que ao Cavallo, que ſe empina, he proprio caſtigallo dos joelhos para baixo, creaõ-me que he bom para ouvido, mas naõ para executado: iſto he o que poſſo dizer pela minha experiencia, e pela que tenho lido, e viſto praticar a peſſoas intelligentes.

O ſegundo modo, que diſſe poſtas as redeas nas argollas dos coldres, ſerve o meſmo em Cavallos faceis, eſpecialmente nos que daõ cabeçadas para baixo, inclinandoſe tambem a encapotar; porque aſſim os traz acima, e à firmeza do peſcoço com mais facilidade; e ajudará tambem a vencerlhe os lombos, que ſempre ſaõ mais duros, e rijos nos Cavallos, que ſe encapotaõ.

Na poſtura regular naõ ha mais que dizer; ſó repetirey, que uſem delles com varilhas, e naõ os atem; porque ſerá ir apregoando, que naõ ſabem uſar das redeas, e devem caſtigar deſde a muzerolla até o lugar, que correſponde aos alentos do Cavallo;

lo ; e aſſim o modo de pôr os cabeções manda que ſe naõ cerre tanto, que lhe tire o jogo ; pois ſe o cerrado lho impede ; o atado que fará? Neſte ponto pudera dizer muito, mas contento-me com que faça reflexaõ de que ſe vay atado, e fixo lhe poderá ſervir de pouco ; pois neſta poſtura logo fará perder ao Cavallo a ſenſibilidade daquella parte.

Uſo do freyo.

SObre o freyo já diſſe o meu ſentir, como o dos mais ſelectos Authores neſta faculdade ; e com elles aconſelho naõ uſem nos Potros mais que de hum ſimples canhaõ com cambas direitas, ou de eſcarlha pinhatel ; e nos Cavallos feitos, freyos ligeiros a eſta correſpondencia : pelos que fizerem debaixo deſta eſcola, eu prometto que com qualquer obraráõ bem. Para mais apoyo, e ſatisfaçaõ ſua neſta materia, peço-lhe faça reflexaõ do apreço, que merecem as palavras, que cito de Pluvinel, por ſerem ditas a hum Monarca taõ grande, a quem he divida fallarlhe com verdade ſincéra ;

apoyando iſto meſmo humas teſtimunhas de tanta authoridade, e excepçaõ, como os que ſe acharaõ a eſta conferencia, que ſempre foraõ: o Duque de Vellegarde Eſtribeiro Mór, o Mariſcal de Suuere, e o grande Condeſtavel de França; pois accreſcentando à ſua repreſentaçaõ a eſpecial, que ſe lhe dava na faculdade pela ſua grande intelligencia, baſta para convencer a mais eſcrupuloſa nimiedade; pois a mim, e a outro qualquer iſto nos faria ley, ainda ſem chegar ao infallivel da experiencia.

Advirtaõ agora o que devem fazer para que qualquer Cavallo ſe enfreye devidamente: Primeiro lhe devem dar a conveniente liberdade na lingua; e ſendo neceſſario, deitarlhe fóra os beiços aos Cavallos, que fazem delles almofada, pondo-os ſobre as gengivas; depois he neceſſario proporcionar as cambas no curto, ou compridо, e no mais, ou menos voltas, na porçaõ de chamar acima, ou abaixo, ſegundo neceſſitar a formatura do peſcoço do Cavallo, e a poſtura da ſua cabeça; e ſobre tudo que a barbella vá, e deſcance em ſeu juſto ponto, e devido lugar; e que o

olho

olho do freyo naõ eſteja alto, nem baixo, ſegundo correſponder ao Cavallo; e por ultimo com hum freyo pinhatel bem proporcionado na boca, nem muy largo, nem muy eſtreito, e que os ellos, e ganchos da barbella tenhaõ a volta correſpondente; pello receyo de que colhendo-os a camba do freyo, naõ levantem o beiço do Cavallo, e a meſma barbella, tirando-o do ſeu lugar; o que ſuccede a eſte genero de freyo mais do que a outros, por ſer redondo; e naõ haverá Cavallo, que naõ ſirva bem com eſte tal freyo.

Vejaõ aqui literalmente traduzido o que ſe reſolveo na grande conferencia, que cito: advirtaõ nas ſuas circunſtancias, e acharáõ o bem ponderado, que eſtá tudo; e o pouco fruto, que ſe tira de eſtampar freyos; pois nella, nem ſe dá, nem proporciona a eſſencia do freyo, que conſiſte neſtes pontos, que tal vez naõ teriaõ chegado à ſua noticia; pois ſeja o freyo que for, as cambas lhe tiraõ o effeito, ſe naõ forem correſpondentes à formatura do peſcoço do Cavallo, e à poſtura da ſua cabeça; e em ter o olho do freyo quatro dedos

de

de alto; ou ſó dous, lhe faz mudar a intençaõ, ſejaõ as cambas, e o bocado como quizerem; pois ainda que o tenhaõ bem ajuſtado, como me deixem pôr o olho à medida que eu quizer, veraõ que facilmente lho deſconcerto; e o meſmo farey com as cambas. No que poucas vezes teraõ reparado he, ſe topa, ou naõ o cotovello da camba nos ganchos, ou ellos da barbella, eſtá o tudo, de que o freyo ſente ao Cavallo, porque ſe topa, levanta a barbella, e o meſmo bocado; com que aſſim naõ hindo nada em ſeu lugar, vejaõ que bom effeito póde produzir.

Com alguns Cavallos me tem ſuccedido, encontrando eu a ſeus donos nelles, dizerem-me: *Veja V. m. que diſſaboreado vay o meu Cavallo com eſte freyo*; reparar eu nelle, e vendo eſtes defeitos, voltarlhe os ganchos à ſua devida correſpondencia, e ſahirem os Cavallos tanto melhor, que pareciaõ outros.

Para dar a conhecer, que naõ ſou Picador da qualidade de alguns, que reſervaõ o melhor para ſi, ponho aqui hum modo facil, e prompto para que qualquer Caval-

lo

lo obedeça ao freyo, ainda que ſeja dos mais deſordenados de boca: Traraõ na algibeira huma cadenilha taõ groſſa como o cordel de que fazem a ponta aos lategos, a qual terá em huma ponta hum ganchoſinho, capaz de prender no olho do freyo; e dizendo o para que, conformaráõ o ſeu comprimento. Quando ſucceda haver de montar Cavallo, de que tenhaõ alguma deſconfiança, uſem deſta inventiva, neſta fórma: Meteráõ o ganchinho da cadea em hum olho do freyo; e levantando todo o beiço debaixo do Cavallo paſſalla-haõ ao outro lado, que fique entre a gengiva, e o beiço, e metendo a outra ponta da cadeya pelo outro olho do freyo, a atem de fórma que fique juſta; e ſó com iſto acharáõ o Cavallo bem obediente para tudo quanto lhe mandarem, e elle ſouber; cujos effeitos confirmaráõ o que fica dito; porque a cauſa deſta novidade he, que a cadeya obriga o bocado ao juſto, e devido lugar, e preciſa a barbella a naõ ſahir do ſeu aſſento, pois iſto a deixa immovel; e ſempre que concorraõ eſtas circunſtancias, faráõ que o Cavallo reſpeite a qualquer freyo,

que

que lhe ponhaõ, e lhe impeça as defenſas, deitando-lhe os beiços fóra; naõ lhe permittindo o uſar mal do bocado, nem que o tome nos dentes, nem outros máos uſos, que lhe podiaõ facilitar o deſordenarſe: e o meſmo poderáõ fazer com hum cordel; pois a cadeya ſó tem a differença de que poſſa ſervir em todas as occaſiões; ſendo mais facil, e menos conhecida de quem a vê de fóra.

Aos Cavallos que chegaõ à Eſcola já deſordenados de boca, he mais difficultoſo o enſino; porém naõ he impoſſivel com o ſobredito, e com outros remedios, eſpecialmente com o uſo da boa doutrina.

Quando a hum Letrado, ou a hum Medico ſe lhe pede algum parecer, elles o naõ querem dar, ſem que lho proponhaõ por letra, para que ao pé della melhor conſte da ſua repoſta, conſervando por eſte prudente modo a boa reputaçaõ do ſeu caracter: aſſim tambem com a meſma reflexaõ, e honra deve oſtentarſe o Cavalleiro circunſpecto; de fórma que vindo-lhe à ſua Academia algum Cavallo desbaratado, para reduzillo a melhor obediencia, deve eſ-

co-

colher tempo opportuno, em que poſſa indagar a origem do ſeu erro; e naõ entrar a enfreallo por informaçaõ aerea, ſem outro methodo mais, do que ſer deſta, ou daquella qualidade a boca do Cavallo: iſto he eſtimarſe pouco, ou ignorar muito; porque ſe a falta do Cavallo conſiſte na do ſeu lombo, como ſe ha de emendar com o ferro? E ſe a deſordem da boca eſtá na da cabeça, e maõ do Cavalleiro, como ſe ha de enfrear eſta ignorancia? Se o Cavalleiro tiveſſe habilidade para enfrear ignorantes, naõ era juſto que andaſſe entre as beſtas, mas ſim que entre os homens lhe levantaſſem eſtatuas.

Senhores Cavalleiros, façaõ V. mercês mais eſtimaçaõ de ſi, que a profiſſaõ he bem digna de toda a mayor, que ſe lhe póde dar; porém ſe V. mercês a fazem riſivel com puerilidades, lograráõ que ſeja deſeſtimada, &c.

Com a boa doutrina, torno a dizer, todo o Cavallo ſe enfreya ſeguramente, e ſem ella nenhum; porque ainda que eſte, ou aquelle, pela ſua boa natureza, ſe deixe mandar ſobre o freyo, corra, e pare

quando o mandarem, deſte (fazendo-lhe muita mercê) poderá, quando muito, dizerſe que eſtá obediente; mas quem o entender, naõ ha de julgar, que eſtá enfreado, e unido; porque na realidade aſſim he.

Póde ſucceder, que lhe venha algum Cavallo de linda boca, e bondade por natureza, porém que naõ poſſaõ levantallo ao manejo violento, ſem que lhe fuja; e ſó por eſta cauſa, ſem mais reflexaõ, entraõ a multiplicarlhe freyos ao Cavallo, e com todos faz o meſmo: em tal caſo como ficará a ſua reputaçaõ? Se montaſſem eſte Cavallo, experimentando-o, veriaõ que eſte defeito conſiſtia em huma pura galhardia do Cavallo, que pondo-ſe a retouçar, colhia o freyo, tomando a cadenilha, ou a camba; e tudo iſto ſem alguma malicia, nem má intençaõ; pois ſó com lhe fallar, tocando-lhe com a vara, ou eſporas, ficava taõ lizo, que podia mandallo hum menino: e naõ ſeria eſte caſo huma bem má vergonha? Pois, amigos, iſto ſuccede frequentemente; e como eſte, outros muitos exemplos podia dar; tantos, que naõ ſey, ſe teriaõ paciencia para lellos, ainda que eu a tiveſſe para referillos, &c. Fal-

Fallando methodicamente, e como quem deſeja o mayor aproveitamento em commum, he-me preciſo dizer, que nos Cavallos naõ ha mais que dous generos de bocas, que ſaõ boa, e má; porque os demais ſaõ accidentes, que naõ mudaõ a ſubſtancia; porque ſe he raſgada, he boa, e naõ lha mudará eſte, ou aquelle accidente; como taõ pouco ſe for má, bovina, ou de coelho; e aſſim em todas as mais. Ao que tiver boa boca, ſempre ſe veraõ obrigados a conſervarlha; e tambem à melhor, que he a que ſoffre o apoyo, lhe compete eſte beneficio; pois nenhum Cavallo póde conſervar o apoyo, durando muito o trabalho, ſem eſquentarſe, ou pezar mais do conveniente: diſto o podem ſegurar ſempre, que com a boa doutrina lhe façaõ entender o modo de aligeirarſe; porque aſſim podem darlhe liberdade, e elle tomalla, refreſcando os aſſentos em quanto trabalha ſobre as ajudas. Ao que tiver má boca, accreſce pouco mais trabalho; pois ſendo preciſo aligeirar todo o Cavallo, ſó haverá eſta differença; que o bom o fará com mais preſteza, e o máo neceſſitará de mayor ajuda; mas ſe penetra-

rem donde lhe reſulta a difficuldade, depreſſa a emendaráõ, trabalhando ſobre ella. Naõ podem ter boa boca os Cavallos duros de lombo, nem taõ pouco os que o tem debil; huns por carta de mais, e outros por carta de menos; os ardentes, e fogoſos da meſma fórma; porque ſe eſquentaõ em demaſia: os groſſos de queixadas, porque lhe peza muito a cabeça; e aſſim o fazem elles na maõ dos Cavalleiros.

Agora quero fazer eſta pergunta: Se ao fraco de lombo, com a boa doutrina o tem taõ corregido, e emendado, que quando o chamaõ a parar, obedece, quebrandoſe ſobre as pernas, quanto lhe permitte a ſua pouca poſſibilidade; porque indicio poderá ninguem perſuadirſe a que eſte Cavallo tenha a mais leve apprehenſaõ de deſordem? Nem como póde darſe caſo que acometta? No que for duro de lombo ſuccederá o meſmo, por eſtar já vencido; e ainda neſte com mayor razaõ, porque póde; e ſó o naõ querer lhe podia ſervir de eſtorvo. O pezado de cabeça, ſe a traz em ſeu lugar, e ſabe conſervalla ſem repugnancia, que neceſſidade terá de que lha levantem?

Ao

Ao fogoſo, ſe com as ajudas, e voz o detém, e contém, quando chegará o caſo de que com o freyo ſe lhe eſquentem os aſſentos?

A eſtas perguntas eſpero a repoſta da experiencia, na qual acharáõ como o mais genuino freyo he doutrina, doutrina, e mais doutrina.

Tres couſas podem ſegurar a boca dos Cavallos; a ſua bondade, o caſtigo, e a arte: eſta ſervirá para temperar, e reconhecer a boca daquelles Cavallos, que o ſeu ardimento lhe permitte pouco apoyo, ſendo preciſo alternar com o freyo, e ajudas, levando o huma vez ſobre eſtas, e outras ſobre aquelle, para que aquellas o contenhaõ, e eſte o detenha, ſem chegar ao caſo de que ſe offenda. O caſtigo he neceſſario para os Cavallos deſeſperados, pois lhe chegaráõ taes, que naõ poſſaõ ſoffrer o apoyo na boca, cometendo mil erros, de tirar por elle, fazer tiſoura, colhello com os dentes, apoyando-ſe de tal fórma, que inteiramente cheguem a perder a ſenſibilidade, e por conſequencia incapazes de parar. Eisaqui como de tudo iſto naõ he outra a cauſa

ſa mais que a falta de doutrina, e a ignorancia de quem os monta: para iſto devem prevenir o cuidado de quando tirarem pelo freyo, rodarlhe as eſporas (como já diſſe) pois lhe fará tanta armonia a tal muſica, que a eſcute de boa vontade, e ſe deterá a ouvilla.

A vara ſobre o peſcoço tambem he caſtigo para eſtas deſordens, e para as de mover a cabeça; e neſte genero de caſtigo ſempre devem obſervar a ſegurança do Cavallo, affagando-o ao meſmo tempo, fazendo-lhe entender, que aquillo naõ he mandallo, ſenaõ emendallo, como pede a ſua deſordem; à qual tambem correſponde fazerlhe temer cabeçõeſ, e freyo; pois a taes Cavallos he boa doutrina darlhe ſuas certas ſoffreadas, até conſeguir o pollos com temor, e obediencia ao freyo: e neſtes Cavallos he permittido uſar de freyo rigoroſo ajudando-ſe delle, até fazer que entendaõ as ajudas; e conſeguindo iſto, lhe ſobejará qualquer outro.

Naõ poſſo dizer, nem ſey ſe haverá quem ſe atreva a dizello, ſe huma vez obediente o Cavallo, e enfreado pelo caſtigo, fica

fica mais ſeguro, do que aquelle, que o eſtá pela ſua bondade? Deixando à prudencia o juizo deſta difficuldade, direy eſte caſo, para que ſobre elle façaõ reflexaõ. Tomem hum Cavallo dos que coſtumaõ fugir com mayor deſordem; elejaõ terreno opportuno, aonde ſem riſco o poſſaõ correr, mais do que elle poſſa aturar; e ahi corraõ-no, deixando-o ir, até que ſintaõ que elle affrouxa: entaõ ajudem-no com valor, e ſentindo que elle torna a fraquear, no meſmo tempo levando hum bom açoute, e boas eſporas, caſtiguem-no intrepidamente em quantas partes do corpo lhe acharem ſenſiveis, e tambem com a voz, que elle parará de boa vontade, e depois naõ fugirá; e por terrivel que ſeja, como lhe repitaõ iſto duas, ou tres vezes, parará quando o mandarem, taõ ſeguro, como qualquer outro.

He poſſivel que ſe offereça a dizer, que ſe nas duas, ou tres tuidas acabaõ com elle, que ſem duvida parará, e de huma vez? Mas a iſto reſpondo, que ſerá defeito da ſua pouca intelligencia, e naõ effeito do meu prudente conſelho; pois naõ lho dou

dou para que lhe apurem a ſubſtancia, mas ſim a intençaõ; porque eſta a acha muito para cá do poder, quem ſabe mandar.

Tambem quero ſatisfazer a outro reparo, que ſe póde offerecer; e he, que ſe para todos os Potros lhe approvo hum freyo; parece difficultoſo que hum meſmo remedio convenha para taõ diverſas compleiçõeſ? Confeſſo-lhe racionavel a difficuldade, e devida a ſatisfaçaõ; e aſſim reſpondo.

Todos os Potros por ſua natureza tem a meſma facilidade em gengivas, e aſſentos, pois nada diſto he calloſo, nem o póde ſer pela conſtituiçaõ do ſeu lugar; e ſendo, como he, a boca humida, callo, e humidade ſaõ incompativeis; com que aſſim no principio toda a differença das bocas eſtá no mais, ou menos raſgadas, mais, ou menos carnoſas, dentro, ou fóra: e he couſa aſſentada em boas letras, que o mais, ou menos naõ muda a eſpecie.

Ao tempo de mandallos he quando o modo conſtitue as differenças, que depois encontraõ, e as difficuldades, que ſe offerecem nas bocas; e aſſim naõ devem eſtranhar eſta generalidade, pois a vem praticada,

da, e ainda em caſos de mayor importancia. Reſpondaõ-me agora a eſta pergunta, e depois applicalla-haõ, ſe lhes parecer, que vem ao caſo.

A quina, que hoje eſtá taõ approvada geralmente, naõ a vem applicar ao colerico, ao fleumatico, ao ſanguineo, e a todo o vivente? O Fyſico ſaberá como a tempera, para a proporcionar à qualidade de cada ſujeito. Eſtudem a Fyſica neſta profiſſaõ, e a pratica lhe fará conhecer ſe reſpondo adequado.

Parece-me que já diſſe, que os trotes ſaõ o principio, em que ſe fazem os Cavallos: e aſſim he; porque nas liçõeſ de trote, e de andar à perna, he em que ſe aligeiraõ, ſoltaõ, e ajuſtaõ; porém haõ de advertir, que iſto ſe entende ſabendo-o fazer com boa regra; pois ainda que o Potro trote muy largo, naõ he trotar ligeiro, e ſolto, nem deſembaraçado; porque ſe vay tocando as ferraduras, ou taõ tezo, e inteiro como hum touro, iſto naõ ſe chama trotar. O trote deve ſer como já tenho explicado: nos Cavallos fogoſos, e ardentes ha de ſer em cruz com ſuſpenſaõ, e deti-

do, que he o modo de quebrallos, e ſujeitallos; e pelo contrario nos frouxos, pezados, e lerdos, fogoſo, fervido, e determinado, para conſeguir que elles o fiquem.

Todas as liçõẽs ſe fazem a trote, aſſim as voltas, como meyas voltas, quadrados, piruêtas; e eſtas meſmas figuras ſe fazem à perna.

Se pertendem moſtrar que hum Cavallo eſtá regulado, e juſto, e ſabe toda a eſcola, o devem pôr ſobre o paſſo, aſſignalando aquella figura, ſobre que o querem trabalhar. Demos por caſo hum quadro quadrado partido neſta, ou em outra fórma: feito iſto, (que he propôr a idéa) paraõ o Cavallo, tiraõ-no a trote, faz o meſmo que a paſſo, e tornaõ a parallo para darlhe alento; e tornando a ſahir, fazem a meſma acçaõ em trote ladeado, moſtrando a todos, que o Cavallo eſtá igualmente reſoluto, determinado, e ligeiro, por direito, e de lado a huma, e outra maõ.

Para fazer iſto com methodo, devem levar hum trote taõ igual, que os pontos deſta muſica naõ façaõ diſſonancia, já ſeja por direito, por largo, curto, volte, corte,

te, troque, ſempre ha de levar hum meſmo tom, hum meſmo compaſſo, e huma meſma violencia.

Bem poderáõ entender, que para conſeguir iſto, o trote naõ póde ſer taõ furioſo; pois deve ſer tal, que ſe poſſa conſervar em todas as voltas, e revoltas, e tambem teráõ cuidado nas liçõeſ da utilidade, que reſulta de trazer o Cavallo à perna; conhecendo niſto meſmo quanto o deſembaraça, depois que ao uſo da Brida o Cavallo que naõ ſabe fazer curvetas por direito, e de lado, galopando na meſma fórma, naõ he capaz de ſervir em occaſiaõ de triunfo, que he o que nós chamamos feſtejo de Praça publica: e em muitas ainda he preciſo que o Cavallo ſaiba fazer curvetas para trás; porque as funçõeſ da Brida tem mais obra que as da Gineta; pois em qualquer feſtejo que ſeja, ſempre os Cavallos tem muita obra que fazer à perna; e naõ deve haver funçaõ publica, que ſe faça ſem reflexaõ ao fim principal das Armas, e da Guerra; pois aſſim ſe evita darſe a garupa: e neſte caſo, ſe ſegue logo trabalho à perna; porque em havendo paſſagem, entraõ

os tempos de obſervaçaõ para eſtar todos promptos, tornando-ſe a buſcar a hum meſmo tempo, e com igualdade.

Deſtes feſtejos ſó tenho viſto hum eſtampado por D. Antonio Pluvinel no ſeu Manejo Real (1) por ordem de ElRey Chriſtianiſſimo; como ſe póde ver na eſtampa, ou figura 49.

Pertender dar regras para todos os caſos, que poſſaõ acontecer, he impoſſivel; porque nem eu os poſſo prevenir, nem he facil, que elles ſuccedaõ uniformes: a occaſiaõ he quem os offerece, ſem ella naõ póde haver ſegurança opportuna. Naõ ha acaſo, que naõ tenha remedio debaixo deſtas leys, e doutrina: o modo de uſallas preciſamente ſe ha de vincular à prudencia do Cavalleiro; porque o caſo extraordinario, que póde ſucceder, naõ o poſſo eu acautellar: ſe me achaſſe nelle, ſeria, ou naõ poſſivel, porque cada dia ſe encontraõ novas razões de duvidar. Em litigios, em enfermidades, e fyſionomias, apenas ſe encontra ſemelhança; pois eſtas paſſaõ a ſua carreira, as doenças ſe curaõ debaixo de huns pre-

(1) Pluvin. fol. 63.

preceitos; e as demandas ſe terminaõ todas pelas leys, ſendo todas humas, e taõ varios os direitos.

Na Fortificaçaõ as regras ſaõ regulares, e ainda a irregular ſe accommoda à regularidade das regras; e aſſim ainda que o naõ fique na figura, o vem a ſer na eſſencia, ficando todas as ſuas partes reduzidas, e ſujeitas à defenſa, que he o principal fim.

As regras methodicas, e regulares approvadas, e recebidas em toda a Europa para fazer hum Cavallo, ſaõ as que tenho propoſto; a ellas ſe ha de ajuſtar: ſe houver alguma irregular, procurem que o fique na apparencia, e naõ na ſubſtancia.

A variedade que tenho dito em manejos, e ares de Cavallos, he eſſencial; porque nada ſobejará, para que o Cavallo ſaya juſto, e o Cavalleiro perfeito.

Nenhum Cavalleiro póde ter a ſegura firmeza a cavallo, em quanto neſte naõ houver tomado o ar a todos os ſeus movimentos, tempos, e contratempos; porque o ſegurarſe a poder de força nos joelhos he hiſtoria, e muy trabalhoſo o pouco que dura; porém o ſuſtentarſe immovel em todos

dos os contratempos, e mayores deſordens de qualquer Cavallo, huma vez que o corpo lhe tenha tomado o ar, he muito facil; e tanto, que com ſer eu muito debil, eſtou taõ ſeguro de que nenhuma deſordem (por violenta que ſeja) me poſſa deſcompor na ſella, que nem ainda tal couſa me paſſou pela memoria.

A todo o Cavalleiro ſuccederá o meſmo, pondo-ſe a cavallo, como fica dito; e a razaõ natural enſina, que encontrando-ſe duas reſiſtencias, ſempre vence a mayor com eſtrago da menor: e aſſim ſe vê que o vento derruba hum cedro, porque ſe lhe oppoem ex diametro; e ſe lhe defende huma fragil cana, porque com ſuavidade, e brandura ſe deixa levar da ſua fortaleza, e deſta fórma ſe conſerva no ſeu lugar firme, e ſem damno. Iſto experimentará tambem o Cavalleiro, pondo-ſe a cavallo na poſtura natural, que eu proponho a fol. 1.; porque o equilibrio do corpo, a ſua docilidade, e ſoltura, fazem com que os mais violentos movimentos do Cavallo o naõ immutem mais, do que o vento faz à cana.

Tambem ſe manifeſta por experiencia en-

entre dous Gladiadores, que batalhaõ com a eſpada: ſe algum delles atira hum derrote à eſpada do ſeu contrario, eſte, apertando a na maõ, lha deita logo fóra della; mas, ſe (como deſtro) a affrouxar, deixando-a ir com o movimento adverſo, a conſervará pelo tempo que quizer.

Deve o Picador ſaber manejar com deſembaraço a guia, vara, e chambriera, tomando os lugares, que lhe correſpondem, ſegundo os manejos, occupando-os opportunamente, para ajudar, e mandar aos Cavalleiros, e Cavallos, quando neceſſitarem: o meyo, ou o centro de toda a figura, em que ſe faz o manejo, he o ſeu lugar devido, já mande com guia, ou ſem ella; porque dahi eſtá mais prompto, e habil para acodir a qualquer parte, que a neceſſidade o chame: porém deve cuidar muito de que os ſeus movimentos ſejaõ com regra, e concerto; porque os Cavallos feitos no picadeiro mais cuidado levaõ ao Meſtre, do que ao Cavalleiro, que de cima os manda.

Nas Academias da Europa de politica urbanidade ſe uſa, tanto que entra nellas alguma Peſſoa diſtincta, que pela ſua de-

decencia moſtre ter alguma inclinaçaõ a tal prenda, neſte caſo, hum dos Cavalleiros da parte do Meſtre chega a offerecerlhe vara, e eſtribos, pedindo-lhe o favor de que queira montar algum Cavallo; e como entenda tanto, ou quanto, poucos ſe eſcuſaõ, por ſer correſpondencia devida ao tal obſequio: e ſe o admitte, ſe lhe chega hum Cavallo dos melhores; e começando a mandallo, o Meſtre deve apartarſe do ſeu lugar, ſahindo fóra de qualquer figura que elle proponha; porque naõ pareça, que pertende ter cuidado da habilidade do Cavalleiro.

Em todas as circunſtancias, que tenho referido, devem os *Picadores* ter eſpecial obſervancia; porque qualquer peſſoa intelligente infere dellas ſe a eſcola he, ou naõ formal, e que conceito poderá fazer della, vendo-lhe os principios riſiveis, quando ſobre a meſma ſe começaõ a formar Cavallos, e Cavalleiros.

Sempre devem ter cuidado, e zelar muito de que os diſcipulos ſejaõ advertidos, fazendo-lhes entender a importancia das couſas eſſenciaes, aſſim pelo dezar, que ſe lhes ſe-

çaõ da Camara, e approvaçaõ do Superintendente, como ſe diſpoem na inſtrucçaõ do meſmo Superintendente.

5 Feita eſta eleiçaõ, e approvada pela Junta, naõ poderá eſta, e muito menos o Superintendente, eſcuſar peſſoa alguma do encargo de ter Cavallo, ou Egoa; e ſe ſobrevier alguma cauſa juſta, ſó a dita Junta poderá admittir eſcuſa, precedendo além da juſtificaçaõ da cauſa a informaçaõ do Superintendente: e a Junta naõ ſerá obrigada a appellar a Sentença, ſenaõ no caſo em que a informaçaõ do Superintendente naõ concorde com a eſcuſa; porém as partes poderáõ appellar em todos os caſos para a Junta dos Tres Eſtados na fórma da nova ordem de 24 de Abril do anno de 1751; e quando naõ houver recurſo da parte, dará a Junta parte ao Duque Eſtribeiro mór da eſcuſa, que admittio.

6 Aſſim meſmo examinará com toda a ponderaçaõ, ſe he bem ſe extingaõ algumas Caudelarias por inuteis, e ſe erijaõ outras de novo.

7 E porque a quantia eſtabelecida no Regimento de trezentos mil reis, para ſe po-

poder obrigar a ter Egoa, he muito limitada nos tempos preſentes, ſerá mais conveniente, que nos deſtrictos deſtinados para as Caudelarias, havendo paſtos communs ſufficientes, o Lavrador tenha quatrocentos mil reis em bens de raiz, e naõ havendo os ditos paſtos, tenha ſeiſcentos mil reis; e ſe naõ for Lavrador tenha ſetecentos mil reis dos ditos bens; e ſó ſe eximirá de ter Egoa, tendo effectivamente na eſtribaria Cavallo ſeu capaz de ſervir nas tropas, e a nenhum ſe admitta eſcuſa de dividas, em quanto conſervar a quantia dos ditos bens.

8 Terá grande cuidado, em que ſe naõ obrigue a ter Egoa quem a naõ puder ſuſtentar, e que ſe naõ iſente quem tiver poſſes para iſſo; e dará conta cada ſeis mezes de todas as deſordens, que houver nas Superintendencias do ſeu deſtricto, ſobre que deve vigiar, para ſe lhe pôr o remedio neceſſario.

9 Terá livro particular, em que aſſente as ordens, que receber de Sua Mageſtade por maõ do ſeu Eſtribeiro mór, e as que por ordem do meſmo Senhor intimar aos Superintendentes.

10 Aſſi-

10 Aſſignará as liſtas aſſim das Egoas, e Cavallos, como das crias, que os Superintendentes, na fórma que lhes he ordenado, mandaráõ a Sua Mageſtade cada ſeis mezes por maõ do ſeu Eſtribeiro mór.

11 Terá toda a vigilancia ſobre ſe os Superintendentes guardaõ exactamente o Regimento, e as ordens que de novo lhe ſaõ dadas, e ficaraõ regiſtadas na meſma Junta.

12 Ainda que haja alguns privilegiados do encargo de ter Egoas, (o qual privilegio ſe deve examinar) nenhum, tendo a voluntariamente, he iſento de a mandar ao Cavallo da Caudelaria do ſeu deſtricto.

13 Os Eccleſiaſticos, poſto que ſejaõ iſentos da obrigaçaõ de ter Egoas, tendo-as voluntariamente, devem ſer requeridos as mandem ao Cavallo do lançamento do ſeu deſtricto.

14 Como algumas Superintendencias tem no ſeu deſtricto terras muito diſtantes, de que ſe ſegue naõ poderem os Superintendentes facilmente viſitar as Caudelarias as vezes que he neceſſario, e paſſar as moſtras convenientes, e os criadores terem

a oppreſſaõ de vir com as Egoas de muito longe com damno das crias, o Corregedor, ou Provedor com os Adjuntos, que lhe eſtaõ determinados, ponderem maduramente ſe ſerá mais conveniente repartir a Superintendencia em duas, ou deſannexar della as terras mais diſtantes, e unillas à Superintendencia que lhe for mais commoda, ainda que ſeja de diverſa Comarca; e do que julgar, dará logo parte ao Eſtribeiro mór; e julgando ſer mais conveniente erigir nova Superintendencia no meſmo deſtricto, nomearáõ logo as peſſoas aptas para a dita Superintendencia, na fórma acima dita, e remeteráõ eſta nomeaçaõ ao Duque Eſtribeiro mór, para elle a propor a Sua Mageſtade.

Advertencias para os Superintendentes.

1 DEvem guardar exactamente o Regimento, e as ordens que de novo lhes foraõ dadas pelo Duque Eſtribeiro mór, e intimadas pela Junta da Cabeça da Comarca, e pôr toda a diligencia, para que haja boas criações: vigiaráõ ſobre os Caval-

valleiros, como tratão os Cavallos, eſpecialmente no tempo do lançamento: viſitarão frequentemente as Caudelarias, e verão com os ſeus olhos: e outras vezes mandarão vir à ſua preſença os Cavallos, e examinarão ſe os Cavalleiros ſe ſervem delles em couſa que os poſſa deteriorar, e enfraquecer.

2 Se os tem ſempre limpos, e cubertos no tempo que he neceſſario, ſe a eſtrebaria he capaz: examinarão a cevada, e mais ſuſtento que ſe lhes dá, ſe he qual deve ſer; ſe os tem ferrados; e ſe achar algum Cavalleiro culpado, dará logo conta ao Corregedor, para que eſte com ſeus Adjuntos o caſtigue na fórma que for conveniente.

3 Quando mandar paſſar as moſtras, o fará naquelle lugar, que for menos gravoſo ao mayor numero dos criadores.

4 Obrigarão aos Cavalleiros, que no tempo do lançamento tenhão o Cavallo no lugar, que for mais commodo aos donos das Egoas obrigadas.

5 Quando algum dos obrigados a ter Egoa, por algum caſo ficar impoſſibilitado a ſuſtentalla, dará parte à Junta, e aviſará a Ca-

a Camara, em cujo deſtricto morar o dito Lavrador, para que a meſma Camara nomee tres peſſoas capazes de a ſuſtentar; e eſta nomeaçaõ mandará o Superintendente à Junta, declarando qual das tres peſſoas approva; e ſe reprovar alguma, diſto meſmo dará razaõ à Junta, e poderá nomear outra em lugar da reprovada, e a Junta eſcolherá preciſamente huma das nomeadas, que julgar mais conveniente.

6 Os Cavallos, que Sua Mageſtade deputar para o ſeu deſtricto, entregará aos meſmos Cavalleiros, que até agora tinhaõ o encargo de ter Cavallos de lançamento; porque como elles tem recebido o paõ, com que os criadores concorrem para a Cavallagem na fórma do Regimento, mais ſuavemente o podem ſuſtentar, e devem eſtar providos de tudo o que he neceſſario para o ſuſtento do Cavallo, como lhes manda o Regimento.

7 Dará liberdade aos Criadores para venderem os ſeus Potros a todo o tempo, que quizerem, naõ obſtante o mandar o Regimento o contrario; mas com condiçaõ de primeiro paſſarem moſtra diante do meſmo

Su-

Superintendente; o qual mandará aſſentar em livro, que para iſſo terá, o nome, e a terra, aſſim do vendedor, como do comprador, e juntamente os ſinaes, e idade do Potro, que ſe vender.

8 Quanto às Poldras, como eſtas podem paſſar com as mãys todo o tempo, ſem o perigo que ha nos Potros, que paſſarem de dous annos, tem os Lavradores menos oppreſſaõ em as naõ vender; e aſſim naõ permittiráõ ſe vendaõ antes de terem tres annos, aquellas que derem eſperança de ſerem boas para mãys; e para iſſo as mandaráõ paſſar moſtra, e as que virem que ſaõ capazes de dar boas crias, naõ conſintaõ facilmente ſe vendaõ para fóra do ſeu deſtricto, ou ao menos, quanto for poſſivel, para fóra da Provincia a que pertencerem; e mandaráõ aſſentar no livro os ſinaes, e idade da Poldra, e os nomes, e terra do comprador, e vendedor, exceptuando o caſo em que o Superintendente de outro deſtricto a queira comprar, para refazer a falta de algumas nas Caudelarias do ſeu deſtricto, como inſinua o Regimento.

9 E por quanto os Criadores poderáõ ſen-

ſentir oppreſſaõ de naõ hirem às feiras vender as ſuas crias, o que parece lhes fica prohibido por eſta ordem, que nas feiras ſe naõ póde praticar, que ſe fizerem fóra do ſeu deſtricto; o Superintendente depois de eſcolher aquellas Poldras, que julgar mais capazes de refazer a falta, que póde haver nas Egoas aliſtadas, lhes dará licença para levarem as de mais às feiras; mas com declaraçaõ, que venhaõ paſſar moſtra diante delle, e deixem na ſua maõ liſta das que levaõ, e tragaõ certidaõ das que lá venderaõ, e a quem.

1o Para evitar o damno que ſe ſegue de ſe extrahirem Egoas para fóra do Reino, ſerá preciſo que a todas as Egoas, aſſim liſtadas, como naõ liſtadas, que forem capazes de dar boas crias, e tambem as Poldras, que diſſo derem boas eſperanças, ſe mandem cortar a meſma orelha, que os noſſos confinantes cortaõ às ſuas; porque eſtes como tem graves penas por lançar ao contrario Egoas liſtadas, que todas tem a orelha cortada, vem comprar as noſſas, e ſe as acharem com o meſmo ſinal, naõ as compraráõ, e aſſim ſe evitará em muita parte a extracçaõ.

11 So-

fegue de naõ attendellas, como pelo riſco, que lhe póde acontecer de deſprezallas.

Quando montaõ hum Cavallo, fazendo-lhe examinar todos os arreyos, como fica dito, para que fiquem ſegundo a arte, e que o freyo occupe o ſeu devido lugar, e a barbella caya no correſpondente aos aſſentos; e que ſaibaõ pôr os cabeções no aſſento competente, nem mais cerrados, nem mais largos, do que pede o ſeu jogo; e que às redeas deſtes, e as do freyo lhe tirem as voltas para deixar tudo corrente, em eſtado de poder ſervir ſem contigencia.

Tambem he preciſo advertillos do modo como ſe haõ de arrimar aos Cavallos, e como devem ſegurallos, fazendo-os dar alguns paſſos, depois de juſtas às cilhas, para ver ſe eſtaõ apertadas em demaſia, ou ſe outra couſa os offende. Todas eſtas miudezas ſaõ muito eſſenciaes, e por iſſo ſe deve fazer habito nellas, para que ſe naõ deſprezem; porque de ſe apertarem muito as cilhas, tem ſuccedido muitas deſgraças, inquietando os Cavallos de tal fórma, que ſe deixaraõ cahir ſobre o Cavalleiro; obrigando a outros a ſahir taõ violentos, e fó-

ra de tino, que atropellaráõ quanto ſe lhe ponha diante, cometendo outras mais deſordens com grande riſco do Cavalleiro.

O chegar intrepidamente a tomar a ſella tem outras muitas contingencias; porque nem todos os Cavallos ſaõ de igual ſocego, e ſoffrimento: e como nem todos ſaõ conhecidos, toda a cautela he conveniente, e ſegura.

O uſo dos antolhos, que tenho propoſto, devem eſtimar muito; porque depois de ſer muito importante, e precaver a Cavalleiros, e Cavallos de muitos inconvenientes, na meſma profiſſaõ, de que tratamos, ſaõ muito uteis, e neceſſarios para ſocegar hum Cavallo, e para *tirarlhe* a intrepidez a todos, e a alguns o grande cuidado de prevenirſe; pois iſto os atraza muito, ſe os antolhos os naõ emendaõ, fazendo-os mais ſoffridos, e obrigando-os a que ſe deixem montar; preciſando-os a falta de viſta a que naõ cuidem em ir, ſenaõ em que os levem, e a pôr mais cuidado em obedecer, do que em arbitrar.

No Manejo Real, que deixo citado, ſobre os grandes elogîos, e circunſtancias

de

de conveniencia, que o grande Pluvinel aponta a ElRey de França, veraõ como em varias eſtampas lhe dá differentes liçõeſ com os antolhos poſtos nos Cavallos, para que Sua Mageſtade conheceſſe a ſua grande utilidade.

Eu poſſo certificar, que qualquer Cavallo, por mais deſtituido que eſteja de reduzirſe à obediencia, com os antolhos o traraõ a tanta, quanta moſtrará a experiencia.

Parece-me que já deixo recommendado, que ao começar a fazer os Potros, ſe lhe tragaõ alguns dias os eſtribos ſoltos, e agora novamente o recommendo; e o fim he, para que o tocarlhe os eſtribos no ventre, lhe faça perder a apprehenſaõ das pernas, de que ſe ſegue trazerem ſegura a cauda ſem menealla, nem ſacodilla. Para iſto tambem ſe ha de cuidar de que a vara ſeja algum tanto groſſa; porque a muito delgada incita eſte vicio, como o latego tendo ponta. A eſta apprehenſaõ deve acompanhar a de que as eſporas naõ ſejaõ muito agudas, e de naõ lhas chegar ante tempo; pois os que lhas vaõ fazendo ſentir logo, os vaõ

coſtumando a eſte feyo vicio, que ſem duvida he o mais indigno.

Tenho concluido o aſſumpto, mas naõ o deſejo de intimar eſta nobre affeiçaõ, e apreço dos Cavallos nos meus Nacionaes, em que nunca ſaberey pôr ponto final. Eſte diſcurſo acabarey dizendo qual he o Cavallo, que merece eſte grande nome, expreſſaõ, que contém o ſeu verdadeiro elogîo.

Dos nomes eſpecificos, que hoje ſe uſaõ, ſe póde em certo modo dizer o meſmo, que daquelles primitivos, que impoz aos animaes, e aves o primeiro Homem, inſpirado pelo ſupremo Author do Univerſo, que vem a ſer outras tantas diffinições das couſas; mas a noſſa ignorancia nos faz mendigar appellidos, com que ſaibamos explicallas.

Quando intentamos ſubir mais de ponto com a noſſa exageraçaõ, para dar a conhecer huma peſſoa, gaſtamos o tempo em buſcar epithetos, que a authorizem, dizendo: he hum grande Meſtre, grande Soldado, grande Politico, grande Senhor, grande Chriſtaõ, &c. e bem aſſim nada diſſo

 equi-